



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>









3.1

11.1

3.16 | } 5/

5866 / + .2 - 4 :



1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

**OBRAS**  
**DE**  
**GIL VICENTE.**

---

**TOMO II.**

---

**LISBOA.**  
**ESCRITORIO DA BIBLIOTHECA PORTUGUESA.**  
**Rua Augustia N.<sup>o</sup> 110.**  
**1852.**



**ÓBRAS**  
**DE**  
**GIL VICENTE.**

**TOMO II.**

**LISBOA.**  
ESCRITORIO DA BIBLIOTHECA PORTUGUEZA.  
Rua Augusta N.<sup>o</sup> 110.

**1852.**



TYPOGRAPHIA DE F. I. PINHEIRO.  
*Rua da Annunciada N.<sup>o</sup> 14.*

# PROLOGO.

Tres edições se tem feito das Obras de Gil Vicente — a 1.<sup>a</sup> com o titulo : *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente, a qual se reparte em cinco livros. O primeiro he de todas suas obras de devaçam. O segundo as Comedias. O terceiro as Tragicomedias. O quarto as Farças. No quinto as obras meudas.* Lisboa, Imprensa de João Alvaes, 1562, fol. — a 2.<sup>a</sup> com o mesmo titulo da precedente augmentado com a observação : *Vam emendadas pelo Santo Oficio, como se manda no Cathalago deste Reino.* Lisboa, Imprensa de André Lobato, 1585. 4.<sup>o</sup> — e a 3.<sup>a</sup> com o titulo : *Obras de Gil Vicente correcas e emendadas pelo cuidado e diligencia de J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro.* Hamburgo, na officina typographica de Langhoff, 1834, 8.<sup>o</sup> frances, 3 vol.

A 1.<sup>a</sup> edição impressa com caracteres gothicos, á excepção dos argumentos, que são impressos em letra romana, argue incuria e pouco esmero do impressor, não só pelos erros typographicos de que abunda, mas pela frequente falta de espacos entre as palavras, o que muitas vezes oferece serios obstaculos á intelligencia do texto. Algumas gravuras em pau que adornam esta edição, não são inteiramente destituidas de merito e de interesse para a historia desta arte entre nós.

O merecimento da 2.<sup>a</sup> edição é infinitamente inferior ao da 1.<sup>a</sup>, pois achando-se nella reproduzidos todos os erros typographicos e indecentes chocarrices da primeira vê-se que as emendas do Santo Oficio consistem em — versos omittidos, outros em todo ou em parte alterados, coplas cortadas, e finalmente páginas inteiros supprimidas — sendo para notar que estes lugares mutilados não são dos menos interessantes de Gil Vicente.

A 3.<sup>a</sup> edição correctamente impressa em excelente papel, e typo, foi feita sobre uma mui fiel cópia que o sr. Barreto Feio tirou de um exemplar da 1.<sup>a</sup> edição que existia na Biblioteca da Universidade de Göttingen. E para lamentar porém que aquelle exemplar estivesse truncado, e que os Editores da edição de Hamburgo se vissem por isso obrigados a recorrer á 2.<sup>a</sup> edição para preencher as lacunas. Os versos que decorrem desde a linha 14 da pagina 183

até á linha 9 da pagina 189 do 2.<sup>o</sup> Volume da 3.<sup>a</sup> edição são copiados da 2.<sup>a</sup> edição. Na pagina 440 do mesmo Volume ha uma lacuna de tres versos, por estar rota naquelle logar a respectiva folha do exemplar da Bibliotheca de Gottingen; e apesar de toda a diligencia dos Editores não lhes foi possivel restabelecer o texto, pois nem alcançaram noticia de outro exemplar da 1.<sup>a</sup> edição, nem se poderam valer da 2.<sup>a</sup> por ter sido nella supprimida pelo Sancto Officio toda a sconça do Ermitão, de que fazem parte aquelles tres versos. Os Editores adoptaram o seguinte plano. — Corrigiram todo o logar onde lhes pareceo manifesto o erro typographico, sem se deixarem acanhár pela cega predilecção que tanto vogava entre nós pelas antigas edições (superstição que o atrairazamento em que a arte typographica se achava então em Portugal, de maneira alguma authoriza) que faz com que muitos tenham pelos logares claramente corrompidos a mesma veneração que a misterios que não podem comprehender. — Em quanto á ortographia aproximaram-se da moderna, nunca porém de maneira que a pronuncia soffresse alteração, dando na voz moderna pela antiga: conservaram *nis sans* e *som* por *sou*, *decração* por *devoção*, *nerusão* por *conclusão*, e outras similhantes. Nada omittiram do que se achava impresso na 1.<sup>a</sup> edição. E nesta parte não dissimulam os objectões que contra si tem este sistema,

disseram os illustres Editores : « Bem sentimos que nas obras do nosso poeta se encontram passagens, que por ineptas e despidas de todo o alento poetico, que em outras partes o autor mostrou possuir em eminente grao, são sumamente fastidiosas á leitura e prejudiciaes em certo modo á reputação do nosso poeta. Mas outras principalmente, por sua indecencia e por peccarem contra as leis do decoro, não estão em harmonia com os costumes e civilisação do nosso seculo, supposto que aquellas indecentes bufonerias se representassem no Paço, muitas vezes na Igreja, e fizessem as delicias de duas brilhantes cortes. Taes logares muites estimariam ver inteiramente suprimidos ou modificados, e esse seria o nosso parecer, a não ser esta consideração. Obras como as de Gil Vicente (e assim é quasi todo o drama comicó do seu tempo) não se imprimem hoje em dia com o mesmo fim que na epocha em que foram escriptas. Então Gil Vicente era lido, representava-se, gostava-se e talvez passagens bem reprehensíveis fossem as mais applaudidas; em fina depois de impresso, tornou-se propriedade do povo, que, nas horas do ocio, nelle achava um alegre passatempo e uma rico thesouro de risões e dictados para colorir e animar suas conversas, e que seus leitores de paes e filhos transmíttiram á posteridade. Agora porém estas *obras pertencem ao dominio da historia — da historia da litteratura, dos costumes, e só nas*

mãos dos litteratos é que tem de andar. E quem não folgará de encontrar nestas antigualhas um painel verdadeiro dos tempos dos nossos maiores? O litterato passa por essas indecências que encontra entre muita belleza verdadeira, e não culpa o autor, que bem sabe defeito do seculo era e não seu; e é em similhantes quadros que o philosopho se apraz em contemplar as grandes revoluções que a civilisação vai fazendo no modo de pensar e nos costumes dos homens. Assim preferimos olhar esas obras como um documento historico que se deve conservar intacto." — Finalmente ilustraram a edição com um interessante *Ensaio sobre a vida e escriptos de Gil Vicente*, e com uma *Taboa glossaria* mostrando a significação conjectural de alguns termos antiquados e rústicos portuguezes e castelhanos, que se não encontram nos melhores diccionarios das duas linguas.

Nós seguimos o mesmo plano da edição de Hamburgo. — Confrontámos a 1.<sup>a</sup> edição com a 3.<sup>a</sup>: restabelecemos o texto nos dois logares que apontámos da 3.<sup>a</sup> edição: adoptámos as correcções e ortographia da ultima: e tambem nada omittimos do que se acha impresso na 1.<sup>a</sup>. — A presente edição, por tanto, é a reprodução completa da 1.<sup>a</sup> com as correcções da 3.<sup>a</sup>.

Finalmente convencidos de que, a respeito *da vida e obras do nosso Poeta*, não poderia-

inos dizer mais, nem melhor, do que os i  
tres Editores da 3.<sup>a</sup> edição, resolvemos exti  
della o já citado Ensaio, que é como se sei

**ENSAIO SOBRE A VIDA E OBRAS DE GI  
VICENTE.**

No glorioso periodo da nossa historia abrange o reinado de D. Manuel até meado D. João III., floreco em Lisboa o nosso Vicente, por seus contemporaneos chama Plauto Portuguez. As noticias que á pos  
tela são extremamente escassas e obscuras. Seus paes se diz que erão de illustre extracção a respeito do logar e anno de seu nascim  
nada se sabe com certeza. Assim como ja  
be em sorte a muitos varões illustres, varõ  
gares tem sido mencionados como sua pat  
Guímarães, Barcellos e Lisboa disputão e  
si esta honra. A epocha porém deste acon  
tento se pôde fixar no principio do ultimo q  
tel do X<sup>V</sup> seculo. Mas, ou o nosso poeta  
realmente nascido em Lisboa, ou da Provi  
tivesse vindo frequentar a Universidade,  
então se achava na capital, uma passagen  
suas obras nos induz a crer que elle ja vivia  
ta cidade no reinado de D. João II., isto é  
tes do anno de 1495; pois fallando deste g

de rei no seu primeiro Auto, na figura de pastor Gil, diz, recordando-se delle : (1)

Conociste á Juan domado,  
Que era pastor de pastores?  
Yo lo vi entre estas flores  
Con gran hato de ganado,  
Con su cayado real.

Seus pais, ou por lhe quererem dar uma educação liberal, ou por o destinarem a uma solida e proveitosa profissão litteraria, o puzerão na Universidade, dedicando-o ao estudo do Direito Civil. Porém Gil Vicente, dotado liberalmente pela natureza de uma vivissima imaginação e de um espirito eminentemente poetico e jovial, depressa se enfastiou da escabrosa aridez da Jurisprudencia, e abandonou — se com quebra de seus interesses materiaes, talvez com vantagens para a sua fama — estudos que lhe poderiam ter desecado em principio o brilhante engenho que trouxe seu nome à posteridade. Se esta deserção teve logar ainda em vida de seu páe, ou se, como acontece a um celebre contemporâneo Italiano, (2) a morte delle o lançou devididamente no commercio das musas, sua natural vocação, não sabemos. Talvez

(1) Tom. I, pag. 9

(2) Ariosto.

litterario'; como se quizessem affastar par-  
ge de si o brilho do mérito superior que  
commodava. Foi este atrevido insulto que  
origem á famosa farça de *Inez Pereira*, da  
diz o critico que acima citamos, que a te-  
sido composta por Gil Vicente no tempo de  
lieré; seria uma das comedias de caracte-  
miradas na Europa. (1) Gil Vicente queria  
responder de maneira que de uma vez im-  
pece silencio a seus detractores e confundisse  
veja, usou de um meio tão novo como e  
para o seu intento. Achando reunidos seu  
miradores e seus zoilos, talvez nos mesmos  
rãos do Paço, declará que lhe chegaram ac-  
vidos as maliciosas insinuações contra os  
talentos; e para sua desaffronta se offer-  
compor uma farça sobre qualquer assunto  
seus adversarios lhe proponham. O risão  
lar, que ainda hoje voga entre o povo,  
*quero burro que me leve, que cavallo qui-*  
*derrube*, foi o thema que lhe appresenta-  
A engenhosa applicação deste proverbió,  
tuações verdadeiramente comicas que se ei-  
tram nesta farça, a verdade sempre susten-  
tem que pinta os caracteres de Inez, de I  
e do Escudeiro; a naturalidade, graça e fi-  
cia do dialogo; o inimitavel sal; a eleganc  
estylo, a musica harmonia da versificação,  
mam a mais victoriosa resposta que jama-

(1) *Bout. pag. 443.*

criptor, em iguaes circumstancias, deu a seus zoilos.

Não era o talento poetico o unico que Gil Vicente possuia. Não só, como se verá em alguns logares de suas obras, compunha elle a musica das folias e cantigas que introduzia em suas peças ; mas, como o celebre Moliere, reunia ao talento de auctor o de actor, como se vê dos seguintes versos do nosso famoso André de Resende, seu contemporaneo, que por comprovarni este facto, e serem um documento da estima em que eram tidas as composições do nosso poeta, aqui deixamos transcriptos.

*Cunctorum hinc acta est comedie plausu,  
Quam Lusitana Gillo auctor et actor in aula  
Egerat ante, dicax atque inter vera facetus :  
Gillo jocis levibus doctus prestringere mores ;  
Qui si non lingua componeret omnia vulgi,  
Sed potius latia, non Grecia docta Menandrum  
Ante suum ferret ; nec tam Romana theatra,  
Plautinave sales, lepidi vel scripta Terenti  
Jaclarent ; tanto nam Gillo praeiret utrisque,  
Quanto illi reliquos inter, qui pulpita rore  
Obkita Coryceo digito merauerent faventem.*

A peça de que Resende aqui falla é a Tragomedia de Lusitania, que Gil Vicente tinha composto para o nascimento do Infante D. Manuel, que morreu em tenra idade, a qual foi representada em Bruxellas em 1532, em casa

do Embaixador Portuguez D. Pedro de Măcarenhas, na festa que este deu pelo mesmo motivo, e que Resende descreve no elegante poema latino, donde extrahimos a citada passagem.

Foi o poeta casado com Branca Bezerra, de quem teve Gil Vicente, Luiz Vicente e Paula Vicente, que herdaram os talentos do pae. Conta-se que estando Gil Vicente no zenith da sua reputação, seu filho mais velho começára a desenvolver um tal talento na poesia comica, que ja assombrava e em breve ameaçava eclipsar a gloria do pae; e que este, rido de uma desnatural inveja, o fizera embarcar para a India, onde Gil Vicente filho, depois de se haver mostrado não menos esforçado soldado que engenho-so poeta, ficára gloriosamente morto no campo de batalha. Esta anecdota, adoptada por todos os que tem fallado do nosso poeta, a ter fundamento, poria uma nodoa indelebil no seu carácter. Em justiça porém ao nosso poeta devemos observar que o escriptor mais antigo onde encontramos este conto, é Manuel de Faria e Sousa, autor a quem de certo estamos em muita obrigação pelas muitas noticias litterarias que deixou espalhadas por suas obras, principalmente nos seus Commentarios ás Obras de Camões; mas que se deve consultar com summa desconfiança pela apparente avidez e irreflexão com que acolhia quantas anecdotas andavam na boas do vulgo e com que muitas vezes faz os mala-

acerbos ultrages á memoria daquelles mesmos, cujo caracter é seu maior empenho ennobrecer : exemplos desta leveza se encontram na sua vida do probo e infeliz Camões.

De suas suppostas composições apenas se conserva o titulo de um auto chamado de *D. Luiz de los Turcos*. (1)

O segundo filho do nosso poeta foi Luiz Vicente, seu editor. João Baptista de Castro conta deste o que Faria refere de Gil, acrescentando que a Comedia dos Captivos em que mostrava um grande talento comicó, causára os ciúmes que o levaram á India. (2) Esta peça é igualmente attribuida ao Infante D. Luiz ; e no *Index expurgatorio* de Filipe II. a pag. 84 se prohíbe o auto dos *Cativos*, chamado de *D. Luiz e dos Turcos*. Donde se vê que tanto o auto attribuido por Faria e Sousa a Gil Vicente, filho, como o que J. B. de Castro attribue a Luiz Vicente, são uma e a mesma cosa com diversos titulos ; e provavelmente composição do Infante D. Luiz e não dos filhos de Gil Vicente, como se dá a entender o Index expurgatorio. (3)

(1) Barb. Bibliot. Lusit. art. Gil Vicente filho.

(2) J. B. de Castro, Mappa de Portugal, tom. II, pag. 320, 2.<sup>a</sup> ed.

(3) Taca contradicções acerca da peça que devia ter causado tão monstruosos crumes , não deixam de favorecer nossas suspeitas sobre a ve-

O ultimo e mais interessante dos filhos do nosso poeta foi sua filha Paula Vicente. Esta

racidade de Faria e Sousa; unica authoridade em que se fundou o Abbade de Barbosa para dar tres filhos a Gil Vicente; o que seguimos por não ir contra a opinião recebida, sem estarmos munidos de provas positivas para a combater com successo. O certo, porém, é, que a existencia deste pertencido filho não é attestada por documento algum, em quanto Luiz e Paula Vicente são os unicos filhos que com certeza sabemos que o poeta tivera, como mostram os dous documentos que se acharam transcriptos depois desse ensaio (I e II). ~~Desse~~ se Gil Vicente filho, foi tão grande poeta, ~~se~~ se tao infeliz sorte, e foi tão valente soldado como diz Faria e Sousa, como não achou elle documentos para mencionar na sua Asia as acções e morte de uma tão interessante victima do desamor paternal? Porque se não encontra seu nome na Chronica de D. João III de Francisco d'Andrade, ou em Couto, nas extensissimas listas de mortos, que com tanto cuidado compilavam os nossos Chronistas; não dizemos já das pessoas distinatas, mas ainda de gente obscura, que de certo tinha menos titulos do que elle á posteridade? Porque de tão bellas composições se não conserva mais que o titulo de uma peça que ha tão fortes razões para não acréditá-la? Porque o não louvam ou ao menos mencionham seus coetaneos, nem portuguez algum, até Faria? Temos muitas fortes suspeitas de que este tal Gil Vicente é menos filho do poeta, que da imaginação de Faria e Sousa;

illustre Portugueza, com quem a natureza não foi tão prodiga em attractivos phisicos como em dotes de espirito, que ella cultivou com muita felicidade, foi Dama da Infanta D. Maria, filha d'ElRei D. Manuel e da Rainha D. Leonor. Provavelmente fazia ella parte da academia de mulheres doutas que aquella ilustrada Princeza formou em sua casa ; (III) em que se tornáro famosas Luiza Sigea, Anna Vaz e a nossa Paula — ornamentos do sexo, ás quaes o conhecimento do Latim e Grego era tão familiar naquelle nosso grande seculo, como aos Caiados, Rezendes e Gouveas. Paula Vicente não so compoz um volume de comedias, que julgamos perdido, (1) mas no fim da vida de seu velho pae, o ajudava em suas composições. (IV) Consta alem disto que ella desenvolvéra um singular talento histrionario, representando nas comedias de seu pao com tanta graça e natureza, que passava por uma das melhores actrizes do seu tempo. Provavelmente sete irmãos não estavam ociosos nestas occasões.

Ao vermos Gil Vicente e sua familia com tanta entrada no Paço e ter elle mesmo empregado toda a sua vida em serviço da Corte, seríamos indubidos a crer que a abundancia e o conforto eram o premio de seus talentos e a recompensa de seus trabalhos, se elle, em suas obras,

(1) *Bibliot. Lusit.*

não deixasse testimunhos do contrário. Em 1523 dizia elle :

E um Gil... um Gil... um Gil,  
Hum que não tem nem ceitil,  
Que faz os aitos a El Rei...

Aito cuido que dizia,  
E assi cuido que he ;  
Mas não ja aito bofé,  
Como os aitos que fazia  
Quando elle tinha com que.

Desta passagem se vê que Gil Vicente tinha cahido em pobreza ; tendo talvez consumido seu patrimonio, sem se ter prevenido para o futuro, confiado na munificencia daquelles a quem tinha dado tantos momentos de um prazer inteiramente novo ; e que talvez o affastarão de outro modo de vida, senão de tanta fama, ao menos de mais proveito. Assim, no ultimo quartel da vida e em uma terrivel occasião, com peste dentro de casa, se viu reduzido à qualidade de desvalido requerente, remetido a ministros, quando não pedia mais que para matar a fome. São dignas de attenção as trovas que elle mandou ao Conde do Vimioso, queixando-se da ingratidão com que era tractado, quando disse :

Que o medrar  
 Se estivera em trabalhar,  
 Ou valéra o merecer,  
 Eu tivera que comer,  
 E que dar e que deixar. (1)

Mas destes « illustres ingratos » este é o mais certo galardão.

Porém apesar de não ser elle homem de fortuna, que em falta de mais solidos predicatoros, muitas vezes é titulo bastante para se adquirir consideração ; um interessante documento que se conserva em suas obras, nos prova que era elle pessoa de mais authoridade do que se esperaria do genero de seus talentos e profissão. O facto é, além disso, uma bella ilustração do seu caracter. No anno de 1531 sentio em diversas partes do reino um violento terremoto que causou consideraveis estragos e sepalhou o espanto e terror nos animos das populações. Os padres, longe de tranquillizarem o povo e lhe inspirarem confiança, servirão-se, como sempre, do pulpito para augmentarem o terror e confusão, denunciando aquella infeliz raça proscripta, a quem então era costume atribuir todas as calamidades públicas, como unica causa da ira do Ceo, que lhes enviava aquelles castigos por sofrerem entre si os inimigos de Deos. A denúncia teve o desejado

(1) Tom. III, *obras varias*.

efeito; os Christãos novos forão obrigados a abandonar suas casas e a procurar nos montes um asilo contra o cego furor popular. Esta scena se passava em Santarem: Gil Vicente que então se achava ahí, apressa-se a acudir ao perigo: reune os energumenos padres no adro da igreja; exproba-lhes o abuso de seu ministerio, todo de charidade e conciliação e não de contentar a desvairada opinião do vulgo; e por fim exhorta-os a que de novo subão ao pulpito a reparar o damno causado por suas sediciosas harengas. Os padres obedecem; os Christãos novos e judeos regressão a suas casas, e o repouso de toda uma considerável população é restabelecido á voz de Gil Vicente — do autor de Mofina Mendes, e do Clerigo da Beira, que n'um lance de necessidade soube arrancar a mascara de Momo e assumir a gravidade de moderador das tormentas populares que nos descreve o poeta latino «pietate gravem de meritis virum!» (1)

O anno em que falleceu Gil Vicente se ignora. O abade Diogo de Barbosa diz que ele morrera antes do anno de 1557 em Evora, para onde tinha acompanhado a corte. É claro que o autor da Biblioteca se funda em que, estando Gil Vicente, como diz seu filho Luiz, «colligir as suas obras, com tençao de as de-

(1) Veja-se a carta em que Gil Vicente dá parte deste successo a D. João III, no tom. III.

dicar a D. João III., quando a morte lh'o não consentio levar a effeito, devia elle ter fallecido antes deste Rei, que morreto naquelle anno. Se porém se considerar que Gil Vicente ja em 1531 se achava *mui visinho da morte*, (1) e que a ultima composição sua é de 1536, parecerá demasiado vaga a epocha apontada por Diogo Barbosa. Com effeito que motivo impediria o poeta da corte de continuar a divertir seus reacs patronos desde 1536, quando até então as suas producções eram quasi annuaes, muitas vezes duas e tres por anno? E provavel que Gil Vicente não sohrevivesse muito a este anno, realisando-se assim os seus presentimentos, e contando pouco mais de sesenta annos de idade. (2)

A collecção que Luiz Vicente nos deixou das obras de seu pae, não contém tudo o que sahio da sua penna. De muitas compoſições,

(1) Veja-se tomo HI, dita carta.

(2) Na Comedia *Floresta de Enganos*, ultima composição do poeta, representada em 1536, diz o Donor Justiça Maior:

“ Ya hice sesenta y seis,  
“ Ya mi tiempo es pasado.”

Pôde bem ser que fosse o mesmo Gil Vicente que desempeñasse este papel, e que realmette aqui designasse a sua idade. Sendo assim, teria elle nascido em 1470.

tanto lyricas como dramaticas, nos diz elle não pudera alcançar copia ; (IV) deste número foi provavelmente a farça intitulada *Caça dos segredos*, de que Gil Vicente fallava ao Conde do Vimioso. (1)

Tão longe estamos de reclamar para a nossa patria a honra da invenção das composições dramaticas da moderna Europa, que a consideramos como a ultima das nações cultas em que esta arte foi introduzida. As *Eglogas* castelhanas de Encina, os *Mysterios* representados na Italia pela *Companhia Gonfalone* em 1440, os *Milagres* ingleses desde tempos remotos, e finalmente as *Farças*, *Moralidades* e os *Mysterios* Francezes representados em Paris pela *Confraria da Paixão* desde 1380, são factos em presença dos quaes emmudece qualquer patriótica parcialidade. E só do principio do seculo XVI que data entre nós a introducção de composições dramaticas com os primeiros ensaios de Gil Vicente. Debalde remontaremos nós até aos mais remotos tempos da monarchia em procura de alguma cousa que nos dê uma idéa do conhecimento desta arte entre nós antes daquelle epocha.

Sendo isto assim, resta examinar de qual destas nações veio a Gil Vicente a primeira idéa de composições dramaticas, ou se elle na-

(1) Tom. III.

sua carreira não teve modelos e foi absolutamente original. Um sabio Academico, em uma erudita memoria sobre o Theatro Portuguez, (1) admittindo a possibilidade da primeira hypothesis, julga que a representação da vida de Christo por João Michel, podia bem ter sugerido ao poeta portuguez a *primeira* idea de composições dramaticas, e seria o fundamento desta conjectura a similaridade entre o Mysterio do auctor francez, e o auto da Vida de Deos composto por Gil Vicente.

Ainda que, em parte, isto assim possa ser, e haja muita probabilidade de que o poeta conhecesse as composições francezas, como teremos occasião de dizer, contudo é necessario convir em que o Castelhano Juan de la Encina, e não os Francezes, foi o modelo sobre que Gil Vicente compôs as suas *primeiras* produções dramaticas. Embora se diga que as composições de Encina não passão de umas simples eglogas; o assumpto, a disposição, o estylo, em fin scenas inteiras imitadas, mostrão que estas eglogas são a mesma cousa que os *Autos Pastorais* de Gil Vicente, com diverso nome. Mas se o poeta portuguez, ao encetar uma carreira inteiramente nova para a sua nação, seguiu as pisadas do poeta hespanhol, bem depressa, arrebatado de sua creadora imaginação, sahio do

(1) *Mem. da Acad. Real das Sciencias*, Tom. V, Parte II, pag. 42.

acanhado terreno a que este o conduzira, deixando não só a perder de vista seu antecessor e mestre, nas mesmas composições em que o tinha tomado por modelo, mas abrindo na Espanha uma nova carreira neste ramo da literatura, em que depois o famoso Lope de Vega adquiriu tão grande reputação. Que Juan de la Encina era muito conhecido em Portugal, e que os contemporaneos de Gil Vicente o consideravão como seu primeiro modelo, mostra por palavras nada equivocas Garcia de Resende, quando diz na sua *Miscellanea*:

E vimos singularmente  
Fazer representações,  
D'estilo mui eloquente,  
De mui novas invenções :  
Elle foi que inventou  
Isto, eú, e o usou  
*Com mais graça e mais doutrina,*  
Posto que Joam del Ensina  
O pastoral começou.

Porém nas obras de devação de Gil Vicente ha visivelmente mais de um genero de composições dramaticas: pelo menos é facil distinguir entre os *Autos pastoris*, que em si mesmosem o cunho da poesia hespanhola, e as peças biblicas do genero dos Mysterios de origem franceza ou italiana e destas nações levados a toda a parte da Europa.

A este ultimo genero parece pertencer a *História de Deos*, o *Auto da Cananea*, o *da Alma* e talvez *as Barcas*. É possivel que Gil Vicente, uma vez empenhado na carreira dramatica, por suas proprias diligencias ou por intervenção da Corte, viesse a deparar com as composições francezas. Com effeito, quem comparar qualquer destas peças, particularmente a *História de Deos* com os Mysterios representados em França, poderá achar algum fundamento para esta conjectura. Assim estes titulos e dignidades de que o poeta reveste os diferentes diabos que põe em scena, mais parecem formar uma especie de systhema adoptado por todos aquelles que tractarão similhantes assuntos, do que casual invenção do poeta portuguez. Se nos Mysterios francezes Lucifer é sempre o Principe dos demonios, em Gil Vicente é o Maioral do Inferno; na peça portugueza Belial é chamado Meirinho da Corte infernal, nos Mysterios o vemos designado por *Procureur des Enfers*, e em ambas as partes mostra um caracter igualmente violento, em oposição á astucia de Satanás, que assim no auto portuguez como nos mysterios francezes é encarregado por Lucifer de tentar tanto os homens como a Christo. É tambem digno de se notar que na peça de que estamos faliando, deixa Gil Vicente a versificação nacional e se aproxima da Franceza. (VI) Se for necessario para tornar mais plausivel esta conjectura acrescentar.

que Gil Vicente conhecia a lingua francesa, o seu auto ou farça da Fama o demonstrará.

Em quanto ás outras composições de Gil Vicente, se ellas forão invenção propriamente sua, ou se teve modelo a quem imitasse, não nos parece facil resolver. É certo que ja em 1517 sahiram impressas em Napoles algumas comedias de Bartolomeu Torres Naharro, mas de uma comparação entre as composições destes dous auctores não resulta convicção de que elles se conhecessem reciprocamente, ou seja que ambos tiverão um modelo commun, ou que casualmente se encontrassem no mesmo genero de composições.

Mas se Gil Vicente não foi o inventor do drama moderno, se a honra dessa primaria litteraria não pertence á nação portuguesa, pôde ella gloriar-se de ter produzido um engenho que não so, dentro de alguns annos a trouxe ao nível, nesta arte, das outras nações da Europa, exercitando-se elle só em quasi todos os generos de drama que em Italia, França, Inglaterra, e Hespanha tiverão suas epochas distinctas e que lentamente se forão succedendo uns aos outros por espaço de deus seculos, e ocupando cada um delles exclusivamente a vida inteira de muitos poetas; mas ainda excede o seu predecessores e contemporaneos em alento poetico, originalidade, e interesse que soube dar a suas variadas composições. E nisto consiste a verdadeira gloria da nossa nação; es Portugue-

zes o podem proclamar com um nobre orgulho, que não tendo povo algum moderno tão arduas e prolongadas batalhas a pelejar, nem tão formidaveis inimigos para suas forças a combater, como a nação portugueza, afim de conquistar e assegurar a sua independencia, o que forçosamente lhe houve de retardar o progresso de toda a litteraria cultura, pôde não so, no espaço de poucos annos, discorrer as diferentes provincias das letras, de longo tempo cultivadas n'outras nações, mas ainda de as alcançar na sua avançada carreira. Que futuro não aguardava uma nação a quem a Inquisição, os Jesuitas e um tyrannico jugo de sessenta annos não viesse neutralizar tão generoso impulso !

E' tradicção entre os litteratos que Erasmo, que tinha em grande conta o talento de Gil Vicente, declarára que era elle o poeta do seu tempo que melhor tinha imitado a Plauto. Pôde bem ser que a perspicacia de Erasmo achasse grande similitudine entre os dous engenhos, e dissesse que o poeta portuguez houvera sido um Plauto se vivesse em Roma no setimo seculo da sua fundação; mas que o philologo de Rotterdam reconhecesse em Gil Vicente o discípulo do comico latino, não é crivel. Com effeito, se a sua inculta e desleixada musa apresenta muitas vezes admiraveis rasgos d'engenho, que a arte não cria, mas só pôde modelar, debalde se procurará nelle o menor rastro

das regras dramaticas observadas pelos comedios antigos.

Porém esse mesmo desprezo ou antes essa mesma ignorancia dos preceitos d'Aristoteles e Horacio foi por ventura a fortuna de Gil Vicente. Houvera elle lido e meditado os modelos da antiguidade, fôra sim mais correcto, mais judicioso, mais regular; mas talvez hoje não soubessemos que os nossos maiores possuiram entre si um genio original: a erudição, inimiga da originalidade, tem deprimido mais de um talento poetico. Por isso nós não estranhamos nem sentimos encontrar em Gil Vicente essa falta de unidades: ja elles tiveram mais ardentes sectarios que hoje. É verdade que o poeta no auto da Historia de Deos, chama successivamente a scena todos os Patriarchas desde Adão até Jesu Christo; que na comédia de Rubena o espectador vê nascer a heroína em Hespanha, de cinco annos pastorar gado; de quinze transportada a Creta e ahi casar: isto são defeitos sem dúvida, mas não daquelles de que a critica deva ocupar-se quando se tracta de um autor do seculo e situação de Gil Vicente — Mas que? não vemos nós nestes tempos em que vivemos applaudir essas mesmas incongruidades? A Comedia de Rubena não é outra cousa mais que o que presentemente os românticos chamam Quadros ou Paineis dramaticos, e um moderno auctor a teria intitulado: *Painéis dramáticos da vida de uma mu-*

*her.* Assim é que Johnson julga ter posto Shakspeare a cuberto dos tiros da crítica, dizendo que as suas peças irregulares (e neste numero entram as suas mais sublimes composições) não são tragedias nem comedias, mas um genero de drama distineto, que o seu mesmo auctor intitulou *Historias* (*histories*). (1) Porém o immortal tragicó do Avon não carece destas distincções escholasticas para conservar o seu logar acima de todos os classicos. Além disso, em muitas das composições de Gil Vicente, em que estas incongruidades parecem mais absurdas, como quando junta em dialogo personagens da historia pagan ou fabulosas com os Patriarchas e anjos, ou quando põe em contacto pessoas que viveram em mui diversos tempos, nunca devemos perder de vista a idéa que ocupava o poeta, que era personificar ou symbolizar, por meio desses nomes alguma idéa abstracta e fazer mais viva impressão no animo dos espectadores. Assim, quando Heitor, Achilles, Annibal, e Scipião aparecem em scena para exhortarem os Portuguezes á guerra, a impressão causada por seus discursos devia ser mui mais penetrante do que sendo estes postos na boca de entes mais abstractos, como a Fortaleza, o Valor, a Heroicidade; e aqui são tales personagens tão allegoricas como no auto de Mofina Mendes, a Prudencia, a Pobreza, a

(1) *Johnson, life of Shakspere.*

das regras dramaticas observadas nos autores antigos.

Porém esse mesmo desprezo da mesma ignorancia dos preceptos de Horacio foi por ventura a causa de que Houvera elle lido e admirado os da antiguidade, fôr a si mesmo mais judicioso, mais regular; e se soubessemos que os nossos poetas fôrão sempre entre si um genio original, e que a originalidade, tem de ser o resultado do talento poetico. Por isso é que empregam nem sentimos encontrar emles nenhuma falta de unidades: ja que é certo dizer que não ha sectarios que Lope de Vega ou poeta viveo e no auto da Historia, ou que concebeo suas vamente a scena. O que nos deixou, Adão até Jesu Cristo, é muito certo que não; Rubena o espetáculo de sua Farga de Inez quinze transportes de sua composição bem desfeitos sem que a critica de um autor de um autor — Mais pos em que vêem os tragedios com uma congraçao de duas ou mais actos, ou de outra causa, que a critica de românticos, e maticos, e que arte o não venossa-  
lado: Primeiro, que o fazer Cassan- rimonio, usigões do es homens e não de astor Salo- olizar neste a sabedoria. nomes profa- cto religioso.

lavrintos em que elle se  
teria cahido nas mes-  
mas quando chegasse a occa-  
sion do Escudeiro, que o em-  
portou ao seu fim, mas talvez não  
sem o último toque ao caracte-  
re, como com uma admira-  
vel Gil Vicente na carta em  
que lhe participa a morte do

“hei que indo  
com marido fugindo  
a talha para a villa,  
na legua de Arzilla,  
matou um Mouro pastor.

Investigarmos quaes foram as causas  
que tiraram o desenvolvimento de que o  
Gil Vicente era capaz, talvez acharemos  
principaes no genero de composições  
que se vio obrigado a tractar, e o circuns-  
ciculo de seus espectadores. As peças  
de Gil Vicente se podem dividir em tres clas-  
ses: delas, umas eram compostas para cele-  
brar uma noite de Natal, outras para festejar  
o nascimento ou casamento de um principe,  
outras para servir de entretenimento nos cele-  
brados serões da Corte de Portugal. A pri-  
meira classe, a que pertencem os autos, deu  
*Gil Vicente* toda a latitude de que taes com-  
posições eram capazes, e muitas vezes sahiç

Humildade e a Fé. O mestro acontece no auto da Sibyla Cassandra. O poeta querendo fazer sobresahir a presumpçosa confiança de Cassandra e seu soberano desprêzo pelo matrimonio, faz-lhe regeitar com desdem as proposições do mais rico e do mais sabio de quantos homens tem existido — de Salomão, que elle não designa com o titulo de rei, mas do *pastor* Salomão, porque o seu fim é só symbolizar neste nome o summo gráo da opulencia e sabedoria. Mas assim como acolá empregou nomes profanos para um assumpto profano, aqui emprega um nome biblico para um objecto religioso.

Mas quereremos nós com isto dizer que não abetrahindó do seculo em que o poeta viveo e do ponto de vista em que elle concebeo suas composições, tocárá elle, no que nos deixou, as raias do seu engenho? De certo que não; o talento de Gil Vicente foi muito superior ao merito, mesmo relativo, de suas composições. A grande superioridade da sua Farça de Inez Pereira sobre o resto de suas composições bem manifesta que elle nem sempre teve obras de empenho e despike a compor. Nella é verdade se encontram ainda esses defeitos d'arte, mas em tão temos caracteres traçados com uma verdade e observação, que só ao verdadeiro talento é permittido; temos uma disposição meditada, tendendo a um desfecho, incidentes e situações comicas e muito conhecimento do coração humano. Com que arte o não vemos va-

ses meamos labyrintos em que elle se?  
? Outro qualquer teria cahido nas mes-  
egularidades, quando chegasse a oca-  
se descartar do Escudeiro, que o em-  
a de chegar ao seu fim, mas talvez não  
a idéa de dar o último toque ao carac-  
covarde rufião, como com uma admira-  
plicidade fez Gil Vicente na carta em  
rmão de Inez lhe participa a morte do  
:

..... Sabei que indo  
Vosso marido fugindo  
Da batalha para a villa,  
Meia legua de Arzilla,  
O matou um Mouro pastor.

se investigarmos quaes foram as causas  
ipediram o desenvolvimento de que o  
e Gil Vicente era capaz, talvez achare-  
principaes no genero de composições  
e se vio obrigado a tractar, e o circums-  
circulo de seus espectadores. As peças  
Vicente se podem dividir em tres clas-  
sillas, umas eram compostas para cele-  
ma noite de Natal, outras para festejar  
mento ou casamento de um principe,  
para servir de entretenimento nos cele-  
serãos da Corte de Portugal. A pri-  
classe, a que pertencem os autos, deu  
cente toda a latitude de que taes com-  
eram capazes, e muitas vezes sahio

**Humildade e a Fé.** O mesmo acontece no auto da Sibyla Cassandra. O poeta querendo fazer sobresair a presumpçosa confiança de Cassandra e seu soberano desprêzo pelo matrimonio, faz-lhe regeitar com desdem as proposições do mais rico e do mais sabio de quantos homens tem existido — de Salomão, que elle não designa com o titulo de rei, mas do *pastor* Salomão, porque o seu fim é só symbolizar neste nome o summo grão da opulencia e sabedoria. Mas assim como acolá empregou nomes profanos para um assumpto profano, aqui emprega nm nome biblico para um objecto religioso.

Mas quereremos nós com isto dizer que não abetrahindo do seculo em que o poeta viveo e do ponto de vista em que elle concebeo suas composições, tocára elle, no que nos deixou, as raias do seu engenho? De certo que não ; o talento de Gil Vicente foi muito superior ao merito, mesmo relativo, de suas composições. A grande superioridade da sua Farça de Inez Pereira sobre o resto de suas composições bem manifesta que elle nem sempre teve obras de empenho e despike a compor. Nella é verdade se encontram ainda esses defeitos d'arte, mas em tão pouco temos caracteres traçados com uma verdade e observação, que só ao verdadeiro talento é permittido ; temos uma disposição meditada, tendendo a um desfecho, incidentes e situações comicas e muito conhecimento do coração humano. Com que arte o não vemos va-

hir desses mesmos labyrintos em que elle se metteo? Outro qualquer teria cahido nas mesmas irregularidades, quando chegasse a occasião de se descartar do Escudeiro, que o embaraçava de chegar ao seu fim, mas talvez não tivesse a idéa de dar o último toque ao caracter do covarde rufião, como com uma admiravel simplicidade fez Gil Vicente na carta em que o irmão de Inez lhe participa a morte do marido :

..... Sabei que indo  
Vosso marido fugindo  
Da batalha para a villa,  
Meia legua de Arzilla,  
O matou um Mouro pastor.

Mas se investigarmos quaes foram as causas que impediram o desenvolvimento de que o estro de Gil Vicente era capaz, talvez acharemos as principaes no genero de composições que elle se viu obrigado a tractar, e o circumscripto circulo de seus espectadores. As peças de Gil Vicente se podem dividir em tres classes : dellas, umas eram compostas para celebrar uma noite de Natal, outras para festejar o nascimento ou casamento de um principe, outras para servir de entretenimento nos celebrados serãos da Corte de Portugal. A primeira classe, a que pertencem os autos, deu Gil Vicente toda a latitude de que taes composições eram capazes, e muitas vezes sahio

o verdor e luxo da natureza, povoado de ingenuos e contentes pastores, que respiram a inocencia, a alegria, a satisfação, o ar do campo, em seus jogos, em suas danças e cantigas, e em sua jovial simplicidade? A quem não deleitarão estas formas livres e faceis, a gala e soltura desta poesia eminentemente nacional, em cadentes e harmoniosas redondilhas, que se vão imprimindo na memoria ao passo que se recitam? O pathetico, o pomposo, não é empregado com menos felicidade por Gil Vicente. Nas Tragicomedias de D. Duardos e Amadis, assim como no bellissimo monologo de Rubena se encontram affectos exprimidos com uma tal energia e delicadeza, imagens de tão extrema galhardia e formosura, que so nos fazem sentir que o poeta não se entregasse mais a este estylo e que enriquecesse com taes bellezas uma lingua estranha.

Se do merito litterario das produções do nosso poeta passamos a olhá-las debaixo d'outros pontos de vista, pelo lado moral e historico, ainda o seu merecimento será muito relevante. Não suppomos que Gil Vicente considerasse a moralidade dramatica como uma condição da eomedia, antes julgamos que elle so teve em vista o agradavel; porém como o homem é naturalmente mais inclinado a rir-se que a commiserar-se dos vicios e desfeitos de *seus similhantes*, tornão-se estes, materiaes indispensaveis da comedia. Assim se encontra no

poeta um usurario logrado por um cavalleiro de industria, um ministro prevaricador, por uma moça ladina; rediculisado o pedantismo d'um medico; a astrologia judiciaria, ainda em todo o vigor no tempo de Gil Vicente, cuberta de ridiculo com uma graca e sal imitavel; enfim a soberba dos grandes e poderosos abatida. Na propria presenca da corte se fazem as mais amargas recriminagões contra os Reis por suas tyrannias; e a mesma corte não está a cuberto de seus sarcasticos gracejos. (1)

Porém classe nenhuma foi tão perseguida por Gil Vicente como os frades. Este foi o foco em que se concentrou toda a energia, mordacidade, acrimonia da sua pungento satyra. Foi esta a unica classe que elle atacou por odio e por systhema, que procurou e acmetteo de todos os lados. Não é preciso aponitar logares; não ha pega em que elles não sejam o alvo de seus tiros. E aqui se offerce naturalmente uma observação: — como é que o fanatico D. João III, o introductor dos Jesuitas e da Inquisição em Portugal não se tolerava, mas se ria dos ataques que a levida musa do Gil Vicente fazia contra uma classe que completamente o dominou? O caso é que

(1) Veja-se na Farça do Clerigo da Beira a fala do Clerigo que principia "Medraria este rapaz." *Tom. III.*

os padres ainda se não tinham tornado omnipotentes ; os homens illustrados ainda ousavam manifestar os receios que depois se vieram a verificar ; mais tarde Gil Vicente se teria limitado a odiá-los em silencio : ja Camões no seu tempo achava prudente não se embarascar demasiado com elles :

“ Mas passo esta materia perigosa ”

diz elle nos immortaes Lusiadas. Que chistosas vaias, que surriadas não daria Gil Vicente se assistisse em nossos dias á queda deste descomunal colosso !

Alem do interesse litterario que encerram as obras de Gil Vicente, é importantissima a sua conservação como um documento para a historia de seus tempos. Nellas se veem retratados melhor que em nenhum dos nossos antigos escriptores, os costumes, os usos, as crenças e as superstições de nossos maiores ; a cada passo se acham provas de como o espirito publico estava identificado com as grandes empresas que então occupavam Portugal e o faziam a admiracão do mundo : as conquistas na Asia e na Africa, o aperfeiçoamento da navegação, a ousadia de nossos navegantes, o valor heroico de nossos guerreiros, eram o scopo ordinario das conversas da praça e da familia.

*Em quanto ao maquinismo e decorações theatraes com que se representavam as pegas de Gil*

Vicente, pouco se alcança de suas obras. Garcia de Resende diz que a Tragicomedia *Cortes de Jupiter* fôra representada com toda a pompa e magnificencia. (VII) Porém attendendo ás raras invenções e estupendas maquinas que se fizeram no reinado de D. João II por occasião das festas do casamento do Priucipe D. Affonso, descriptas extensamente por Resende e Ruy de Pina, se pôde fazer uma idéa do apparato com que foram postas em scena algumas das suas composições, como o *Triumpho do Inverno*, em que o poeta deu a seus espectadores uma vista de mar, com navios e com toda a confusão d'uma tormenta. (VIII)

Assim lançado o fundamento do nosso theatro por um engenho tão superior, estava aberta a estrada para que seus sucessores, corrigindo progressivamente os inevitáveis defeitos do seculo e da novidade, e aproveitando o muito que ahi havia a aproveitar, levantassem o edificio de um Theatro nacional. E com effeito alguns apareceram que seguiram as pizadas de Gil Vicente, como o Infante D. Luiz, Antonio Prestes, Braz de Rezende, os dous irmãos Antonio e Jeronymo Ribeiro Chiado, Henrique Lopes e Jorge Ferreira de Vasconcellos: o mesmo Camões se não dedignou de se alistar debaixo das suas bandeiras. Mas este por empenhado em mais elevados assumptos, os outros por falta de um transcidente talento dramatico, mais copiaram que corrigiram.

ram o seu modelo. Tambem a escola clá  
appareceu então em Portugal representada  
dous grandes poetas, Sá de Miranda e o  
tor Antonio Ferreira; mas estes com um  
tadissimo numero de produções, e alem  
demasiado preocupados da douta antiguidade  
não puderam exercer consideravel influ-  
sobre este ramo da litteratura. Oxalá Gi-  
cente tivesse apparecido depois de todos  
seria elle o reformador do nosso theatro,  
dadeiramente o nosso Plauto.

## APPENDIX.

Os dous seguintes documentos devem co-  
var-se como os unicos authenticos para a hi-  
de Gil Vicente.

## I.

*Privilegio.*

Eu ElRei faço saber aos que este alvará v-  
que Paula Vicente, moça da Camara da multo  
amada e prezada tia, me disse que ella queria  
emprimir hum livro e cancioneiro de todas as  
de Gil Vicente seu pay, assi as que até ora  
rão empremidas pelo meudo, como outras  
ainda nam foram. Pedindo-me que ouvesse por  
que por tempo de dez annos nam podesseu e  
*não nem render o dito cancioneiro, senam-*

as pessoas a que ella pera isso desse licença: e que as ditas obras meudas do dito seu pay que até ora andárao empremidas se nam podessem mais empremir, nem vender pelo medo. E visto seu requerimento, e por alguns justos respeitos que me a isto movem, ey por bem, e me praz que fazendo ella emprimir o dito cancioneiro de todas as obras do dito seu pay — Empressor algum, nem outra algúia pessoa possa em meus Reynos e Senhorios emprimir, nem vender o dito cancioineiro, nem traze-lo de fóra do Reino a vender sem consentimento e licença da dita Paula Vicente, e isto por tempo de dez annos somente, que começaram da feitura desse alvará. Emprimindo, ou vendendo algúia pessoa o dito cancioneiro nos ditos meus Reynos e Senhorios, ou trazendo-o de fóra delles a vender como dito he dentro no dito tempo de dez annos sem licença da dita Paula Vicente, perderá todos os volumes que deelles lhe forem achados, e pagará cincuenta cruzados, ametade pera a miuba Camara, e a outra ametade pera quem os acusar. E assi me praz que daqui em diante polo dito tempo de dez annos se nam possão emprimir nem vender polo medo obras algúias do dito Gil Vicente que estiverem no dito cancioneiro sob a mesma pena acima declarada. E mando a todas as minhas justiças, ofícias e pessoas a que o conhecimento deste pertencer que cumpram e guardem inteiramente este alvará, como se nesse contém, o qual ey por bem que valha, e tenha força e vigor como se fosse carta feita em meu nome, por mi assignada e passada pela minha Chancellaria sem embargo da ordenação do segundo livro, quarto, riate, que diz que *as coisas cujo effeito ouver de durar mala da um*

anno passem por cartas, e passando por palávras  
não valhão. E valerá este outro si, posto que nam  
seja passado pola Chancelaria sem embargo da or-  
denaçam que manda que os meus alvarás que nam  
forem passados pela Chancelaria se nam guardem.  
Jorge da Costa o fez em Lisboa a tres dias de Se-  
tembro de mil quinhentos e sessenta e um. Manuel  
da Costa o fez escrever. E cada volume do dito  
**Cancioneiro** se nam poderá vender por mais de hū  
eruzado E este alvará se trasladaraa e imprimiraa  
no principio do dito Cancioneiro.

BAYNHA.

## II.

*Prologo dirigido ao mui alto e poderoso Rei nesso  
Senhor D. Sebastiam o primeiro do nome por  
Luis Vicente.*

Hé tão gloriaça cousa, altíssimo Rei e Senhor  
nosso, a fama daquelles que a tem e a tiverão, que  
a toda pessoa geralmente faz desejo de a acrecen-  
tar; e resuscitar suas obras: e assi o fazem muitos,  
huns com contarem em practica suas cousas, outros  
com escreverem suas obras, outros trabalharem que  
venhão à noticia de todos com as imprimirem, co-  
mo foi aquele que apurou, e atimpou e fez que fos-  
sem vistas e achadas as cousas de Homero, porque,  
se elle não fôra, perderam-se, e outros que tomá-  
rão a seu cargo o trabalho de serem pregueiros da-  
quelles que escreverão, e fizerão obras dinas de sé-  
rem apregoadas, sem outra obrigação mais que so-  
mente a curiosidade que tinhão de quererem que  
se não perdesse a fama de grandes homens. Quero

dizer, que se estes não lhe indo nisso nada, o fizeraí assim, que farão aquelles a que bate á porta a obrigaçāo de seus antepassados, que suas obras são desejadas virem á noticia de todos? E ainda que as obras de meu pay não tenhão tamanho merecimento como tiverão as d'outros poetas antigos e modernos, tão celebrados em todo o mundo: todavia, ainda que as deste livro fiquem muito abaixo destas; por serem cousas algūas dellas feitas por serviço de Deos e todas em serviço de vossos avós, e de que elles muito gostarão, era rezão que se imprimissem. E porque sei que ja agora nessa tenra idade de V. A. gosta muito dellas, e as lē e folga de ouvir representadas, tomei a minhas costas o trabalho de as apurar e fazer imprimir sem outro interesse, senão servir V. A. com lh'as dirigir, e cumprir com esta obrigaçāo de filho. E porque sua tençāo era que se imprimissem suas obras, escreveu por sua mão e ajuntou em hum livro muito grande parte dellas; e ajuntára todas, se a morte o não consumira. A este livro ajuntei as mais obras, que faltavão e de que pude ter noticia. E porque o prologo que adiante vai dirigido a el Rei vosso avô, que haja gloria, ~~mais~~ <sup>que</sup> esse effeito; esse como o livro todo offereço a V. A. a quem nosso Senhor acrecenta e preserve a vida e estado por muitos annos.

## III.

Desta ilustre Princeza diz um seu Biógrapho: «Se dirá á la lengua latina», en que hizo tales progresos, que á poco tiempo, socorrida de su docilidad y talento, la escribia y hablaba como si fuera materna; lo mismo le sucedió con la griega. »

(Extracto y Vida de la Inf. D. María.)

E Macedo, nas Flores de Espanha: « En la poesia fue insigne: escribió en Latin y tenía perpetuamente academia de mugeres doctas. »

## IV.

Que muitas obras de Gil Vicente se perdêrão, se vê do Prologo dirigido por seu filho Luiz a D. Sebastião; onde diz: « A este livro ajuntei as mais obras que faltavão, de que pude ter noticia. » A respeito das obras meudas mais claramente o dizia elle no fim do Liv. V. por estas palavras: « Fim do quinto livro o qual vai muito carecido destas obras meudas, porque as mais das que o autor fez desta qualidade se perdêrão. »

## V.

Assim a celebra o Padre Reis nos seus Enthusiasmos poeticos. N.<sup>o</sup> 66, comparando-a com a mulher de Lucano:

Paula parentem  
Gegidium social nunc celso in vertice Montis,  
Quem juvisse ferunt, sicut olim Pote maritum  
Scribentem juvit Lucanum.

## VI.

A seguinte scena de Encina é visivelmente o modelo de outra de Gil Vicente, no seu primeiro auto pastoril a pag. 14 do 1.<sup>o</sup> vol.

JUAN.

*Hora juguemos! ANT. Juguemos.*

MIGUELEJO.

Y á qué juego, compañones?

RODRIGACHO.

Juguemos pares y nones.

JUAN.

Ahotas, que bien haremos.

ANTON.

Comenzemos.

JUAN.

Qué les dices? ANT. Juri á nos,  
Nones digo. JUA. Dá cá dos.

ANTON.

Cata, que no trampillemos!

RODRIGACHO.

Qué les dices, Miguelejo?

MIGUELEJO.

Pares les digo. ROD. Perdiste!

JUAN.

Al diablo te dd por triste!

Ya pones el sobrecejo?

RODRIGACHO.

Cuando viejo,

muy ruin gesto has de tener:

por tres castañas perder

reniegas de san conejo.

MIGUELEJO.

Qué les dices, Rodrigache?

RODRIGACHO.

Asmo, que digoles pares.

MIGUELEJO.

Al diablo tales jugares.

RODRIGACHO.

Hora ganéto buen cacho.

*Don muchachoo,*

poquito sabes de juegos :  
no te aprovechan reniegos ;  
cata que soy hombre macho.

JUAN.

Nunca acabaremos hoy :  
debemos juego mudar.

RODRIGACHO.

Y á qué podremos jugar?

ANTON.

Miafá, á vivo te le doy.

MIGUEL EJO.

Yo no soy  
en jugar juego tan ruin :  
mas juguemos al trentín  
que muy desgraciado estoy.

EL ANGEL.

Pastores, no hayais temor !  
que os anuncio gran placer :  
sabed que quiso nacer  
esta noche el Salvador  
Redentor  
en la ciudad de David.  
Todos, todos le servid,  
que es Cristo nuestro Señor &c.

Compare-se a cantiga com que Gil Vicente fecha a sua *Tragicomedia dos Aggravados*, com a seguinte composição com que finaliza uma das Eglogas de Juan de la Encina :

*Villancico.*

*Gran gasajo siento yo,  
huihó !*

PROLOGO.

XLVII

Yo tambien soncas que ha,  
huihá !  
pues aquel que nos crió  
por salvarnos nació ya :  
Huihá , huihó !  
que aquesta noche nació.

Esta noche al medio della  
cuando todo estaba en calma ,  
por nos alumbrar el alma  
nos nació la clara estrella :  
clara estrella de Jacó ,  
huihó !  
alegrar todos que ha ,  
huihá !  
pues aquel que nos crió &c.

En Belen nuestro lugar  
muy gran calor relumbrea ,  
yo te juro que aquesta aldea  
por el mundo ha de sonar :  
porque tal fruto nos dió  
huihó !  
gran honra se le dará  
huihá !  
pues aquel que nos crió &c.

Una virgen concibiera  
sin simiente de varón ,  
y virgen sin corrupción  
al hijo de Dios pariera ,  
y despues virgen quedó ,  
huihó !  
gran memoria quedará ,  
huihá !  
pues aquel que nos crió &c.  
*Una virgin de quince años*

« Si tu ne fais ung faulx traict desnoyable,  
 « Nous perdons tout le genre humain saluable,  
 « Et demeurons seuls enchaynez en fers.

## VIII.

Eisaqui o logar a que se refere o texto:  
 « E as danças acabadas , se começou huma  
 « muito boa e muîto bem feita commedia , de mui-  
 « tas figuras , muîto bem ataviadas , e muy natu-  
 « raeas , feita e reprezentada ao cazaamento e par-  
 « tida da Senhora Jnfante ; couza muito bem or-  
 « denada , e com ella acabada se acabou o seram . »  
 (G. de Resende , Hida da Infante D. Beatriz  
 para Saboia.)

## IX.

A seguinte passagem fará conceber uma grandiosa idea do maquinismo dos nossos antigos. Foi em 1481 que se fizeraõ estas memoraveis festas.

« E á terça feira logo seguinte , houve na sala da madeira excellentes e mui ricos momos , ante os quaes El Rei , pera desafiar a justa que havia de manteir , veeo primeiro momo , envencionado cavalleiro do cirne com muita riqueza , graca e gentileza , porque entrou pelas portas da sala com húa grande frota de grandes naoos , mettidas em pannos pintados de bravas e naturaes ondas do mar , com grande estrondo d'artelharias que jogavam , e trombetas e atabales e ministrees que tangiam , com desvairadas gritas e alvorocos d'apitos , de singidos Mestres , Pillotos e Mareantes vestidos de brocados e sedas , e verdadeiros e ricos trajos Alemães . »

(Ineditos da Hist. Portug. , Chron. de D. João II , por Ruy de Pina , pag. 126.) .

## TARBOA GLOSSARIA

MOSTRANDO A SIGNIFICAÇÃO CONJECTURAL DE  
ALGUNS TERMOS ANTIQUADOS E RUSTICOS,  
PORTUGUEZES E CASTELHANOS, QUE SE NÃO  
ENCONTRAM NOS MELHORES DICCIONARIOS  
DAS DUAS LINGUAS.

*Os vocabulos castelhanos vão em itálico.*

### A.

Abem ... ... ... ...	ora poiš, bém.
<i>Abellota</i> ... ... ... ...	bellota.
Abiso, abisso ... ...	abismo.
Afemençar ... ... ...	ver, enxergar.
Afficio ... ... ... ...	officio.
Alcapetor, ou alcupe- tor (1) ... ... ...	hum peixe.
<i>Adgorrem</i> ... ... ...	algúia cousa.
<i>Alinde</i> ... ... ... ...	enfeite.
<i>Alinho</i> ... ... ... ...	trabalho, canceira.
<i>Almozo</i> ... ... ... ...	almuerço.
<i>Añacear</i> ... ... ... ...	holgar.

(1) D'amabas as maneiras se acha escripta *ainda*  
galaxxa no nesso Poeta e nunca “alcupetor” *seujo*  
*diz Morses*, citando Gil Vicente.

<i>Apero</i>	... ... ... ...	modo, manera.
<i>Arabia</i>	... ... ... ...	habla confusa.
<i>Arço</i>	... ... ... ...	ardo.
<i>Arnellas</i>	... ... ... ...	dentes.
<i>Arrayado</i>	... ... ... ...	arreado, adornado.
<i>Atá, atés, atés</i>	... ... ...	até.
<i>Atabobado</i>	... ... ...	loco de admiracion
<i>Atijo</i>	... ... ... ...	cordel.

## B.

<i>Badeones</i> ( <i>melones</i> )	... ...	badeas.
<i>Bayones</i>	... ... ...	enes & espadas.
<i>Barzoneiro</i>	... ... ...	vadio.
<i>Basto</i> (a)	... ... ...	em abondancia.
<i>Bebarro</i>	... ... ...	beberrão.
<i>Borrega</i>	... ... ...	especie de danza.
<i>Brego</i>	... ... ...	brega, pendencia.
<i>Bugera</i>	... ... ...	bugia.

## C.

<i>Cainçada</i>	... ... ...	barulho causado p latir de muitos cães
<i>Céfara</i>	... ... ...	arisca, esquiva.
<i>Cajuso</i>	... ... ...	por acaso.
<i>Calabreada</i>	... ... ...	embuste, enredo.
<i>Cant'eu</i>	... ... ...	quanto a mim.
<i>Capelladas</i>	... ... ...	manteadellas.
<i>Carapetento</i>	... ...	embusteiro, inclina a mentir.

<i>Carafate</i> ... ... ...	calafate.
<i>Celuras</i> ... ... ...	zelos.
<i>Chapeirão</i> ... ... ...	vestido comprido, especie de capote?
<i>Ciesto, ciesta</i> ... ...	cesto, cesta.
<i>Claror</i> ... ... ...	clarão.
<i>Clima (femenino)</i> ...	
<i>Coinchar</i> ... ... ...	grunhir o porco.
<i>Coleo</i> ... ... ...	colegio.
<i>Coma</i> ... ... ...	como.
<i>Consento.</i> ... ... ...	sinto.
<i>Contia</i> ... ... ...	valor, preço.
<i>Cordiaca.</i> ... ... ...	enfermidade de coração.
<i>Crigo</i> ... ... ...	clérigo.

## D.

<i>Damado.</i> ... ... ...	querido, amante.
<i>Desclucio</i> ... ... ...	desahucio.
<i>Defengules</i> ... ... ...	dissimules.
<i>Desfarrapado</i> ... ...	desarrapado.
<i>Desferir</i> ... ... ...	largar las velas.
<i>Desingulas</i> ... ... ...	dissimulas.
<i>Despipitar</i> (los sentidos) ... ... ...	apurar.
<i>Dexemo</i> ... ... ...	demon.
<i>Doairo</i> ... ... ...	inclinação, fadario?
<i>Di</i> ... ... ...	diz ( <i>imperat.</i> )
<i>Doma</i> ... ... ...	semana.
<i>Dominguejo</i> ... ... ...	dominguero.

## E.

<i>Embelecar-se</i>	... ...	enganar-se.
<i>Empérol</i>	... ...	porém, todavia.
<i>Empipinar</i>	... ...	illudir.
<i>Empresentado</i>	... ...	de presente, em ferta.
<i>Emque</i>	... ...	ainda que.
<i>Enfarar-se</i>	... ...	enfadear-se.
<i>Engar</i>	... ...	emburrar, ateimar.
<i>Enho, a</i>	... ...	meu, minha.
<i>Encaramillarse</i>	... ...	elevarse.
<i>Enséladada</i>	... ...	especie de cantiga.
<i>Ensoar</i>	... ...	pôr em musica.
<i>Entances</i>	... ...	então.
<i>Entirrado</i>	... ...	teimoso.
<i>Entirrado</i>	... ...	obstinado.
<i>Entanamientos</i>	... ...	entre tanto.
<i>Ervillifar</i>	... ...	enlouquecer.
<i>Escarnefuchar</i>	... ...	escarnecer, mofar.
<i>Escoparo</i>	... ...	escopro.
<i>Escosido</i>	... ...	traspassado, varado.
<i>Escuraná</i>	... ...	escuridão.
<i>Espirado</i>	... ...	inspirado.
<i>Estortegar</i>	... ...	deslocar.
<i>Estrena</i>	... ...	sorte; hado.
<i>Estronomia</i>	... ...	astronomia.

## F.

*Faces* ... ... ... ... faces.

<b>Farnesia</b> ... ... ... ...	frenezi.
<b>Ferrar</b> ... ... ... ...	lançar ferros.
<b>Fersura</b> ... ... ... ...	forgura.
<b>Fim (femenino).</b>	
<b>Finto</b> ... ... ... ...	fíndo.
<b>Fiñita</b> ... ... ... ...	busca, pretende.
<b>Folão (cavallo)</b> ... ...	fogoso.
<b>Fór (á)</b> ... ... ... ...	á moda.
<b>For (á)</b> ... ... ... ...	á fuer, segun estilo ó costumbre.
<b>Fortunoso</b> ... ... ... ...	desafortunado, perse- guido da fortuna.
<b>Friasco (adj.)</b> ... ...	frio.

## G..

<b>Galajo (círculo)</b> ... ...	zodíaco.
<b>Geitar</b> ... ... ... ...	lançar.
<b>Gnelogía</b> ... ... ... ...	genealogía..
<b>Generacio</b> ... ... ...	generacion.
<b>Gentar</b> ... ... ... ...	jantar.
<b>Gerecido</b> ... ... ... ...	gerado.
<b>Gestadura</b> ... ... ...	gesto, semblante.
<b>Gingrar</b> ... ... ... ...	mofar, escarnecer.
<b>Gingreta</b> ... ... ... ...	burla, mofa.
<b>Gorgomileiras</b> ... ...	gorgomilos.
<b>Gravísca</b> ... ... ... ...	grave, esquiva.
<b>Grolla</b> ... ... ... ...	gloria.
<b>Guaroupaz</b> ... ... ... ...	gurupés.
<b>Guarra</b> ... ... ... ...	alarido de dor.

## H.

<i>Hace...</i>	...	...	...	...	...	...	haz.
<i>Hétego</i>	...	...	...	...	...	...	ethico.
<i>Hervilhar</i>	...	...	...	...	...	...	enlouquecer.
<i>Huja...</i>	...	...	...	...	...	...	uga, peixe.

## I.

<i>Ieramá</i>	...	...	...	...	...	ma ora.
<i>Increos</i>	...	...	...	...	...	infieis, incredulos.
<i>Ingrillando</i>	...	...	...	...	...	aguzando.
<i>Inolo...</i>	...	...	...	...	...	ignoto.
<i>Ikorar</i>	...	...	...	...	...	ignorar.

## J.

<i>Jacer...</i>	...	...	...	...	...	yacer.
<i>Jantar</i>	...	...	...	...	...	comida.
<i>Jeitar</i>	...	...	...	...	...	langar.

## L.

<i>Lacer</i>	...	...	...	...	...	laceria.
<i>Lavrandeira</i>	...	...	...	...	...	costureira.
<i>Lavrar</i>	...	...	...	...	...	costurar.
<i>Lena...</i>	...	...	...	...	...	blandura.
<i>Letijo</i>	...	...	...	...	...	letigio.
<i>Idetruide</i>	...	...	...	...	...	letrado.
<i>Idugo</i>	...	...	...	...	...	luego.
<i>Luxar-se...</i>	...	...	...	...	...	çujarse.

## M.

<i>Marchante</i>	... ... ...	mercador.
<i>Móginas</i>	... ... ...	imágines.
<i>Mangispinado</i>	... ...	com mangas escusas ó rotas.
<i>Mal avesinho</i>	... ...	com ma visinhanga?
<i>Marmeluta</i>	... ... ...	remela?
<i>Mártel</i>	... ... ...	martyr.
<i>Marrar</i>	... ... ...	faltar?
<i>Medofio</i>	... ... ...	lúgubre, terríllas.
<i>Metá</i>	... ... ...	metade por meio.
<i>Minto</i>	... ... ...	mente.
<i>Motrete de pão</i>	... ...	pedago.
<i>Mu (tomar o)</i>	... ...	desconflar.
<i>Muitieramá</i>	... ...	muito na ma ora.

## N.

<i>Nego</i>	{	... ... ...	sonão.
<i>Nega</i>	{	... ... ...	sonão.
<i>Negregoso</i>	...	...	negro, escuro.
<i>Nessora</i>	...	...	imediatamente, no mesmo instante.
<i>Nýrterias</i>	...	...	males tratos.
<i>Novelo</i>	...	...	nuevo.

## O.

<i>Offegoso</i>	...	...	que tem offego.
<i>Oja</i>	...	...	uma ave.
<i>Ouro</i>	...	...	ougo.

## P.

<i>Pação</i>	... ... ...	<i>cortezão, homem da corte.</i>
<i>Paceiro</i>		
<i>Panadeira</i>	... ... ...	<i>pádeira, do Hesp. <i>panadera</i>, ou mulher que peneira?</i>
<i>Papear</i>	... ... ...	<i>cochichar. ou fallar baixo, percebendo-se apenas o movimento dos beiços?</i>
<i>Partuno</i>	... ... ...	<i>importuno.</i>
<i>Patornear</i>	... ... ...	<i>conversar, dar á lingua.</i>
<i>Pegullal</i>	... ... ...	<i>pegujal.</i>
<i>Pelletrar</i>	... ... ...	<i>penetrar.</i>
<i>Perem</i>	... ... ...	<i>porém.</i>
<i>Perol</i>	... ... ...	<i>porém, todavia.</i>
<i>Perneta</i>	... ... ...	<i>planeta.</i>
<i>Pertem</i>	... ... ...	<i>pertence.</i>
<i>Pinceos (fallar per)</i>	...	<i>por figuras?</i>
<i>Placentorio</i>	... ... ...	<i>placenteiro.</i>
<i>Pratel</i>	... ... ...	<i>pratos (instrumento)? pandeiro?</i>

## Q.

<i>Quello trołtarse</i>	... ...	<i>enquillotrar-se.</i>
<i>Ques</i>	... ... ...	<i>queres.</i>

## R.

<i>Ralear</i>	... ... ... ...	remoer, raivar.
<i>Rebentina</i>	... ... ...	raiva.
<i>Rebuchudo</i>	... ... ...	rechonchudo, roliço.
<i>Regello</i>	... ... ...	agua helada.
<i>Regno</i>	... ... ...	reino.
<i>Rellea</i>	... ... ...	ralea.
<i>Retina</i>	... ... ...	retine.
<i>Revellada</i>	{	reverencia.
<i>Revellencia</i>	}	
<i>Riedro</i>	... ... ...	hacia tras.
<i>Rifanazo</i>	... ... ...	puñado.
<i>Rosmear</i>	... ... ...	resmungar.

## S.

<i>S</i>	... ... ... ...	<i>scilicet</i> , a saber.
<i>Sam</i>		
<i>Som</i>	{	
<i>São</i>	... ... ...	sou.
<i>Sejo</i>		
<i>Sages</i>	... ... ...	prudente.
<i>Salvanor</i>	... ... ...	com o devido respeito.
<i>Samão</i> (signo)	... ...	salomão.
<i>Senhos</i>	... ... ...	diversos, varios.
<i>Ses</i>	... ... ...	es.
<i>Sexon</i>	... ... ...	cuartana.
<i>Sia</i>	... ... ...	é.
<i>Sigro</i>	... ... ...	seculo.
<i>Sillas</i>	... ... ...	artes más, manhas?

<i>Soadeiros</i>	... ... ...	lenços d'assoar?
<i>Sóes, ou sóis</i>	... ... ...	somente.
<i>Solombra</i>	... ... ...	sombra.
<i>Soma</i>	... ... ...	emfim.
<i>Soncas</i>	... ... ...	por cierto.
<i>Sorraba</i>	... ... ...	surra?
<i>Suacerder</i>	... ... ...	suar.
<i>Supitânc</i>	... ... ...	subitaneo.

## T.

<i>Tá</i>	... ... ... ...	até.
<i>Ta</i>	... ... ... ...	pron. tua; interj. te mão.
<i>Tamanino</i>	... ... ...	bocadinho.
<i>Término (adj.)</i>	... ...	extremo.
<i>Tenchar</i>	... ... ...	chantar.
<i>Tónica</i>	... ... ...	son harmónico.
<i>Toste</i>	... ... ...	presto.
<i>Trepas</i>	... ... ...	folhos de vestido.
<i>Tristónio</i>	... ... ...	lúgubre, sombrio.

## V.

<i>Vesairo</i>	... ... ... ...	loucura?
<i>Via</i>	... ... ... ...	en.
<i>Vido</i>	... ... ... ...	víó.
<i>Vonda</i>	... ... ... ...	basta.

**OBRAS**  
DE  
**GIL VICENTE.**

---

**LIVRO I.**  
DAS  
**OBRAS DE DEVAÇÃO.**

*Forquanto a obra de devação seguinte procedeu de húa visitação, que o autor fez ao parto da muito esclarecida Rainha Dona Maria, e nascimento do muito alto e excellente Principe Dom João, o terceiro em Portugal deste nome; se põe aqui primeiramente a dita Visitação, por ser a primeira coisa, que o autor fez, e que em Portugal se representou, estando o mui poderoso Rei Dom Manoel, e a Rainha Dona Beatriz sua mãe, e a Senhora Duqueza de Bragança, sua filha, na segundu*

*noite do nascimento do dito Senhor. E estas  
esta companhia assim junta, entrou um  
queiro, dizendo :*

Pardiez ! siete arrepelones  
Me pegaron á la entrada,  
Mas yo di una puñada  
Á uno de los rascones.  
Empero, si yo tal supiera,  
No veniera,  
Y si veniera, no entrára,  
Y si entrára, yo mirára  
De manera  
Que ninguno no me diera.

Mas andar, lo hecho es hecho :  
Pero todo bien mirado,  
Ya que entré neste abrigado,  
Todo me sale en provecho.  
Rehuélgome en ver estas cosas,  
Tan hermosas,  
Que está hombre bobo en vellas :  
Véolas yo ; pero ellas,  
De lustrosas,  
Á nosotros son dañosas.

(*Falla á Rainha.*)

Si es aqui adonde vo ?  
Dios mantenga si es aqui ;  
Que yo no sé parte de mi,  
Ni deslindo donde estó.  
Nunca vi cabaña tal,

En especial  
 Tan notable de memoria :  
 Esta debe ser la gloria  
 Principal  
 Del paraíso terrenal.  
 O que sea, ó que no sea,  
 Quiero decir á qué vengo,  
 No diga que me detengo  
 Nuestro concejo y aldea.  
 Envíame á saber acá,  
 Si es verdá  
 Que parió Vuestra Nobleza ?  
 Mi fe sí ; que Vuestra Alteza  
 Tal está,  
 Que señal dello me da.  
 Muy alegre y placentera,  
 Muy ufana y esclarecida,  
 Muy prehecha y muy lucida,  
 Mas mucho que dantes era.  
 Oh qué bien tan principal,  
 Universal !  
 Nunca tal placer se vió !  
 Mi fe, saltar quiero yo.  
 He, zagal !  
 Digo, dice, salté mal ?  
 Quien quieres que no reviente  
 De placer y gasagado !  
 De todos tan deseado  
 Este principe excelente  
 Oh qué Rey tiene de ser !  
*A mi ver*

*Rainha velha desta representação, que pedio  
ao autor que isto mesmo lhe representasse ás  
matinas do Natal, endereçado ao nascimento  
do Redemptor; e porque a substancia era mui  
desviada, em lugar disto fez a seguinte obra.*

---

## AUTO PASTORIL CASTELHANO

ENDEREÇADO ÁS MATINAS DO NATAL.

### FIGURAS.

GIL. — BRAS. — LUCAS. — SILVESTRE. — GREGÓRIO. — MATHEUS.

*Entra primeiramente um pastor inclinado á vida contemplativa, e anda sempre solitario. Entra outro, que o reprehende disso. E porque a obra em si dalli por diante vai mui declarada, não serve mais argumento.*

GIL. *Aqui está fuerte majada ;  
Quiero repastar aqui  
Mi ganado ; veislo allí  
Soncas naquella abrigada.  
Yo aqui estoy abrigado . . .  
Del temporo de fortuna,  
Añublada está la luna, . . . /  
Mal pecado,  
Lloverá soncas priado.*  
*Quiero aqui poner mi hato,  
Que cumple estar añaceandó,  
Y andarme aqui holgando,  
Canticando rato á rato,*

Ingrillando los oídos,  
 Si daran soncas gemidos  
 De deseo  
 Los corderos que careo.

LUC. Hao ! carillos ! *(de lon.)*

GIL. Á quien hablas ?

LUC. Á vosotros digo yo,  
 Si alguno de vos me vió  
 Perdidas unas dos cabras ?

GIL. Yo no.

BRAS. Ni yo.

LUC. Á Dios pliega !

GIL. Como las perdiste ? di.

LUC. Perdiéronse por ahí  
 Por la vega,  
 O algun me las soniega.  
 Nel hato de Bras Picado  
 Andava Marta bailando ;  
 Yo estúvela oteando,  
 Boquiaaberto trasportado,  
 Y al son batiendo el pie  
 Estuve dos horas valientes :  
 El ganado entanamientos,  
 Á la fe,  
 No sé para donde fue.

GIL. Y aun por eso que yo sospecho  
 Me aparto de saltijones ;  
 Que vanas conversaciones . . .  
 No traen ningun provecho.  
 Siempre pienso en cosas buenas ;  
 Yo me hablo, yo me digo ;

Tengo paz siempre conigo,  
 Sin las penas,  
 Que dan las cosas agenas.

**Luc.** No me quiero estar tras tras ;  
 Ya perdido es lo perdido.

Que gano en tomar sentido ?  
 Qué dices, Gil, y tú, Bras ?

**Gil.** Tú muy perezoso estás :  
 Busca, busca las cabritas.  
 Tras que tienes muy poquitas,  
 No te das  
 De perder cada vez mas.  
 Encomiéndalas á Dios.

**Luc.** Qué podrá eso prestar ?

**Gil.** El te las irá buscar,  
 Que siempre mira por nos.

**Luc.** Si los lobos las comieron  
 Hámelas Dios de traer ?  
 Harto terná que hacer :  
 Y si murieron,  
 Mucho mas que yo perdieron.

Mas quiero llamar zagalas ;

**Brás.** Tengamos todos majada,  
 Sube naquella asomada,  
 Y dales gritos mortales.

**Luc.** Hace escuro ; quien verá !  
 Caeré nun barrancon.

**Gil.** Toma, lleva este tizon.

**Luc.** Dalo acá :  
 Este nunca allá irá. (*Chama de longe.*)  
 Ha Silvestre ! ha Vicente !

Ha Pedruelo ! ha Bastian !  
 Ha Jarrete ! ha Bras Juan !  
 Ha Pasival ! ho Clemente !

(*De longe*)

SILV. Ha Lucas ! qué nos quieres ? di.

LUC. Que vengais acá priado :  
 Tomaremos gasajado,  
 Que Gil Terron está aqui  
 En abrigado,  
 Alegre y bien asombrado.

(*Vem os pastores, e diz*)

SILV. Ora terrible placer  
 Teneis vosotros acá.

BRAS. Sí, tenemos, soncas ha :  
 Pues qué habemos de hacer ?  
 Quien al cordojo se dió,  
 Mas cordojo se le pega.

SILV. Bailemos una borrega.

BRAS. Mi fe no,  
 Que tú bailas mas que yo.

GIL. Juri á nos que estás chapado !  
 Qué es esto, Silvestre hermano ?

SILV. No ves que viene el verano,  
 Y soy recien desposado ?

GIL. *Jesus autem intrisiñenes !*  
 Quien te trajo al matrimuño ?

SILV. Mi tio Velasco Nuñø.

GIL. Chapados parientes tienes.  
 Quien es la esposa que hubiste ?

SILV. Teresuela mi damada.

BRAS. Dios ! que es moza bien chapada,

Y aun es de buen natío,  
Mas honrada del lugar.

**GIL.** Neso no hay que dudar;  
Porque el herrero es su tio,  
Y el jurado es ahijado  
Del aguelo de su madre;  
Y de parte de su padre  
Es prima de Bras Pelado:  
Saquituerto, Rodelludo,  
Papilharto, y Bodonales  
Son sus primos caronales,  
De parte de Brisco Mudo.

Es nieta de Gil Llorente,  
Sobrina del Crespillon;  
Casaollas Mamilon  
Pienso que es tambien pariente:  
Mari Roiz la Mamona,  
Toribilla del Mendral,  
Y Teresa la Gabona  
Su parienta es natural.

Marica de la Remonda,  
Espulgazorras Cabrera  
Y la vieja bendicidiera,  
Rapiharta la Redonda,  
La Ceñuda, la Plaguenta,  
Borracalles la Negruza,  
La partera de Valmuza  
Ahotas que es bien parienta.

**Luc.** Dios! que es casta bien honrada  
Esa que habeis relatado.

**BRAS.** Ahora estás bien honrado:

- No te dan con ella nada ?  
**SILV.** Danme una burra preñada,  
 Un vasar, una espetera,  
 Una cama de madera ;  
 La ropa no está hilada.  
 Danme la moza vestida  
 De hatillos dominguejos,  
 Con sus manguitos vermejos,  
 Y alfarda muy lucida :  
 Danme una puerca parida,  
 Mas anda muy triste y flaca.
- BRAS.** No te quieren dar la vaca ?  
**SILV.** Ha tres años que es vendida.
- MAT.** Sus, alto, toste priado,  
 Respinguemos la majada :  
 Viéñese la madruga,  
 Dejemos el desposado.
- BRAS.** Démosnos á gasajado,  
 Tomemos todos placer,  
 Que ya no quiere llover.
- GIL.** Ya no, Dios sea loado.
- Luc.** Tengamos algum remedio :  
 Qué jugamos, Gil Terron ?
- GIL.** Juguemos al abejon ;  
 Mas tengo de estar en medio.
- BRAS.** Tú naciste mas temprano.
- GIL.** Ora sus, sus, veisme aquí :  
 Tú tambien pásate allí ;  
 Bras hermano, párate así.  
*Ea, sus, pára la mano.*  
*He miedo que me darás ;*

- Alza, alza el brazo mas :  
 Tú no ves como está Bras ?  
 Dite una de mal mes.
- s. Ha ! Dios te pliega comigo !  
 Do á rabia la jugada :  
 Ora viste que porrada !  
 Tú, amigo,  
 Ya no consientes castigo.
- s. Juguemos á adivinar.  
 Que me plaz.
- s. Dí, compañero...  
 Mas comience Gil primero.  
 Que me plaz de comenzar.  
 Comenzad de adivinar.  
 Qué?
- Sabello has tú muy mal :  
 Qual es aquelle animal,  
 Que corre y corre, y no se ve ?
- s. Es el pecado mortal.
- s. Mas el viento, mal pecado,  
 Creo yo que será ese.  
 Que no es buen juego este ;  
 Demos este por pasado.  
 Bien será via acostar,  
 Que ya me debroca el sueño,  
 Santiaguao del demueño.
- s. Yo no me sé santiguar.  
 Decid todos como yo :  
 En el mes del padre,  
 En el mes del hijo —  
 El otro mes se me olvidó.

*(Dormem e o Anjo os chama cantando.)*

“Ha pastor !

“Que es nacido el Redentor.”

GIL. Zagaleç, levantar de ahí,  
Que grande nueva es venida :  
Que es la Vírgen parida,  
A los ángeles lo oí.  
Oh qué tónica acordada  
De tan fuertes caramillos !

BRAS. Cata, que serian grillos.

GIL. Juri á nos  
Que eran ángeles de Dios.

LUC. Y nos aqui levantados  
Qué le habemos de hacer ?

GIL. Mi fe, vamoslo á ver.

BRAS. Y ansí despeluzados ?

GIL. Pardiéz, que es para notar !  
Pues el Rey de los señores  
Se sirve de los pastores ?

Nueva cosa

Es esta, y muy espantosa !

Id vosotros al lugar

Muy priesto, carillos mios.

Y no vamos tan vacíos :

Traed algo que le dar,

Y el rabel de Juan Javato,

Y la gaita de Pravillos,

Y todos los caramillos,

Que hay en el hato ;

Y para el niño un silbato.

*(Partem-se para o presépio, cantando.)*

Todos. «Aburramos la majada,  
 «Y todos con devucion  
 «Vamos ver aquel garzon.  
 «Veremos aquel nñito  
 «De agora recien nacido.  
 «Asmo que es el prometido  
 «Nuestro Mesias bendito.  
 «Cantemos á voz en grito  
 «Con hemencia y devucion,  
 «Veremos aquel garzon.»  
*(Chegando ao presepio dix)*

GIL. Dios mantenga a vuestra gloria!

Ya veis que estamos acá  
 Muy alegres, soncas ha,  
 De vuestra nueble vitoria.  
 Á vos, Virgen, digo yo,  
 Que el muchacho que hoy nació  
 No entiendo que me entiende,  
 Mas sí que todo comprehende,  
 Del punto que se engendró.

LUC. Que casa tan pobrecita  
 Escogió para nacer!

BRAS. Ya comienza á padecer  
 Dende su niñez bendita.

SILV. De paja es su camacita.

LUC. Y um establo su posada.

BRAS. Loada sea y adorada  
 Y bendita  
 La su clemencia infinita.

GIL. Señora, con estos hielos  
 El niño se está temblando:

De frío veo llorando  
 El criador de los cielos  
 Por falta de pañizuelos.  
 Juri á san si tal pensára,  
 Ó por dicha tal supiera,  
 Un zamarro le trujera  
 De una vara,  
 Que ahoras que el callará.

Ora vosotros qué haceis?  
 Con muy chapada hemencia  
 Y con vuestra reverencia,  
 Dalde de eso que traeis.

SILV. Perdonad, señor, por Dios,  
 Que, como somos bestiales,  
 Los presentes no son tales  
 Como los mereceis vos.

(*Com tangeres e bailes offerecem, e á despedida  
 cantão esta cançoneta.*)

“Norabuena quedes, Menga,  
 “Á la fe que Dios mantenga.  
 “Zagala santa bendita,  
 “Graciosa y morenita,  
 “Nuestro ganado visita,  
 “Que ningun mal no le venga.  
 “Norabuena quedes, Menga,  
 “Á la fe que Dios mantenga.”

GIL.      Qué decis de la doncella?  
 No es harto prelucida?

SILV. Nunca otra fue nacida,  
 Que fuese muger y estrellá,  
 Sino ella.

- GIL.** Pues sabes quien es aquella?  
 Es la zagala hermosa,  
 Que Salomon dice esposa,  
 Cuando canticava della.  
 Con su voz muy deseosa  
 En su canticar decia :  
 « Levántate, amiga mia,  
*Columba mea formosa,*  
 Amiga mia olorosa ;  
 Tu voz suene en mis oidos,  
 Que es muy dulce á mis sentidos,  
 Y tu cara muy graciosa.  
 Como el lilio, plantada,  
 Florecido entre espinos,  
 Como los olores finos  
 Muy suave eres hallada.  
 Tú eres huerta cerrada,  
 En quien Dios venir desea :  
*Tota pulchra amica mea,*  
 Flor de virgindad sagrada. »
- SILV.** Á Dios plegue con el ruin !  
 Mudando vas la pelleja :  
 Sabes de achaque de ygreja !
- GIL.** Ahora lo deprendí.
- SILV.** Con eso hablas latin,  
 Tan á punto que es placer.  
 Mas lo preciára saber  
 Que me daren un florin.
- BRAS.** Dí por vida de tu tio,  
 Tú sabes de profecias ?
- GIL.** Sé que dijo Malaquias

“Eis el mi angel os embio  
Con tan fuerte poderio,  
Que aparejará la carrera  
Delante mi haz verdadera  
En el santo templo mio.”

“Tú, Bethlen, pequeña eres,”  
Diz Miqueas profetando,  
“Mas no te catarás cuando  
Serás grande en tus poderes.  
Cuando sin cuido estuvieres,  
Ternás el señoreador  
De Israel en tu favor  
Para cuanto tú quisieres.”

**Luc.** De nisito tan bonito  
Hablaban soncas letrados.  
**GIL.** Los Profetas alumbrados  
No jugaban á otro hito.  
Con muy ahincado espirto  
Y con gozoso placer  
Todos desearan ver  
Su nacimiento bendito.

Porque este es el cordero  
*Qui tollis peccata mundo,*  
El nuestro Adan segundo,  
Y remedio del primero :  
Este es el hijo heredero  
De nuestro eterno Dios ;  
El cual fue dado á nos  
Por Mejías verdadero.

Aquel niño es eternal,  
Invisible y visible ;

Es mortal y inmortal,  
 Mobile y inmóvil,  
 En cuanto Dios, invisible ;  
 Es en todo al Padre igual,  
 Menor en cuanto humanoal :  
 Y esto no es imposible.

Hecha el sol su rayo en Mayo,  
 Como mil veces verés ;  
 El mismo rayo sol es,  
 Y el sol tambien es rayo :  
 Entrambos visten un sayo  
 De un envés,  
 Y una cesa misma se es.

Ansi este descendió,  
 Quedando siempre en el Padre :  
 Aunque vino á tomar madre,  
 Del padre no se apartó.

**BRAS.** Gil Terron lletrudo está :  
 Muy hondo te encaramillas !

**GIL.** Dios hace estas maravillas.

**BRAS.** Yo lo veo, soncas ha.

Quien te viere no dirá,  
 Que naciste en serranía.

**LUC.** Cantemos con alegría,  
 Que en eso despues se hablará.

(Vão-se cantando.)

---

## AUTO DOS REIS MAGOS.

### FIGURAS.

GREGORIO & VALERIO, *pastores*. — HUM ERMITÃO. — HUM CAVALLEIRO.

*A dita Senhora Rainha, satisfeita desta pobre coisa (o auto antecedente), pedio ao autor, que para dia de Reis logo seguinte lhe fizesse outra obra. E fez a seguinte, cuja introdução he, que um pastor determinou de ir a Belem e errou o caminho: e entra disendo:*

**GREG.** Asmo, asmo, soncas ha,  
Que me da  
La fortuna trasquilon.  
He dejado mi zurron  
Y eslabon,  
Y no sé que hago acá.  
Dios plegue, quien me dirá  
Adó está  
Este niño que es nacido?  
Que ando bobo perdido,  
Sin sentido,  
Trece dias per habrá,  
Que no sé que haga ya.  
No sé parte ni recado

Del ganado,  
 Y los perros son perdidos;  
 Mis corderos dan gemidos  
 Muy sentidos.  
 Por entrar en el poblado.  
 Todo mi hato he dejado  
 Desmeñrado,  
 Por buscar este niñito.  
 Dicenme que es tan bonito,  
 Que me affito  
 Por no haberlo topado,  
 Y ando desesperado.  
 Despepito mi sentido,  
 Que en olvido  
 Tengo los memoriales,  
 Saltando por robledales  
 Y encinales,  
 Que jota no he dormido,  
 De aterido.  
 De todo no me doy nada;  
 Si topase la posada  
 Muy loada,  
 Donde está recien nacido  
 Este niño esclarecido.

*(Entra Valerio.)*

- VAL.** De donde eres pecador?  
 Dí, pastor.  
**GREG.** Pastor y bien desdichado!  
 Que ando descarrido,  
 Hambriado  
 Por ver nuestro Redentor.

Dijo el Ángel del Señor :  
 “Pastor, pastor,  
 Ve y deja tus cabritas.”  
 Y dejélas solecitas  
 Muy marchitas ;  
 Y no sé ser sabidor  
 Adó nació el Salvador.

Trecc dias son pasados,  
 Bien contados,  
 Que ando, perdido el tino,  
 Sin hallar nengun camino ;  
 Ni soy dino  
 De lo ver por mis pecados.

**VAL.** Ora tienes bien librados  
 Tus cuidados.  
 Este padre fray Alberto,  
 Que topé naquel desierto,  
 Sabrá cierto  
 Eso, porque los letrados  
 Son guia de los errados.

**GREG.** Há, fraile, sabes do vais ?  
 Ó andais  
 Á desuso como yo ?  
 El niño que nos crió  
 Do nació ?  
 Qué es la nueva que me dais ?  
 Por Dios que me lo digais ;  
 No hagais  
 Que me muera de cordojos.

**ERM.** Pastor, no tomes enojos,  
 Que tus ojos

Verán quien todos buscais.

**GREG.** He medo que me burlais.

Traéis á ende breviario,  
 Ó calendario,  
 Ó sois frayle? Como quiera,  
 Si aliño aqui hubiera  
 Bien quisiera,  
 Si sabeis bien de vicario,  
 Que digais un trintanario  
 Al rosario,  
 Porque Dios me dejé ver,  
 Sin tener  
 Al demuño por contrario,  
 Aquel precioso sagrario.

**ERM.** Oh bendito y alabado  
 Y exalzado  
 Sea nuestro Redentor!  
 Que un rústico pastor  
 Con amor  
 Lo busca con gran cuidado;  
 Desampara su ganado  
 Muy de grado,  
 Por ver al niño glorioso!  
 Qué haré yo religioso  
 Perezoso,  
 Que ando tan sin cuidado  
 Por aqueste despoblado?  
 Destos pobres labradores  
 Y pastores  
 Quiso ser ofrecido,  
 Adorado y conocido

**Y** servido  
 Con cantares y loores,  
 Escuchando sus primores  
 Y clamores.  
**La** Virgen nuestra Señora  
**Y** la vaquilla lo adora  
 En la hora  
 Que el Señor de los señores  
 Nació de flor de las flores.  
**Qué** descanso y qué placer  
 Fuera ver  
 El resplandor gloriosa,  
 Aquel verbo gracioso,  
 Tan lloroso,  
 Acabando de nacer !

- V.A.L.** Buldas deveis de traer  
 Á vender,  
 Que os estais chocarreando.  
**E.R.M.** Harto es eso de desmando,  
 Pues veis que estoy hablando,  
 Contemplando  
 Lo que nos es menester,  
 Si suyos queremos ser.  
**V.A.L.** Decidnos, padre bendito,  
 Hallais scrito  
 Si es pecado estornudar ?  
 Mas os quiero preguntar  
 Y notar ;  
 Esperad ansi un poquito :  
 Digo que esconde el cabrito,  
 Por hacer berrar la cabra ;

Y remojo la palabra  
 A cada habla :  
 Es gran pecado infinito,  
 O es medio pecadito ?

**R.E.G.** Si el hombre, de birra pura,  
 Por ventura

Adrede despierna un grillo,  
 Por no vello ni oillo ;  
 Encubrillo.

Es pecar contra natura ?

**A.L.** Otra cosa mas escura

Y mas dura  
 Quiero, Gregorio, hacer.  
 Pergúntale, quiero ver  
 Su saber,  
 Que, á segun su gestadura,  
 Es letrado en la scritura.

Decid, padre, es gran pecado  
 Deñodado

Andar tras las zagalejas  
 Y encharles las orejas  
 De consejas  
 Por meterlas en cuidado ?  
 Dejar entrar el ganado  
 En lo vedado  
 Por andarlas namorando ?  
 Estálo Dios oteando  
 Y asechando ?  
 Si desto tiene cuidado,  
 Ni punto estará parado.  
 Que todos en mi lugar

Á la par  
 Andan transidos de amores ;  
 Los jurados, labradores  
 Y pastores,  
 Y aun el crego á mas andar  
 Lo veo resquebrajar  
 Y sospirar  
 Por Turibia del Corral :  
 Decidme, fraile, es gran mal  
 Desigual,  
 Ó se debe perdonar,  
 Pues se no puede escusar ?

**E**RM.      Este mundo peligroso  
 Sin reposo  
 Nos trae á todos burlados,  
 Ciegos, mal aconcejados,  
 Desviados  
 De aquel reino glorioso.  
 Quien puede ser mas dichoso  
 Ni gozoso,  
 Que tener puesto el querer,  
 El amor y su poder,  
 Sin torcer,  
 Neste niño muy gracioso,  
 Puerto de nuestro reposo ?  
 Quien se viere sojuzgado  
 Y apretado  
 De mundano pensamiento,  
 Coutemple su nacimiento :  
 Cuan contento  
 Lo verá desnudo echado,

De los frios traspasado,  
 Y adorado  
 De los brutos animales !  
 Luego olvidará los males  
 Desiguales,  
 Que le presenta el pecado.

**GREG.** Pecado es ser namorado ?

**VAL.** Crió Dios por la ventura  
 Hermosura  
 Para nunca ser amada ?  
 Criola demasiada  
 Para nada ?  
 Como decís que es locura ?  
 Mirad, mirad la scritura :  
 Qué cordura  
 Hallareis mas amadora ?  
 Dende Adan hasta ahora  
 Nesta hora  
 Fue discreta criatura,  
 Que no siga esta ventura ?  
 Si á Dios desto pesára  
 No criára  
 Zagallas tan relucientes :  
 Fueran prietas y sin dientes,  
 Y las frentes  
 Mas angostas que la cara ;  
 Las narices le ensanchára,  
 Y achicára  
 Los ojos como hurones :  
 Nunca nuestros corazones  
*De pasiones*

Nuestras vidas aterrará,  
 Ni de Dios nos apartará.  
 Esmeróse su poder  
 En hacer  
 Tan graciosas sus hechuras,  
 Que entre todas hermosuras  
 Son mas puras,  
 Mas dinas de obedecer.  
 Quien dejará de querer  
 Su valer,  
 Pues son de nuestra costilla ?  
 Que natura nos ensilla  
 Que no podemos torcer  
 De sujetos suyos ser.

(*Entra hum Cavalleiro, que vinha em compênhia dos Reis Magos.*)

**Cav.** Mantenga Dios los señores !

**ERM.** Dios loores !

**VAL.** Soncas, vengais norabuena.  
 Tú abaja la melena.

**GREG.** No me pena.

**Cav.** Decidme, amigos pastores,  
 Sois sabidores  
 Si iré por aqui bien  
 Para el lugar de Belen ?

**GREG.** Yo allá vo adó vais,  
 Y ando, asmo, como andais.

**VAL.** Andad, señor, por aqui  
 Ó por alli.

**Cav.** Mira bien, pastor, que dices.

**VAL.** En frente de las narices

- A perdices  
Andarás, prometo á mi.  
**Cav.** Qué linage tan bestial !  
Animal  
Este bruto pastoriego !  
**Val.** Doy á rabia el palaciego,  
Por san pego  
Que quizás por vuestro mal...  
**Erm.** Toda la descortesía  
Es villania.  
Señor, de donde sois vos ?  
**Cav.** De Arabia.  
**Erm.** Bendigaos Dios !  
**Greg.** Arabio sos ?  
**Cav.** Sí, y perdí la compañía  
De una gran caballería,  
Que venía  
Á tino tras una estrella,  
Y ellos van en pos della  
Sin perdella ;  
Y alcanzarlos queria,  
Fortuna me lo desvía.  
**Erm.** Y adonde van, si sabeis ?  
**Cav.** Van tres Reis  
Adorar con sentimiento  
Y muy grande acatamiento  
El nacimiento  
Del señor de todas greis.  
En nuestra tierra sabreis,  
*Si quereis,*  
*Que desde Balan se velaba*

La señal que se esperaba,  
 Que mostraba  
 El nacimiento que veis  
 Del señor de nuestras leis.

**GREG.** Decid, señor, qué estrella era ?

**ERM.** Quien la viera !

**CAV.** Es muy reluciente estrella,  
 Y un niño en medio della,  
 Muy mas que ella  
 Reluciente en gran manera :  
 Una cruz en su cimera  
 Por bandera.

**GREG.** Donde se vió tal señal ?

**CAV.** Del monte vitorial.

**ERM.** Oh divinal  
 Vitoria muy verdadera  
 De nuestra culpa primera !  
 O Profeta Isayas,  
 Bien decias.  
 Levántate á ser alumbrado,  
 Hierosalen visitado  
 Y acatado !  
 Recibe tus alegrías,  
 Que la gloria del Mesias,  
 Que querias,  
 Sobre tí es ya venida ;  
 Y los reis de gran partida  
 Nobrecida,  
 Nel resplendor de tus días,  
 En tus tierras los verias.

David nel salmo setenta

Y uno cuenta,  
 Reis de Tarsis y Sabá,  
 Y el de Arabia verná  
 Con humildá,  
 Muy gran compaña sin cuenta,  
 Adorar sin mas afrenta  
 Muy contenta.

**Cav.** De oro llevan gran presente,  
 Incenso, mirra excelente,  
 Humildemente.

**Greg.** Mira bien, Valerio, atenta  
 Este señor que recuenta.

**Val.** Caballero relator,  
 Yo pecador,  
 Vilano, necio, bestial,  
 No pensé que érades tal,  
 Y hablé mal,  
 De que tengo gran dolor.

**Cav.** Yo te perdono, pastor,  
 Que el Señor  
 Por cualquier culpa mortal  
 No pide al al pecador.

(*Apparecem os tres Reis Magos cantando o seguinte Vilancete.*)

“ Cuando la Virgen bendita  
 “ Lo parió,  
 “ Todo el mundo lo sentió.  
 “ Los coros angelicales  
 “ Todos cantan nueva gloria ;  
 “ Los tres Reis la vitoria  
 “ De las almas humanales.

Ahotas que me meresca !  
 Alguno hay que me paresca  
 En cuerpo, vista y sentido ?  
 Cual es la dama polida,  
 Que su vida  
 Juega, pues pierde casando,  
 Su libertad cautivando,  
 Otorgando  
 Que sea siempre vencida,  
 Desterrada en mano agena,  
 Siempre en pena,  
 Abatida y sojuzgada ?  
 Y piensan que ser casada  
 Que es alguna buena estrena !

**SAL.** Casandra, Dios te mantenga ;  
 E yo venga  
 Tambien mucho norabuena !  
 Pues te veo tan serena,  
 Nuestra estrena  
 Ya por mí no se detenga :  
 Y pues ya que estoy acá,  
 Bien será  
 Que diga á qué soy venido ;  
 Y tanto estoy de ti vencido,  
 Que creo que se hará.

**CASS.** No te entiendo.

**SAL.** Anda, ven !.  
 Que por tu bien  
 Te envian á llamar tus tias ;  
 Y luego de aqui tres dias  
 Alegrias

- Ternás tú y yo tambien.  
**Cass.** Que me quieren?  
**SAL.** Que me veas  
 Y me creas  
 Para hecho de casar.  
**Cass.** Lo que de ahí puedo pensar,  
 Que ellas ó tú devaneas.  
**SAL.** Somos parientes, ó que?  
 Bien se ve  
 Que soy yo para valer  
 Tal, que juro á mi poder  
 Que de no ser,  
 Ni esta paja me dé.  
 Yo soy bien aparentado  
 Y abastado,  
 Valiente zagal polido;  
 Y aun estoy medio corrido  
 De haber acá llegado.  
 Anda, siquieres venir!  
**Cass.** Sin mentir,  
 Tú estás fuera de tí:  
 Lo que te dije hasta aquí,  
 Será ansí,  
 Aunque sepa de morir.  
**SAL.** No me ves?  
**Cass.** Bien te veo.  
**SAL.** No te creo:  
 Pues no querés?  
**Cass.** No te quiera.  
**SAL.** Casamiento te requiero.  
**Cass.** Ya primero

- Dije lo que es mi deseo.  
**SAL.** Que me dices?  
**CASS.** Yo te digo  
 Que comigo  
 No hables en casamiento ;  
 Que no quiero ni consiento,  
 Ni con otro ni contigo.  
**SAL.** Quieres tú estar á cuenta ?  
**CASS.** Y nesa afrenta  
 Tengo contigo de estar ?  
 No me quiero cautivar,  
 Pues nací horra y isienta.  
**SAL.** Tu tia misma me habló,  
 Y prometió  
 Muy chapado casamiento.  
**CASS.** Otro es mi pensamiento.  
**SAL.** Pues yo siento  
 Que bien te meresco yo,  
 Y por eso vine acá.  
**CASS.** Bien está.  
**SAL.** Segun el tu no querer,  
 A mi ver,  
 Otro amor tienes allá.  
**CASS.** No quiero ser desposada  
 Ni casada,  
 Ni monja ni ermitaña.  
**SAL.** Díme, qué es lo que te engaña ;  
 Que esa saña  
 Empleas mal èmpleada.  
 Toma consejo comigo  
 Ó contigo,

Cuando sin pasion te veas ;  
 Y mira lo que deseas,  
 Que razon trae consigo.

**Cass.** No pierdas tiempo comigo :  
 Ya te dijo

Bien clara mi intencion.

**SAL.** Quien te viese el corazon,  
 Por mirar mi enemigo,  
 Y saber porque razon !

**Cass.** No tomes desto pasion  
 Ni alteracion,  
 Pues que no desprecio á ti ;  
 Mas nació, cuando nació,  
 Comigo esta opinion,  
 Y nunca mas la perdí.

**SAL.** Qué te hizo el casamiento ?  
 Es tormento,

Que se da por algun hurto ?

**Cass.** Y aun por eso le surto,  
 Porque es curto  
 Su triste contentamiento.  
 Muchos dellos es notorio  
 Purgatorio  
 Sin concierto ni templanza ;  
 Y si algun bueno se alcanza,  
 No es medio placentario.

Veo quejar las vecinas  
 De malinas  
 Condiciones de maridos :  
 Unos de ensoberbecidos  
 Y aborridos,

Otros de medio gallinas,  
Otros llenos de mil celos  
Y recelos,  
Siempre aguzando cuchillos,  
Sospechosos, amarillos,  
Y malditos de los cielos :  
Otros á garzonear  
Por el lugar,  
Pavonando tras garcetas,  
Sin dejar blancas ni prietas  
Ni reprechas ;  
Y la muger ? sospirar,  
Despues en casa reñir  
Y gruñir  
De la triste allí cautiva.  
Nunca la vida me viva,  
Si tal cosa consentir.

Y pues eres cuerdo y sientes,  
Para mientes.  
Muger quiere decir molleja ;  
Es así como una oveja,  
En pellaja,  
Sin armas, fuerzas ni dientes ;  
Y si le falta sentido  
Al marido  
De la razon y virtud,  
Ay de niña juventud,  
Que en tales manos se vido !

SAL. No soy desos, ni seré :  
Por mi fe,  
Que te tenga en velloritas..

- Ass. Y con floritas  
 Piensas que me engañaré?  
 No quiero verme perdida,  
 Entristecida  
 De celosa ó ser celada.  
 Tirte afuera! no es nada?  
 Pues antes no ser nacida.  
 Y ser celosa es lo peor;  
 Que es dolor,  
 Que no se puede escusar.  
 De los vientos hace mar;  
 Y afirmar  
 Que el blanco es de otra color;  
 De las buenas hace malas,  
 Con sus falas;  
 Y de los santos, ladrones.  
 No quiero entrar en pasiones,  
 Pues que bien puedo escusarlas.
- L. Do seso hay no hay celuras,  
 Sino holguras;  
 Que el seso todo bien da.
- Ass. El seso es no ir allá.
- L. Calla ya,  
 Que te recelas á escuras.
- Ass. Allende deso, sudores  
 Y dolores  
 De partos, llorar de hijos:  
 No quiero verme en letijos,  
 Por mas que tú me namores.
- L. Yo voy llamar al aldea  
 Erutea

Y á Peresica tu tia  
 Y á Cimeria ; y tu porfia  
 Delante dellas se vea.

CASS. Y'á mí que se me da !

Quien será,  
 Que me case á mi pesar ?  
 Si yo no quiero casar,  
 A mí quien me forzará ?

(Canta.)

“ Dicen que me case yo ;  
 “ No quiero marido, no.  
 “ Mas quiero vivir segura  
 “ Nesta sierra á mi soltura,  
 “ Que no estar en ventura  
 “ Si casaré bien ó no.  
 “ Dicen que me case yo ;  
 “ No quiero marido, no.  
 “ Madre, no seré casada,  
 “ Por no ver vida cansada,  
 “ Ó quizá mal empleada  
 “ La gracia que Dios me dió.  
 “ Dicen que me case yo ;  
 “ No quiero marido, no.”  
 “ No será ni es nacido  
 “ Tal para ser mi marido ;  
 “ Y pues que tengo sabido  
 “ Que la flor yo me la só,  
 “ Dicen que me case yo,  
 “ No quiero marido, no.”

(Entra Erutea, Peresica e Cimeria, com o pastor Salomão, em chacota, ellas á maneira de lavradoras, e diz Cimeria a Cassandra:)

Qué te parece el zagal?

CASS. Ni bien ni mal,

Que no quiero casar, no.

Vosotras quien os metió

Que case yo?

Pues sabed que pienso en al.

CIM. Tu madre en su testamento

(No te miento)

Manda que cases, que es bueno.

CASS. Otro casamiento ordeno

En mi seno:

Que no quiero ni consiento.

SAL. Loco consejo has tomado.

Estoy espantado!

Do se halló tal desvarío?

CASS. Mi fe, nel corazon mio;

Y lo fio,

Que no vó camino errado.

No quiero dar mi limpeza

Y mi pureza

Y mi libertad exenta,

Ni mi ánima contenta,

Por sesenta

Mil millones de riqueza.

PER. Si tu madre eso hiciera!...

CASS. Bien, qué fuera?

PER. Nunca tú fueras nacida.

Al lugar :

Veremos esto en que para ;

Aunque ella se declara

Por tan cara,

Que ha de ser dura de armar.

(Traz *Salomão Esaias e Moyses e Abra cantando todos quatro de folia a canticā seguinte :)*

“ Que sañosa está la niña ! ”

“ Ay Dios quien le hablaría ! ”

*Volta.*

“ En la sierra anda la niña

“ Su ganado á repastar ;

“ Hermosa como las flores,

“ Sañosa como la mar.

“ Sañosa como la mar

“ Está la niña :

“ Ay Dios, quien le hablaría ! ”

**ABR.** Digo que esteis norabuena !

Por estrena

Toma estas dos manijas.

**MOYS.** Y yo te doy estas sortijas

De mis hijas.

**ESAIAS** Yo te doy esta cadena.

**SAL.** Dartehía yo bien sé qué,

Mas no sé

Cuanto puede aprovetchar.

**ERUT.** Muchas cosas hace el dar,

Como contino se ve.

**CASS.** Téngome de captivar

Por el dar ?

No me engaño yo ansí.  
 Yo digo que prometí  
 Solo de mí,  
 Que no tengo de casar.

**Iovs.** Blasfemas ; que el casamiento  
 Es sacramento,  
 Y el primero que fué.  
 Yo Moysen te lo diré  
 Y contaré  
 Donde hubo fundamento.

En el principio crió  
 Y formó  
 Dios el cielo y la tierra,  
 Con cuanto en ello se encierra :  
 Mar y sierra  
 De nada lo edificó.  
 Era vacua y vacía,  
 Y no habia  
 Cosa por quien fuese amado.  
 El spirito no criado  
 Sobre las aguas lucía.

*Fiat lux!* luego fue hecha  
 Muy prehecha,  
 Sol y Luna y las estrellas,  
 Criadas claras y bellas  
 Todas ellas  
 Por regla justa y derecha.  
 Al Sol dióle compañera  
 Por parceria,  
*De una luz de ambos guarnidos,*  
*Dominados y medidos*

Cada uno en su carrera.

Hagamos mas, dijo el Señor  
 Criador,  
 Hombre a nuestra semejanza,  
 Angelico en la esperanza  
 Y en lianza,  
 Y de lo terrestre — señor.  
 Luego le dió compañera  
 En tal manera  
 De una gracia ambos liados,  
 Dos en una carne amados,  
 Como si ambos uno fuera.

El mismo que los crió,  
 Los casó,  
 Y trató el casamiento ;  
 Y por su ordenamiento  
 Es sacramento,  
 Que al mundo estableció.  
 Y pues fue casamentero  
 El primero,  
 Y es lei determinada ;  
 Como estás tú entirrada,  
 Diciendo que es captivero ?

*Cass.* Que cuando Dios los hacía  
 Y componía,  
 En esos tales no hablo :  
 Mas en aquellos que el diablo  
 En su retablo  
 Hace y ordena cadaldia.  
*Por codicia los ayunta,*  
*Y no pregunta*

Por otra virtud alguna ;  
Y despues que la fortuna  
Los enfuna,  
Toda gloria le es defunta.  
Si yo me casase agora,  
Dende á una hora  
No querria ser nacida.  
No tengo mas de una vida ;  
Y, sometida,  
Diz, Casandra, tirte afuera.  
Marido ? ni aun soñado,  
Ni pintado.  
No cureis de porfiar,  
Porque para bien casar  
No es tiempo concertado.

Abr. Y si cobras buen marido,  
Comedido,  
Y nunca apasionado ?  
Cas. Nunca ? estais muy errado,  
Padre honrado,  
Porque eso nunca se vido.  
Como puede sin pasion  
Y alteracion  
Conservarse el casamiento ?  
Múdase el contentamiento,  
En un momento,  
En contraria division.

Solo Dios es perfeccion :  
Si en razon  
La verdad quereis que hable ;  
Que el hombre todo es mudable

Y variable,  
Por humanal complisién.  
Pero yo quiero decir  
Y descubrir  
Porque vírgen quiero estar ;  
Sé que Dios ha de encarnar,  
Sin dudar :  
Y una vírgen ha de parir.

**ERUT.** Eso bien me lo sé yo,  
Y cierta só  
Que en un presepe ha de estar ;  
Y la madre ha de quedar  
Tan vírgen como nació.  
Tambien sé que de pastores  
Labradores  
Será visto y de la gente ;  
Y le traerán presente  
Del Oriente  
Grandes Reis y sabedores.

**CIM.** Yo, dias ha, que hei soñado  
Y barruntado,  
Que via una vírgen dar  
Á su hijo de mamar,  
Y que era Dios humanado ;  
Y aun despues me parecia  
Que la via  
Entre mas de mil doncellas ;  
Con su corona de estrellas  
Mucho bellas,  
Como el sol resplandecia.  
Nunca tan glorificada.

Y acatada  
 Doncella se pudo asmar,  
 Como esta vírgen vi estar ;  
 Ni su par  
 No fue ni será criada.  
 De sol estaba guarnida,  
 Percebida,  
 Contra Lúcifer armada,  
 Con vírgen arnés guardada.  
 Ataviada  
 De malla de santa vida.

Con leda cara y guerrera,  
 Placentera,  
 El resplandor piedoso,  
 El yelmo todo humildoso,  
 Y *Mater Dei* por cimera :  
 Y el niño Dios estaba,  
 Y la llamaba,  
 Madre y madre, á boca llena ;  
 Los ángeles, *gratia plena*,  
 Muy serena ;  
 Y cada uno la adoraba,

Diciendo : « Rosa florida  
 Esclarecida,  
 Madre de quien nos crió !  
 Loado aquel que nos dió  
 Reina tan santa nacida. »

**L**RUT. Peresica, tú nos decías

Que sabías  
*Desta* vírgen y su parto.

**z.** *Mi fe dello es bien harto*

Y reharto :  
 Llena estoy de profecías.  
 Empero son de dolor :  
 Que el señor,  
 Estando á veces mamando,  
 Tal via de cuando en cuando,  
 Que no mamaba á sabor :  
 Una cruz le aparecía,  
 Que él temía,  
 Y lloraba y suspiraba.  
 La madre lo halagaba,  
 Y no pensaba  
 Los tormentos que él via :  
 Y comenzando á dormir,  
 Via venir  
 Los azotes con denuedo ;  
 Estremecia de miedo.  
 Y no puedo  
 Por ahora mas decir.

**CASS.** Yo tengo en mi fantasía,  
 Y juraría  
 Que de mí ha de nacer ;  
 Que otra de mi merecer  
 No puede haber,  
 En bondad ni hidalguía

**ABR.** Casandra desvaría.

**ESALAS** Yo diría.  
 Que está muy cerca de loca,  
 Y su cordura es muy poca,  
 Pues que toca  
 Tan alta descortesía,

- L. El diablo ha de acertar  
 Á casar ;  
 Por mi alma y por mi vida,  
 Que quien la viera sabida  
 Y tan leida,  
 Que se pudiera engañar.  
 Casandra, segun que muestra  
 Esa respuesta.  
 Tan fuera de conclusion,  
 Tu loca, yo Salomon,  
 Dame razon,  
 Qué vida fuera la nuestra ?
- ASS. Aun en mi seso estó :  
 Que soy yo.  
 ATAS Cállate, loca perdida,  
 Que desa madre escogida  
 Otra cosa se eserevió.  
 Tú eres della al revés,  
 Si bien ves :  
 Porque tú eres humosa,  
 Soberbia y presuntuosa,  
 Que es la cosa  
 Que mas desviada es.  
 La madre de Dios sin par,  
 Es de notar,  
 Que humildosa ha de nacer,  
 Y humildosa conceber,  
 Y humildosa ha de criar.  
 Las ríberas e verduras  
 Y frescuras  
 Pregonan su hermosura,

La nieve la su blancura  
 Limpia y pura,  
 Mas que todas criaturas :  
 Lirios, flores y rosas  
 Muy preciosas  
 Procuran de semejalla ;  
 Y en el cielo no se halla.  
 Estrella mas luminosa.

Antes santa, que engendrada ;  
 Preservada  
 Antes reina, que nacida ;  
 Eternalmente escogida,  
 Muy querida,  
 Por madre de Dios guardada.  
 Por virtud reina radiosa,  
 Generosa ;  
 Por gracia emperadora,  
 Por humildad gran señora,  
 Y hasta ahora  
 No se vió tan alta cosa.

**E S A I A S** El su nombre es María,  
 Que desvia  
 De ser tú la madre d'él ;  
 Y el hijo Emanuel  
 Manteca y miel  
 Comerá como yo decía.

**A B R.** Dos mil veces lo decías,  
 Que el Mesías  
 Será Dios vivo en persona,  
 Y aun te juro á mí corona,  
 Ahotas que no mentías.

**Movs.** Y tú tambien, Salomon,  
 Buen garzon,  
 Los cantares que hacias  
 Todos eran profecías ;  
 Que decias  
 Della y de su perfeccion :  
 « *Formosa columba mea,*  
 Quien te vea,  
 De vista ó á sentido,  
 Gócese por ser nacido,  
 Por fuerte zagal que sea. »

**ABR.** Si hubiésemos de declarar  
 Y platicar  
 Cuanto della está escrito,  
 Sería cuento infinito,  
 Que el spirito  
 No puede considerar.  
 Tudo fue profetizado  
 Por mandado  
 Daquel hacedor del mundo,  
 Hasta aquel dia profundo,  
 No segundo,  
 Mas prostero, es divulgado.

**ERUT.** Deso profetó Africana.

**PER.** Y tú, hermana,  
 Dese juicio hablaste,  
 Escriviste y declaraste  
 Cuanto baste  
 Para informacion humana;  
 Pero cuando ha de ser,  
*Es de saber,*

- ERUT.** Las señales os diré,  
Porque las sé  
Muy ciertas y bien sabidas.
- PER.** Ansí Dios te dé mil vidas  
Que las digas,  
Y yo te lo serviré.
- ERUT.** Cuando Dios fuere ofendido  
Y no temido,  
Generalmente olvidado ;  
No será mucho alongado,  
Mas llegado,  
El juicio prometido.  
Cuando fuere lealtad  
Y la verdad  
Despreciada y no valida,  
Cuando vieran que la vida  
Es abatida,  
Del que sigue la bondad ;  
Cuando vieran que justicia  
Está en malicia,  
Y la fe fria, enechada,  
Y la Iglesia sagrada  
Captivada  
De la tirana codicia ;  
Cuando vieran trabajar  
Por levantar  
Palacios demasiados,  
Y los pequeños menguados  
*Desolados* ;  
*No puede mucho tardar.*  
*Y cuando vieran perdida*

Y consumida  
 La vergüenza y la razon,  
 Y reinar la presuncion ;  
 Nesta sazon  
 Perderá el mundo la vida.  
 Y cuando mas segurado  
 Y olvidado  
 De la fin él mismo sea,  
 En aquel tiempo se crea,  
 Que ha de ser todo abrasado.

(Abrem-se as cortinas onde está todo o appara-to do Nascimento, e cantoão quatro Anjos.)

“Ro ro ro

“Nuestro Dios y Redentor,  
 “No lloreis, que dais dolor  
 “Á la virgen que os parió.  
 “Ro ro ro.

“Niño hijo de Dios Padre,  
 “Padre de todalas cosas,  
 “Cesen las lágrimas vuesas,  
 “No llorará vuestra madre,  
 “Pues sin dolor os parió.

“Ro ro ro,

“No le deis vos pena, no.

“Ora, niño, ro ro ro,

“Nuestro Dios y Redentor,  
 “No lloreis, que dais dolor  
 “Á la virgen que os parió.  
 “Ro ro ro.”

*Moys.* Naquel cantar sento yo,  
 Y cierto só,

Que nuestro Dios es nacido ;  
 Y llora por ser sabido  
 Y conocido,  
 Que es de carne como yo.

**CIM.** Yo así lo afirmaria  
 Y juraria ;  
 Que lo deben estar brizando,  
 Y los ángeles cantando  
 Su divinal melodía.

**ESAIAS** Pues vámolo adorar,  
 Y visitar  
 El recien nacido á nos :  
 Verán nuestros ojos dos  
 Un solo Dios,  
 Nacido por nos salvar.

(*Vão cantando em chacota, e chegando ao p  
sepio diz*)

**PER.** Erutea, ves allí  
 Lo que ví,  
 La cerrada flor parida.  
**ABR.** Oh vida de nuestra vida,  
 Guarecida  
 Y remediada por ti !  
 A tí adoro, Redentor,  
 Mi señor,  
 Dios y hombre verdadero,  
 Santo y divino cordero,  
 Postrimero  
 Sacrificio mayor !

**Moys.** Oh pastorcico nacido,  
 Muy sabido,

De tu ganado cuidadoso,  
 Contra los lobos sañoso,  
 Y piedoso  
 Al rebaño enflaquecido !  
 Por la tierna carne jhumana,  
 Nuestra hermana,  
 Que en ese brizo sospira,  
 Que nos libres de tu ira,  
 Y las ánimas nos sana !

**SAL.**      Qué oracion, Dios, te harán,  
 Qué dirán !  
 Oh gran Rei desde niñito  
 Por natureza bendito,  
 Infinito,  
 Ab eterno capitán,  
 De celeste imperio heredero  
 Por entero,  
 De deidad coronado !  
 Adórote, Dios humanado,  
 Y por nos hecho cordero !

**ESAIAS** Adórote, santo Mesías !  
 En mis dias  
 Y para siempre te creo,  
 Pues con mis ojos te veo  
 En tal aseo,  
 Que cumples las profecías.  
 Niño, adoro tu alteza  
 Con firmeza ;  
 Y pues no tengo desculpa,  
 Á tus pies digo mi culpa,  
 Y confeso mi flaueza.

**CASS.** Señor, yo, de ya perdida  
 Nesta vida,  
 No te oso pedir nada,  
 Porque nunca dí pasada  
 Concertada ;  
 Ni debiera ser nacida.  
 Virgen y madre de Dios,  
 Á vos, á vos,  
 Corona de las mugeres,  
 Por vuestros siete placeres,  
 Que quieras rogar por nos.

**CIM.** Espejo de generaciones  
 Y naciones,  
 De Dios hija, madre y esposa,  
 Alta Reina gloriosa,  
 Especiosa,  
 Cumbre de las perfecciones !  
 Oh estrada en campos llanos  
 De humanos  
 Sospiros á ti corrientes,  
 Oidora de las gentes,  
 Encomiéndome en tus manos !

**PER.** Oh clima de nuestro polo !  
 Un bien olo,  
 Planeta de nuestra gloria,  
 Influencia de vitoria :  
 Por memoria  
 Nuestro sino laureolo.

**ERUT.** *Ave, stella matutina,*  
*Bella y dina !*  
*Ave, rosa, blanca flor !*

Tú pariste el Redentor,  
Y tu color,  
Del parto quedó mas fina.

*(abada assi sua adoração cantáraõ a seguinte cantiga, feita c ensoada pelo autor.)*

los. "Muy gracirosa es la doncella :

"Como es bella y hermosa !

"Degas tú, el marinero,

"Que en las naves vivias,

"Si la nave ó la vela ó la estrella

"Es tan bella.

"Degas tú, el caballero,

"Que las armas vestías,

"Si el caballo ó las armas ó la guerra

"Es tan bella.

"Degas tú, el pastorcico,

"Que el ganadico guardas,

"Si el ganado ó las valles ó la sierra

"Es tan bella.."

, bailado de terreiro de tres por tres : e por  
despedida o vilancete seguinte.)

"Á la guerra,

"Caballeros esforzados ;

"Pues los ángeles sagrados

"Á socorro son en tierra.

"Á la guerra !

"Con armas resplandecientes

"Vienen del cielo volando,

"Dios y hombre apelidando

"En socorro de las gentes.

"Á la guerra,

“ Caballeros esmerados ;  
“ Pues los ángeles sagrados  
“ A socorro son en tierra.  
“ A la guerra ! ”

---

## AUTO DA FÉ.

### FIGURAS.

FÉ. — BRAZ. — BENITO. — SYLVESTRE.

*A seguinte representação foi representada em Almeirim ao mui poderoso Rei D. Manuel. Cuja invenção he, que estando nas matinas do Natal, entrão dous pastores simpres na capella; e estando maravilhados no pontifical de todas aquellas cousas, entra a Fé, que lhe declara a significação dellas.*

*(Entra primeiramente um pastor chamado Braz, e vendo assi aquella festa, chama seu companheiro, dizendo :)*

- BRAZ. Benito, aqui está la boda.  
BEN. Ha, no te le dije yo?  
Juro á diez que allá me vó.  
BRAZ. Aquí está la gente toda.  
BEN. Cuantos que estos zotes son,  
Ó cregos ó son personas.  
BRAZ. Mas que monton de coronas!  
Bendigalos santo Anton.  
BEN. Quien supiese deslindar  
Cual es crego ó sancristan!

- BRAZ. De mil relleas estan.
- BEN. Cata, mas ha hi que mirar :  
Qué siñifica esta mesa  
Con tanta retartanilla ?
- BRAZ. Bobo, es cama á for de villa,  
Chaqueada á la francesa.
- BEN. Cuerpo de santa Pipia !  
Sabes mas que tú ni yo.
- BRAZ. Yo atabobado estó  
De ver tal negromancia !  
Sabrásmo tú rellatar  
Que declinan estas lumbreras ?  
Son candelas ó bugeras ?
- BRAZ. No lo sé pronunciar.  
Son palos daquel natío,  
Sonecas nacen no sé donde.
- BEN. Ni jota no se te esconde ;  
Pelletras mas que tu tio.
- BRAZ. Oh que cosa tan garrida  
Es aquello que allí está !
- BEN. Y aquello qué sará ?
- BRAZ. Nunca tal ví en mi vida.  
Juro á diez, mas bobo estó  
Que el triste que anda en aprito.  
No te quellotras, Benito ?
- BEN. Mas que tú bobeo yo :  
No hago sino pensar,  
Maginando nesta fiesta.
- BRAZ. Es aquello ciesto ó ciesta,  
O artesa de amasar ?
- BEN. Que es aquella sevandija.

Amarilla incrucijada ?

BRAZ. Será serpiente encantada,  
O es negocio de igrija ?  
O sabes lo que será ?

Donde dealindan los pleitos.

BEN. Ternás muy grandes respetos,  
Si Dios la vida te da.  
Hideputa, como aciertas !

Y pareces bobillon.

BRAZ. Está quedo, neciarron :  
Siempre andas con gingretas.

BEN. Pelletremos poco á poco,  
Que infiñita aqui está gente  
Tan alegre y tan contente,  
Quellotrada de alvorozo.

BRAZ. Aquellas mágines seran ?

BEN. Qué pegullal tan garrido !

BRAZ. Parece plado florido,  
La mañana de San Juan.

BEN. Hay aqui tanto que ver,  
Que me siento atabobado.

BRAZ. Quien hallará algun lletrado,  
Que supiera esto entender.

(Vem a Fé)

BEN. Esta que viene repicada,  
Quellotrada á la morisca,  
Nos dirá que sefiefisca,  
Que ella debe ser lletrada.

BRAZ. Y ella hace revellada.

BEN. Cata, cata como está.

BRAZ. Quien será que viene acá ?

Es imágine sagrada.

BEN. Ha ! no plaga á nuestros amos,  
Y no pese no de nos,  
Que no hecimos los dos  
Revelléncia, cuando entramos.

BRAZ. Hugo, Hugo te quellotras !  
Bien se pude corregir:  
Tornémonos á salir,  
Y revellemos ahotas.

BEN. Tú, Braz, harás la entrada.

BRAZ. Mas entremos par á par,  
Porque nos cumple arrimar  
Al dar de la revellada.  
Comencemos á la una.

BEN. Tente, tente sobre tí.

BRAZ. Si tú te piegas á mi,  
Diablo, bestia ovejana !  
La mesura bien está :

Las manos tambien pongamos.

BEN. Porque no nos asentamos ?

BRAZ. El diablo acertará.

BEN. Tú no ves como está ella ?

BRAZ. Ora ponte tú, veremos.

BEN. Cumple que nos debloquemos,  
Y tengamos ojo en ella.

BRAZ. Está hablando entre dientes.  
Haces burla del verano !

BEN. Ya se me hincha una mano :  
Y tú, carillo, qué sientes ?

BRAZ. Las rodillas entumidas,  
Las piernas me están temblando.

- EN. Ella que está maginando ?  
RAZ. Tienc las mientes perdidas.  
EN. Levantémonos de aqui :  
Nosotros bobos estamos.  
Vamos á ver nuestros amos.  
RAZ. No me tengo de ir así.  
Sepamos desta zagala  
Quien es, y lo que finita.  
O zagaleja bendita,  
Quien sois vos de tanta gala ?  
No hablais? pues no sois muda.  
EN. Espera; ya se levanta.  
RAZ. Tanta revellencia, tanta !  
EN. Juri á san que es resesuda.  
Vós outros, que demandais?  
RAZ. Nosotros qué os queremos?  
Si á nos lo perguntais,  
Nosotros no lo sabemos.  
A divinal claridade  
Seja em vosso entendimento,  
E vos dê conhecimento  
De sua natividade.  
RAZ. Mas quien sois vos, ó quien serés?  
Pastores, eu sam a Fé.  
RAZ. Ablenuncio Satané!  
Fá ni sé no sé que se es.  
Fé he crer o que não vemos,  
Pela glória que esperamos;  
Amar o que não comprehendemos,  
Nem vemos nem conhecemos,  
Para que salvos sejamos.

**BRAZ.** Ahora lo entiendo menos :  
 Rellata eso mas claro ;  
 Que perjuro á Santo Amaro,  
 Que ni punto os entendemos.

**FÉ.** Fé he amar a Deos, so por elle,  
 Quanto se pôde amar,  
 Por ser elle singular,  
 Não por interesse delle :  
 E se mais quereis saber,  
 Crer na Madre Igreja sancta,  
 E cantar o que ella canta,  
 E querer o que ella quer.

**BEN.** El que pregunta no yerra :  
 Qué es aquella encrucijada,  
 Que allí está tan replicada,  
 Que semeja roble en sierra ?

**FÉ.** Aquella he a arvore da vida.

**BRAZ.** No deslindais como ha nombre ?  
 Y qué hace allí aquel hombre  
 Puesto y la color perdida ?

**FÉ.** Aquella he a cruz preciosa,  
 Para sempre esclarecida,  
 Para os perigos desta vida,  
 E não da salvação nossa.  
 O homem se chama Jesu,  
 Messias, Rei, Salvador,  
 Deos e homem, Redemptor,  
 (Não sei se o entendes tu)  
 Deos he seu nome maior.

**BRAZ.** Mi amo ha nombre tambien  
 Pero Alonso, e Pero Matos,

- Y Perazo lo llaman harts,  
Ansí como á mano vien.  
Allá en nuestro lugar,  
Si no viene lluvia ni vella,  
Toman una como aquella  
Nuestros amos, á clamar  
*Ora pro nubes, ora pro nubes;*  
Y las mugeres ansi  
La que mas gritillo tiene :  
La lluvia ni va ni viene,  
Y la cruz estáse ahi.  
Vámonos ; anda ca, Bras,  
Ya gran rato que aqui estamos ;  
Bien conoces nuestros amos :  
Anda, no cures de mas.
- z. No sabrás primero, di,  
Aquesta gente baldía  
Si dormieron todo el dia,  
O qué noche es esta aqui ?  
Ella es noche de alegría ;  
Ninguno está aqui soñoliento.  
He noute do nascimento,  
Em que Deos mostrou seu dia.  
He noute de gran memoria,  
Noute em dia convertida,  
Escuridão consumida  
Con gran resplendor de glória :  
No meio mais lumiosa  
Que no mundo nunca viste,  
E de escura, fria e triste,  
A mais doce e gloriosa.

Oh noute favorecida  
 De memoravel coroa,  
 Vista de Deos em pessoa,  
 Começando humana vida !  
 Dos anjos toda cercada,  
 Dos elementos servida,  
 Do Padre e Filho escolhida,  
 Do Sprito Sancto espirada !

BRAZ. Que no os entiendo, no,  
 Ni sé que cosas hablais,  
 Si mas no lo aclarais.  
 Como estava me estó.  
 Si es noche de navidá,  
 Esa es otra sevandija ;  
 Mas no veo en nuestra igrija  
 Esto ansi como aqui está.

FÉ. Haveis de crer firmemente  
 Tudo quanto vos disser  
 Os que salvos quereis ser  
 Naquesta vida presente :  
 Crede o sancto nascimento,  
 Ser Deos da Virgem nascido,  
 Verbo de Deos concebido  
 Para novo testamento.

E que a Virgem gloria  
 Ficou tal como nasceo ;  
 E sem dor appareceo  
 A nossa flor preciosa,  
 Deos em toda perfeição,  
 Homem para padecer,  
 E tirar a Lúcisér

- Toda sua jurdição.  
 AZ.    Qué afios ha que acaeció ?  
       Mil e quinhentos e dez.  
 AZ.    Y ahora nace otra vez ?  
       De mil años se acordó !  
       Quizá si hombre allá se hallára...  
       Tanto monta se agora  
       Contemplares aquella hora  
       Como se agora passára.  
       Pastor, faze tu assi :  
       Começa de imaginar  
       Que ves a Virgem estar  
       Como se estivesse ahi :  
       E esta Virgem mui ornada,  
       De pobreza guarnecida,  
       De raios esclarecida,  
       De joelhos humilhada :  
       E que ves diante della  
       Hum menino então nascido,  
       Filho de Deos concebido  
       Naquella sancta donzella.  
       Ve o menino chorar,  
       E a Seuhora affligida,  
       Sem ter cousa nesta vida,  
       Nem pannos para o pensar :  
       Na mangedoura mettido  
       Em pobre palha chorando,  
       E os anjos embalando  
       O menino entanguecido.  
 AZ.    Con eso se me acordó.  
       Que cuando parió mi ama

Chapuzada allí en la cama  
Todos los huevos comió.  
Y tú, Benito?

BEN. Maginava  
Que era aquello bien de ver,  
Ver á nuestro Dios nacer :  
Y en esto me espipitava.  
Decidnos, Señora vos,  
Porque tan pobre nacia ?  
Todo el mundo no tenia  
Por suyo, pucs era Dios ?

FÉ. Por mostrar que a pobreza  
Actual e spritual  
He o toque principal.  
Da celestial riqueza :  
Porque he porta da humildade,  
Caminho da paciencia,  
Horto da sancta prudencia,  
Esteio da sanctidade.

He abrigo dos cuidados,  
E de mundanas mudanças,  
Fôrra de vans esperanças  
Dos homens desesperados.  
Da Fortuna vencedora,  
D'adversidades isenta,  
Não segura na tormenta,  
Que tem porto cada hora.

Portanto a Virgem real,  
Per geração generosa,  
Foi a mais pobre e humildosa,  
De todo o genero humano!..

E assi o verbo do Padre  
*Ecce ancilla concebido*  
 Pobre humilde foi nacido,  
 Bem parecido á madre.

Sentindo nossa miseria,  
 Chorava o sancto menino,  
 Cuberto, occulto o divino  
 Daquelle fraca materia.  
 E porque elle he dado a nós,  
 Cujo imperio he eternal,  
 Faz esta corte real  
 A festa que vedes vós.

Vós outros tambem cantai  
 Por vosso uso acostumado  
 Como lá cantais co' o gado :  
 Ambos de dous começai.

BRAZ. Cantiquemos por San Polo.

BEN. *Abrenuncio nos a malo !*

Ora pues tenme este palo,  
 Verás como canto solo.

“ No no no no no no

“ No no no

“ Que no quiere estar en casa ;

“ No me pagan mi soldada

“ No no no, que no que no.

“ No me pagan mi soldada,

“ No tengo sayo ni saya

“ No no no, que no que no.”

Ha Sylvestre !

SYL. Héme aqui.

BRAZ. Adó diablo estabas ?

- SYL. Bien oí lo que hablabas,  
Y aun esotra, que está ahi.  
BRAZ. Viste tanto zote ya?  
No ha poder que no te asombres.  
SYL. Mas ha cregos, que no hombres;  
Mas á nos qué se nos da.  
Yo y estos tres compañeros,  
Pues que es noche de alegría,  
Cantaremos melodía,  
Mejor que cuatro gaiteros.  
BRAZ. Vos, prchecha Fé sagrada,  
Vida de nuestro consuelo,  
Pues nos mostrastes el cielo,  
Seais por siempre loada.

*Cantão a quattro vozes húa enselada q  
vicio de França, e assi se vño com ella, e ac  
ba a obra.*

## AUTO DOS QUATRO TEMPOS.

### FIGURAS.

VERÃO. — INVERNO. — ESTIO. — OUTONO. —  
JUPITER. — HUM SERAPHIM. — DOUS AN-  
JOS, E HUM ARCHANJO.

*Esta seguinte obra se chama dos Quatro Tempos: foi representada ao mui nobre e próspero Rei D. Manuel na cidade de Lisboa, nos paços de Alcaçova, na capella de San Miguel, por mandado da sobredita Senhora sua irman, nas matinas do Natal.*

*(Entra o Seraphim dizendo ao Archanjo e douz Anjos, que vem com elle.)*

SER.      **N**uevo goso, nueva gloria,  
              Criada en el seno eterno,  
              Es llegada :  
              Gran mudanza, gran vitoria  
              Por nuestro Dios sempiterno  
              Nos es dada.  
              La clara luz anciana  
              Mudada, hecha moderna  
              En nuevo trage,  
              Y la bondad soberana

Se alegra en la edad tierna  
 Sin ultrage.  
 Nuestro goso se acrecienta,  
 Nuestra gloria va pujando  
 Neste dia ;  
 Y la infernal serpiente  
 Ya privando va del mando,  
 Que tenia  
 Los secretos abrazados,  
 Muy mas que puedo deciros,  
 Revelados.  
 Las paces son acabadas,  
 Y los antigos sospiros  
 Son cesados.  
 Ya el mundo tenebroso  
 Relumbra por las alturas  
 Dó salió,  
 Porque el obrador poderoso  
 Exalzó las criaturas,  
 Que crió :  
 La clara obra infinita,  
 Infinitamente obrada  
 Y obradora,  
 Quiso su bondad bendita  
 Que fuese manifestada  
 Nesta hora.  
 El infinito amador,  
 Infinitamente amando  
 Cosa amada  
 De infinito valor,  
 Supo donde, quiso cuando

Ser mostrada.  
Y el amor mediante,  
Por do el amador y amado  
Son liados,  
Es plantado en un infante  
Con el Padre en un estado  
Concordados.

Pues vámose á ver nacido,  
Veremos como está puesto  
El infinito  
De humana carne vestido,  
De huesos, nervios compuesto.  
Tamañito  
Veremos como se muestra  
Recian nacido de ahora,  
Poco ha;  
Veremos la reina nuestra,  
Nuestra gran superiora,  
Qual está.

Vamos ver pulcra y decora  
Como está, clara y lumbrosa,  
Descansada;  
Vamos ver nuestra señora,  
La mas bella y graciosa,  
Desposada  
Vamos ver la clara silla  
Eternalmente guardada  
En alto grado;  
Vamos ver la sin mancilla,  
Vamos ver la preservada  
De pecado:

Emperatriz soberana,  
 De todo cuento del viso  
**Angelical,**  
 Reina del cielo á la llana,  
 Señora del paraíso  
**Terronal :**  
 La gran princesa sin falta  
 Deste valle lacrimoso,  
 Donde mora.  
 La gran Duquesa muy alta  
 De la paz y del reposo,  
 Desde ahora.

Vamos ver con que doncellas,  
 Con que galas, con que arreos,  
 La hallamos,  
 La madre de las estrellas,  
 Cumbre de nuestros deseos  
 Que esperamos.  
 Lleguemos darle loores,  
 Vamos servir su Alteza  
**Esclarecida ;**  
 Que no terná servidores,  
 Segun siempre amó pobresa  
 En esta vida.

(Chegando todos as quatro figuras, s. o Seraphim, Anjos e Archanjo, ao presépio, adorando o Senhor, cantando o seguinte vilancete.)

“A tí, dino de adorar,  
 “A tí, nuestro Dios, loamos,  
 “A tí, señor, confesamos  
 .. Sanctus, sanctus, sin cesar.

“ Inmenso Padre eternal,  
 “ Omnis terra honra á tí,  
 “ Tibi omnes angelí,  
 “ Y el coro celestial,  
 “ Pues que es díno de adorar,  
 “ Querubines te cantamos,  
 “ Arcángeles te bradamos  
 “ Sanctus, sanctus, sin cesar.

(*E depois da adoração dos Scraphins &c. vem os quatro Tempos, c primeiramente vem hum pastor, que significa o Inverno, e vem cantando.*)

Inv.     “ Mal haya quien los envuelve  
           “ Los mis amores ;  
           “ Mal haya quien los envuelve. ”  
           Ora pues, ea rabiar,  
           Grama de Val de Sogar,  
           Que no ha hi pedernal  
           Ni aparejo de calentar :  
           Vienta mas recio que un fuele,  
           De parte del regaſón ;  
           Enfriame el corazon,  
           Qne no ama como suele.  
           “ Mal haya quien los envuelve  
           “ Los mis amores ;  
           “ Mal haya quien los envuelve. ”  
           La lluvia como desgrana !  
           Doy á rabia el mal tempero ;  
           Aquesto no lleva apero  
           Para que llegue á mañana.  
           Mal grado haya la nieve,

Que mis amores, (triste yo !)  
 Cuando yo mas firme estó,  
 No los hallo como suele.

“ Mal haya quien los envuelva  
 “ Los mis amores ;  
 “ Mal haya quien los envuelva.”

Las uñas traigo perdidas,  
 Los piés llenos de frieras,  
 Mil rabias dé mil maneras  
 Traigo en el cuerpo metidas :  
 Tengo el hielo en los huesos,  
 Muérense los corderos.

“ Los mis amores primeros  
 “ En Sevilla quedan presos :  
 “ Los mis amores ”  
 “ Mal haya quien los envuelva.”

Oh qué fiasca nebrina,  
 Grániso, lluvia, ventisco !  
 Todo me pierdo abarrisco,  
 El cierzo me desatina :  
 Mis ovejas y carreteros,  
 De hiebla, no sé qué es dellos.

“ En Sevilla quedan presos  
 “ Por cordon de mis cabellos  
 “ Los mis amores :  
 “ Mal haya quien los envuelva.”

Todo de frío parece ;  
 Las aves todas se fueron,  
 Las mas dellas se sumieron,  
 Que ninguna no parece ;  
 Ni cigueñas, ni malloas,

Ni pitorras, jilgueritos,  
 Tórtolas y pajaritos,  
 Y mis amores tamaños.  
 “En Sevilla quedan ambos  
 “Los mis amores :  
 “Mal haya quien los envuelve.”  
 Hideputa ! que tempero  
 Para andar enamorado,  
 Repicado y requebrado,  
 Con la hija del herrero !  
 Los borregos de mis amos;  
 La burra, hato y caballos,  
 Con la tempestad tamaña,  
 No sé adó los dejamos.  
 “En Sevilla quedan ambos,  
 “Sobre ellos armaban bandos  
 “Los mis amores :  
 “Mal haya quien los envuelve.”  
 Quiérome hechar á dormir,  
 Ver si puedo talentar.  
 Ora pues, ea rabiar,  
 Que no tengo d' morir.  
 Por mal traje que me das,  
 No me ha de matar desmayo.  
 Oh quient me ora ca mi sayo,  
 Para cubrirme estos piés !

(Cantando.)

VERÃO “En la huerta nace la rosa :  
 “Quiérome ir allá,  
 “Por mirar al ruisenor  
 “Como cantaba.”

Afuera, afuera, nublados,  
 Neblinas y ventisqueros !  
 Reverdean los oteros,  
 Los valles, sierras y prados !  
 Reventado sea el frío,  
 Y su natío :  
 Salgan los nuevos vapores,  
 Pintese el campo de flores  
 Hasta que venga el estío.

“ Por las riberas del río  
 “ Limones coge la virgo :  
 “ Quiérome ir allá,  
 “ Por mirar al ruiseñor  
 “ Como cantaba.”

Suso, suso, los garzones  
 Anden todos repicados,  
 Namorados, requebrados :  
 Renovar los corazones !  
 Agora reina Cupido,  
 Desque visto  
 La nueva sangre venida :  
 Agora da nueva vida  
 Al namorado perdido.  
 “ Limones cogia la virgo  
 “ Para dar al su amigo.  
 “ Quiérome ir allá,  
 “ Para ver al ruiseñor  
 “ Como cantaba.”

Como me extiendo á placer !  
*O hideputa zagal,*  
*Qué tiempo tan natural*

Para no adolecer!

Cuantas mas veces me miro  
Y me remiro,  
Véome tan quillotrado,  
Tan lucio y bien asombrado,  
Que nunea lacer me tiro.

“ Para dar al su amigo  
“ En un sombrero de sirgo.  
“ Quiérome ir allá,  
“ Por mirar al ruiseñor  
“ Como cantaba.”

Las abejas colmeneras  
Ya me zufien los oidos,  
Paciendo por los floridos  
Las flores mas placenteras.  
Cuán granado viene el trigo!  
Nuestro amigo,  
Que pese á todos los vientos,  
Los pueblos traé contentos,  
Todos estan bien conmigo.

El sol, que estaba sumido,  
Partido deste horison,  
Se sube á septentrion  
En este tiempo garrido.  
Por eso vengo florido,  
Engrandecido,  
Dando mal grado á Enero :  
Geminis, Toro y el Carnero,  
Me traen loco perdido.

Hago claras las riberas,  
*El frio hecho en las fuentes,*

El tomillo por los montes  
Huele de dos mil maneras.  
La luna cuán clara sale !  
Si me vale,  
Tengo tres meses floridos,  
Y despues de estos cumplidos  
Es por fuerza que me calle.

(*Entra o Estio, húa figura muito  
muito enferma, muito magra, co  
capella de palha.*)

**ESTIO.** Terrible fiebre efimera,  
Ética y fiebre podrida,  
Me traen seca la vida,  
Acosándome que muera.  
Dolor de mala manera  
Traigo en las narices mias :  
No duermo noches ni dias,  
Ardo de dentro y de fuera.

La boca tengo amargosa,  
Los ojos traigo amarillos,  
Flacos, secos los carillos,  
Y no puedo comer cosa.  
La sed es cosa espantosa,  
La lengua blanca, sedienta ;  
La cabeza me atormienta  
Con calentura rabiosa.

Mi calma perseverada,  
Mis dias duran mil años :  
Los calores son tamaños,  
Que es cosa descompasada  
El agua toda ensecada,

Polvorosos los caminos ;  
Los melones y pepinos  
Hacen dolencia doblada.

Cancer, Virgo y el Leon,  
Los registros de mis dias,  
Saben las coleras mias,  
Y las flames cuantas son.  
Tambien saben la razon  
Da questa mi calentura,  
Y porque quiere ventura  
Que tenga siempre sezon.

Xo O hideputa ! qué aseo !  
Á qué veniste, mortaja ?  
Siempre vienes hacer paja  
Todo cuanto yo verdeo.  
Como vienes luengo y feo,  
Y chamuscado el carillo,  
Seco, flaco y amarillo,  
Vestido de mal aseo !

O malegrado de Estio,  
Á qué vienes ! véto, véte,  
No estio, mas hastio.

O Calla, calla, verdolete,  
Que bueno es el tiempo mio ;  
Porque asesa tus locuras,  
Tus vanas flores y rosas,  
Y otras cosas curiosas,  
Que en ti no son seguras.

Xo Este que viene quién es ?  
Es lo Otoño, por mi vida.  
. Ora norabuena esteis.

**V**ERÃO Buena sea tu venida.

**O**UT. Todos juntos qué haceis?

**V**ERÃO Yo bien tengo trabajado,  
Y este cara de ahorcadó  
Me sacó cuanto aquí veis.

**O**UT. Ya todo está madurado,  
Yo vengo coger el fructo.

**V**ERÃO Pues si tú no hallas mucho,  
Este Estio lo ha estragado.

**O**UT. Muy bien está, Dios loado.

**I**NV. Abellotas no nacieron.

**V**ERÃO Muchas fructas se comieron  
En estotro mes pasado.

**O**UT. No quedó fructa ni nada,  
Ni hojas no las verás.  
Tú, Verano, de hoy á mas  
Acógete á tu mesnada;  
Tú, Estio, á tu posada,  
Cura bien tu calentura,  
Que, si viene la fríura,  
Ternas cuartana doblada.

(*Entra Jupiter.*)

**J**UP. O tú, gigantea diesa,  
Delante la ligereza  
De Boreas  
Toda la tierra atraviesa;  
Da combate á la tristeza  
Do la veas.  
Dí al resto de Encas,  
Prosperada Romulana,  
Gran señora,

Que haga fiestas las peleas,  
Pues que Latonio y Diana  
Hoy adora.

Aclara, Febo lumbroso,  
Los pasos peligrinantes  
Que camino;  
Porque el tiempo mentiroso  
De los dioses triunfantes  
Pierde el tino.  
No se usará ya mas  
Venerar templo á Diana,  
Ni á Juno;  
Ni se verá, ni verás,  
Estar Februa usana  
Nel trébuno.

Ni Apolo se verá,  
Ni los Bacos adorados  
De Romanos:  
Ni el Himeneo será  
Padrino de los casados  
Persianos:  
Ni las ninfas aguaceras  
Traerán aguas por ruegos  
De las gentes:  
Ni las hadas hechiceras  
Mostrarán fingidos fuegos  
De serpientes.

Y Nayades y Dianas,  
Las Driades cazadoras,  
Y Netuno,  
Y las tres dioses troyanas,

Dejarán de ser señoras  
 De consuno :  
 Y la Rhamnusia doncella  
 Decida de su castillo  
 Con ultrage,  
 Y todas estas con ella  
 Daran al niño chiquillo  
 El menage.

La nueva infante Safos  
 Subió al monte Parnaso,  
 Con aliño  
 De traer en tierra Dios  
 De los Alpes en lo raso,  
 Hecho niño :  
 La cual infante gloria  
 En la Castália fuente  
 Se bañó ;  
 Porque siendo generosa,  
 Humildosa por el monte  
 Se subió.

La muy escura vision  
 De la caverna Saturna,  
 Con las vidas  
 De los hijos de Monjergon,  
 Y de la diesa nocturna,  
 Son sumidos.  
 Los venenos ponzoñosos,  
 Que de Medusa salieron  
 Goteando,  
 Sus actos tanto dañosos,  
 Cuando tal misterio vieron,

Van cesando.

La Hechene venenosa,  
Y aquella Estyx laguna  
Infernenta,  
Desde ahora temerosa  
Está su boca importuna,  
De contenta.  
Creo que oyó los bramidos  
De los bregos ancianos  
De alegría,  
Porque hoy son abatidos  
Los infernales tiranos  
Neste dia.

Todos van hoy adorar  
Al criador poderoso,  
Que es nacido ;  
Las aves con su cantar,  
Y el ganado selvinoso  
Con bramido.  
Los salvaginos bestiales  
Con olicorne pandero  
Dan laores ;  
Y los brutos animales  
Adoran aquel cordero,  
Y los pastores.

Pues qué haceis, Tiempos hermanos,  
Descuidados del amor  
Del que nació ?  
Levantad todos las manos,  
Vamos ver aquel Señor,  
Que nos crió.

**INV.** No decis, si puedo yo?  
No veis que estoy renegado  
Del tempero?

**VERÃO** Cuantés yo sudando estó.

**ESTIO.** Fiebres me tienen cansado,  
Pero no os diré de no,  
Que ver lo quiero.

**INV.** O Júpiter, si en tu ventura  
Topásemos allá fuego,  
Luego holgaria.

**JUP.** El criador y criatura  
Es el mundo y es el huego,  
Y él lo envía.

**ESTIO.** Aquesta dolencia mia  
Le tengo de encomendar  
De corazon.

**VERÃO** Yo cantaré de alegría.

**OUT.** Comencemos á cantar  
Una cancion.

(*Até chegarem ao presepio vão cantando huma cantiga franceza, que diz :)*  
*Ay de la noble Villa de Paris &c.*

**JUP.** Alto niño en excelencia,  
Yo vengo de las alturas  
Á te adorar,  
Y traerte obediencia  
De todas las criaturas  
Sin faltar.  
De toda la redondeza,  
Sin faltar, digo, ninguna,

Se ayuntaron,  
Y á adorar tu grandeza,  
Tu dividad sola una,  
Me enviaron.

Diana y Febo lumbroso,  
Mars, Mercurio, Venus, Juno,  
Donde moran,  
Y Saturno venenoso,  
Todos juntos de consuno  
Te adoran.  
Castor y Polux unidas,  
Y todo el círculo galajo  
Y cristalino,  
Y las Pleyades lucidas,  
Te adoran en este bajo  
De contino.

Planetas, fijas estrellas,  
Y la estrella Orion,  
Y la Canina,  
La mayor y menor dellas,  
Com inmensa devucion  
Se te inclina.  
Y el tu cielo etereo,  
Círculos y Zodiaco,  
Y Arcturo sino  
Reconocen tu aseo ;  
No segun el cuerpo flaco,  
Mas divino.

El monte de Ipolmorea,  
Y montañas de Carmelo,  
Y Gelboé,

Y la montaña Rifea  
 Alegres com mucho zelo  
 Las hallé.  
 El monte de Selmeron,  
 Y montañas de Efrain,  
 Y de Galaad,  
 Y las selvas de Frion,  
 Mandan adorar por mí  
 Tu deidad.

Y el noble rio Ganges,  
 Con oro, piedras, metales,  
 Y arboledas,  
 Alegre, claro y cortés,  
 Te ofrecen, con sus iguales,  
 Cosas ledas.  
 Eufrates, Tigre, Guijon,  
 Con cosas muy olorosas  
 Se te ofrecen  
 Sin ninguna division.  
 En fin que todas las cosas  
 Te obedecen.

Inv. Señor, yo triste nací,  
 Y sin ventura ninguna:  
 Pues me criaste en fortuna,  
 Cual me soy yo, véisme aqñi  
 Con vientos muy fortunosos  
 Y rabiosos,  
 Tempestades y tormentas,  
 Y con otras mas afrentas,  
 Y tiempos muy peligrosos.  
 Con la noche me cubriste,

Y del dia me quitaste ;  
En tenieblas me formaste :  
Esto es lo que me diste.  
Con todo esto, que lloro,  
Te adoro,  
Com mi mísico temblar ;  
Y creo que has de juzgar  
Este mundo do me moro.

Xo] Yo Vesano, tu vasallo,  
Pues me das mejor estrena,  
Quiépote dar cuenta buena  
De las cosas que en mí hallo,  
Y tu bondad las ordena.  
Hállose frío y caliente,  
Los humores mucho sanos  
De aves, yerbas, gusanos,  
Desta manera siguiente.

Muchas grullas y cigueñas,  
Golondrinas, abubillas,  
Palomas y tortolillas,  
Picapuercos y garceñas,  
Zorzales y avedueñas,  
Codornices y grideñas,  
Milanos y tantarañas,  
Muchos gayos y pardieñas.

Y tambien los gusanitos,  
Hormigas rubias y prietas,  
Mariposas y veletas,  
Cientopies y buercitos,  
Caracoles y garlitos,  
Moscas, ratos y ratones,

Muchas pulgas á montones,  
Y piojos infinitos :  
Agriones y rabazas,  
Apiopoleo, pampillo,  
Malmequieres amarillo,  
Almeirones y margazas,  
Florecitas por las zarzas,  
Madresilva y rosillas,  
Jazmines y maravillas,  
Rábanos, coles y alfazas :

Puerros, ajos y cebollas,  
Mastuerzo, habas, hervejas,  
Gravanizos, granos, lentejas,  
Verdolagas y vampollas,  
Mil yerbas, fructas y follas,  
Untesgina y catasol ;  
Y ansi hombre de prol  
Te doy gracias y grollas.

**ESTIO.** Señor, yo con mi dolencia,  
Mis fiebres y mi flaqueza,  
Me humillo á tu alteza,  
Y adoro tu clemencia  
De la triste vida mia  
Dolentia :  
Pues te place con ella,  
Quiero callar mi querella,  
Sufriendo de dia en dia.

(*Entra David, em figura de pastor, e diz.*)

Pues los ángeles sagrados,  
Y los Tiempos y Elementos,  
Tocan hoy caramillos,

Dejen todos los ganados  
 Los pastores muy contentos,  
 Silbemos, demos gritillos.  
 Yo tambien quiero tocar  
 Y cantar  
 Con mi salterio alegrías,  
 En tono de profecías,  
 Mientras me vaga lugar ;  
 Y luego os adoraré.

“ *Levavi oculos meos*  
 “ En los montes onde espero  
 “ Aquella ayuda que quiero  
 “ Con ahincados deseos.  
 Y la ayuda que demando  
 “ Repastando  
 “ En cima daquesta sierra  
 “ *Qui fecit caelum y tierra,*  
 “ De cuyo ganado ando  
 “ Careando.

“ *Ecce non dormitabit,*  
 “ Ni jamas el ojo pega  
 “ Aquel que guarda y navega :  
 “ *Israel, qui visitabit*  
 “ *Dominus custodit te.*  
 “ A la fe,  
 “ No temas cosa ninguna ;  
 “ De noche que haga luna,  
 “ Ni de dia el sol que dé,  
 “ *Non uret te.*  
 “ *Domine, benedixisti*  
 “ *Terram tuam, y el ganado,*

« Y á Jacob descarriado  
 « *Captivitatem advertisti:*  
 « Al pueblo lleno de males  
 « Desiguales  
 « *Remisisti iniquitatem:*  
 « Que te adoren y te acaten  
 « Los concejos y jarales,  
 « Y animales,  
 « Nuestra roña amara, triste  
 « De los pueblos apartaste ;  
 « *Iram tuam mitigasti,*  
 « *Et furorem advertisti.*  
 « Por ventura te pergunto,  
 « Si barrunto,  
 « *In æternum irasceris?*  
 « No creo, segun quien eres,  
 « Que hagas al pueblo junto  
 « Ser defunto.  
 « Bendecid, todas horas  
 « Del Señor, al Señor Dios ;  
 « Bendecid, ángeles vos,  
 « Bendecid, cielos, mil sobras ;  
 « *Benedicite, aquæ omnes,*  
 « Y dracones.  
 « *Benedicite sol y luna,*  
 « *Tempestates y fortuna ;*  
 « Bendecid á Dios, barones,  
 « Con eanciones. »  
*(Adora o presepio.)*  
 No te traigo otro presente,  
*Quoniam, si voluisses*

Sacrificium, darlo hia;  
Pero no eres placiente  
Por ofertas que aqui vieses;  
Ni te causan alegría:  
*Sacrificium Deo es.*  
El espíritu atribulado,  
Y el corazon contrito,  
El cual pido que me des,  
Andando com mi ganado  
Por el tu poder bendito.

*todos assi juntamente com Te Dexm Iau-*  
*us se despedirão, e derão fina a esti repre-*  
*sentante.*

## AUTO DA MOFINA MENDES.

### FIGURAS.

#### *Prologo, hum Frade.*

**A** VIRGEM. — PRUDENCIA. — POBREZA. — HUMILDADE. — FÉ. — O ANJO GABRIEL. — S. JOSEPH. — ANDRÉ. — PAYO VAZ. — PESSIVAL. — MOFINA MENDES. — BRAZ CARRASCO. — BARBA TRISTE. — TIBALDINHO. — ANJOS.

*A obra seguinte foi representada ao excel-lente Príncipe e muito poderoso Rei Dom João III, endereçada ás matinas do Natal, na era do Senhor 1534.*

*(Entra primeiramente hum Frade, e a modo de pregação diz o que se segue.)*

**F**RAD. **T**res cousas acho que fazem  
Ao doudo ser sandeu ;  
Húa ter pouco siso de seu,  
A outra, que esse que tem  
Não lhe presta mal nem bem :  
E a terceira,  
Que endoudece em gran maneira,

He o favor (livre-nos Deos)  
 Que faz do vento cimcira,  
 E do toutiço moleira,  
 E das ondas faz ilheos.

Diz Francisco de Mairões,  
 Ricardo, e Bonaventura,  
 Não me lembra em que escritura,  
 Nem sei em quaes distinções,  
 Nem a cópia das razões ;  
 Mas o latim  
 Creio que dizia assim :  
*Nolite vanitatis debemus confidere de his,*  
*qui capita sua posuerunt in manibus*  
*centorum &c.*

Quer dizer este matiz  
 Antre os primeiros que traz:  
 Não he sesudo o juiz,  
 Que tem geito no que diz,  
 E não acerta o que faz.  
 Diz Boecio — *de consolationis*,  
*Origenes — Marci Aureli,*  
*Sallustius — Catilinarium,*  
*Josepho — speculum bellum,*  
*Glosa interliniarum ;*  
*Vicentius — scala cæli,*  
*Magister sententiarum,*  
*Demosthenes, Calistrato ;*  
 Todos estes concertarão  
 Com Scoto, livro quarto;  
 Dizem : Não vos enganeia,  
 Letrados de rio torto,

Que o porvir não no sabeis,  
E quem nissó quer pôr peis  
Tem cabeça de minhotó;

O bruto animal da serra,  
Ó terra filha do barro,  
Como sabes tu, bebarro,  
Quando ha de tremer a terra,  
Que espantas os bois e o carro?

Pélos quaeas dixit *Anselmus*,  
E *Seneca*, — *Vandalorum*,  
E *Plinius* — *Choronicorum*,  
*Et tamen gloria ordinaria*,  
E *Alexander* — de alia;

*Aristoteles* — de secreta secretarum :

*Albertus Magnus*,  
*Tullius Ciceronis*,  
*Ricardus, Ilarius, Remigius*,  
Dizem, convem a saber :  
Se tens prenhe tua mulher,  
E per ti o compoeste,  
Queria de ti entender  
Em que hora ha de nascer,  
Ou que scições ha de ter  
Esse filho que fizeste.

Não no sabes ; quanto mais  
Commetterdes falsa guerra,  
Presumindo que alcançais  
Os secretos divinaes  
Que estão debaixo da terra.  
Polo que, diz *Quintus Curtius*,  
*Beda* — de religione christiana,



*Thomas — super trinitas alternati,  
Augustinus — de angelorum choris,  
Hieronimus — d' alphabetus hebraice,  
Bernardus — de virgo ascentionis,  
Remigius — de dignitate sacerdotum;*

Estes dizem juntamente  
Nos livros aqui allegados:  
Se filhos haver não pôdes,  
Nem filhas por teus peccados,  
Cria desses engeitados,  
Filhos de clérigos pobres.  
Pois tens saco de cruzados,  
Lembro-te o rico avarento,  
Que nesta vida gozava,  
E no inferno cantava:  
Agua, Deos, agua,  
Que lhe arde a pousada.

Mandárao-me aqui subir  
Neste sancto amphitheatro,  
Para aqui introduzir  
As figuras que hão de vir  
Com todo seu apparato.  
He de notar,  
Que haveis de considerar  
Isto ser contemplação  
Fóra da historia geral,  
Mas fundada em devação.

A qual obra he chamada  
Os mysterios da Virgem;  
Que entrará acompanhada  
De quatro Damas, com quem

De menina foi criada.  
 A húa chamão Pobreza,  
 Outra chamão Humildade ;  
 Damas de tanta nobreza,  
 Que tod' alma que as préza  
 He morada da Trindade.

Á outra, terceira dellas,  
 Chamão Fé por excellencia ;  
 Á outra chamão Prudencia.  
 E virá a Virgem com ellas,  
 Com mui fermosa apparencia.  
 Será logo o fundamento  
 Tractar de saudação,  
 E depois deste sermão,  
 Hum pouco do nascimento ;  
 Tudo per nova invençao.

Antes disto que dissemos,  
 Virá com musica orpheia  
*Domine labia mea,*  
*E Venite adoremus*  
 Vestido com capa alheia.  
 Trará *Te Deum laudamus*  
 D'escarlata húa libré :  
*Jam lucis orto sidere*  
 Cantará o *benedicamus*,  
 Pola gran festa que he.

*Quem terra, pontus, ætheræ*  
 Virá muito assocegado  
 N'hum sendeiro mal pensado,  
 E hum gibão de tafetá,  
 E húa gorra d'orelhado.

*Em este passo entra nossa Senhora, vestida como rainha, com as ditas donzelas, e diante quatro anjos com musica : e depois de assentadas, começão cada húa de estudar per seu livro, e diz a*

**VIRG.** Que ledes, minhas criadas?

Que achais escripto hi?

**PRUD.** Senhora, eu acho aqui  
Grandes cosas innovadas,  
E mui altas pera mi.  
Aqui a Sibylla Cimceria  
Diz que Deos será humanado  
De húa virgem sem peccado ;  
Que he profunda materia  
Para meu fraco cuidado.

**POMB.** Eruthea profetiza  
Diz aqui tambem o que sente :  
Que nascerá pobremente,  
Sem cueiro nem camiza,  
Nem cousa com que se aquecente.

**HUM.** E o propheta Isaias  
Falla nisso tambem ca :  
Eis a Virgem conceberá,  
E parirá o Messias,  
E frol virgem ficará.

**FÉ.** Cassandra d'elrei Priámo  
Mostrou essa rosa frol  
Com hum menino a par do sol  
A Cesar Octaviano,  
Que o adorou por Senhor.

**PRUD.** *Rubrum quem viderat Moisem*

*Sarça, que no ermo estava,  
Sem lhe pôr lume ninguem ;  
O fogo ardia mui bem,  
E a sarça não se queimava.*

**Fé.** Significa a Madre de Deus :  
*Esta sarça he ella so ;  
E a escada que vio Jacob,  
Que subia aos altos ceos,  
Tambem era de seu voo.*

**PRUD.** Deve de ser por rezão  
 De todas perfeições cheia  
 Toda, quemquer que ella he.

**HUM.** Aqui a chama Salomão  
*Tota pulchra amica mea,  
Et macula non est in te.*  
 E diz mais, que he *porta celi*  
*Et electa ut sol,*  
 Balsamo mui oloroso,  
*Pulchra ut lilium gracioso,*  
 Das flores mais linda flor,  
 Dos campos o mais fermoso :  
 Chama-lhe *plantatio rosa*,  
*Nova oliva speciosa,*  
*Mansa columba Noe,*  
 Estrella a mais luminaosa.

**PRUD.** *Et acies ordinata,*  
 Fermosa filha d' elrei  
 De Jacob, *et tabernacula*  
*Speculum sine macula,*  
*Ornata civitas Dei.*

**Fé.** Mais diz ainda Salomão :

*Hortus conclusos, flos hortorum,  
Medecina peccatorum,  
Direita vara de Arão,  
Alva sobre quantas forão,  
Sancta sobre quantas são.*

E seus cabellos polidos  
São fermosos em seu grado  
Como manadas de gado,  
E mais que os campos floridos,  
Em que anda apascentado.

D. He tão zeloso o Senhor,  
Que quererá seu estado  
Dar ao mundo per favor,  
Por húa Eva peccador,  
Húa virgem sem peccado.

G. Oh ! se eu fosse tão ditosa  
Que com estes olhos visse  
Senhora tão preciosa,  
Tesouro da vida nossa,  
E por escrava a servisse !  
Que onde tanto bem se encerra,  
Vendo-a ca entre nós,  
Nella se verão os ceos,  
E as virtudes da terra,  
E as moradas de Deos.

*este passo entra o anjo Gabriel, dizendo :)*

R. Oh ! Deos te salve, Maria,  
Cheia de graça graciosa,  
Dos peccadores abrigo !  
Gosa-te com alegria,  
Humana e divina rosa,

De resplendor guarnçido,  
 Tomar pera seu vestido  
 Sangue do meu coração,  
 Indigno de ser nascido !

E aquelle que occupa o mar,  
 Enche os ccos e as profundezas,  
 Os orbes e redondezas ;  
 Em tão pequeno logar  
 Como poderá estar  
 A grandeza das grandesas !

**GABR.** Porque tanto isto não peses,  
 Nem duvides de querer,  
 Tua prima Elisabeth  
 He prenhe, e de seis meses.

E tu, Senhora, has de crer,  
 Que tudo a Deos he possivel,  
 E o que he mais impossivel,  
 Lhe he o menos de fazer.

**VIRG.** Anjo, perdoae-me vós,  
 Que com a Fé quero fallar.  
 Pedirei sinal dos Ceos.

**FÉ.** Senhora, o poder de Deos  
 Não se ha de examinar.  
 Nem deveis de duvidar,  
 Pois sois delle tão querida.

**GABR.** E d'abinicio escolhida :  
 E manda-vos convidar ;  
 Para madre vos convida.

**VIRG.** *Ecce ancilla Domini,*  
 Faça-se sua vontade  
 No que sua Divindade

Mandar que seja de mi,  
E de minha liberdade.

(*Em este passo se vai o Anjo Gabriel, e os anjos  
á sua partida tocão seus instrumentos,  
e cerra-se a cortina.*)

(*Juntão-se os Pastores para o tempo do nascimento. Entra primeiro André e dix :)*

AND. Eu perdi, se s'anoutece,  
A asna ruça de meu pae.  
O rasto por aqui vai,  
Mas a burra não parece,  
Nem sei em que valle cai.  
Leva os tarros e apeiros,  
E o currão co' os chocalhos,  
Os gamarros dos vaqueiros,  
Dois sacos de pães inteiros.  
Porros, cebolas e alhos.

Leva as peas da boiada,  
As carrancas dos rafeiros,  
E foi-se a paseer folhada ;  
Porque bêsta despeada  
Não pasce nos sovereiros.  
E s'ella não parecer  
Atás per noite fechada,  
Não temos hoje prazer ;  
Que na festa sem comer  
Não ha hi gaita temprada.

(*Entra Payo Vaz.*)

PAYO. Mofina Mendes he ca  
C'hum fato de gad⁹ meu?

- AND.** Mofina Mendes ouvi eu  
Assoviar, pouco ha,  
No valle de João Viseu.
- PAYO.** Nunca esta moça socega,  
Nem samica quer fortuna :  
Anda em saltos como pêga,  
Tanto faz, tanto trasfega,  
Que a muitos importuna.
- AND.** Mofina Mendes quanto ha,  
Que vos serve de pastora ?
- PAYO.** Bem trinta annos haverá,  
Ou creio que os faz agora :  
Mas socêgo não aleança ;  
Não sei que maleita a toma.  
Ella deu o saccô em Roma,  
E prendeu elrei de França :  
Agora anda com Mafoma,  
E pôz o Turco em balança.  
Quando cuidei que ella andava  
Co' o meu gado onde sohia,  
Pardeos ! ella era em Turquia,  
E os Turcos amofinava,  
E a Carlos Cesar servia.  
Diz que assi resplandecia  
Neste capitão do ceo  
A vontade que trazia,  
Que o Turco esmoreceo,  
E a gente que o seguia.  
Receou a guerra crua  
Que o Cesar lhe promettia ;  
Entances per aliam via

*Reverte sunt in patria sua*  
Com quanta gente trazia.

(*Entra Pessival.*)

Achaste a tua burra, Andrel ?

Boſá não.

Não pôde ser.

Busca bem, leixa o fardel ;  
Que a burra não era mel,  
Que a havião de comer.

Saltarião pêgas nella,  
Por caso da matadura ?  
Pardeos ! essa seri' ella !  
E que pêga seria aquella,  
Que lhe tirasse a albardura ?

o. Mas crê que andou per hi  
Mofina Mendes, rapaz ;  
Que, segundo as cousas faz,  
Se isto não for assi,  
Que não seja eu Payo Vaz.

Ora chama tu por ella,  
E aposto-te a carapuça,  
Que a negra burra ruça  
Mofina Mendes deu nella.

o. Mofina Mendes ! ah Mofina Men !  
Que queres, André ? que has ? (*de longe*)

Vem tu ca, e vê-lo-has ;  
E se has de vir, logo vem,  
E acharás aqui tambem  
A teu amo Payo Vaz.

(*Entra Mofina Mendes.*)  
o. Onde deixas a boiada,

E as vacas, Mofina Mendes?

**Mof.** Mas, que cuidado vós tendes  
De me pagar a soldada,  
Que ha tanto que me retendes?

**Pavo.** Mofina, dá-me conta tu  
Onde fica o gado meu.

**Mof.** A boiada não vi eu,  
Andão lá não sei per hu,  
Nem sei que pascigo he o seu.  
Nem as cabras não nas vi,  
Samicas c'os arvoredos;  
Mas não sei a quem ouvi  
Que andavão ellas per hi  
Saltando pelos penedos.

**Pavo.** Dá-me conta rez e rez,  
Pois pedes todo teu frete.

**Mof.** Das vacas morrêrão sete,  
E dos bois morrêrão tres.

**Pavo.** Que conta de negregura!  
Que taes andão os meus porcos?

**Mof.** Dos porcos os mais são mortos  
De magreira e ma ventura.

**Pavo.** E as minhas trinta vitellas  
Das vacas, que te entregárão?

**Mof.** Creio que hi ficárão dellas,  
Porque os lobos dezimárão,  
E deu olho mao por ellas,  
Que mui poucas escapárão.

**Pavo.** Dize-me, e dos cabritinhos  
Que recado me dás tu?

**Mof.** Erão tenros e gordinhos,

E a zorra tinha filhinhos,  
E levou-os hum e hum.

**PAYO.** Essa zorra, essa malina,  
Se lhe correras trigosa,  
Não fizera essa chacina ;  
Porque mais corre a Mofina  
Vinte vezes qu'a raposa.

**MOR.** Meu amo, já tenho dada  
A conta do vosso gado  
Muito bem, com bom recado ;  
Pagae-me minha soldada,  
Como temos concertado.

**PAYO.** Os carneiros que ficárao,  
E as cabras, que se fizerão ?

**MOR.** As ovelhas reganhárao,  
As cabras engafecérão,  
Os carneiros se afogárao,  
E os rafeiros morrérao.

**PES.** Payo Vaz, se queres gado,  
Dá ó demo essa pastora :  
Paga-lh'o seu, va-se embora  
Ou ma-ora,  
E põe o teu em recado.

**PAYO.** Pois Deos quer que pague e peite  
Tão daninha pegureira,  
Em pago desta canseira  
Toma este pote de azeite,  
E vae-o vender á feira ;  
E quiçaes medrarás tu,  
O que eu contigo não posso.

**MOR.** Vou-me á feira de Trancoso

Logo, nome de Jesu,  
 E farei dinheiro grosso.  
 Do que este azeite render  
 Comprarei ovos de pata,  
 Que he a cousa mais barata  
 Qu'eu de lá posso trazer.  
 E estes ovos chocarão ;  
 Cada ovo dara hum pato,  
 E cada pato hum tostão,  
 Que passará de hum milhão  
 E meio, a vender barato.  
 Casarei rica e honrada  
 Per estes ovos de pata,  
 E o dia que for casada  
 Sahirei ataviada  
 Com hum brial d'escarlata,  
 E diante o desposado,  
 Que me estara namorando :  
 Virei de dentro bailando  
 Assi dest'arte bailado,  
 Esta cantiga cantando.

*(Estas cousas diz Mofina Mendes com o poté  
 azeite á cabeça, e andando enlevada no  
 bailo, cai-lhe.)*

**PATO.** Agora posso eu dizer,  
 E jurar e apostar,  
 Qu'es Mofina Mendes toda.  
**PES.** E s'ella baila na voda,  
 Qu'está ainda por sonhar,  
 E os patos por nascer,  
 E o azeite por vender,

E o noivo por achar,  
E a Mofina a bailar;  
Que menos podia ser?

(*Vai-se Mofina Mendes, cantando.*)

“ Por mais que a dita m’engeite,  
“ Pastores, não me deis guerra ;  
“ Que todo o humano deleite,  
“ Como o meu pote d’azeite,  
“ Ha de dar comsigo em terra.”

*trão outros pastores, cujos nomes são Braz arrasco, Barba Triste, e Tibaldinho; e diz)*

- z. Ó Pessival meu vezinho !  
Braz Carrasco, dizê, viste  
A burra desse outeirinho ?
- z. Pergunta tu a Tibaldinho,  
Ou pergunta a Barba Triste,  
Ou pergunta a João Calveiro.  
O fato trago eu aqui,  
E a burra eu a metti  
Na corte do Rabileiro,  
Nós deitemo-nos per hi.  
Andamos todos cansados,

O gado seguro está :  
E nós aqui abrigados  
Dormamos senhos bocados,  
Que a meia noite vem ja.

*este passo se deitão a dormir os pastores ;  
xgo se segue a segunda parte, que he húa  
reve contemplação sobre o Nascimento.)*

- g. Ó cordeiro divinal,

E louvae-o, tempestades.

**HUM.** *Bestiae et universa  
Pecora, volucres, serpentes,  
Louvae-o, todalas gentes,  
E toda a causa diversa,  
Que no mundo sois presentes.*

(*Vem a Fé com a vela sem lume.*)

**JOS.** Não vos anojeis, Senhora,  
Pois estais em terra alheia,  
Ser o parto sem candeia,  
Porque as gentes d'agora  
São de mui perversa veia.  
Todos dormem a prazer,  
Sem lhes vir pela memoria  
Que por fôrça hão de morrer ;  
E não querem accender  
A sancta vela da glória.

**HUM.** Devião ter piedade  
Da Senhora peregrina,  
Romeira da christandade,  
Que está nesta escuridade,  
Sendo Princeza divina,  
Pera exemplo dos senhores,  
Pera lição dos tyrannos,  
Pera espelho dos mundanos,  
Pera lei aos peccadores,  
E memoria dos enganos,

**FÉ.** Não fica por lh'o prégar,  
Não fica por lh'o dizer,  
Não fica por lh'o rogar ;  
Mas não querem acordar,

Com pressa de adormecer.  
 Delles fazem que não ouvem,  
 E elles ouvem muito bem ;  
 Delles fazem que não vem,  
 E delles que não entendem  
 O que vai nem o que vem.

Sem memoria nem cuidado  
 Dormem em cama de flores,  
 Feita de prazer sonhado :  
 Seu fogo tão apagado  
 Como em choça de pastores ;  
 A vossa divina vela,  
 Vossa eterna candéia,  
 Feita de cera mais bella,  
 Em cidade nem aldeia  
 Não ha hi lume para ella.

Todo o mundo está mortal,  
 Posto em tão escuro porto  
 De húa cegueira geral,  
 Que nem fogo, nem sinal,  
 Nem vontade : tudo he morto.

**RG.** Prudencia, i vós co'ella,  
 Que nas horas ha hi mudança :  
 E accendei ess'outra vela,  
 Que se chama da esperança,  
 E lhes convem accendê-la.  
 E dizei-lhe que o pavio  
 Desta vela he a salvação,  
 E a cera o poderio  
 Que tem o livre alvedrio,  
*E o lume a perfeição.*

Jos. Senhora, não monta mais  
 Semear milho nos rios,  
 Que querermos por sinaes  
 Metter couzas divinaes  
 Nas cabeças dos bugios.  
 Manda-lhe accender candeias,  
 Que chamem ouro e fazenda,  
 E vereis bailar balcias ;  
 Porque irão tirar das veias  
 O lume com que se accenda.  
 E á gente religiosa  
 Manda-lhes velas bispaes ;  
 A cera, de renda grossa ;  
 Os pavios, de casaes ;  
 E logo não porão grossa.

PRUD. Senhora, a meu parecer,  
 Para esta escuridade  
 Candeia não ha mister ;  
 Que o Senhor qu'ha de nascer  
 He a mesma claridade ;  
*Lumen ad revelationem gentium*  
 He profetizado a nós,  
 E agora se ha de cumprir :  
 Pois para que he ir e vir,  
 Buscar lume para vós,  
 Pois lume haveis de parir ?  
 Nem deveis de estar afflita,  
 Para lhe guisar manjar ;  
 Porque he fartura infinita,  
*He chamado Panis vita,*  
 Não tendes que desejar.

E se para seu nascer  
Tão pobre casa escolheo,  
Não vos deveis de doer,  
Porque onde elle estiver  
Está a corte do Ceo.

Se cueiros vos dão guerra,  
Que os não tendes pot ventura,  
Não faltará cobertura  
A quem os ceos e a terra  
Vestio de tal formosura.

(*Em este passo chora o Menino, posto em hum berço: as Virtudes cantando o embalão, e o Anjo vai aos pastores, e diz cantando:)*

*Anjo.* “Recordae, pastores! ”

*And.* Hou de lá, que nos quereis?

*Anjo.* “Que vos levanteis.”

*And.* Para que, ou que vai lá?

*Anjo.* “Nasceu em terra de Judá  
“Hum Deos so, que vos salvará.”

*And.* E dou-lhe que fossem tres:

Eu não sei que nos quereis.

*Anjo.* “Que vos levanteis.”

*And.* Quero-m'eu erguer, em tanto

Veremos que isto quer ser.

Sempre m'esquece o benzer

Cada vez que me levanto.

*Anjos.* “Ah pastor! ah pastor! ” (*Cantando,*)

*And.* Que nos quereis, escudeiros?

*Anjos.* “Chama todos teus parceiros,  
“Vereis vosso Redemptor.”

*And.* Não durmaes mais, Payo Vaz,

Ouvireis cantar aquillo.

**PAYO.** Ora tu não ves que he grillo?  
Vae-te d'hi, aramá vas,  
Que eu não hei mister ouvi-lo.

**AND.** Pessival, acorda ja.

**PES.** Acorda tu a **Braz Carrasco**.

**BRAZ.** Não creio eu, não, em San Vasco,  
Se me tu acolhes lá.

**AND.** Levanta-te d'hi, **Barba Triste**.

**BARB.** Tu que has, ou que me queres?

**AND.** Que vamos ver os prazeres,  
Que eu nem tu nunca viste.

**BARB.** Pardeos, vae tu se quizeres,  
Salvo se na refestella  
Me dessem bem de comer ;  
Senão leixa-me jazer,  
Que não hei de bailar nella :  
Vae tu lá embora ter.

Acorda a **Tibaldinho**,  
E ó Calveiro e outros tres,  
E a mi cobre-me os pés ;  
Então vae-te meu caminho,  
Que eu hei de dormir um mez.

**ANJO.** Pastores, ide a Belem.

**AND.** Tibaldinho, não te digo  
Que nos chama não sei quem ?

**TIB.** Bem no ouço eu, porém  
Que tem Deos de ver comigo ?

**AND.** Isso he parvoajar.

Levantae-vos, companheiros,  
Que por valles e outeiros

- Não fazem nego chamar  
Por pastores e vaqueiros.  
v.0. Pera a festa do Senhor  
Poucos pastores estais.  
v.0. Vós bacelo quereis pôr,  
Ou fazer algum lavor,  
Que tanta gente ajuntais?  
v.0. Vós não sois officiaes  
Senão de guardardes gado.  
v.az. Dizei, Senhor, sois casado?  
Ou quando embora casais?  
v.D. Oh como es desentoado!  
v.0. Quisera que foreis vós  
Vinte ou trinta pegureiros.  
v.0. Antes que vós deis tres voos,  
Bem ajuntaremos nós  
Nesta serra cem vaqueiros.  
v.0. Ora trazei-os aqui,  
E esperae naquellea estrada,  
Que logo a Virgem sagrada  
A Hierusalem vai per hi  
Ao templo endereçada.

*Tocão os anjos seus instrumentos, e as Vir-  
lés, cantando, e os pastores, bailando, se vão.*

## AUTO PASTORIL PORTUGUEZ.

### **FIGURAS.**

*Prologo, VASCO AFFONSO.*

CATHERINA. — JOANNE. — FERNANDO. — MANDANELLA. — AFFONSO. — INEZ. — MARGARIDA. — CLERIGOS.

*O seguinte Auto foi representado ao muito alto e poderoso Rei nosso Senhor Dom João, terceiro em Portugal deste nome, na sua cidade de Evora pelo Natal, era do Senhor de 1523.*

*(Entra primeiramente hum lavrador, por nome Vasco Affonso, e dix:)*

Pois que ja entrei aqui,  
Não se me escusa fallar.  
Eu sou d'alem de Thomar,  
E casei em Almeirim,  
Alli mesmo no logar,  
Agora, agora, agora  
Esta doma que lá vai  
Soma que casei embora  
Sem licença de meu pae;  
E diz que a não quer por nora.

E seu pae er assi,  
Porque se casou furtada,  
Nem chique nem mique, nem nada  
Dão a ella nem a mi,  
Assi pola desnevada.  
De maneira,  
Qu'clles tem birra de nós,  
Dizem que nem giesteira,  
Pois que nos casamos sos,  
Não temos na panasqueira.

Porém amor lhe tenho eu,  
E ella samicas a mi,  
Que ella o diz soma assi ;  
— Porque elle não tem de seu,  
Meu pae deu-me, e eu fugi. —  
E juramento fago ós ceos,  
Que derão tantas a enha esposa,  
Qu'he pera dar graças a Deos ;  
Porque bem como raposa  
Lhe tirárão a ella os veos.

Ora o nosso cura er,  
Porque se paga d'ella,  
E sequaes andou com ella,  
Soma vonda que não quer  
Receber-nos a mi e a ella.  
Mas raivar,  
Que ja recebidos semos :  
Dentro bem no meu linhar  
Todos os verbos dissemos,  
Que se dizem 6 casar.  
*Dizião a mi lá delles,*

Que quem casa por amores  
 Não vos he nega dolores ;  
 Emperol, que sabem elles ?  
 Deos faz dos baixos maiores.

Aguardae.

Digo agora que casei  
 Sem lienga de meu pae  
 E d'enha mãe : eu herdarei,  
 Ou sabeis como isto vai ?

A mim dizem-me que não ;  
 E s'he daquelle maneira,  
 Não herdó eira nem beira.  
 Mas não semelha razão,  
 Mas sinifica cempreira ;  
 Que se fôra a cachopa peça ou charra,  
 Ou algúia zanguizarra,  
 Preguiçosa ou comedora,  
 Que bradassem muito embora.

Mas taes vos fossem assim  
 As pulgas da vossa cama.  
 Soma abonda que minh'ama  
 Me dixe lá em Almeirim,  
 (Não sei como s'ella chama)

— Vae, sandeu,  
 A Elvora por alvaral  
 D'elrei, que te dem o teu,  
 Como passar o Natal. —

E a isto vinha eu.

E hum Gil... hum Gil... hum Gil...  
 (Que ma retentiva hei !)  
 Hum Gil... já não direi :

Hum que não tem nem ceitil,  
Que faz os aitos a elrei,  
Elle me fêz,  
E tirou de minha aquella,  
Muito inda emque me pez,  
Que entrasse ca na capella  
Previcar hum antremez.

Aito cuido que deixia,  
E assi cuido que he ;  
Mas ja não aito, bosé,  
Como os aitos que fazia,  
Quando elle tinha com que.  
Mas o mundo he ja desgorgomelado ;  
Todo bem se vai ó fundo :  
O dinheiro anda acossado,  
E o prazer vagabundo.

Abônda : entrarão porém  
Treze trolocutores ;  
Estes são todos pastorcs ;  
Da serra d'Estrella vem  
Em preito com seus amores.  
Atimar.

Entrará Branca fallando  
Com Inez, ambas a par  
Cantando de quando em quando,  
E ás vezes suspirando  
Entre cantar e cantar.

Entrará enha sobrinha,  
E Constança das Ortigas,  
Que em todo o val das Corigas,  
Nem na villa mui asinha,

Não jazem taes raparigas.  
E, como entrar,  
Sahirá a bailar Valejo,  
O galinheiro que em Thomar  
Chamava ao coelho — conejo ;  
Esse mesmo ha de bailar.

E por festa a Ramalhoa  
Bailará com Pero Luz,  
Vestido no seu capuz ;  
E farão a entrada boa  
Do bailo c'o sinal da cruz.  
Pé-de-ferro,  
Bofá um bom escudeiro,  
Bom homem lá per seu érro,  
Ledo, humilde, prazenteiro,  
Salvos nega se m'eu érro ;

Este sahirá a terreiro  
Com húa regateira baça,  
Que, quando vende na praça,  
Tange ás vezes um pandeiro.  
Estes ambos terão graça.

A cristaleira,  
E o almotacel pequeno  
Bailarão á derradeira,  
E tanger-lhe-ha o Moreno,  
Que sabe os bailos da Beira.

Frades virão vinte e sete,  
Que vem de furtar melões ;  
E virão tres hortelões,  
Que trarão preso hum grumete  
Sem jaqueta nem calções.

E acabado  
Que os frades todos andarem  
Hum contrapasso trocado,  
E os outros atimarem,  
Sera o aito atimado.

(*Entra Catherina pastora cantando, com o gado.*)

CAT.     “Tirae os olhos de mim,  
“Minha vida e meu descanso,  
“Que me estais namorando.”  
    Cha cha cha, raiváraõ ellas :  
Samicas doudejais vos ?  
S’eu lá vou, veremos nós  
Se sondes cabras, s’aqueellas  
O Decho se chantou nellas !  
    Cha cha cha, reira de morte.  
Nem no mato, nem na corte,  
Não pôde o Decho co’ellas.

“Tirae os olhos de mim,  
“Minha vida e meu descanso,  
“Que me estais namorando.”  
    “Os vossos olhos, senhora,  
“Senhora da formosura,  
“Por cada momento de hora  
“Dão mil annos de tristura :  
“Temo de não ter ventura.  
“Vida, não m’esteis olhando,  
“Que me estais namorando.”

(*Vem Joannc.*)

CAT.     A que vens, Joanne, ca ?  
JOAN.   Bofás samicas não sei,

St'outra doma te catei  
Casuso, e não eras lá ;  
Perguntei a ta mae por ti ?

CAT. Tu a minha mae por mi ?

JOAN. A bem, digo ; — qu'he de Catalina ? —  
E ella estava mofina,  
Disse-me ; — e que lhe queres assi ? —

Bem sei eu ja ella aventa  
Qu'ando eu comtigo á choca ;  
Que quando te eu trougue a roca,  
J'ella estava rabugenta.

CAT. Não te empaches de mim, não.  
Cha cha cha, demoninhadas.

JOAN. Pois sicaes te quero a osadas  
Grande bem, se vem á mão.  
Sempre eu hei de ser comtego

Lá detraz da casa ó sol.

CAT. Joanne, vae fazer prol :  
Que tens tu de ver come go ?  
Jesu ! como me amofina !

JOAN. Ja tu aqui es, Catalina,  
Com tua destempera ?

CAT. Si :  
Ora vae-te aramá d'hi.

JOAN. Alguem t'a ti empipina.

CAT. Quem m'ha a mim d'empipinar ?

JOAN. Póde ser qu'alguem te engane.

CAT. Digo que te vas, Joanne,  
Que não te quero escutar.

Cuidas tu que sam menina ?

JOAN. E dei-t'eu a roca, Catalina,

E subi em cima da pereira,  
E tu agora á derradeira  
Jogas comego almolina !

AN. Que fallas, ou que has comtego,  
Que tudo isto não te presta ?

AN. Pardeos, forte birra he esta,  
Que tomastes hoje comego !  
Porqu'es ma dia entirrada ?  
Eu não quero de ti nada,  
Senão abraçar como amiga.

AN. Quem te désse húa gran figura  
Nos olhos bem pespegada !

AN. He essa a tua saia nova ?  
Mostra ca a ver que lan tem.

AN. Joanne !

AN. Catalina !  
Ora bem,  
O demo t'a ti faz a cova.  
AN. Tomae lá ! esta vos he ella !  
AN. Tal foste com Madanella,  
E sempre chufou de ti :  
Pois qu'esperas tu de mi,  
Que sam mais valente qu'ella ?

AN. O Dexemo que t'eu digo,  
Que porque isso he ja sabido,  
Ando eu assi tranzido,  
E o demo anda comego.  
Renego ora d'enha mãe,  
Porque as lagrimas me sãe  
O dia que te não vejo ;  
E tu tens-me tal entejo,

Que os esp'ritos se me cãe.

CAT. Choros maos chorem por ti :  
Quem te manda a ti chorar ?

JOAN. Tu m'has de fazer botar  
Mui cedo per esse chão per hi  
Não sejas ora entirrada,  
Catalina minha dama ;  
Que cedo hei d'ir á feira,  
E eu farei de maneira  
Que tu sejas bem toucada.

Não m'arrarão alfenetes,  
E tambem enxaravia,

CAT. Aperfia tu, perfia,  
Que c'o Dexemo te mettes.

JOAN. Que cachopa esta, e que vida !  
CAT. Cuidas que som Margarida,  
Que andavas pola chufar ?

JOAN. Eu ?

CAT. A bem.

JOAN. Atimar.

CAT. Mas vae-te c'o a ma ida.

JOAN. Cant'eu não sei que te fige,  
Que tal escandola me tens.

CAT. Mas não sei a que cá vens ;  
Que a ninguem tanto mal quige.

JOAN. Por bem querer, mal haver.

CAT. Ora tens bem de comer.

JOAN. Isso he foscas mui asinha.

Por me metter rebentinha ;  
Mas perol não t'hei de crer.

CAT. Vae, vae, Joanne, bugiar,

Não andes como alpavardo.

**JOAN.** Viste ja o meu saio pardo ?

Se m'o ves has de raivar,

Que m'está tão bem, tão bem . . .

Que demo he isto ? dirás tu.

**CAT.** Oh como es parvo ! Jesu !

Não falles ante ninguem.

**JOAN.** Oh ! commendo ó demo a vida

A que a eu arrepincho !

Catalina, se me eu incho,

Por esta que me va de ida.

A India não está hi ?

Que quero eu de mi aqui ?

Melhor sera que me va.

**CAT.** E a mi que se me dá ?

Eis Fernando vem alli.

(*Entra Fernando.*)

**CAT.** Venhas embora, Fernando !

Eu t'esperei á portella.

**FER.** Parece ca Madanella ?

**CAT.** Spera que a andas buscando !

Ja me tu a mi entejaste ?

**JOAN.** Ah si, Catalina ?

**FER.** Tu vas-te

Andar polos chavascais.

**JOAN.** Ah si, Catalina ?

**CAT.** Ora nó mais ;

Abonda que me deixaste.

**JOAN.** Ah si, Catalina ?

**FER.** Não diz.

*Pera hu foi Madanella.*

- CAT. Porque perguntas por ella?  
 FER. Porque a fortuna quiz.  
 CAT. Dores de morte té dem.  
 JOAN. Ah si, Catalina? Ora bem,  
      Se xe m'eu isso soubera,  
      Nunca t'eu a roca dera,  
      Que trougue de Santarem.  
 MAD. Hai Catalina! Catalina! (*de longe*)  
 FER. Aquella te he Madanella.  
 CAT. Hou!  
 FER. Pera ca vem ella.  
 JOAN. Mui grande he minha mofina!  
      Olha ca pera ond'estou.  
 CAT. O diabo que t'eu dou!  
 JOAN. Amen que m'eu encommendo,  
      E não m'estarei moendo  
      Na deserteria em que estou.  
      (*Vem Madanella e diz :*)  
 MAD. Affonso parece ca?  
      Eu não sei onde elle anda.  
 FER. Inda dura essa demanda?  
 MAD. Inda dura e durará.  
 FER. Oh caiso mal comedido!  
      Ando eu por ti perdido,  
      E andas-me assoviando.  
 CAT. Queres tu do pão, Fernando?  
 FER. Estarei bem aviado,  
      E muito bem corregido.  
 MAD. Viste Affonso, Catalina?  
 CAT. Sabes tu onde elle s'ia?  
 FER. Não lh'o digas.

- MAD. Que porfia  
De Fernando e de mofina !
- FER. Grande odio me tem.
- JOAN. E Catalina a mi tambem.
- MAD. Catalina, onde estava elle ?
- CAT. Ei-lo vem : não he elle aquelle ?
- JOAN. Aquelle he elle, que alli vem.  
(*Vem Affonso.*)
- MAD. Affonso, venhas embora.
- AFF. Não vejo eu Inez aqui.
- MAD. Olha, olha para mi,  
Que não sam feia ma ora.
- AFF. Viste-me Inez ca andar ?
- CAT. Casuso a vi eu estar...
- AFF. Naquelle outeiro ?
- CAT. A bem.
- AFF. Perguntou-te por alguem ?
- CAT. Por Joanne.
- AFF. Ora andar.  
Por mi não pergunta nada !
- CAT. Não.
- AFF. Raiva moida !
- CAT. Por Joanne he ella perdida.
- JOAN. Está ella logo enganada.
- INEZ. Catalina ! hai Catalina ! (*de longe*)
- CAT. Aquella he ella que retina.  
Inez, vem ca, mana, vem.
- JOAN. Se tu me quizeras bem,  
Não na chamáras, malina ;  
Mas do malquerer te vem.

(*Vem Inez.*)

- AFF.** Venhas embora, Inez !
- INEZ.** Joanne, queres belotas ?  
Mais quero eu ás tuas botas  
Qu'a dous Affonsos nem tres.
- JOAN.** Oh Catalina !
- CAT.** Oh Fernando !
- FER.** Oh Madanella !
- MAD.** Oh Affonso !  
Oh quando, quando  
Me quereras algum bem !
- AFF.** Oh Inez ! quanto mal tem  
Esta maleita, em que ando !
- INEZ.** Oh Joanne ! quão amiga  
Que sam do teu bom doairo !
- JOAN.** Se não tens outro reparo,  
Cant'eu não sei que te diga.
- FER.** Isto chamam amor louco,  
Eu por ti e tu por outro.  
Rogo-te aramá, Madanella,  
Pois ma ora te vi, e nella  
Que m'escutes ora hum pouco.  
Porque algorrem se m'entende,  
Eu a doma que passou  
Este braço me ganhou,  
Emperol gansei perende  
Abonda que hum de cem,  
Hum de cem e hum vintem.  
Meu pae er tem bem de seu,  
E não tem filho, nega eu :  
*Está attento ca, Madanella,*

- Vem agora a Pascoella,  
Casemo-nos tu e eu.
- MAD.** Catalina he minha amiga,  
Sei que se paga de ti.
- CAT.** Fernando, por meu mal te vi,  
Como lá diz a cantiga.
- JOAN.** Oh ! commendo ó Decho a praga !  
Gingrae lá com taes cachopas,  
Leix'as quem de ti se paga.
- CAT.** E tu porque não faes sopas  
Com Inez, pois que te affaga ?
- INEZ.** Agora lhe fio eu  
Húa camiza de linho.  
Queres, Joanne, toucinho  
Com pouco de pão do meu ?
- AFF.** E a mi raiva que me aperte.
- INEZ.** Vae-te, que não quero ver-te :  
Não tens tú ahi Madanella ?  
Falla, falla tu co'ella.  
Ó diabo dou a morte :  
Como he partuno, Jesu !
- MAD.** Affonso.
- AFF.** Pezar ora de San Pego !
- MAD.** E assi o faes tu começo ?  
Bofá ! ansi mao es tu ?  
Não sei que houveste comtego.
- FER.** Maos lobos m'acabem ja !
- CAT.** Guarde-te Deos earamá :  
Pois que seria de mi !  
Mas casemo-nos eu e ti.
- JOAN.** E Joanne raivará ?

Pois, pardeos, bem te servi.  
Comego seja essa dança,  
Não andes assi do vento.

CAT. Toda m'ora eu arrebento  
Pola tua maridança.

AFF. Sabes, Joanne, que façamos?  
Vamo-nos todos tres.

JOAN. Vamos,  
E busquemos outras tres.  
Eu te farei a ti, Inez,  
Que me jejúes os ramos.

(Vem Margarida, pastora, que achou húa  
imagem de nossa Senhora, e tra-la escon-  
dida n'hum feixe de lenha, e dix:)

MARG. Ai, manas, que eu achei!

CAT. Onde?

MARG. Na serra em cima.

MAD. Que he, Margarida prima?

MARG. Quasi, quasi não o sei.

INEZ. Chufas?

MARG. Não, pardeos, amigas.

CAT. Rogo-te que nô-lo digas.

MARG. Mas he para adivinhar;  
E quemquer que o acertar,  
Eu a fartarei de migas.

INEZ. Sera algum cugumelo?

MARG. Não, que tem olhos e mãos.

CAT. São caçapos temporãos.

MAD. Mas, samicas pesadelo.

CAT. Onde o trazes?

MARG. Na lenha.

CAT. He raposo, Deos mantenha.

MARG. Si raposo ; teu pae torto.

INEZ. Ouriço cacheiro morto.

MARG. Não he cousa que pel tenha.

MAD. Mas sabeis que he leitão,  
Que tem couro e não tem pelle ?

MARG. Leitão ? isso vos era elle.

INEZ. Elle não ha de ser cão.

MARG. Nem ave, nem cousa viva  
Nem morta.

CAT.                           Ó cativa !  
E tem pés e mãos e olhos ?

MARG. E narizes e giolhos ;  
Nem he cousa mansa nem esquiva.

CAT. Rogo-te que digas que he,  
Que isso parece patranha.

MARG. Tenho-a eu por façanha,  
E não pequena, abofé.

CAT. Não o deffengules mais.

MARG. Se attentegas estais,  
Muito asinha vos direi  
O que vi e que achei,  
Com tanto que me creais.

    Chegando á Pena furada,  
Á quem da Virgem da Estrella,  
Achei ser húa donzella,  
Bofá donzella dourada :  
E como a vi, como digo,  
Saltou tal tremor comigo,  
Porque ella reluzia,  
*Que estava se fugiria ;*

Tal claror tinha comsigo.

E hum menino brincando  
Com seis ou sete donzellias :  
Sanctas parecião ellas.

**MAD.** Isso seria sonhando.

**MARG.** Mas antes bem acordada.

Não me quereis vós crer nada ?

**CAT.** Dize, dize, Margarida.

**MARG.** Pois chufa tu, Madanella,  
Que nossa Senhora era ella !

**CAT.** Oh !

**MARG.** Por minha vida.

Assim seja eu bem casada,  
E Deos se lembre de mim.

**CAT.** Que te dixe, mana, enfim ?

**MARG.** Chamou-me, bem assombrada,  
E eu queria chorar,  
E ella foi-me affagar

**CAT.** E que te dixe despois ?

**MARG.** Que deixasse andar os bois,  
E que me fosse ao logar.

E fosse ao nosso cura, e digo  
Que vi a Virgem Maria,  
E que ella lhe promettia  
De lhe dar um bom castigo,  
Que horas nunca lhe rezou,  
Nem della soes se acordou.

**FER.** Houveras-lhe de dizer

Que não lhe escapa mulher.

**INEZ.** O demo que eu o dou !

Eu vos direi : he elle tal

- Que a filha de Janaffonso  
Foi-lhe pedir hum responso,  
E elle fallava-lhe em al.  
**AFF.** Aulgns delles vão per hi,  
E na estremadela assi  
Não lhes fica moça boa.  
**JOAN.** Bom machado na coroa,  
Que ficasse logo alli !  
**FER.** Seixo calvo.  
**AFF.** Mas settada.  
**MAD.** Arrocho d'azambugeiro.  
**CAT.** Mas pousada de palheiro,  
E fogo, e á porta fechada.  
**AFF.** Mas bom seixe lagariço.  
**INEZ.** Penedo.  
**MAD.** Tranca.  
**CAT.** Sumiço.  
**MARG.** Eu quero-o ir avisar,  
Ca lhe cumpre de rezar,  
E tornar-se a seu serviço.  
Por esta cruz, manas minhas,  
Qu'ella está delle assanhada.  
**INEZ.** Oh Virgem nossa avogada  
Que os gados encaminhas !  
**CAT.** Quem m'a víra !  
**INEZ.** Quem lá fôra !  
**MAD.** Tu, prima, naceste embora.  
**MARG.** Se viras o cachopinho,  
Tão fermoso e sesudinho,  
Filho de nossa Senhora !  
Tudo eu hei de dizer

Ao nosso cura tá ó cabo,  
E ó priol.

- INEZ.**                            **Esse diabo**  
Nunca te ha de querer crer.
- AFF.**                            E do priol disse algorrem ?
- MARG.** Não fallou nem mal nem bem.
- JOAN.** Tambem elle he bom piloto.
- AFF.** Mas he valente minhoto,  
Qu'apanha as frangas mui bem.
- JOAN.** Dou já ó Decho o reixelo.
- FER.** E Pero Gil, capellão,  
Que lhe dizes ?
- JOAN.**                            **Que varão !**  
Como lh'ellas vem a pêllo,  
Nenhūas lhe escaparão.
- AFF.** E Janaffonso Altos-pés ?
- FER.** Tambem esse he bom freguez,  
E muito gamenho zote.
- JOAN.** Hontem lhe dei eu hum mote  
Sobr'isso, bem portuguez.  
Vão-se earamá casar,  
E não andar de soticapa.  
Juro a Deos, s'eu fôra papa,  
Eu lhes seccára o cantar.
- MARG.** Não me bula aqui ninguem  
Neste meu feixe de lenha ;  
Atá que eu va e venha  
Não veja ninguem qu'aqui vem.  
Porque eu vou a chamar,  
Que venhão com devação  
Os melhores do logar

A levar em procissão  
O que a Virgem me quiz dar.  
*(Vai-se.)*

- F. Cant'eu não me posso ter,  
Vejamos o que isto he.  
M. Vejamos por tua fé,  
Que gran cousa deve ser.  
*(Desata Affonso o feixe e diz)*  
F. Ella omagem m'affegura :  
Oh Senhora Virgem pura !  
L. Quem vos trouxe a esta serra ?  
R. Ponde os giolhos em terra.  
F. Ponhamo-la nesta verdura.  
*(E posta a imagem, diz)*  
M. Pois não sabemos rezar,  
Façamos-lhe húa chaeota,  
Porque toda a alma devota  
O que tem, isso ha de dar.  
R. Façamee, que bem sera.  
T. Joanne, tir'-te tu lá.  
Dá-me tu a mão, Fernando.  
R. Nisso estava or'eu cuidando.  
Madanella, vem tu ca.  
D. Com Affonso quero eu.  
F. Inez mana, eu comtigo,  
Que nunca tão grande amigo  
Em tua vida tens d' teu.  
Z. Porque andas bugiando ?  
D. Ora fuge lá, Fernando.  
M. Onde não ha concordança,  
Não ha hi festa nem dança :

Nem estemos perfiando.

(*Vem Margarida com quatro Clerigos.*)

**FER.** Oh corpo de Deos sagrado !

Quanto zote que vem !

**MARG.** Não quizestes vós perem

Condecer no meu mandado ?

Ora seja ja embora.

Padres, vêdes a Senhora

Que eu achei bem acasuso.

**CLER.** Jesu ! eu estou confuso !

2.<sup>o</sup> C. Deos te salve, Emperadora !

(*Hymno Ó gloriosa Domina rezado a versos pelos clérigos á imagem de Nossa Senhora.*)

“ Ó gloriosa Senhora do mundo,

“ Excelsa princeza do ceo e da terra,

“ Fermosa batalha de paz e de guerra,

“ Da sancta Trindade secreto profundo !

“ Sancta esperança, ó madre d'amor,

“ Ama discreta do filho de Deos,

“ Filha e madre do Senhor dos Ceos,

“ Alva do dia com mais resplendor !

“ Fermosa barreira, ó alvo e fito,

“ A quem os profetas direito atiravam !

“ A ti, gloriosa, os Ceos esperavam,

“ E as tres pessoas hum Deos infinito.

“ O cedro nos campos, estrella no mar,

“ Na serra ave phenix, húa só amada,

“ Húa so sem mácula, e so preserverada,

“ Húa so nascida, sem conto e sem par !

“ Do que Eva triste ao mundo tirou

“ Foi o teu fructo restituïdor ;

« Dizendo-te ave o embaixador,  
 « O nome de Eva te significou.  
 « O porta dos paços do mui alto Rei,  
 « Camera cheia do Spirito Sancto.  
 « Janella radiosa de resplendor tanto,  
 « E tanto zelosa da divina lei !  
 « Ó mar de sciencia, a tua humildade,  
 « Que foi senão porta do ceo estrellado ?  
 « O fonte dos anjos, ó horto cerrado,  
 « Estrada do mundo para a divindade,  
 « Quando os anjos cantão a glória de Deos,  
 « Não são esquecidos da glória tua ;  
 « Que as glórias do filho são da madre sua,  
 « Pois reinás com elle na corte dos Ceos.

« Pois que faremos os salvos por ella,  
 « Nascendo em miseria, tristes peccadores,  
 « Senão tanger palmas e dar mil louvores  
 « Ao Padre, ao Filho e Esprito, e a ella !

*(Aqui ordenão sua chacota ; e a letra da can-  
tiga he a seguinte)*

Todos. « Quem he a desposada ?

« A Virgem sagrada.  
 « Quem he a que paria ?  
 « A Virgem Maria.  
 « Em Bethlem, cidade  
 « Muito pequenina,  
 « Vi húa desposada  
 « E Virgem parida.  
 « Em Bethlem, cidade  
 « Muito pequenina,  
 « Ví húa desposada

“ E Virgem parida.  
“ Quem he a desposada ?  
“ A Virgem sagrada.  
“ Quem he a que paria ?  
“ A Virgem Maria.  
Húa pobre casa  
Toda reluzia,  
Os anjos cantavão,  
O mundo dizia :  
“ Quem he a desposada ?  
“ A Virgem sagrada.  
“ Quem he a que paria ?  
“ A Virgem Maria. ”

*E com esta chacota se despedirão.*

## AUTO DA FEIRA.

### FIGURAS.

MERCURIO. — TEMPO. — SERAPHIM. — DIABO.  
— ROMA. — AMANCIO VAZ. — DENIZ LOUREN-  
ÇO. — BRANCA ANNES. — MARTA DIAS. — TE-  
SAURA. — JULIANA. — DOROTHEA. — MONE-  
CA. — GILBERTO. — NABOR. — MATHEUS. —  
JUSTINA. — VICENTE. — LEONARDA. — ME-  
RENCIANA. — THEODORA. — GIRALDA.

*A obra seguinte he chamada Auto da Feira. Foi representada ao mui excellente Principe El-Rei D. João, o terceiro em Portugal deste nome, na sua nobre e sempre leal cidade de Lisboa, ás matinas do Natal, na era do Senhor de 1527.*

(Entra primeiramente Mercurio, c posto em seu assento, diz:)

MERC. *P*era que me conhecais,  
E entendais meus partidos,  
Todos quantos aqui estais  
Affinac bem os sentidos,  
Mais que nunca, muito mais.  
Eu sou estrella do ceo,  
*E despois vos direi qual,*

E quem me ca descendeo,  
E a que, e todo o al  
Que me a mi aconteceo.

E porque a estronotnia  
Andá agora mui maneira,  
Mal sabida e lisongeira,  
Eu á honra deste dia  
Vos direi a verdadeira.  
Muitos presumem saber  
As operações dos ceos,  
E que morte hão de morrer,  
E o que há de acontecer  
Aos anjos e a Deos,

E ao mundo e ao diabo.  
E o que sabem tem por fé ;  
E elles todos em cabo  
Terão hum cão polo rabo,  
E não sabem cujo he.  
E cada hum sabe o que monta  
Nas estrellas que olhou ;  
E ao moço que mandou,  
Não lhe sabe tomar conta  
D'hum vintem que lh'entregou.

Porém quero-vos prégar,  
Sem mentiras nem cautelas,  
O que per curso d'estrellas  
Se poderá adivinhar,  
Pois no ceo nasci com ellas.  
E se Franciso de Mello,  
Que sabe sciencia avondo,  
Diz que o ceo he redondo,

E o sol sobre amarelo ;  
 Diz verdade, não lh'o esconde.  
 Que se o ceo fôra quadrado,  
 Não fôra redondo, senhor.  
 E se o sol fôra azulado,  
 D'azul fôra sua côr,  
 E não fôra assi dourado.  
 E porque está governado  
 Por seus cursos naturaes,  
 Neste mundo onde morais  
 Nenhum homem aleijado,  
 Se for manco e corcovado,  
 Não corre por isso mais.

E assi os corpos celestes  
 Vos trazem tão compassados,  
 Que todos quantos nascestes,  
 Se nascestes e crescestes,  
 Primeiro fostes gerados.  
 E que fazem os poderes  
 Dos sinos resplandecentes ?  
 Fazem que todas gêntes  
 Ou são homens ou mulheres,  
 Ou crianças innocentes.

E porque Saturno a nenhum  
 Influe vida contina,  
 A morte de cada hum  
 He aquella de que se fina,  
 E não de outro mal nenhuma.  
 Outros o terremoto,  
 Que ás vezes causa perigo,  
*Faz faser ao morto voto*

De não bulir mais coisigo,  
 Cantá de seu moto proprio.  
 E a claridade encendida  
 Dos raios piramidæs  
 Causa sempre nesta vida  
 Que quando a vista he perdida,  
 Os olhos são por demais.

E que mais quereis saber  
 Desses temporaes e disso,  
 Senão que, se quer chover,  
 Está o ceo para isso,  
 E a terra pera a recber?  
 A lua tem este geito:  
 Ve que clérigos e frades  
 Ja não tem ao Ceo respeito,  
 Mingúa-lhes as santidades,  
 E cresce-lhes o proveito.  
*Et quantum ad stella Mars, speculum belli, et Venus, Regina musicæ, secundum Joannes Monteregio:*

Mars, planeta dos soldados,  
 Faz nas guerras conteudas,  
 Em que os reis são ocupados,  
 Quem morrem de homens barbados  
 Mais que mulheres barbudas.  
 E quando Venus declina,  
 E retrograda em seu cargo,  
 Não se paga o desembargo  
 No dia quo s'elle assina,  
 Mas antes por tempo largo.  
*Et quantum ad Taurus et Aries, Can-*

*cer, Capricornius positus in firmamento  
caeli:*

E quanto ao Touro e Carneiro,  
São tão maos de haver agora,  
Que quando os põe no madeiro,  
Chama o povo ao carniceiro  
**SENHOR,** c'os barretes fóra.  
Depois do povo agravado,  
Que ja mais fazer não pôde,  
Invoca o sino do Bode,  
Capricornio chamado,  
Porque Libra não lhe acode.

E se este não has tomado,  
Nem touro, carneiro assi,  
Vae-te ao sino do pescado,  
Chamado *Piscis* em latim,  
**E** seras remediado :  
E se piscis não tem ensejo,  
Porque pôde não no haver,  
Vae-te ao sino do Cranguejo,  
*Signum Cancer* Ribatejo,  
Que está alli a quem no quer.  
*Sequuntur mirabilia Jupiter, Rex regum dominus dominantium.*

Jupiter, rei das estrellas,  
Deos das pedras preciosas,  
Mui mais precioso qu'ella,  
Pintor de todalas rosas,  
Rosa mais fermosa dellas;  
He tão alto seu reinado,  
Influencia e senhoria.

Que fas percurso ordenado  
Que tanto val hum cruzado  
De noite como de dia.

E fas que húa nao veleira  
Mui forte, muito segura,  
Que inda que o mar não queira,  
E seja de cedro a madeira,  
Não preste sem pregadura.

*Et quantum ad duodecim domus Zodiacus, sequitur declaratio operationem suam.*

No zodiaco acharão  
Doze moradas palhagas,  
Onde os sinos estão  
No inverno e no verão,  
Dando a Deos infinitas graças.  
Escutae bem, não durmais,  
Saboreis por conjecturas  
Que os corpos celestines  
Não são menos nem são mais  
Que suas mesmas grandures.

E se que se desvelarão,  
Se das estrelas souberão,  
Foi que a estrella que olharão,  
Está onde a passão,  
E faz o que lhe mandarão.  
E casalho que Ursa maior,  
Ursa minor e o Dragão,  
E Lopez, que tem paixão,  
Porque hum corregedor  
Manda enfurecer hum ladro?

Não, porque as constelações  
Não alcanção mais poderes,  
Que fazer que os ladrões  
Sejão filhos de mulheres,  
E os mesmos paes varões.  
E aqui quero acabar.  
E pois vos disse atéqui  
O que se pôde alcançar,  
Quero-vos dizer de mi,  
E o que venho buscar.

Eu sam Mercurio, senhor  
De muitas sabedorias,  
E das moedas reitor,  
E deos das mercadorias :  
Nestas tenho meu vigor.  
Todos tractos e contractos,  
Valias, preços, avenças,  
Carestias e baratos,  
Ministro suas pretenças,  
Até as compras dos capatos.

E porquanto nunca vi  
Na corte de Portugal  
Feira em dia de Natal,  
Ordeno húa feira aqui  
Pera todos em geral.  
Faço mercador-mor,  
Ao Tempo, que aqui vem ;  
E assi o hei por bem.  
E não falta comprador,  
Porque o tempo tudo tem.

(Entra a *Tempo*, e arma húa tenda com muitas coisas, e diz :)

TEMPO.

Em nome daquelle quo rege nas praças  
D'Anvers e Medina as feiras que tem,  
Começa-se a feira chamada das Graças,  
Á honra da Virgem parida em Belém.  
Quem quizer feirar,  
Venha trocar, qu'eu não hei de vender ;  
Todas virtudes qu'houverem mister,  
Nesta minha tenda as podem achar,  
A trôco de cousas que hão de trazer.

Todos remedios especialmente  
Contra fortunas ou adversidades  
Aqui se vendem na tenda presente,  
Conselhos maduros de sans calidades  
Aqui se acharão.  
As mercadorias damos e rezão,  
Justiça e verdade, a pas desejada,  
Porque a Christandade he toda gastada  
So em serviço da opinião.

Aqui achareis o temor de Deos,  
Que he ja perdido em todos Estados ;  
Aqui achareis as chaves dos Ceos,  
Mui bem guarnecidias em cordões dourados ;  
E mais achareis  
Somma de contas, todas de contar  
Quão poucos e poucas haveis de lograr  
As feiras mundanas ; e mais contareis  
As contas sem conto qu'estão per contar.

*E porque as virtudes, Senhor Deos, que digo,*

Se forão perdendo de dias em dias,  
 Com a vontade que déste ó Messias  
 Memoria o teu anjo que ande comigo,  
 Senhor, porque temo  
 Ser esta feira de maos compradores,  
 Porque agora os mais sabedores  
 Fazem as compras na feira do Demo,  
 E os mesmos diabos são seus corretores.

(*Entra hum Seraphim enviado por Deos a petição do Tempo, e diz.:*)

SERAPHIM.

Á feira, á feira, igrejas, mosteiros,  
 Pastores das almas, Papas adormidos ;  
 Comprae aqui pannos, mudae os vestidos,  
 Buscae as çamarras dos outros primeiros  
 Os antecessores.

Feirac o carão que trazeis dourado ;  
 Ó presidente do crucificado,  
 Lembrae-vos da vida dos sanctos pastores  
 Do tempo passado.

Ó Principes altos, imperio facundo,  
 Guardae-vos da ira do Senhor dos Ceos :  
 Comprae grande somma do temor de Deos  
 Na feira da Virgem, Senhora de mundo,  
 Exemplo de paz,

Pastora dos anjos, luz das estrellas.

Á feira da Virgem, donas e donzellas,  
 Porque este mercador sabei que aqui traz  
 As cousas mais bellas.

(*Entra hum Diabo com húa tendinha diante  
 de si, como bufarinheiro, e diz :)*

DIABO. Ea bem me posso gabar,  
 E cada vez que quizer,  
 Que na feira onde eu entrar  
 Sempre tenho que vender,  
 E acho quem me comprar.  
 E mais vendo muito bem,  
 Porque sei bem o que entendo ;  
 E de tudo quanto vendo  
 Não pago sisa a ninguem  
 Por tracto que ande fazendo.

Quero-me fazer á vela  
 Nesta sancta feira neva.  
 Verei os que vem a ella,  
 E mais verei quem m'estrova  
 De ser eu o maior della.

TEM. Es tu tambem mercador,  
 Que a tal feira t'offereces ?

DIABO. Eu não sei se me conheces.

TEM. Fallando com salvador,  
 Tu diabo me pareces.

DIABO. Fallando com salvos rabos,  
 Inda que me tens por vil,  
 Acharás homens com mil  
 Honrados, que são diabos,  
 Que eu não tenho nem eeitil.  
 E bem honrados te digo,  
 E homens de muita renda,  
 Que tem dívedo comigo.  
 Pois não me tolhas a venda,  
 Que não hei nada contigo.

TEM. Senher, em toda maneira (ao Se

Acudi a este ladrão,  
 Que me ha de danar a feira.  
**A B O** Ladrão? Pois haj'eu perdão,  
 Se vos metter em canceira.  
 Olhae ea, anjo de bem,  
 Eu, como cousa perdida,  
 Nunca me tolhe ninguem  
 Que não ganhe minha vida,  
 Como quem vida não tem.

Vendo dessa marmelada,  
 E ás vezes grãos torrados,  
 Isto não releva nada;  
 E em todos mercados  
 Entra a minha quintalada.

**R.** Muito bem sabemos nós  
 Que vendes tu cousas vis.

**A B O** Hi ha de homens rúis  
 Mais mil vezes que não bôs,  
 Como vós mui bêna sentis.

E estes hão de comprar  
 Disto que trago a vender,  
 Que são artes de enganar,  
 E cousas para esquecer  
 O que devião lembrar:  
 Que o sages mercador  
 Ha de levar ao mercade  
 O que lhe comprão melhor;  
 Porque a ruim comprador  
 Levar-lhe ruim borcado.

E mais as boas pessoas  
 São todas pobres a eito;

E eu por este respeito  
 Nunca tracto em cousas boas,  
 Porque não trazem proveito.  
 Toda a glória de viver  
 Das gentes he ter dinheiro,  
 E quem muito quizer ter  
 Cumpre-lhe de ser primeiro  
 O mais ruim que puder.

E pois são desta maneira  
 Os contractos dos mortaes,  
 Não me lanceis vós da feira  
 Onde eu hei de vender mais  
 Que todos á derradeira.

**SER.** Venderás muito perigo,  
 Que tens nas trevas escuras.

**DIABO** Eu vendo perfumaduras,  
 Que, pondo-as no enhigo,  
 Se salvão as criaturas.

Ás vezes vendo virotas,  
 E trago d'Andaluzia  
 Naipes com que os sacerdotes  
 Arreneguem cada dia,  
 E joguem té os pellotes.

**SER.** Não venderás tu aqui isso,  
 Que esta feira he dos ceos :  
 Vae lá vender ao abismo  
 Logo, da parte de Deos.

**DIABO** Senhor, apollo eu disso.  
 S'eu fosse tão mao rapaz,  
 Que fizesse fôrça a alguem,  
 Era isso muito bem ;

Mas cada um veja o que faz,  
 Porque eu não forço ninguém.  
 Se me vem comprar qualquer  
 Clerigo, leigo ou frade  
 Falsas manhas de viver,  
 Muito por sua vontade;  
 Senhor, que lh'hei de fazer?

E se o que quer bispar  
 Ha mister hypocrisia,  
 E com ella quer caçar;  
 Tendo eu tanta em porfia,  
 Porque lh'a hei de negar?  
 E se húa doce freira  
 Vem á feira  
 Por comprar hum inguento,  
 Com que voe do convento;  
 Senhor, inda que eu não quecira,  
 L'hei de dar aviamento.

**MERC.** Alto, Teimpo, aparelhar,  
 Porque Roma vem á feira.

**DIABO** Quero-me eu concertar,  
 Porque lhe sei a maneira  
 De seu vender e comprar.

(*Entra Roma, cantando*)

**ROMA.** « Sobre mi armavão guerra :  
 « Ver quero eu quem a mi leva.  
 « Tres amigos que eu havia,  
 « Sobre mi armão porfia ;  
 « Ver quero eu quem a mi leva. »  
 Vejamos se nestá feira,  
 Que Mercurio aqui faz,

Acharei a vender paz,  
 Que me livre da canceira  
 Em que a fortuna me traz.  
 Se os meus me desbaratão,  
 O meu socorro onde está?  
 Se os christãos mesmo me matão,  
 A vida quem m'a dara,  
 Que todos me desacatão?

Pois s'eu aqui não achar  
 A paz firme e de verdade  
 Na sancta feira a comprar,  
 Cant'a mi dá-me a vontade  
 Que mourisco hei de fallar.

**DIABO** Senhora, se vos prouver,  
 Eu vos darei bom recado.

**ROMA**. Não pareces tu azado  
 Pera traser a vender  
 O que eu trago no cuidado.

**DIABO** Não julgueis vós pola cõr,  
 Porque em al vai o engano;  
 Ca disem que sob mao panno  
 Está o bona bebedor:  
 Nem vós dignais mal do anno.

**ROMA**. Eu venho à feira direita  
 Comprar paz, verdade e fé.

**DIABO** A verdade pera que?  
 Cossa que não aproveita,  
 E aborrece, pera que he?  
 Não transis bôs fundamentos  
 Pera o que haveria mister;  
 E a segundo não os tempos,

Assi hão de ser os tentos,  
Pera saberdes viver.

E pois agora á verdade  
Chamão Maria peçonha,  
E parvoice á vergonha,  
E aviso á ruindade ;  
Peitae a quem vo-la ponha,  
A ruindade digo eu :  
E aconselho-vos mui hem,  
Porque quem bondade tem  
Nunca o mundo será seu,  
E mil canceiras lhe veia.

Vender-vos-hei nesta feira  
Mentiras vinta tres mil,  
Todas de nova maneira,  
Cada hila tão subtil,  
Que não vivais em canceira :  
Mentiras para senhores,  
Mentiras para senhoras,  
Mentiras para os amores,  
Mentiras, que a todas horas  
Vos nascão dellas favores.

E como formos avindos  
Nos preços disto que digo,  
Vender-vos-hei como amigo  
Muitos enganos infindos,  
Que aqui trago comigo.

**ROMA.** Tudo isso tu vendias,  
E tudo isso feirei  
*Tanto, que inda vendarei,*  
*E outras sujas intercancias,*

Que por meu mal te comprei.  
 Porque a trôco do amor  
 De Deos, te comprei mentira,  
 E a trôco do temor  
 Que tinha da sua ira,  
 Me déste o seu desamor:  
 E a trôco da fama minha  
 E sanctas prosperidades,  
 Me déste mil torpidades:  
 E quantas virtudes tinha  
 Te troquei polas maldades.

E pois já sei o teu geito,  
 Quero ir ver que vai ca.

**DIABO** As couças que vendem lá  
 São de bem pouco proveito  
 A quemquer que as comprará.

(Vai-se Roma ao Tempo e Mercurio. e diz)  
**ROMA.** Tão honrados mercadores

Não podem leixar de ter:  
 Cousas de grandes primores;  
 E quant'eu houver mister  
 Deveis vós de ter, senhores.

**SER.** Sinal he de boa feira.  
 Virem a ella donas taes;  
 E pois vós sois a primeira,  
 Queremos ver que feiraes  
 Segundo. voissa maneira,

Ca, se vós a paz quereis,  
 Senhora, sereis servida,  
 E logo a levareis  
 A trôco de sancta vida;

Mas não sei se a trazeis.  
 Porque, Senhora, eu me fundo  
 Que quem tem guerra com Deos,  
 Não pôde ter paz c' o mundo ;  
 Porque tudo vem dos ceos,  
 Daquelle poder profundo..

- DMA.** A trôco das estações  
 Não fareis algum partido,  
 E a trôco de perdões,  
 Que he thesouro concedido  
 Para quaesquer remissões ?  
 Oh ! vendei-me a paz dos ceos,  
 Pois tenho o poder na terra.
- BR.** Senhora, a quem Deos dá guerra,  
 Grande guerra faz a Deos,  
 Que he certo que Deos não erra.

Vêde vós que lhe fazeis,  
 Vêde como o estimais,  
 Vêde bem se o temeis ;  
 Attentae com quem lutais,  
 Que temo que cahireis.

- DMA.** Assi que a paz não se dá  
 A trôco de jubileus ?

- ERC.** Ó Roma, sempre vi lá  
 Que matas peccados ca,  
 E leixas viver os teus.

E não te corras do mi:  
 Mas com teu poder facundo  
 Assolves a todo o mundo,  
 E não te lembras de ti,  
 Nem ves que te vas ao fundo.

**ROMA.** Ó Mercurio, valei-me ora,  
Que vejo maos apparelhos.

**MERC.** Dá-lhe, Tempo, a essa Senhora  
O cofre dos meus conselhos :  
E podes-te ir muito embora.

Hum espelho hi acharás,  
Que foi da Virgem sagrada.  
Co'elle te toucarás,  
Porque vives mal tocada,  
E não sientes como estás :  
E acharás a maneira  
Como entendes a vida :  
E não digas mal da feira ;  
Porque tu serás perdida,  
Se não mudas a carreira.

Não culpes aos reis do mundo,  
Que tudo te vem de cima,  
Polo que fases ta em fundo :  
Que, offendendo a causa prima,  
Se resulta o mal segundo.  
E tambem e digo a vós,  
E a qualquer meu amigo,  
Que não quer guerra consigo :  
Tenha sempre paz com Deos,  
E não temerá perigo.

**DIABO** Preposito Frei Sueiro,  
Diz lá o exemplo velho,  
Dá-me ta a mima dinheiro,  
E dá ao demônio o conselho.

*lepois de ida Roma, entrão douz lavradores, hum per nome Amancio Vas, e outro Deniz Lourenço, e dis)*

**IAN.** Compadre, vas tu á feira?

**IN.** Á feira, compadre.

**IAN.** Assi;

Ora vamos eu e ti  
Ó longo desta ribeira.

**IN.** Bofá, vamos.

**IAN.** Folgo bem  
De te vir aqui achar.

**IN.** Vas tu lá buscar alguem,  
Ou esperas de comprar?

**IAN.** Isso te quero contar,  
E iremos patornando.  
E er tambem aguardando  
Polas moças do logar.  
Compadre, enha mulher  
He muito destemperada,  
E agora, se Deos quiser,  
Faço conta de a vender,  
E da-la-hei por quasi nada.

Qu'eu quando essei com ella  
Dixião-me, — hétega he;  
E eu cuidei pola abofé  
Que mais oedo morresse ella,  
E ella anda inda em pé.  
E porque era hétega assim  
Foi o que m'a mim danou:  
Avonda qu'ella engordou  
*E fez-me hétego a mim.*

- DEN.** Tens boa mulher de teu :  
 Não sei que tu has, amigo.  
**AMAN.** S'ella casára comtigo,  
 Renegáras tu com'eu,  
 E dixeras o que eu digo.  
**DEN.** Pois, compadre, cant'á minha,  
 He tão molle e desatada,  
 Que nunca dá peneirada,  
 Que não derrame a farinha.  
 E não põe cousa a guardar,  
 Que a tope quando a cata ;  
 E por mais que homem se mata,  
 De birra não quer fallar.  
 Tras d'húa pulga andará  
 Tres dias, e oito, e dez,  
 Sem lhe lembrar o que fez,  
 Nem tampoueo o que fara.  
 Pera que t'hei de fallar ?  
 Quando hontem cheguei do mato  
 Poz húa enguia a assar,  
 E crua a-leixou levar,  
 Por não dizer sape a hum gato.  
 Cant'a mansa, mansa he ella ;  
 Dá-me logo cant'á disso.  
**AMAN.** Juro-t'eu que mais val isso  
 Cincoenta veses qu'ella.  
 A minha te digo eu...  
 Que se a visse assanhada,  
 Parece demoninhada,  
 Ante San Bartholomeu.  
**DEN.** Ja siquer tera esp'rito :

Mas renega da mulher  
Que ó tempo do mister.  
Não he cabra nem cabrito.

- IX. A minha tinh'eu em guarda  
Para bem de minha prol,  
Cuidando que era ourinol,  
E tornou-se-me bombarda.  
Folga tu que es'outra tenhas,  
Porque a minha he tal perigo,  
Que por nada que lhe digo  
Logo me salta nas grenhas.  
Então tanto punho secco  
Me chimpa nestes focinhos;  
Eu chamo pelos vezinhos,  
E ella nego dar-me em xeco.  
. Isso he de coraçuda;  
Não cures de a vender,  
Que s'alguem te mal fizer,  
Ja siquer tens quem te acuda.  
Mas a minha he tão cortez,  
Que se viesse ora á mão  
Que in'espancasse hum rascão,  
Não diria, — mal fazés:  
Mas antes s'assentaria  
A olhar como eu bradava.  
Todavia a mulher brava  
He, compadre, a qu'eu queria.  
X. Pardos! tanto me faras,  
Que seire a minha comtego.  
. Se queres feirar começo,  
Vejamos que me das.

**AMAN.** Mas antes m'has de tornar,  
Pois te dou mulher tão forte,  
Que te castigue de sorte  
Que não ouses de fallar,  
Nem no mato nem na corte.

Outro bem teras com ella :  
Quando vieres da arada,  
Comerás sardinha assada,  
Porqu'ella jenta a panella.  
Então geme, pardoes, si,  
Diz que lhe doe a moleira.

**DEN.** Eu faria por maneira  
Que esperasse ella por mi.

**AMAN.** Que lh'havias de fazer ?

**DEN.** Amancio Vaz, eu o sei bem.

**AMAN.** Deniz Lourenço, ei-las ca vem.  
Vamo-nos nós esconder,  
Vejamos que vem catar,  
Qu'ellas ambas vem a feira.  
Mette-te nessa silveira,  
Qu'eu daqui hei d'espreitar.

(Vem Branca Anna a brava, e Marta Dias  
a mansa, e vem discendo a brava :)

**BRAN.** Pois casei má hora, e nella,  
E com tal marido, prima,  
Comprarei ca húa gamella,  
Para o ter debaixo della,  
E hum gran penedo em cima.  
Porque vai-se-me ás figueiras,  
E come verde e maduro ;  
E quantas avas penduro

Jeita nas gorgomileiras :

Parece negro monturo.

Vai-se-m'ás ameixieiras,  
Antes que sejão maduras ;  
Elle quebra as cerejeiras,  
Elle vendima as parreiras,  
E não sei que faz das uvas.  
Elle não vai á lavrada,  
Elle todo o dia come,  
Elle toda a noute dorme,  
Elle não faz nunca nada,  
E sempre me diz que ha fome.

Jesu ! posso-te dizer,  
E jurar e tresjurar,  
E provar e reprovar,  
E andar e revolver,  
Qu'he melhor pera beber,  
Que não pera maridar.  
O demo que o fez marido !  
Que assi sécco como he  
Beberá a tórre da Sé :  
Então arma hum arruido  
Assim debaixo do pé.

ARTA. Pois bom homem parece elle.

EN. Aquella he a minha fruxa.

ARTA. Deu-t'elle a fraldilha rexia ?

RAN. Melhor lh'afsole eu a pelle.

Que homem ha hi da puxa.  
O diabo que o eu dou,  
Que o leve em fatiota,  
E o ladrão que m'o gabou ;

E o frade que me casou.

Inda o veja na picota.

E rógo á Virgem da Estrella,

E á sancta Gerjalem,

E ós choros da Madanella,

E á asninha de Belem,

Que o veja eu ir á vela

Para donde nunca vem.

DEN. Compadre, nó mais soffrer :

Sae de lá desse silvado.

AMAN. Pera eu ser arrepelado

Não havi'eu mais mester.

DEN. E não n'has tu de vender?

AMAN. Tu dizes que a qués feirar.

DEN. Não qu'ella se me tomar,

Leixar-m'ha quando quizer.

Mas dêmo-las á ma estreia;

E voto que nos tornemos,

E er depois tornaremos

Com as cachopas d'aldeia :

Entonceas concertaremos.

AMAN. Isso me parece a mi

Muito melhor que eu ir lá.

Oh que couces que me dá,

Quando me colhe sob si!

DEN. Cant'àquella si dará.

DIABO Mulheres, vós que me quereis?

Nesta feira que buscais?

MARTA Queremo-la ver, nó maid,

Pera ver em que tractais,

E as couças que verdeis.

Tendes vós aqui anneis?

ABO Quejandos? de que feição?

RTA D'huns que fazem de latão.

ABO Pera as mãos, ou pera os pés?

RTA Não — Jesu, nome de Jesu,

Deos e homem verdadeiro!

(*Foge o Diabo, e Marta diz:*)

RTA Nunca eu vi bufalinheiro

Tão prestes tomar o mu.

Branc'Annes mana, cre tu

Que, como Jesu he Jesu,

Era este o diabo inteiro.

AN. Não he elle pao de boa lenha,

Nem lenha de bo madeiro.

RTA Bofá, nunqu'elle ca venha.

AN. Viagem de Jão moleiro,

Que foi pola eal d'azenna.

RTA Pasmada estou eu de Deos

Fazer o demo marchante!

Mana, daqui por diante

Não caminhamos nôs sos.

AN. S'eu soubera quem elle era,

Fizera-lhe bom partido:

Que me levára o marido,

E quanto tenho lhe dera,

E o toucado e o vestido:

Inda que mais não levára

Desta feira, em extremo

Me alegrára e descangára,

Se o víra levar o demo,

*E que nunca mais tornára.*

Porque, inda que era diabo,  
 Fizera serviço a Deos,  
 E a mim merce em cabo ;  
 E viera-me dos cacos,  
 Como vem a frol ao nabo.

(Vão-se ao Tempo.)

MARTA Dizei, Senhores de bem,  
 Nesta tenda que vendeis ?

SER. Esta tenda tudo tem ;  
 Vêde vós o que quereis,  
 Que tudo se fara bem.

Conciencia quereis comprar,  
 De que vistaís vossa alma ?

MARTA Tendes sombreiros de palma  
 Muito bôs para segar,  
 E tapados pera a calma ?

SER. Conciencia digo eu,  
 Que vos leva ao paraíso.

BRAN. Não sabemos nós qu'he isso ;  
 Dae-o é decho por seu,  
 Que ja não he tempo disso.

MARTA Tendes vós aqui borel,  
 Do pardo de lan meirinha ?

BRAN. Eu queria húa pucarinha  
 Pequemina para mel.

SER. Esta feira he chamada  
 Das virtudes em seus tratos.

MARTA Das virtudes ! e ha aqui patos ?

BRAN. Querem feirar a cevada  
 Quatro pares de sapatos ?

SER. Oh piedoso Deus eterno !

Não comprareis para os ceos  
Hum pouco d'amor de Deos,  
Que vos livre do inferno?

*M.* Isso he fallar per pinceos.

*M.* Esta feira não se fez  
Pera as cousas que quereis.

*M.* Pois cant'a essas que vendeis,  
Daqui affirmo outra vez  
Que nunca as vendereis.  
Porque neste sigro em fundo  
Todos somos negligentes:  
Foi ar que deu polas gentes,  
Foi ar que deu polo mundo,  
De que as almas são doentes:

E se hão de corregor  
Quando for todo danado:  
Muito cedo se ha de ver;  
Que ja elle não pôde ser  
Mais torto nem ale jado.  
Vamo-nos, Marta, á carreira,  
Que as moças do logar  
Virão ea fazer a feira,  
Qu'estas não sabem ganhar,  
Nem tem cousa qu'ho nem queira.

*M.* Eu não vejo aqui cantar,  
Nem gaita, nem tamboril,  
E outros folgares nail,  
Que nas feiras soem d'estar:  
E mais feira de Natal;  
E mais de Nossa Senhora,  
E estar todo Portugal.

**BRAN.** S'eu soubera qu'era tal,  
Não estivera eu ca agora.

(*Vem á feira nove moças dos montes, e tres mancebos, todas com cestos nas cabeças cobertos, cantando, e como chegão, se assentão por ordem a vender; e diz-lhe o*)

**SER.** Pois vindes vender á feira,  
Sabei que he feira dos ceos;  
Por tal vendei de maneira  
Que não offendais a Deos,  
Roubando a gente estrangeira.

**TES.** Responde-lhe, Leonarda,  
Tu Justina, ou Juliana.

**JUL.** Mas responda-lhe Giralda,  
Teresa, ou Merenciana.

**MER.** Responde-lhe, Thedora,  
Porque creio que a ti creia.

**TES.** Responda-lhe Dorotcia,  
Pois que mora  
Junto c'o Juiz d'aldeia.

**DOR.** Moneca responderá,  
Que fallou ja e'o o Senhor.

**MON.** Responde-lhe tu, Nabor,  
Comtigo s'entenderá.

Ou Denisio, ou Gilberto,  
Qualquer de vós outros tres,  
E não vos embaraceis nem torvês,  
Porque he certo  
Que bem vos entenderás.

**GIL.** Estas cachopas não vêm  
Á feira nego a folgar,

E trazem de merendar  
Nesses cestos que hi tem.

Mas pois quanto ao que entendo,  
Sois samica anjo de Deos ;  
Quando partistes dos ceos,  
Que ficava elle fazendo ?

SER. Ficava vendo o seu gado.

GIL. Sancta Maria ! gado ha lá ?  
Oh Jesu ! como o tera  
O Senhor gordo e guardado !  
E ha la boas ladeiras,  
Como na serra d'Estrella ?

SER. Si.

GIL. E a Virgem que faz ella ?

SER. A Virgem olha as cordeiras,  
E as cordeiras a ella.

IL. E os Sanctos de saude  
Todos, a Deos louvores ?

R. Si.

L. E que legoas havera  
Daqui á porta do Paraizo.  
Onde San Pedro está ?

SOM Lá vem ó redor das vinhas

Compradores a comprar  
Samica ovos e gallinhas.

Não lhe hei de vender as minhas,  
Que as trago pera dar.

(dous compradores, hum per nome Vinte, e outro Matheus, e diz Matheus  
a Justina.)

Vós rosa do amarello,

- Mana, tendes hi queijadas ?  
**JUST.** Temho vosso avô marmelo ;  
 Conhecei-lo ?
- MATH.** Aqui estão emborilhadas.  
**JUST.** Estade ma ora quêdo,  
 Pela vossa negra vida.
- MATH.** Menina, não hajais medo :  
 Vós sois mais engrandecida  
 Que Branca de Figueiredo.  
 Se trazeis ovos, meus olhos,  
 Não m'os vendais a ninguem.
- JUST.** Andar em burra e ter bem :  
 Ouvide ora o rasca-piolhos  
 (Azeite no micho !) em que vem !
- VIC.** Minha vida Leonarda  
 Traz caça para vender ?
- LEON.** Vossa vida negra e parda  
 Não lhe abastará comer  
 Da vacca com da mostarda ?
- VIC.** E a mesa de meu senhor  
 Irá sem ave de penna ?
- LEON.** Quem ? e vós sois comprador ?  
 Pois nem grande nem pequena  
 Não matou o caçador.
- VIC.** Matais-me vós logo bem  
 Com dous olhinhos qu'eu digo.
- LEON.** Mais vos mata a vós o trigo,  
 Porque não vale a vintem,  
 E traz mao micho comsigo.
- VIC.** Vós fazeis de mim rascão.
- LEON.** Pácão vos fizentes vós ;

Porém bem vos vimos nós  
Guardar bois no Alqueidio.

- rn. Que vindes vender á feira,  
Theodora, alma minha,  
Minha alma, minha canceira ?  
Trazais algúia gallinha ?  
io. Som voss' alma gallinheira.

Que ma ora ca vieste  
Pera quem vos pos no paço !

- rn. Senhora, eu que vos faço,  
Que vos agastai tão prestes ?  
Dizei-me vós, Theodora,  
Trazais vós tal cousa tal  
Deste geito, muito embora ?  
Mas lá des' outro metal  
Não fallão á lavradora.

Senhora Moneca, trazeis  
Algum cabrito recente ?  
Não bofé, Senhor Vicente :  
Quizera oea trazer tres,  
De que vós foreis contente.  
Juro á sancta cruz de palha  
Qu'hei de ver o que aqui'stá.  
Não revolvais aramá,  
Que não trago nemigalha.  
Não me façais descortez,  
Nem queiraes ser tão garrida.  
Pola vossa negra vida !  
Olhade como he cortez !  
Oh ! que lhe saia ma sahida.  
n. Giralda, eu achar-vos-hei

- GIR. Dous pares do passarinhos ?  
 Irei por elles aos ninhos,  
 Entoncес os venderei :  
 Comereis vós estorninhos ?
- MATH. Respondeis como mulher,  
 Muito de sua vontade.
- GIR. Pois digo-vos da verdade :  
 Passaros hei de vender ?  
 Olhae aquella piedade !
- VIC. Senhora minha Juliana,  
 Peço-vos que me falleis  
 Discreta palaciana,  
 E dizei-me que vendecis.
- JUL. Vendo favas de Viana.
- VIC. Tendes alguns laparinhos ?
- JUL. Sim de porca.
- VIC. Nem coelhos ?
- JUL. Quereis comprar dous francelhos,  
 Para caçardes ratinhos ?
- VIC. Quero, polos evangelhos.
- MATH. Vós Tesaura, minha estrella,  
 Não virieis ca em vão.
- TES. Pois si, vossa estrella vos er'ella :  
 Como aquillo he de rascão !
- MATH. Mas como isso he de donzella !  
 Porém va ja como vai,  
 E casemo-nos, senhora.
- TES. Pois casae co'elle, casae.  
 Casar ma ora, meu pae,  
 Casar ma ora.
- MATH. Porém trazeis algum pato ?

**Tes.** E quanto dareis por elle ?

Hui ! e elle revolve o fato :  
Olho mao se metta nelle.

**MATH.** Não trazeis vós o qu'eu cato.

**Vic.** Merenciana deve ter  
Neste cesto algum cabrito.

**MERC.** Não m'haveis de revolver,  
Senão pardeos que dê grito  
Tamanho, qu'haveis de ver.

**Vic.** Eu hei de ver que trazeis.

**MERC.** Se vós no cesto bolis...

**Vic.** Senhora, que me fareis ?

**MERC.** Hum aqui-delrei, ouvis ?  
Não sejais vós descortez.

**Vic.** Não quero senão amores,  
Pois vosso, senhora, só.

**MERC.** Amores de vosso avô,  
O da ilha dos Açores.  
Andar aramá vós so.

**MATH.** Vamo-nos daqui, Vicente.

**Vic.** Bosá vamos.

**MATH.** Nunca vi tal feira.

**Vic.** Vamos comprar á ribeira,  
Qu'anda lá a cousa mais quente.

(Vão-se os compradores, e diz o Seraphim ás  
moças)

**SER.** Vós outras quereis comprar  
Das virtudes ?

**TODAS.** Senhor, não.

**SER.** Saibamos porque razão

**DOS.** Porque no nosso logar

Não dão por virtudes pão ;  
 Nem casar não vejo eu  
 Por virtudes a ninguem.  
 Quem tiver muito de seu,  
 E tão bôs olhos como eu,  
 Sem isso casará bem.

SER. Pois porque viestes ora  
 Cansar á feira de pé ?

THEO. Porque nos dizem que he  
 Feira de Nossa Senhora :  
 E vêdes aqui porque.  
 E as graças que diseis  
 Que tendes aqui na praça,  
 Se vos outros as vendéis,  
 A Virgem as dá de graça  
 Aos bôs, como sabeis.

E porque a graça e alegria  
 A madre da consolação  
 Deu ao mundo neste dia,  
 Nós vimos com devação  
 A cantar-lhe húa folia.  
 E pois que ja descansamos  
 Assi em boa maneira,  
 Moças, assi como estamos,  
 Dêmos fim a esta feira,  
 Primeiro que nos partamos.

*(Alevantão-se todas, e ordenadas em folia can-  
 tarão a cantiga seguinte, com que se despe-  
 dirão.)*

1.<sup>o</sup> CÔRO.

“ Blanca estais colorada,  
“ Virgem sagrada.

“ Em Belem villa do amor  
“ Da rosa nasceo a flor :  
“ Virgem sagrada..”

2.<sup>o</sup> CÔRO.

“ Em Belem villa do amor  
“ Nasceo a rosa do rosal :  
“ Virgem sagrada..”

1.<sup>o</sup> CÔRO.

“ Da rosa nasceu a flor,  
“ Pera nosso Salvador :  
“ Virgem sagrada..”

2.<sup>o</sup> CÔRO.

“ Nasceu a rosa do rosal,  
“ Deos e homem natural :  
“ Virgem sagrada..”

---

## AUTO DA ALMA.

### FIGURAS.

ALMA. — ANJO CUSTODIO. — IGREJA. — S. AGOSTINHO. — S. AMBROZIO. — S. JERONIMO. — S. THOMAZ. — DOUS DIABOS.

*Este auto presente foi feito á muito devota Rainha Dona Leonor, e representado ao muito poderoso e nobre Rei Dom Emanuel, seu irmão, por seu mandado, na cidade de Lisboa nos paços da Ribeira, em a noite de endoenças; era do Senhor 1508.*

### ARGUMENTO.

*Assi como foi cousa muito necessaria haver nos caminhos estalagens, pera repouso e refeição dos cansados caminhantes, assi foi cousa conveniente que nesta caminhante vida houvesse húa stalajadeira, pera refeição e descanso das almas que vão caminhantes pera a eternal morada de Deos. Esta stalajadeira das almas he a Madre Sancta Igreja; a mesa he o altar, os manjares as insignias da paixão. E desta perfiguração tracta a obra seguinte.*

*lá posta húa mesa com húa cadeira. Vem  
Madre Sancta Igreja com seus quatro  
sextos, San Thomaz, San Jeronimo, San-  
o Ambrosio, Sancto Agostinho; e diz)*

IST. **N**ecessario foi, amigos,  
Que nesta triste carreira  
Desta vida,  
Pera mui p'rigosos p'rígos  
Dos imigos,  
Houvesse algúia maneira  
De guardida.  
Porque a humana transitoria  
Natureza vai cansada  
Em várias calmas ;  
Nesta carreira da glória  
Meritoria,  
Foi necessario pousada  
Pera as almas.  
Pousada com mantimentos,  
Mesa posta em clara luz,  
Sempre esperando  
Com dobrados mantimentos  
Dos tormentos  
Que o Filho de Deos na cruz  
Comprou, penando.  
Sua morte foi avença,  
Dando, por dar-nos paraizo,  
A sua vida  
**Apressada, sem detença ;**

**Por sentença  
Julgada a paga em proviso,  
E recebida.**

**A sua mortal empresa  
Foi, sancta stalajadeira  
Igreja Madre  
Consolar á sua despesa  
Nesta mesa  
Qualquer alma caminheira,  
Com o Padre  
E o anjo Custodio aio.  
Alma que lh'he encommendada,  
Se enfraquece  
E lhe vai tomando raio  
De desmaio ;  
Se chegando a esta pousada,  
Se guarece.**

*(Vem o Anjo Custodio com a Alma, e diz)*  
**ANJO.** Alma humana formada

De nenhúa cousa, feita  
Mui preciosa,  
De corrupção separada,  
E esmaltada  
Naquelle frágoa perfeita  
Gloriosa ;  
Planta neste valle posta  
Pera dar celestes flores  
Olorosas,  
E pera serdes tresposta  
Em a alta costa  
Onde se crião primores

Mais que rosas ;  
 Planta sois e caminheira,  
 Que ainda que estais, vos is  
 Donde viestes.

Vossa patria verdadeira  
 He ser herdeira  
 Da glória que conseguis :  
 Andae prestes.

Alma bem-aventurada,  
 Dos anjos tanto querida,  
 Não durmais ;  
 Hum ponto não esteis parada,  
 Que a jornada  
 Muito em breve he fenecida,  
 Se attentais.

**ALMA.** Anjo que sois minha guarda,  
 Olhae por minha fraqueza  
 Terreal :  
 De toda a parte haja resguarda,  
 Que não arda  
 A minha preciosa riqueza  
 Principal.

Cercae-me sempre ó redor,  
 Porque vou mui temerosa  
 Da contenda.

Ó precioso defensor  
 Meu favor !  
 Vossa espada lumiosa  
 Me defendá.

Tende sempre mão em mim,  
 Porque hei medo de empeçar,

E de cahir.

ANJO. Pera isso sam, e a isso vim ;  
Mas emfim  
Cumpre-vos de me ajudar  
E resistir.  
Não vos occupem vaidades,  
Riquezas, nem seus debates.  
Olhae por vós ;  
Que pompas, honras, herdades  
E vaidades,  
São embates e combates  
Pera vós.

Vosso livre alvedrio,  
Isento, fôrro, poderoso,  
Vos he dado  
Polo divinal poderio  
E senhorio,  
Que possais fazer glorioso  
Vosso estado.

Deu-vos livre entendimento,  
E vontade libertada  
E a memória,  
Que tenhais em vosso tento  
Fundamento,  
Que sois por elle criada  
Pera a glória.

E vendo Deos que o metal  
Em que vos poz a estillar,  
Pera merecer,  
Que era muito fraco e mortal :  
E por tal

Me manda a vos ajudar  
E defender.  
Andemos a estrada nossa ;  
Olhae não torneis atraç,  
Que o imigo  
Á vossa vida gloriaza  
Porá grossa.  
Não creais a Satanaz,  
Vosso perigo.

Continuae ter cuidado  
Na fim de vossa jornada,  
E a memória  
Que o spirito atalaiado  
Do peccado  
Caminha sem temer nada  
Pera a glória.  
E nos laços infernaes,  
E nas redes de tristura  
Tenebrosas,  
Da carreira que passais  
Não caiaias :  
Siga vossa fermosura  
As gloriozas.

(Adianta-se o Anjo, e vem o Diabo e diz :)

**DIABO** Tão depressa, ó delicada,  
Alva pomba, pera onde is ?  
Quem vos engana,  
E vos leva tão cansada  
Por estrada,  
Que sómente não sentis  
Se sois humana ?

Não cureis de vos matar,  
Que ainda estais em idade  
De crescer.

Tempo ha hi para folgar,  
E caminhar:  
Vivei á vostra vontade,  
E havei prazer.

Gozae, gozae dos bens da terra,  
Procurae por senhorios  
E haveres.  
Quem da vida von desterra  
Á triste serra?  
Quem vos falla em desvarios  
Por prazeres?  
Esta vida he descanso  
Doce e manso,  
Não cureis d'outro paraizo:  
Quem vos põe em vosso siso  
Outro remanso?

**ALMA.** Não me detenhaias aqui,  
Deixaе-me ir, que em al me fundo.

**DIABO** Oh descansae neste mundo,  
Que todos fazem assi.  
Não são em balde os haveres,  
Não são em balde os deleites,  
E fortunas;  
Não são de balde os prazeres  
E comeres:  
Tudo são puros affeites  
Das criaturas.  
Pera os homens se criárão.

Dae folga á vossa passagem  
D'hoje a mais :  
Descansae, pois descansárao  
Os que passárao  
Por esta mesma romagem  
Que levais.

O que a vontade quizer,  
Quanto o corpo desejar,  
Tudo se faça.  
Zombae de quem vos quizer  
Reprender,  
Querendo-vos marteirar  
Tão de graça.

Tornára-me, se a vós fóra.  
Is tão triste, atribulada,  
Que he tormenta.  
Senhora, vós sois senhora  
Imperadora,  
Não deveis a ninguem nada ;  
Sêde isenta.

MJO. Oh ! andae ; quem vos detem ?|  
Como vindes pera a glória  
Devagar !  
Oh meu Deos ! oh summo bem !  
Ja ninguem  
Não se preza da victoria  
Em se salvar.  
Ja cansais, alma preciosa ?  
Tão asinha desmaiais ?  
Sêde esforçada !  
*Oh como virieis trigosa*

E desejosa,  
Se visseis quanto ganhais  
Nesta jornada !  
Caminhemos, caminhemos ;  
Esforçae ora, alma sancta  
Esclarecida !

(Adianta-se o Anjo, e torna Satanaz :)

**DIABO** Que vaidades e que extremos

Tão supremos !  
Pera que he essa pressa tanta ?  
Tende vida.  
Is mui desautorizada,  
Descalça, pobre, perdida  
De remate :  
Não levais de vosso nada,  
Amargurada,  
Assi passais esta vida  
Em disparate.

Vesti ora este brial,  
Mettei o braço por aqui :  
Ora esperae.  
Oh como vem tão real !  
Isto tal  
Me parece bem a mi :  
Ora andae.  
Huns chapins haveis mister  
De Valença : — ei-los aqui.  
Agora estais vós mulher  
De parecer.  
Ponde os braços presumptuosos :  
Isso si.

Passcae-vos mui pomposa,  
Daqui pera alli, e de lá pera ca,  
E fantasiae.

Agora estais vós fermosa  
Como a rosa ;  
Tudo vos mui bem está.  
Descansae.

(*Torna o Anjo á Alma, dizendo :)*

- o. Que andais aqui fazendo ?
- ta. Faço o que vejo fazer  
Pelo mundo.
- o. O Alma, is-vos perdendo ;  
Correndo vos is metter  
No profundo.  
Quanto caminhais avante,  
Tanto vos tornais atraz  
E atravez.  
Tomastes ante com ante  
Por mercante,  
O cossairo Satanaz,  
Porque querés.
- Oh ! caminhamae com cuidado,  
Que a Virgem gloriosa  
Vos espera.
- Deixais vosso principado  
Desherdado !  
Engeitais a glória vossa  
E patria véra !  
Deixaes esses chapins ora,  
E esses rabos tão sobejos,  
*Que is carregáda :*

Não vos tome a morte agora  
 Tão senhora ;  
 Nem sejais com taes desejos  
 Sepultada.

**ALMA.** Andae, dae-me ca essa mão ;  
 Andae vós, que eu irei,  
 Quanto puder.

(*Adianta-se o Anjo, e torna o Diabo.*)

**DIABO** Todas cousas com razão

Tem sazão.  
 Senhora, eu vos direi  
 Meu parecer.  
 Ha hi tempo de folgar,  
 E idade de crescer ;  
 E outra idade  
 De mandar e triumphar,  
 E apanhar  
 E acquirir prosperidade  
 A que puder.

Ainda he cedo pera a morte ;  
 Tempo ha de arrepender,  
 E ir ao ceo.  
 Ponde-vos á fór da côrte,  
 Desta sorte  
 Viva vosso parecer,  
 Que tal nasceo.  
 O ouro pera que he,  
 E as pedras preciosas,  
 E brocados ?  
 E as sedas pera que ?  
 Tende por fé,

Que p'ra as almas mais ditosas  
Forão dados.

Vêdes aqui hum collar  
D'ouro mui bem esmaltado,  
E dez anneis.

Agora estais vós p'ra casar  
E namorar :

Neste espelho vos vereis,  
E sabereis

Que não vos hei de enganar.  
E poreis estes pendentes,  
Em cada orelha seu :

Isso si ;

Que as pessoas diligentes  
São prudentes.

Agora vos digo eu  
Que vou contente daqui.

LMA. Oh como estou preciosa,  
Tão dina pera servir,  
E sancta pera adorar !

NJO. Oh alma des piedosa  
Perfiosa !

Quem vos devesse fugir,  
Mais que guardar !

Pondes terra sobre terra ;  
Qu'esses ouros terra são.

O Senhor,  
Porque permittes tal guerra,  
Que desterra

Ao reino da confusão  
O teu lavor ?

Não ieis mais despejada,  
 E mais livre da primeira  
 Pera andar?  
 Agora estais carregada  
 E embaragaada  
 Com cousas que, á derradeira,  
 Hão-de ficar.  
 Tudo isso se descarrega  
 Ao porto da sepultura.  
 Alma sancta, quem vos cega,  
 Vos carrega  
 Dessa van desaventura?

**ALMA.** Isto não me pesa nada,  
 Mas a fraca natureza  
 Me embaraga.  
 Ja não posso dar passada  
 De cansada:  
 Tanta he minha fraqueza,  
 E tão sem graça!  
 Senhor, ide-vos embora,  
 Que remedio em mim não sento;  
 Ja 'stou tal....

**ANJO.** Sequer dae dous passos ora  
 Até onda mora  
 A que tem o mantimento  
 Celestial.  
 Ireis alli ropousar,  
 Comereis alguns bocados  
 Confortosos;  
 Porque a hóspeda he sem par  
 Em agasalhar

Os que vem atribulados  
E chorosos.

A. He longe ?

D. Aqui mui perto.  
Esforçae, não desmaieis ;  
E andemos,  
Qu'alli ha todo concerto  
Mui certo :  
Quantas cousas querereis  
Tudo tendes.

A hóspeda tem graça tanta,  
Far-vos-ha tantos favores....

A. Quem he ella ?

D. He a Madre Igreja [Sancta,  
E os seus sanctos Doutores  
Hi com ella.

Ireis d'hi mui despejada,  
Cheia do Spirito Sancto,  
E mui fermosa.

Ó Alma, sêde esforçada !  
Outra passada ;  
Que não tendes de andar tanto  
A ser esposa.

B. Esperae, onde vos is ?

Essa pressa tão sobeja

He ja pequice.

Como ! vós, que presumis,  
Consentis

Continuardes a igreja,  
Sem velhice ?

Dae-vos, dae-vos a prazer,

Que muitas horas ha nos annos  
 Que lá vem.  
 Na hora que a morte vier,  
 Como se quer,  
 Se perdoão quantos damnos  
 A alma tem.

Olhae por vossa fazenda :  
 Tendes hūas escripturas  
 De huns casaes,  
 De que perdeis grande renda.  
 He contendā,  
 Que deixáião ás escuras  
 Vosso paes ;  
 He demanda mui ligeira,  
 Litigios que são vencidos  
 Em hum riso.  
 Citaes as partes terça-feira,  
 De maneira  
 Como não fiquem perdidos :  
 E havei siso.

**ALMA.** Cal'-te por amor de Deos,  
 Leixa-me, não me persigas ;  
 Bem abasta  
 Estorvares os hereos  
 Dos altos ceos :  
 Que a vida em tuas brigas  
 Se me gasta.  
 Leixa-me remediar  
 O que tu, cruel, damnaste  
 Sem vergonha :  
 Que não me posso abalar,

Nem chegar  
Ao logar onde gaste  
Esta peçonha.

**NJO.** Vêdes aqui a pousada  
Verdadeira e mui segura  
A quem quer vida.

**IREJA** Oh como vindes cansada  
E carregada !

**LMA.** Venho por minha ventura  
Amortecida.

**IREJA** Quem sois ? pera onde andais ?

**LMA.** Não sei pera onde vou :  
Sou salvagem,  
Sou húa alma que peccou  
Culpas mortaes  
Contra o Deos que me creou  
Á sua imagem.

Sou a triste, sem ventura,  
Creada resplandecente  
E preciosa,  
Angelica em fermosura,  
E per natura,  
Como o raio reluzente  
Lumiosa.

E por minha triste sorte,  
E diabolicas maldades  
Violentas,  
Estou mais morta que a morte,  
Sem deporte,  
*Carregada de vaidades*  
*Peçonhentas.*

Sou a triste, sem méinha,  
Peccadora obstinada,  
Perfiosa ;  
Pola triste culpa minha  
Mui mesquinha,  
E todo o mal inclinada,  
E deleitosa.  
Desterrei da minha mente  
Os meus perfeitos arreios  
Naturaes ;  
Não me prezei de prudente,  
Mas contente  
Me gozei c'os trajos feios  
Mundanaes.

Cada passo me perdi ;  
Em logar de merecer,  
Eu sou culpada.  
Havei piedade de mi,  
Que não me vi ;  
Perdi meu innocent ser,  
E sou damnada.  
E, por mais graveza, sento  
Não poder-me arrepender  
Quanto queria ;  
Que meu triste pensamento,  
Sendo isento,  
Não me quer obedecer,  
Como soia.

Soccorrei, hóspeda senhora,  
Que a mão de Satanaz  
Me tocou,

E sou ja de mim tão fóra,  
Que agora  
Não sei se avante, se atraç,  
Nem como vou.  
Consolae minha fraqueza  
Com sagrada iguaria,  
Que pereço,  
Por vossa sancta nobreza,  
Que he franqueza ;  
Porque o que eu merecia  
Bem conheço.

Conheço-me por culpada,  
E digo diante vós  
Minha culpa.  
Senhora, quero pousada,  
Dae passada ;  
Peis que padeceo por nós  
Quem nos desculpa.  
Mandae-me ora agasalhar,  
Capa dos desemparados,  
Igreja Madre.

**REJA** Vinde-vos aqui assentar  
Mui devagar,  
Que os manjares são guisados  
Por Deos Padre.

Sancto Agostinho doutor,  
Jeronimo, Ambrosio e Thomaz,  
Meus pilares,  
Servi aqui por meu amor,  
*E qual melhor.*  
**E tu, Alma, gostarás**

Meus manjares.  
 Ide á sancta cozinha,  
 Tornemos esta alma em si,  
 Porque mereça  
 De chegar onde caminha,  
 E se detinha :  
 Pois que Deos a trouxe aqui,  
 Não pereça.

*(Em quanto estas cousas passão, Satanaz pas-seia, fazendo muitas vascas, e vem outro Diabo, e diz :)*

2.<sup>º</sup> D. Como andas dessocegado !

1.<sup>º</sup> D. Arço em fogo de pezar.

2.<sup>º</sup> D. Que houveste ?

1.<sup>º</sup> D. Ando tão desatinado  
 De enganado,  
 Que não posso repousar  
 Que me preste.  
 Tinha húa alma enganada,  
 Ja quasi pera infernal  
 Mui accessa.

2.<sup>º</sup> D. E quem t'a levou forçada ?

1.<sup>º</sup> D. O da espada.

2.<sup>º</sup> D. Ja m'elle fez outra tal  
 Bulra como essa.

Tinha outra alma ja vencida,  
 Em ponto de se enforcar  
 De desesperada,  
 A nós toda offerecida,  
 E eu prestes pera a levar  
 Arrastada ;



E elle fê-la chorar tanto,  
Que as lagrimas corrião  
Pola terra.

Blasfemei entonces tanto,  
Que meus gritos retinnião  
Pola serra.

Mas faço conta que perdi,  
Outro dia ganharei,  
E ganharemos.

). Não digo eu, irmão, assi :  
Mas a esta tornarei,  
E veremos.

Torna-la-hei a affagar,  
Depois que ella sair fóra  
Da Igreja  
E começar de caminhar ;  
Hei de apalpar  
Se vencerão ainda agora  
Esta peleja.

(*Entra a Alma, com o Anjo.*)

A. Vós não me desempareis,  
Senhor meu anjo custodio.

O increos  
Imigos, que me quereis,  
Que ja sou fóra do odio  
De meu Deos ?  
Leixaе-me ja, tentadores,  
Neste convite prezado  
Do Senhor,  
*Guisado aos peccadores*  
*Com as dores*

De Christo crucificado,  
Redemptor.

(*Estas cousas estando a Alma assentada á mesa, e o Anjo junto com ella em pé, vem os Doutores com quatro bacios de coxinha cunbertos, cantando, Vexilla regis prodeunt ; e, postos na mesa, dix Sancto Agostinho :)*

**AGOST.** Vós, senhora convidada,

Nesta cea soberana  
Celestial,  
Haveis mister ser apartada  
E transportada  
De toda a cousa mundana  
Terreal.  
Cerrae os olhos corporaes,  
Deitae ferros aos damnados  
Appetitos,  
Caminheiros infernaes ;  
Pois buscais  
Os caminhos bem guiados  
Dos contritos.

**IGREJA** Benzei a mesa vós, senhor,  
E pera consolação  
Da convidada,  
Seja a oração de dor  
Sobre o tenor  
Da gloriosa paixão  
Consagrada.  
E vós, Alma, rezareis,  
Contemplando as vivas dores  
Da Senhora :

Vós outros respondereis,  
Pois que fostes rogadores  
Até 'gora.

(*Oração para Sancto Agostinho.*)

Alto Deos maravilhoso,  
Que o mundo visitaste  
Em carne humana,  
Neste valle temeroso  
E lacrimoso  
Tua glória nos mostraste  
Soberana ;  
E teu filho delicado,  
Mimoso da Divindade  
E natureza,  
Per todas partes chagado,  
E mui sangrado,  
Pela nossa infirmitade  
E vil fraqueza.

Oh Imperador celeste,  
Deos alto mui poderoso  
Essencial,  
Que polo homem que fizeste,  
Offereceste  
O teu estado glorioso  
A ser mortal !

E tua filha, madre, esposa,  
Horta nobre, frol dos ceos,  
Virgem Maria,  
Mansa pomba gloriosa ;  
Oh quão chorosa  
*Quando o seu Deos padecia !*

Oh lagrimas preciosas,  
De virginal coração,  
Estilladas !

Correntes das dores vossas  
C'os olhos da perfeição  
Derramadas !

Quem húa só podéra haver,  
Víra claramente nella  
Aquella dor,  
Aquella pena e padecer,  
Com que choraveis, donzella,  
Vosso amor.

E quando vós amortecida,  
Se lagrimas vos faltavão,  
Não faltava  
A vosso filho e vossa vida  
Chorar as que lhe ficavão  
De quando orava.  
Porque muito mais sentia  
Polos seus padecimentos  
Ver-vos tal ;  
Mais que quanto padecia,  
Lhe doía,  
E dobrava seus tormentos,  
Vosso mal.

Se se podesse dizer,  
Se se podesse rezar  
Tanta dor ;  
Se se podesse fazer  
Podermos ver  
Qual estaveis ao cravar

Do Redemptor !  
Oh fermosa face bella,  
Oh resplendor divinal,  
Que sentistes,  
Quando a cruz se poz á vela,  
E posto nella  
O filho celestial  
Que paristes !

Vendo por cima da gente  
Assomar vosso confôrto  
Tão chagado,  
Cravado tão cruelmente,  
E vós presente,  
Vendo-vos ser mãe do morto,  
E justiçado !  
Oh rainha delicada,  
Sanctidade escurecida,  
Quem não chora  
Em ver morta debruçada  
A avogada,  
A força da nossa vida !

**MBR.** Isto chorou Hieremias  
Sobre o monte de Sion  
Ha ja dias ;  
Porque sentio que o Messias  
Era nossa redempção.  
E chorava a sem ventura,  
Triste de Jerusalem  
Homecida,  
Matando, contra natura,  
*Seu Deus nascido em Belém*

Nesta vida.

**JER.** Quem víra o sancto cordeiro  
Antre os lobos humildoso,  
Escarnecido,  
Julgado pera o marteiro  
Do madeiro,  
Seu rosto alvo e fermoso  
Mui cuspido !

(*Benza a messe*

**AGOST.** A benção do Padre eternal,  
E do Filho, que por nós  
Soffreo tal dor,  
E do Spirito Sancto, igual  
Deos immortal,  
Convidada, benza a vós  
Por seu amor.

**IGREJA** Ora sus, venha agua ás mãos.

**AGOST.** Vós haveis-vos de lavar  
Em lagrimas da culpa vossa,  
E bem lavada.  
E haveis-vos de chegar  
A alimpar  
A húa toalha fermosa,  
Bem lavrada  
C'o sirgo das veias puras  
Da Virgem, sem mágoa nascido  
E apurado,  
Torcido com amarguras  
Ás escuras,  
Com grande dor guarnecido  
E acabado.

Não que os olhos alimpeis,  
Que o não consentirão  
Os tristes laços ;  
Que taes pontos acharcis  
De face e envés,  
Que se rompe o coração  
Em pedaços.  
Vereis seu triste lavrado  
Natural,  
Com tormentos pespontado,  
E figurado  
Deos creador em figura  
De mortal.

*ta toalha de que aqui se falla, he a Verónica, a qual S. Agostinho tira d'ante os acios, e amostra á Alma; e a Madre greja, com os Doutores, lhe fazem adoração de joelhos, cantando, Salve, sancta Fáies. E acabando, diz a Madre Igreja :)*  
EJA Venha a primeira iguaria.

1. Esta iguaria primeira  
Foi, Senhora,  
Guisada sem alegria  
Em triste dia,  
A crueldade cozinheira  
E matadora.  
Gosta-la-heis com salsa e sal  
De choros de muita dor ;  
Porque os costados  
Do Messias divinal  
*Sancto, sem mal,*

Forão polo vosso amor  
Açoutados.

(*Esta iguaria em que aqui se falla, são os  
Açoutes; e em este passo os tirão dos bacios,  
e os presentão á Alma, e todos de joelhos  
adorão, cantando, Ave flagellum; e despois  
diz,*)

JER. Est'outro manjar segundo  
He iguaria,  
Que haveis de mastigar,  
Em contemplar  
A dor que o Senhor do mundo  
Padecia,  
Pera vos remediar,  
Foi um tormento improviso,  
Que aos miolos lhe chegou:  
E consentio,  
Por remediar o siso,  
Que a vosso siso faltou;  
E pera ganhardes paraizo,  
A soffrio.

(*Esta iguaria segunda de que aqui se falla, he  
a Coroa de espinhos; e em este passo a tirão  
dos bacios, e de joelhos os sanctos Doutores  
cantão, Ave corona espiniarum; e acabando  
diz a Madre Igreja:)*)

IGREJA Venha outra do theor.

JER. Est'outro manjar terceiro  
Foi guisado  
Em tres logares de dor,  
A qual maior,

Com a lenha do madeiro  
Mais prezado.

Come-se com gran tristura,  
Porque a Virgem gloriosa  
O vio guisar :  
Vio cravar com gran crueza  
A sua riqueza,  
E sua perla preciosa  
Vio furar.

*a este passo tira Sancto Agostinho os Cracos, e todos de joelhos os adorão, cantando, Dulce lignum, dulcis clavus. E acabada a ração, diz o Anjo á Alma : )*

JO. Leixae ora esses arreios,  
Qu'est'outra não se come assi  
Como cuidais.  
Pera as almas são mui feios,  
E são meios  
Com que não andão em si  
Os mortaes.

*'Despe a Alma o vestido e joias que lh'o inimigo deu.)*

OST. Ó Alma bem aconselhada,  
Que dais o seu cujo he ;  
O da terra á terra :  
Agora ireis despejada  
Pola estrada,  
Porque vencestes com fé  
Forte guerra.

IEJA Venha ess'outra iguaria.  
R. A quarta iguaria he tal,

Tão esmerada,  
 De tão infinda valia  
 E contia,  
 Que na mente divinal  
 Foi guisada,  
 Por misterio preparada  
 No sacrario virginal,  
 Mui cuberta,  
 Da divindade cercada  
 E consagrada,  
 Despois ao Padre eternal  
 Dada em offerta.

(Apresenta S. Jerónimo á Alma hum Crucifixo, que tira d'entre os pratos; e os Doutores o adorão, cantando, Domine Jesu Christe; acabando, diz a)

**ALMA.** Com que fôrças, com que sprito,  
 Te darei tristes louvores,  
 Que sou nada,  
 Vendo-te, Deos infinito,  
 Tão afflito,  
 Padecendo tu as dores,  
 E eu culpada?  
 Como estás tão quebrantado,  
 Filho de Deos immortal!  
 Quem te matou?  
 Senhor, per cujo mandado  
 Es justicado,  
 Sendo Deos universal,  
 Que nos creou?

**AGOST.** A fruta deste jantar,

Que neste altar vos foi dado  
Com amor,  
Iremos todos buscar  
Ao pomar  
Aonde está sepultado  
O Redemptor.  
*! todos com a Alma, cantando Te Deum  
amus, forão adorar o moimento.*

## AUTO DA BARCA DO INFERNO.

### FIGURAS.

**ANJO**, *Arrais do Ceo.* — **DIABO**, *Arrais do Inferno.* — **COMPANHEIRO DO DIABO.** — **FIDALGO.** — **ONZENEIRO.** — **PARVO.** — **SAPATEIRO.** — **FRADE.** — **BRIZIDA VAZ, Alcoviteira.** — **JUDEU.** — **CORREGEDOR.** — **PROCURADOR.** — **ENFORCADO.** — **QUATRO CAVALLEIROS:**

*Representa-se na obra seguinte húa perfiguração sobre a rigorosa accusação, que os inimigos fazem a todas as almas humanas, no ponto que per morte de seus terrestres corpos se partem. E por tractar desta materia põe o Autor por figura que no dito momento ellas chegão a hum profundo braço de mar, onde estão douis bateis: hum delles passa pera a Glória, outro pera o Purgatorio. He repartida em tres partes; s. de cada embarcação húa scena. Esta primeira he da viagem do Inferno.*

*Esta perfiguração se escreve neste primeiro livro nas obras de devação, porque a segunda e terceira parte forão representadas na capella; mas esta primeira foi representada de camara, pera consolação da muito catholica e sancta Rainha Dona Maria, estando enferma do mal de que falleceu, na era do Senhor de 1517.*

**A**BO Á barca, á barca, hou lá,  
Que temos gentil maré.  
Ora venho a caro a ré :  
Feito, feito, bem está.  
Vae alli muitieramá,  
E atesa aquelle palanco,  
E despeja aquelle banco,  
Pera a gente que virá.

Á barca, á barca, hu !  
Asinha, que se quer ir.  
Oh que tempo de partir !  
Louvores a Berzebu.  
Ora sus, que fazes tu ?  
Despeja todo esse leito.

**M.P.** Em bonora, logo he feito.  
**A**BO Abaixa aramá esse cu.

Faze aquella poja lesta,  
E alija aquella driça.

**M.P.** O caça, o ciça.  
**A**BO Oh que caravella esta !  
Põe bandeiras, que he festa :  
Verga alta, áncora a pique.  
Ó precioso Dom Anrique !  
Ca vindes vós ? que cousa he esta ?

**D.** Esta barca onde vai ora,  
Qu'assim está apercebida ?

**A**BO Vai pera a Ilha perdida,  
E ha de partir logo essora.

**D.** Pera lá vai a senhora ?

**A**BO Senhor, a vosso serviço.

**FID.** Parece-me isso cortigo.

**DIABO** Porque vêdes lá de fóra.

**FID.** Porém a que terra passais?

**DIABO** Pera o Inferno, senhor..

**FID.** Terra he bem sem sabor.

**DIABO** Que ! e também ca zombais ?

**FID.** E passageiros achais  
Pera tal habitação ?

**DIABO** Vejo-vos eu em feição  
Pera ir ao nosso cass.

**FID.** Parece-te a ti assi.

**DIABO** Em que esperais ter guarida ?

**FID.** Que deixo na outra vida  
Quem reze sempre por mi.

**DIABO** Quem reze sempre por ti ?

Hi hi hi hi hi hi.

E tu viveste a teu prazer,  
Cuidando ca guarecer,  
Porque rezão lá por ti ?

Embarca, ou embarcae,  
Qu'haveis d'ir á derradeira.  
Mandae metter a cadeira,  
Qu'assi passou vosso pae.

**FID.** Que, que, que ! e assi lhe vai ?

**DIABO** Vai ou vem, embarcæe prestes :  
Segundo lá escolhestes,  
Assi ca vos contentae.

Pois que ja a morte passastes,  
Haveis de passar o rio.

**FID.** Não ha aqui outro navio ?

**DIABO** Não senhor, qu'este fretastes,



- E ja quando espirastes,  
Me tinheis dado signal.  
Que signal foi esse tal ?  
Do que vós vos contentastes.

A est'outra barca me vou.  
Hou da barca ! pera onde is ?  
Ah barqueiros, não m'ouvís ?  
Respondei-me. Hou lá, hou !  
Pardeos, aviado estou :  
Cant'a isto he ja peor.  
Que gericocins, salvantor !  
Cuidão ca que sou eu grou !

Que mandaí ?

Que me digais.  
Pois parti tão sem aviso,  
Se a barca do Paraizo  
He esta em que navegaí.  
Esta he ; que lhe buscaí.  
Que me leixeis embarcar :  
Sou fidalgo de solar,  
He bem que me recolhais.

Não se embarca tyrannia  
Neste batel divinal.  
Não sei porque haveis por mal  
Qu'entre minha senhoria.

Pera vossa fantásia  
Mui pequena he esta barca.  
Pera senhor de tal marca  
Não ha hi mais cortezia ?  
Venha a prancha e o atavio ;  
Levac-me desta ríbeira.

**ANJO.** Não vindes vós de maneira  
Pera entrar neste navio.  
Ess'outro vai mais vazio,  
A cadeira entrará,  
E o rabo caberá,  
E todo vosso senhorio.

Ireis lá mais espaçoso,  
Vós e vossa senhoria,  
Contando da tyrannia,  
De que ereis tão curjoso.  
E porque de generoso  
Desprezastes os pequenos ;  
Achar-vos-heis tanto menos,  
Quanto mais fostes fumoso.

**DIABO** Á barca, á barca, senhores !  
Oh que maré tão de prata !  
Hum ventosinho que mata,  
E valentes remadores.  
“ Vos me veniredes á la mano,  
“ Á la mano me veniredes :  
“ Y vos veredes  
“ Peixes nas redes..”

**FIO.** Ao Inferno todavia !  
Inferno ha hi pera mi ?  
Oh triste ! que em quanto vivi,  
Nunca cri que o hi havia ;  
Tive que era fantasia ;  
Folgava ser adorado,  
Confiei em meu estado,  
E não vi que me perdia.  
Venha essa prancha, e veremos.

Esta barca de tristura.

**DIABO** Embarque vossa doçura,  
Que ca nos entenderemos.  
Tomareis hum par de remos,  
Veremos como remais ;  
E chegando ao nosso cais,  
Nós vos desembarcaremos.

**FID.** Mas esperae-me aqui ;  
Tornarei á outra vida  
Ver minha dama querida,  
Que se quer matar por mi.

**DIABO** Que se quer matar por ti ?

**FID.** Isto bem certo o sei eu.

**DIABO** Ó namorado sandeu,  
O maior que nunca vi !

**FID.** Era tanto seu querer,  
Que m'escrevia mil dias.

**DIABO** Quantas mentiras que lias,  
E tu morto de prazer !

**FID.** Pera que he escarnecer,  
Que não havia mais no bem ?

**DIABO** Assim vivas tu amen,  
Como te tinha querer.

**FID.** Isto quanto o que eu conheço.

**DIABO** Pois estando tu spirando,  
Se estava ella requebrando  
Com outro de menos preço.

**FID.** Dá-me licença, te peço,  
Que va ver minha mulher.

**DIABO** E ella por não te ver  
*Despcnhar-s'ha d'hum cabeco.*

Quanto ella hoje rezou  
 Antre seus gritos e gritas,  
 Foi dar glórias infinitas  
 A quem na desabafou.

- FID.** Cant'a ella bem chorou.  
**DIABO** E não ha hi chôro d'alegria?  
**FID.** E as lástimas que dizia!  
**DIABO** Sua mae lh'as ensinou.

Entrae, meu senhor, entrae;  
 Venha a prancha, ponde o pé.  
**FID.** Entremos, pois que assi he.  
**DIABO** Ora agora descansae,  
 Passeae e suspirae,  
 Em tanto virá mais gente.  
**FID.** O barca, como es ardente!  
 Maldito quem em ti vai!

*(ao moço da cadcira.)*

**DIABO** Tu, seu moço, vae-te d'hi,  
 Que a cadcira ca sobeja;  
 Cousa que estava na igreja  
 Não s'ha de embarcar aqui.  
 Ca lh'a darão de marfi,  
 Marchetada de dolores,  
 Com tâes módos de lavores,  
 Qu'estara fóra de si.

Á barca, á barca, boa gente,  
 Que queremos dar á vela:  
 Chegar a ella, chegar a ella.

*(Chega hum Onzeneiro, e diz :)*

**ONZ.** Oh que barca tão valente!  
 Pera onde caminhais?

**DIABO** Oh que ma ora venhais,  
Onzeneiro meu parente !  
Como tardastes vós tanto ?

**ONZ.** Mais quizera eu tardar ;  
Na safra do apanhar  
Me deu Saturno quebranto.

**DIABO** Ora muito m'eu espanto  
Não vos livrar o dinheiro.

**ONZ.** Nem tamsoes para o barqueiro,  
Não me deixárdão nem tanto.

**DIABO** Ora entrae, entrae aqui.  
**ONZ.** Não hei eu hi de embarcar.

**DIABO** Oh que gentil recear,  
E que cousa pera mi !

**ONZ.** Ind'agóra falleci,  
Deixaes-me buscar batel.

**DIABO** Pezar de Jam Pimentel !  
Porque não irás aqui ?

**ONZ.** E pera onde he a viagem ?

**DIABO** Pera onde tu has d'ir,  
Estamos para partir :  
Não cures de mais linguagem.

**ONZ.** Mas pera onde he a passagem ?

**DIABO** Pera a infernal comarca.

**ONZ.** Dixe, não m'embarco eu nessa barca ;  
Est'outra tem a vantagem.

(Vai-se á barca do Anjo.)  
Hou da barca, hou lá, hou !

Haveis logo de partir ?

**ANJO.** E onde queres tu ir ?

**ONZ.** Eu pera o Paraíso vou.

**ANJO.** Pois cant'eu bem fóra estou  
De te levar pera lá :  
Ess'outra te levará ;  
Vae pera qnem t'enganou.

**ONZ.** Porque?

**ANJO.** Porqu'esse bolção  
Tomára todo o navio.

**ONZ.** Juro a Deos que vai vazio.

**ANJO.** Não ja no teu coração.

**ONZ.** Lá me ficão de rondão  
Vinte e seis milhões n'húa arca.

**DIABO** Pois que onzena tanto abarca,  
Não lhe deis embarcação.

(*Torna ao Diabo.*)

**ONZ.** Hou lá, hou demo barqueiro,  
Sabeis vós no que me fundo ?  
Quero lá tornar ao mundo,  
E trazer o meu dinheiro,  
Qu'aquell'outro marinheiro,  
Porque me ve vir sem nada,  
Dá-me tanta borregada,  
Como arrais lá do Barreiro.

**DIABO** Entra, entra, e remarás ;  
Não percamos mais maré.

**ONZ.** Todavia...

**DIABO** Por fôrça he :  
Que te pês, ca entrarás ;  
Irás servir Satanaz,  
Pois que sempre t'ajudou.

**ONZ.** Oh triste ! quem me cegou !

**DIABO** Cal'-te, que ca chorarás.

(Entrando no batel, dix ao Fidalgo.)

**ONZ.** Sancta Joanna de Valdez !  
Ca he Vossa Senhoria ?

**FID.** Dá ó demo a cortezia.

**DIABO** Ouvis ? fallae vós cortez.

Vós, fidalgo, cuidareis  
Que estais em vossa pousada ?  
Dar-vos-hei tanta pancada  
C'hum remo, que arrenegueis.

(Vem hum Parvo, e dix ao Arraial do Inferno :)

**PARVO** Hou daquella !

**DIABO** Quem he ?

**PARVO** Eu soo.

He esta naviarra vossa ?

**DIABO** De quem ?

**PARVO** Dos tolos.

**DIABO** Vossa ;

Entrae.

**PARVO** De pulo, ou de voo ?

Oh pezar de meu avô !

Soma vim adoecer,

E fui ma ora morrer,

E nella pera mi so.

**DIABO** De que morreste ?

**PARVO** De que ?

Samica de caganeira.

**DIABO** De que ?

**PARVO** De caga merdeira.

Ma rabugem que te dé !

**DIABO** Entra, e põe aqui o pé.

**PARVO** Hou lá, não tombe o zambuco.

**DIABO** Entra, tolaço eunueo,  
Que se nos vai a maré.

**PARVO** Aguardae, aguardae, hou lá,  
E onde havemos nós d'ir ter?

**DIABO** Ao porto de Lucifer.

**PARVO** Como?

**DIABO** Ó Inferno. Entra ca.

**PARVO** Ó Inferno ieramá.

Hio hio, barca do cornudo,  
Beicudo, beicudo,  
Rachador d'alverca, huhá !  
Sapateiro de Landosa,  
Antrecosto de carrapato,  
Sapato, sapato,  
Filho da grande aleivosa ;  
Tua mulher he tinhosa,  
E ha de parir um sapo,  
Chentado no guardanapo,  
Neto da cagarrinhosa.

Furta cebolas, hio, hio,  
Excommungado nas igrejas,  
Burrela cornudo sejas.

Toma o pão que te cahio,  
A mulher que te fugio  
Pera a Ilha da Madeira.  
Ratinho da Giesteira,  
O demo que te pario.

Hio, hio, lanço-te húa pulha  
De pica náquella.

Hio, hio, caga na vela,  
Cabeça de grulha,

Perna de cigarra velha;  
 Pelourinho da Pampulha,  
 Rabo de forne de telha.

(Chegando á Banca da Gloria dix :)  
 Hou da banca!

**ANJO.** Tu que queres?

**PARVO** Quereis-me passar alem?

**ANJO.** Quem es tu?

**PARVO** Não sou ninguem.

**ANJO.** Tu passares, se quizeres..

Porque em todos teus fazeires,  
 Per malicia não erraste;  
 Tua simplicia, t'abaste  
 Pera gozar dos prazeres.

Espera em tanto per hi,  
 Veremos se vem alguema  
 Merecedor de tal bem,  
 Que devai d'entrar aqui..

(Vem hum Sapateiro carregado de fôrmas, e  
 diz na Barcos do Inferno :)

**SAP.** Hou da banca!

**DIABO** Onde vien hi?  
 Sancto sapateiro honrado,  
 Como vens tão carregado!

**SAP.** Mandáme-me vir assi.  
 Mas pena onde ha a viagem?

**DIABO** Pera a terra dos damnados.

**SAP.** E os que morrent confessados  
 Onde temi sua passagem?

**DIABO** Não cures de mais linguagem,  
 Qu'esta he tua barca — esta.

- SAP. Renegaria eu da festa,  
E da barca, e da barcagem.  
Como pod'rá isso ser,  
Confessado e commungado?
- DIABO Tu morreste excommungado,  
E não no quizeste dizer:  
Esperavas de viver,  
Calaste dez mil enganos.  
Tu roubaste, bem trinta annos,  
O povo com teu mister.  
Embarca-te, eramá para ti;  
Qu'ha ja muito que t'espero.
- SAP. Digo-te que re-não quero.  
DIABO Digo-te que si, re-si.  
SAP. Quantas missas eu ouvi  
Não m'hão ellas de prestar?  
DIABO Ouvir missa, então roubar,  
He caminho pera aqui.
- SAP. E as offertas que darão,  
E as horas dos finados?
- DIABO E os dinheiros mal levados,  
Que foi da satisfação?
- SAP. Oh não praza ó cordavão,  
Nem á puta da badana,  
S'he esta boa tranquitana,  
Em que se ve Jan'Antão.
- (Vai á Barca do Paraíso.)
- Ora juro a Deos qu'he graça.  
Hou da sancta caravelha,  
Podereis levar-me nella?
- ANJO. A cárrega te embaraga,

SAP. Não ha mercê que me Deos faça?  
Isto hi xiquer irá.

ANJO. Essa barca que lá está,  
Leva quem rouba de praça.  
Oh almas embaragaçadas!

SAP. Ora eu me maravilho  
Haverdes por gran peguilho  
Quatro forminhas cagadas,  
Que podem bem ir chantadas  
No cantinho desse leito.

ANJO. Se tu vieras direito,  
Ellas forão ca scusadas.

SAP. Assi que determinais  
Que va cozer ao Inferno?

ANJO. Escripto estás no caderno  
Das ementas infernaes.

SAP. Pois, diabos, que aguardais?  
Vamos, venha a prancha logo,  
E leveae-me áquelle fogo:  
Pera qu'he aguardar mais?

(Entra hum Frade com húa Moça pela mão,  
e vem dansando, fazendo a baixa com a  
bocca, e acabando, diz o)

DIABO Que he isso, Padre? que vai lá?

FRAD. *Deo gratias!* Sam cortezão.

DIABO Sabeis tambem o tordião?

FRAD. He mal que m'esquecerá.

DIABO Essa dama ha de entrar ea?

FRAD. Não sei onde embarcarei.

DIABO Ella he vossa?

FRAD. Não sei;

Bor minha a trago eu ca.  
**DIABO** E não vos punhão lá grossa,  
 Nesse convento sagrado?  
**FRAD.** Assi fui bem açoutado.  
**DIABO** Que cousa tão preciosa!  
 Entrae, Padre reverendo.  
**FRAD.** Pera onde levais gente?  
**DIABO** Pera aquelle fogo ardente,  
 Que não temeste vivendo.  
**FRAD.** Juro a Deos que não t'entendo:  
 E este hábito me não val?  
**DIABO** Gentil padre mundanal,  
 A Berzebu vos commendo.  
**FRAD.** Corpo de Deos consagrado!  
 Pola fé de Jesu Christo,  
 Qu'eu não posso entender isto:  
 Eu hei de ser condenado?  
 Hum padre tão namorado,  
 E tanto dada á virtude!  
 Assi Deos me dê saude,  
 Que estou maravilhado.  
**DIABO** Não fizemos mais detança;  
 Embarcaes, e pastiremos;  
 Tomareis hum par de remos.  
**FRAD.** Não fizcon: isso n'avenga.  
**DIABO** Pois dada está ja a sentença.  
**FRAD.** Pardeos, essa seria ella!  
 Não vai em tal caravelha.  
 Minha senhora Florenga.  
 Como! por ser namorado,  
 E folgar c'hña mulher,

Se ha de hum frade de perder,  
Com tanto psalmo rezado?

A.B.O Ora estás bem aviado.

A.D. Mas estás bem corregido.

A.B.O Devoto padre e marido,  
Haveis de ser ca pingado.

A.D. Mantenha Deos esta c'roa!

A.B.O O padre Frei Capacete!  
Cuidei que tinheis barrete.

A.D. Sabei que fui da pessoa.  
Esta espada he roloa,

E este broquel rolão.

A.B.O Dê vossa Reverencia lição  
D'esgrima, que he cousa boa.

A.D. Que me praz, dêmos caçada. (*esgrime*)  
Então logo hum contra sus,

Hum fendente, ora sus:

Esta he a primeira levada.

Alevantae a espada;

Mettei o diabo na cruz,

Como o eu agora puz.

Sahi c'o a espada rasgada,

E que fique anteparada.

Talho largo, hum revés;

E logo colher os pés,

Que todo o al não he nada.

Quando o recolher se tarda,

O ferir não he prudente.

Eia, sus, mui largamente,

Cortae na segunda guarda.

Guarde-me Deos d'espingarda,

Ou de varão denodado;  
 Mas aqui estou guardado,  
 Como a palha na albarda.  
 Saio com meia espada.

Hou lá, guardar as queixadas.

**DIAVO** Oh que valentes levadas!

**FRAD.** Inda isto não he nada:

Dêmos outra vez caçada.  
 Contra sus, ora hum fendente;  
 E cortando largamente,  
 Eis aqui a sexta guarda.

Daqui se sai com húa guia,  
 E hum revés da primeira:  
 Esta he a quinta verdadeira.  
 Oh quantos daqui fería!  
 Padre que tal aprendia,  
 No inferno ha de haver pingos?  
 Ah! não praza a San Domingos  
 Com tanta descortezia.

Prosigamos nossa historiá,  
 Não façamos mais detença.  
 Dae ca a mão, Senhora Florença,  
 Vamos á barca da Glória.

(*Chega á Barca da Glória.*)

*Deo gratias!* Ha ca logar  
 Pera minha Reverença?  
 E a Senhora Florença  
 Polo meu ha lá d'entrar.

**PARVO** Andar muitieramá:

*Furtaste esse trinchão, frade?*

**FRAD.** Senhora, dá-me a vontade,

Que este feito mal está.  
 Vamos onde havemos d'ir.  
 Praza a Deos co'a ribeira !  
 Eu não vejo aqui maneira,  
 Senão emfim concurdir.

**DIABO** Padre, haveis logo de vir.  
**FRAD.** Si, tomæc-me lá Florença,  
 E cumpramos a sentença :  
 Ordenemos de partir.

(Vem húa Alcoviteira, per nome Brizida Vaz,  
 e chegando á Barca do Inferno, dix :)

**BRIZ.** Hou da barca, hou lá !  
**DIABO** Quem me chama ?

**BRIZ.** — Brizida Vaz.

**DIABO** Eia, aguarda-me, rapaz :  
 Porque não vem ella ja ?

**COMP.** Diz que não ha de vir ca,  
 Sem Joanna de Valdeis.

**DIABO** Entrae vós, e remareis.

**BRIZ.** Não quero eu entrar lá.

**DIABO** Que saboroso arrecear !

**BRIZ.** Não he essa barca a que eu eato.

**DIABO** E trazeis vós muito fato ?

**BRIZ.** O que me convem levar.

**DIABO** Qu'he o que haveis d'embarcar ?

**BRIZ.** Seiscientos virgos postigos,  
 E tres arcas de feitiços,  
 Que não podem mais levar.

Tres almarios de mentir,  
 E cinco cofres d'enleios,  
 E alguns furtos alheios,

Assi em joias de vestir,  
 Guarda-roupa d'encobrir :  
 Emfim casa movediça,  
 Hum estrado de cortiça,  
 Com dez cochins d'embair.

A mor cárrega que he,  
 Essas moças que vendia ;  
 D'aquesta mercadoria  
 Trago eu muñta á bofê.

- DIABO** Gra ponde aqui o pé.  
**BRIZ.** Huí ! eu vou par' o Paraizo.  
**DIABO** E quem te disse a ti isso ?  
**BRIZ.** Lá hei d'ir desta maré.

Eu sou húa mártel tal,  
 Açoutes tenho eu levados,  
 E tormentos supportados,  
 Que ningnem me foi igual.  
 S'eu fosse ao fogo infernal,  
 Lá iria todo o mundo.

A est'outra barca ca em funde  
 Me vou, que he mais real.

(Chegando á Barca da Glória, dix ao Anjo.)

Barqueiro, mano, meus olhos,  
 Prancha a Brizida Vaz.

**ANJO.** Eu não sei quem te ea traz.

**BRIZ.** Pego-vo-lo de glolhos,  
 Cuidais, que trago piolhos,  
 Anjo de Deos, minha rosa ?  
 Eu sou Brizida a preciosa,  
 Que dava as moças os molhos ;  
 A que criava as meninas

Pera os conegos da Sé.  
 Passae-me por vessa fé,  
 Meu amor, minhas boninas,  
 Olhos de perlinhas finas :  
 Que eu sou apostolada,  
 Angelada, e martelada,  
 E ás obras mui divinas.

Sancta Ursula não converteo  
 Tantas cachopas, como eu ;  
 Todas salvas polo meu,  
 Que nenhā se perdeo :  
 E proture áquelle de oeo,  
 Que todas acháro dono.  
 Cuidais que dormia eu sonno ?  
 Nem ponta ; e não se perdeo.

**ANJO.** Ora vae lá embarear,  
 Não m'estés importunando.

**BRIZ.** Pois estou-vos allegando  
 O porque m'haveis de levar.

**ANJO.** Não cures d'importunar,  
 Que não podes ir aqui.

**BRIZ.** E que ma ora eu servi,  
 Pois não m'ha d'aproveitar !

Hou barqueiro da tua iosa,  
 Ponde a prancha, que em me vou ;  
 E tal fada me fadou,  
 Que parego mal cá fóra.

**DIABO** Ora entrae, minha senhora,  
 E sereis bem recobida.

Se vivestes sancta vida,  
 Vós o sentireis agora.

(*Vem hum Judeu com hum bode ás costas, e dix ao Diabo:)*

**JUDEU** Que vai lá, hou marinheiro?

**DIABO** Oh que ma ora vieste!

**JUDEU** Cuja he esta barca que preste?

**DIABO** Esta barca he do barqueiro.

**JUDEU** Passae-me por meu dinheiro.

**DIABO** E esse bode ha ca de vir?

**JUDEU** O bode tambem ha d'ir.

**DIABO** Oh que honrado passageiro!

**JUDEU** Sem bode, como irei lá?

**DIABO** Pois eu não passo ca cabrões.

**JUDEU** Eis aqui quatro tostões,

E mais se vos pagará:

Por vida de Sema Fará,

Que me passeis o cabrão.

Quereis mais outro tostão?

**DIABO** Nem tu não has de vir ca.

**JUDEU** Porque não irá o Judeu

Onde vai Brizida Vaz?

(ao Fidalgo.)

Ao Senhor Meirinho apraz?

Senhor Meirinho, irei eu?

**DIABO** E ao fidalgo quem lhe deu

O mando deste batel?

**JUDEU** Corregedor, coronel,

Castigae este sandeu.

Azará, pedra meuda,

Lodo, chanto, fogo, lenha,

Caganeira que te venha,

Ma currença que t'acuda.

Por el Deu que te sacuda  
 Com a beca nos focinhos.  
 Fazes] burla dos meirinhos ?  
 Dize, filho da cornuda.

**PARVO** Furtaste a chiba, cabrão ?  
 Pareceis-me vós a maim  
 Carrapato d'Alcoutim,  
 Enxertado em camarão.

**DIABO** Judeu, lá te levarão,  
 Porque hão d'ir descarregados.

**PARVO** E s'elle mijou nos finados  
 No adro de San Gião !

E comia a carne da panella  
 No dia de nosso Senhor ;  
 E mais elle, salvantor,  
 Cada vez mija náquella.

**DIABO** Ora sus, démos á vela.  
 Vós Judeu, ireis á toa,  
 Que sois mui ruim pessoa,  
 Levae o cabrão na trella.

(Vem hum Corregedor, c dix, chegando á Barca do Inferno :)

**COR.** Hou da barca !

**DIABO** Que quereis ?

**COR.** Está aqui o Senhor Juiz.

**DIABO** Ó amador de perdiz,  
 Quantos feitos que trazeis !

**COR.** No meu ar conhecereis  
 Qu'elles não vem de meu geito,

**DIABO** Como vai lá o direito ?

**COR.** Nestes feitos o vereis.

- DIABO Ora pois, entrae, veremos  
Que diz hi nesse papel.
- COR. E onde vai o batel?
- DIABO No Inferno vos poremos.
- COR. Como! á terra dos Demos  
Ha de ir hum Corregedor?
- DIABO Sancto descorregedor,  
Embareae, e remaremos.  
Ora entrae, pois que viestes.
- COR. Non est de regula fúris, não.
- DIABO Ita, ita, dae ca a mão,  
Remareis huma romo destes.  
Fazei conta que nascesteis  
Pera nosso companheiro.  
Que fazes tu, barroneiro?  
Faze-lhe essa prancha prestes.
- COR. Oh renego da viagem,  
E de quem m'ha de levar!  
Ha aqui meirinho do mar?
- DIABO Não ha sa tal costumagem.
- COR. Não entendo esta barcagem,  
Nem *hoc non poterit esse*.
- DIABO Se ora vos parecesse  
Que não sei mais que linguagem.  
Entrae, entrae, Corregedor.
- COR. Hou, *videtis qui petatis?*  
*Super fure majestatis*.  
Tem vosso mando vigor?
- DIABO Quando ereis ouvidor,  
*Nonne accipietis rapina?*  
Pois ireis pela bolina.

Onde nossa mercê for.

Oh que isca esse papel,  
Pera hum foge qu'eu sei !

COR. *Domine, memento mei!*

DIABO *Non est tempus, bacharel;*  
*Imbarquomini en batel,*  
*Quia judicasti malitia.*

COR. *Semper ego in justitia*  
*Feci, e bem por nível.*

DIABO E as peitas dos Judeus,  
Que vossa mulher levava ?

COR. Isso eu não no tomava,  
Erão lá perealgos seus :  
*Non sunt peccatus meus,*  
*Peccavit uxor mea.*

DIABO *Et vobis quoque cum ea ;*  
*Nemo timuitis Deus.*

A largo modo *acquistis*  
*Sanguinis labororum,*  
*Ignorantes pseuatorum,*  
*Ut quid eos non existis.*

COR. Vós, arrais, *nonne legistis*  
Que o dár quebra os penedos ?  
Os direitos estão quedos,  
*Si aliquid tradidistis.*

DIABO Ora entrae nos negros fados,  
Ireis ao lage dos cães,  
E vereis os escrivões  
Como estão tão prosperados.

COR. E na terra dos damnados  
*Estão os Evangelistas?*

**DIABO** Os mestres das burlas vistas  
Lá estão bem fragoados.

(*Vem hum Procurador, e diz o Corregedor,*  
*quando o ve :)*

**COR.** Ó Senhor Procurador !

**PRO.** Bejo-vo-las mãos, Juiz.  
Que diz esse arrais ? que diz ?

**DIABO** Que sereis bom remador.  
Entrae, bacharel doutor,  
E ireis dando á bomba.

**PRO.** E este barqueiro zomba ?  
Jogatais de zombador?  
Essa gente que hi 'stá,  
Pera onde a levais ?

**DIABO** Pera as penas infernaes.

**PRO.** Dixe, não vou pera lá ;  
Outro navio está ca,  
Muito melhor assombrado.

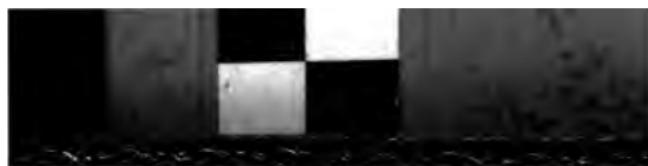
**DIABO** Ora estais bem aviado :  
Entrae muitieramá.

**COR.** Confessastes-vos, doutor ?

**PRO.** Bacharel sou. Dou-me ó demo !  
Não cuidei que era extremo,  
Nem de morte minha dor.  
E vós, Senhor Corregedor ?

**COR.** Eu mui bem me confessei ;  
Mas tudo quanto roubei  
Encubri ao confessor.

Porque, se o não tornais,  
Não vos querem absolver ;  
**E he mai mao de volver,**



- Depois que o apanhais.  
ABO Pois porque não embarcais?  
R. *Quia esperamus in Deo.*  
ABO *Imbarquemini in barco meo;*  
Para que speratis mais?  
(*Vão-se á barca da Glória.*)  
R. Hou arrais dos gloriosos,  
Passae-nos nesse batel.  
JO. Oh pragas pera papel,  
Pera as almas odiosos!  
Como vindes preciosos,  
Sendo filhos da sciencia!  
R. Oh! *habeatis* clemencia,  
E passae-nos como vossos.  
AVO Hou homens dos breviairos,  
*Rapinastis coelorum,*  
*Et pernis perdigorum,*  
E mijais nos campanairos.  
R. Anjos, não sejais contrairos,  
Pois não temos outra ponte.  
AVO *Belegutinis ubi sume,*  
*Ego latinus macairos.*  
JO. A justiça divinal  
Vos manda vir carregados,  
Porque vades embarcados  
Nesse batel infernal.  
R. Oh! não praza a San Marçal  
Co'a ribeira nem co'o rio!  
Cuidão lá que he desvario  
Haver ca tamанho mal.  
Venha a negra prancha ca;

Irás comer pão e mel,  
 Como fores enforcado. —  
 Ora ja passei meu fado,  
 E ja feito he o burel.

Agora não sei que he isso :  
 Não me fallou em ribeira,  
 Nem barqueiro nem barqueira,  
 Senão logo ao Paraizo.  
 E isto muito em seu siso,  
 E que era sancto meu baraço.  
 Porém não sei que aqui faço,  
 Ou s'era mentira isto.

**DIABO** Fallou-te no purgatorio ?

**ENF.** Diz que foi o Limoeiro ;  
 E ora por elle o salteiro,  
 E o pregão vitatorio ;  
 E que era muito notorio  
 Que aquelles deciprinados  
 Erão horas dos finados,  
 E missa de San Gregorio.

**DIABO** Ora entra ; pois has d'entrar,  
 Não esperes por teu pae.

**ENF.** Entraremos, pois assi vai.

**DIABO** Este foi bom d'embarcar.  
 Eia, todos appear,  
 Qu'está em sécco o batel.  
 Vós, doutor, bota batel ;  
 Fidalgo, saltae no mar.

(Vem quatro Fidalgos, cavalleiros da Ordem  
 de Christo, que morrerão nas partes d'Afri-  
 ca, e vem cantando a quatro vozes a letra  
 que se segue :)

- “ Á barca, á barca segura,  
 “ Guardar da barca perdida :  
 “ Á barca, á barca da vida.  
 “ Senhores, que trabalhais  
 “ Pola vida transitoria,  
 “ Memoria, por Deos, memoria  
 “ Deste temeroso cais.  
 “ Á barca, á barca, mortaes ;  
 “ Porém na vida perdida  
 “ Se perde a barca da vida. ”
- A BO Cavalleiros, vós passais,  
 E não me dizeis p'ra ond'is ?
- D C. E vós, Satan, presumis ?...  
 Attentae com quem fallais.
- D C. E vós que nos demandais ?  
 Sequer conhecei-nos bem :  
 Morremos nas partes d'alem ;  
 E não queirais saber mais.
- JO. O cavalleiros de Deos,  
 A vós estou esperando ;  
 Que morrestes pelejando  
 Por Christo, Senhor dos ceos.  
 Sois livres de todo o mal,  
 Sanctos por certo sem falha ;  
 Que quem morre em tal batalha  
 Merece paz eternal.
- Aqui fenece a primeira scena.*

Nenhúa dellas afraea.  
 Ala, ala ! .saca, saca !  
 Á terra, á terra, mortaes !  
 Cerrar o leme a esta banda,  
 E não curar d'outro cais ;  
 Porque a lei dos mundanaes  
 Isto manda.

**Anjo.** Quem quer ir ó Paraizo ?  
 Á glória, á glória, senhores !  
 Oh que noite pera isso !  
 Quão prestes, quão improviso  
 Sois celestes moradores !  
 Aviae-vos, e partir ;  
 Que vossa vida he sonhar,  
 E a morte he despertar  
 Pera nunca mais dormir,  
 Nem acordar.

Este rio he mui escuro,  
 Não tendes vao nem maneira :  
 Entrae em barco seguro,  
 Havei conselho maduro,  
 Não entreis em ma bateira ;  
 Que ná viagem primeira,  
 Quantos vistes embarcados  
 Todos foram alagados :  
 No mais fundo da ribeira  
 São penados.

Pois não se pôde escusar  
 A passada deste rio,  
 Nem a morte s'estorvar,  
 Qu'he outro braço de mar

Sem remedio nem desvio.  
E o batel dos damnados,  
Porque nasceo hoje Christo,  
Está, c'os remos quebrados,  
Em secco. O descuidados,  
Cuidae nisto.

Agora que a madre pia,  
Frol de toda a perfeição,  
Está com tanta alegria ;  
Pedi a Sua Senhoria  
Gloriosa embarcação,  
Que sua he a barcagem.  
Pedi-lhe como avogada,  
Per lacrimosa linguagem,  
Que nos procure viagem  
Descansada.

Falla-lhe com alegria,  
Canta-lhe como souberes,  
Visita a Virgem Maria,  
Nossa via, nossa guia,  
Frol de todalas mulheres.  
Quando aqui lhe appareceres,  
Roga-lhe que t'appareça  
Com piedosos poderes,  
Porque a alma que tiveres  
Não pereça.

IABO Quero ora metter á vela,  
E deitar a prancha fóra,  
E arrumar a caravella,  
E deitar do junco nella,  
Se vier qualquer senhora.

E que he isto na ma ora ?  
 E o batel está em sêcco !  
 Oh renego de Çamora !  
 O rio s'encaramelou !  
 Nunca tal m'aconteceo.  
 Hou bota, hou bota, hou !  
 Oh renego de San grou,  
 E de San pata do ceo !  
 Arrenego eu do dinheiro  
 Que ganho nesta viagem,  
 Arrenego da barcagem,  
 E do cornudo barqueiro.

(Vem hum Companheiro do Arrois do Inferno,  
 e dix : )

COMP. Parceiro, gurgurgaraõ.

DIABO Porque ?

COMP. Porque he assi.

DIABO Ora bota, hou bota, hao.

COMP. Eu so botára húa nao

Com este dedo sem ti :

Mas sabe que este serão

Hé para nós grande praga,

E trabalhamos em vão,

Porque a promessa d'Abrahão

Hoje he a paga.

(Vem hum Lavrador com seu arado ás costas,  
 e dix : )

LAV. Que he isto ? ca chega o mar ?

Ora he forte cangião.

DIABO Alto, sus, quereis passar ?

Ponde hñ o chapéu,

- E ajudareis a botar.
- IV. Da morte venho eu cansado,  
E cheio de refregereo,  
E não posso, mal peccado.
- (ABO) Põe eramá hi o arado.
- IV. Perem esse he gran mestereo.  
S'eu trouguera mais vagar  
Sorrira-me eu tamalavez.
- (ABO) E vós villão, quereis zombar?  
Se vos eu arrebatar?
- IV. Dout'eu muito de mao mes.  
Com'eu a morte passei,  
Logo o medo ficou finto.  
Enha cedula amanhei,  
E meus negocios deixei  
Como homem de bô retinto.  
Nem fico a dever duas favas,  
Nem hum preto por pagar.
- (ABO) E os marcos que mudavas,  
Dize, porque os não tornavas  
Outra vez a seu logar?
- IV. E quem tirava do meu  
Os meus marcos quantos são,  
E os chantava no seu,  
Dize, pulga de Judeu,  
Que lhe dizias tu er então?
- (ABO) Foste o mais ruim villão!...
- IV. Bofá, salvonor salvado,  
Vós mentis coma cabrão.  
Quer me queirais mal, quer não,  
Não dou por isso um cornado.

**DIABO** Pois porque vens carregado ?

**LAV.** Porque seja conhecido  
Por lavrador muito honrado.  
E tenho a glória merecido ;  
Que sempre fui perseguido,  
E vivi mui trabalhado.

Ha hi, pezar não de São,  
Afficio mais fortunado ?

**DIABO** Pois para que he o villão ?

**LAV.** Todos nós vimos d'Adão.

**DIABO** Pousa, pousa ahi o arado.

**LAV.** Juro a San Junco sagrado  
Que te chante um par de quédas.

**DIABO** Aqui has d'ir embarcado.

**LAV.** Vae beijar o meu bragado  
Antre as sedas.

**DIABO** Que villão tão descortez !

**LAV.** E vós sois mui deneguil !  
Dou eu ja ora ó Decho o freguez.

**DIABO** Dom villão, comigo irés  
Onde estão de vós dez mil.

**LAV.** E vós Dom rosto de funil,  
Cuidareis que sois alguem ?

**ANJO.** Vinde ca, homem de bem ;  
Pera onde quereis ir ?

**LAV.** Queria passar alem,  
Pera a glória do Senhor.  
Samicas de lá serés ?

**ANJO.** E vens tu merecedor ?

**LAV.** E que fez lá o lavrador,  
Pera andar ca ó través ?

- ro. Pôde ser mui austinado,  
E não querer-se arrepender.  
v. Bofá, Senhor, mal peccado,  
Sempre he morto quem do arado  
Ha de viver.

Nós somos vida das gentes,  
E morte de nossas vidas ;  
A tyrannos — pacientes,  
Que a unhas e a dentes  
Nos tem as almas roïdas.  
Pera que he parouvelar ?  
Que queira ser peccador  
O lavrador ;  
Não tem tempo nem logar  
Nem somente d'alimpar  
As gotas do seu suor.

Na igreja bradão com elle,  
Porqu'assoviou a hum cão ;  
E logo excommunhão na pelle.  
O fidalgo maçar nelle,  
Atá o mais triste rascão. .  
Se não levão torta a mão,  
Não lhe achão nenhum direito.  
Muito atribulados são !  
Cada hum pella o villão  
Por seu geito.

Trago a proposito isto,  
Porque veio a bem de falla.  
Manifesto está e visto  
Que o bento Jesu Christo  
Deve ser homem de gala.

E he razão que nos valha  
 Neste serão glorioso,  
 Qu'he gran refúgio sem falha.  
 Isto me faz forçoso,  
 E não estou temeroso  
 Nem migalha.

**ANJO.** Que bens fizeste na vida,  
 Que te sejão ca guiantes?

**LAV.** Ia ao bodo da ermida  
 Cada sancta Margarida,  
 E dava esmola aos andantes ;  
 Benzia-me pela manhan,  
 Levava o credo até o cabo.

**DIABO** Depois tomavas a lan  
 Da melhor e a mais san,  
 E davas ao dizimo a do rābo,  
 Temporan.

E o mais fraco cabrito,  
 E o frangão ossegoso,  
 Com repetenado esp'rito.

**LAV.** Oh fideputa maldito,  
 Triste avezimão tinhoso,  
 Lano peccador errado !  
 Não — vai — não me dezimei ?  
 Dize sabujo pellado.

**DIABO** Tornaste tu o mal levado ?

**LAV.** Si, tornei.  
 E de tudo fiz a questa,  
 Como homem diz, avantairo :  
 Leixe i ó crita a enha bêsta.  
 Abonda quo' nem aresta

Tera comigo o cossairo.  
 Hum annal e hum trintairo,  
 Com raponhos, ladainhas :  
 A Gil fiz todo repairo  
 Com missas d'anniversairo  
 Trinta dias.

Perol que dizeis vós lá ?  
 Sejo eu como deve ser,  
 Ou que modo se tera ?

**A N J O.** He mui caro d'haver ca  
 Aquelle eternal prazer.

**L A V.** Já o eu lá ouvi dizer.  
 Perol o evangelho diz,  
 Quem for bautizado e crer  
*Salvus es* : ora dizer,  
 Sêde juiz.

Pois *quia infernus es*,  
*Nulla redencia ha hi* ;  
 Vêde vós o que dizes,  
 Qu'a minn ja me pruem os pés,  
 Pera me passar d'aqui.

**A N J O.** Digo que andes assi  
 Purgando nessa ribeira,  
 Até que o Senhor Deus queira  
 Que te levem pera si  
 Nesta bateira.

**L A V.** Bofá, logo quizera eu,  
 Que m'atormenta este araido ;  
 E dera muito do meu,  
 Pois que ja hei de ser seu,  
 Tirar-me deste cuidado.

Ó mundo, mundo enganado,  
 Vida de tão poucos dias,  
 Tão breve tempo passado,  
 Tu me trouveste enganado,  
 E me mentias !

**DIABO** Inda esta barca não nada ?  
 Que festa esta pera mi !  
 Nunca tal balcarriada,  
 Nem maré tão desastrada  
 Nesta ribeira não vi.

(Vem húa regateira, per nome *Marta Gil*,  
 e diz :)

**MARTA** Hui ! que ribeiros são estes ?  
**DIABO** Venhais embara, *Marta Gil*.  
**MARTA** E donde me conhecestes ?  
**DIABO** Folgo eu bem porque viestes  
 Oufana e dando ó quadril.

**MARTA** Vedes outro perrexil !  
 E marinheiro sois vós ?  
 Ora assim me salve Deos  
 E me livre do Brazil,  
 Que estais sutil.  
 Emque eu seja lavradora,  
 Bem vos hei de responder.

**DIABO** Não vos agasteis vós ora,  
 Que, ou lavradora ou pastora,  
 Aqui vos hei de metter.

**MARTA** Hui mana ! e quem no deu ?  
 Ide beber,  
 Que bem vos conhego eu.

**DIABO** Eu tambem vos sei nascer,

E vi fateixas fazer ;  
Que o que traseis he meu,  
E ha de ser.

**R**TA E que cousas são fateixas ?  
Fateixado te veja eu.

**A**BO Os feitos que feitos leixas,  
E o povo cheio de queixas.

**R**TA Cal'-te, almareo de Judeu.  
**A**BO Não sabes tu que viveste  
Lavradora e regateira ?

**R**TA Ora comêde-la, qué vos preste.  
Hui ! e que gaio he ora este  
De ribeira ?

Sabedes vós, João Cortijo,  
Todos fazem seu proveito.  
Olhade o frei Caramujo,  
Bargante qué não tem cujo !  
Cant'a agora he o feito feito.  
Não sabes tu que o respeito  
Do mundo he em ganhar ?  
E sobre isso he seu proveito,  
Ou a torto ou a direito  
Apanhar.

Fui em tempo de cobreça ;  
Cada tempo sua usança :  
S'eu morrera de preguiça,  
Tiveras muita justiça,  
E eu pequena esperança.  
Vendia minha lavrança,  
Hum ovo por dous reaes,  
Hum cabrito, se s'alcança,

Té quatro vintens, nó mais :  
 Tendes vós isto em lembrança ?  
 Hum frangão por hum vinten,  
 E húa gallinha sessenta ;  
 E acerta-se tambem  
 Que ás vezes vem alguem,  
 Que as leva por setenta.

**DIABO** E pera que era agua no leite,  
 Que deitavas ieramá ?

**MARTA** Mais azeite :

Ind'hoje o elle dirá !  
 Vistes ora o diabreite !  
 Ó diabo, visses tu,  
 Bofé asinha o eu direi.  
 Como he palreiro, Jesu !  
 Fôra este cucurucu  
 Bom secretario d'elRei.  
 Amanhade-lhe o atafal ;  
 Nadar patas, patarrinhas ;  
 Corregêde-lhe o enxoaval ;  
 Onças de raiva mortal  
 Nas badarrinhas.

**DIABO** Valha-te a ti, Marta amiga,  
 Qu'estamos enfeitiçados.

**MARTA** Embarcade lá' esta figa.

**DIABO** Passará esta fadiga,  
 Seremos desembargados.

**MARTA** Anjos bem-aventurados,  
 Metterei o canistrel,  
 Que trago os testos britados ?  
 Carregaõ estes pescados,

Que fazem lançar o fel  
A bocados.

ro. E pera qu'eraõ elles ca?  
RTA Pera o Demo; e que sei eu?

ro. Ora pois, embarca lá.

RTA Melhor creio eu que sera.  
Jesu ! Jesu ! benzo-me eu.

Ó bento Bartholameu,  
E vós Virgem do rosairo,  
Polo filho que Deos vos deu  
Esta noute vosso e seu,  
Haja repario.

Bem sabedes vós, Senhora,  
Que venho eu manifestada,  
E fui vossa lavradora ;  
Emque pecasse algum'ora,  
Venha a piedosa alçada.  
Esta he a noute que paristes :  
Benta a hora em que nascestes ;  
Esqueção meus males tristes,  
Polo menino que vestistes,  
E envolvestes.

Anjos, ajudade-me ora,  
Que vos veja eu bem casados :  
Não me deixedes de fóra  
Por aquella sancta hora  
Em que todos fostes creados.

ro. Não he tempo ca d'orar,  
Cant'a para merecer.

RTA Manos, eu quero provar  
Qu'em todo tempo ha logar

E chorar que chorarás.

Agora quero passar;

Perem não me levarás.

DIABO Porque?

PAS. Sois busaranha,

E mais féde-vo-lo bafo,

E jogatais de gadanha,

E tendes modão d'aranha,

E samicas sereis gafo.

DIABO Gafo eu?

PAS. A bem;

Não hei d'ir per acajuso,

Emque me custe algorrem,

Chinfrão, ou meio vintem,

Ir direito como o fuso

Pera afem.

DIABO Dize, rústico perdido,

Fizeste tu por saber

O *Pater noster* comprido?

PAS. E pera quê era elle sabido?

DIABO Porque o havias de dizer.

PAS. A quem?

DIABO A quem te creou.

PAS. Al tem elle que comer.

DIABO Não fizeste o que mandou.

PAS. Callae-vos, Senhor Jão Grôu;

Ja sei quem m'ha de levar,

Sei quem sou.

Esta noite he dos pastores,

E tu, Decho, estás em sécco;

E salvão-se os peccadores

Criados de lavradores,  
E tu estás coma peco.

**DIABO** Digo-te, pastor amigo,  
Que foste gran peccador.

**PAS.** Senhor tartarugo, digo  
Que mentis como bestigo,  
Salvanor.

Falla em tua merencória,  
E não falles em passar,  
E conta lá outra história;  
Porque em festa de tal glória,  
Não has ninguem de levar.  
Ronca, qués tu pôr comege?  
Algorrem pera beber,  
Que vens de casta de pégo,  
E neto d'algum morcego?  
Pardicas não pôde al ser.

**DIABO** Não estou em meu poder,  
Pera me vingar de ti.

**PAS.** Não podes nada fazer  
Na noite que quiz nascer  
Christo filho de Davi.

**DIABO** Quem te poz no coração  
Fallares cousa tão boa?  
Que tu não tens descrição.

**PAS.** E quem te deu a ti lição  
De ser tão ruim pessoa?

**ANJO.** Pastor, tu queres passar?

**PAS.** Este he melhor artezão.

**ANJO.** Folgarei de te levar,  
Se te ajuda o bem obrax,

Que as obras remos são.

PAS. Enha mãe m'o bradará,  
Que fica no sahimento,  
E o responso do mamento ;  
E tudo Sa Gil fara  
Com bom tento.

ANJO. Morreste tu bom christão ?

PAS. Que sei eu que vós dizeis ?

ANJO. Dize ora o *kirieleison*,  
*Kirieleison*, *Christeleison*.

PAS. O *Pater noster* quereis ?

Ja eu soube hum quinhão delle.  
No *santo faceto* andei ja,  
E nunca me dei por elle ;  
E a *Ave Maria* a par delle  
Soube eu lá ja tempos ha.

E fui assi por ella andando  
Nos *intes vitas cajuso* ;  
Alli andava eu sandejando,  
E suacendo e cansando :  
Então dei á treva o uso.

Assaz avonda ao pastor  
Crer em Deos, e não furtar,  
E fazer bem seu lavor,  
E dar graças ao Senhor,  
E fugir de não peccar.

E crer na Igreja assi junta  
Com paredes e telhados,  
Alicerces e furados ;  
E não curar de pergunta,  
E dar ó Demo os peccados.

Eu nunca matei, nem furtei,  
 Nega uvas algum'ora ;  
 Nem nunca mexeriquei,  
 Como lá se usa agora.

A BO Vae, vae cantar a gamella :  
 Não andavas tu namorado  
 Perdido por Madanella ?

s. E pois que lhe fiz a ella,  
 Para dizer que he peccado ?  
 Húa vez armei-lhe o pe  
 Na chacota em Villarinho,  
 E ainda pola abosé  
 Constança Annes, que viva he,  
 Me metteo naquelle alinko.

A BO Não na foste tu sperar,  
 Pera a damnares, villão,  
 E começou de bradar  
 Que a querias forçar ?

s. O fidepruta cabrão !  
 Quizera eu e ella não,  
 Porque a trédora fugio :  
 E s'isto assi foi, ladiso,  
 Que peccado se segtio,  
 Pois não houve concrusão ?  
 Juro ao corpo verdadeiro  
 Que tu te podes gabar  
 Que casado nem solteiro,  
 Não anda tão vil barqueiro  
 Sôbolas aguas do mar.  
 Soma, Anjo, eu m'enfestei :  
 Abrenuncio Satanás !

**ANJO.** Faze o que t'eu direi,  
E depois embarcarás,  
E eu meamo te passarei.  
Purga ao longo do rio  
Em gran fogo, merecendo.

**PAS.** E quando parte o navio?  
Senhor, se eu não tenho frio,  
Pera que hei d'estar ardendo?

(*Vem húa Pastora menina, e temendo a vi  
são do inimigo que lhe appareceo na mor-  
te, dix:*)

**Moça.** Jesu! Jesu! que he ora isto?  
Ave Maria! Ave Maria!  
Qu'he do meu cão qu'eu traxia?  
Oh! chagas de Jesu Christo  
Vão em minha companhia!  
Eu sonho! — triste de mim!  
Oh coitada, como tremo!  
Minha mãe, valei-me aqui,  
Que quando de vós parti,  
Não cuidei d'achar o Demo.  
Mais angústia he o temor  
Do imigo, que da morte:  
Tomo a Deos por valedor.  
Pois me cortas, e dás dor,  
Ma mazela que te córte.

**DIABO** Muchacha, venhas embora.

**Moça.** Mas na negra, pois te vejo.  
Oh! desaparece-me ora,  
Que falleci ind'agora  
Em mui perigoso ensejo.

Porque era moça e cuidei  
 Que da velhice gouvíra,  
 E com tal dor acabei,  
 Que de má parte não sei,  
 Nem tenho ponta de sira.  
 Não sei quem m'ha d'ajudar,  
 Não sei quem m'ha de valer,  
 Não sei quem m'ha de passar,  
 Não sei se m'hão de matar  
 Outra vez, ou que ha de ser.  
 Tir'-te diante de mi,  
 Verei os anjos de Deos.  
 ABO Entrae vós, filhinha, aqui.  
 çA. Oh! cal'-te : — triste de mi!  
 ABO Eu vos levarei aos ceos ;  
 Entrae, minha Polixena ;  
 Não temais nada, Senhora.  
 çA. Arre lá ! uxte, morena !  
 ABO O minha Rainha Helena,  
 Entrae, e vamo-nos ora.  
 çA. Cal'-te, cal'-te na ma ora !  
 Cuidas que m'has d'enganar,  
 Porque assi me ves pastora ?  
 ABO Entrae, minha matadora,  
 Pois que Deos vos quiz matar.  
 çA. Não vêdes vós o quebranto,  
 Que se quer pôr em feição !  
 ABO Olhae, flores, não m'espanto  
 Que me digais sete tanto :  
 Padeça meu coração,  
 O porvir e o presente.

Senhora, por concrusão,  
 Não quero de vós somente,  
 Senão dardes-me essa mão,  
 Se disso fordes contente :  
 E se m'eu gabar de vós,  
 Ma pezar veja eu de mi.  
 E iremos ambos sos  
 Onde estão vosso avós.  
 Ora entrae, ireis aqui.

**Moça.** Jesu ! Jesu ! raiva na casta !  
 Commendo ó Decho a amargura !  
 Mãe de Deos ! como m'agasta !  
 Ma rabugem na tarasca,  
 Espazinhada, triste, escura !

**Anjo.** Leix'ó, pastora ; vem ca.

**Diabo** Como estou hoje mofino,  
 E sem dita ieramá !  
 Mas algum dia virá  
 Qu'eu estarei mais fino.

**Moça.** Ó anjos, minha alegria,  
 Vista de consolação !  
 Por virtude e cortezia,  
 Ensinae-me por que via  
 Passarei á salvagão.

**Anjo.** Conhecias tu a Deos ?

**Moça.** Muito bem, era redondô.

**Anjo.** Esse era o mesmo das c eos.

**Moça.** Mais alvinho qu'estes veos,  
 O vi en vezes avondo.

Como o sino começava,  
 Logo deitava a correr.

**ANJO.** Que lhe dizias?

**MOÇA.** Folgava,  
E toda me gloriava

Em ouvir missa e o ver.

**ANJO.** Pastora, bom era isso.

**DIABO** Era a mor mexeriqueira  
Golosa, que d'improviso,  
Se não andavão sobre aviso,  
Lá ia a cepa e a cepeira.

E mais quereis que vos diga?

He refalsada e mentirosa.

**MOÇA.** Era ainda rapariga.

**DIABO** Se tu foras minha amiga,  
Eu me calára, tinhosa.

**MOÇA.** Ó anjos, levae-me ja,  
Tirae-me deste ladrão.

**ANJO.** Não podes ainda ir lá.

**MOÇA.** Tão moça, hei de ficar ca?  
Não pareceis isso rezão.

**ANJO.** Vae ao longo desse mar,  
Que he praia purgatoria;  
E quando Deus o ordenar,  
Nós te víremos passar  
Da pena á eterna glória.

(Vem hum Menino de tenra idade, e diz:)

**MEN.** Mãe, e o coco está alli!

Quereis vós star quēdo, quelle?

**DIABO** Passa, passa tu per lá.

**MEN.** E vós quereis dar em mi?

O demô que o trouxe elle!

**DIABO** Bé, mé. Filho da puta,

Vós estais muito garrido !  
 Tirar-vos-hão, Dom perdido,  
 Dos olhos a marmeluta.

MEN. Eu vos tomarei a vós  
 Á porta de minha tia ;  
 Entoncés veremos nós  
 Os cães de vossos avós,  
 Qu'estavão na mancebia.

DIABO Bé.

MEN. Mãe, s'elle quer-me comer !  
 E meu pae não vos dara ?

DIABO Bé.

MEN. Dona, se lh'o eu disser...  
 E ella matar-vos-ha :  
 Então ireis a morrer.

DIABO Bé.

MEN. Aquelle, s'eu chamar  
 O nosso Joanne !...

DIABO Bé.

MEN. Não queres senão berrar ?

DIABO Onde has d'ir, ou pera que ?

MEN. Fica minha mãe chorando,  
 So porque m'eu vim de lá.

ANJO. Mas fica desvariando,  
 Que tu es do nosso bando,  
 E pera sempre sera.

Fez-te Deos secretamente  
 A mais profunda mercê  
 Em idade de inocente :  
 Eu não sei se sabe a gente  
 A causa porqu'isto ha.

(Cantando, mettem os Anjos o Menino no batele,  
e entra um Taful.)

DIABO Ó meu sócio, ó meu amigo,

Meu bem e meu cabedal !

Vós, irmão, ireis comigo,

Que não temeste o perigo

Da viagem infernal.

TAF. Eis aqui flux d'hum metal.

DIABO Pois sabe que eu te ganhei.

TAF. Mostra se tens jógo tal.

DIABO Tu perdes o enxoaval.

TAF. Não he isto flux com rei.

DIABO Baralha o jógo e partamos.

TAF. Paga, qu'eu não jógo em vão.

DIABO Lá no frete descontámos ;

Quer ganhemos, quer percamos,

Tudo nos fica na mão.

TAF. Muito me gasto eu aqui,

Que tu tens mui mao sembrante ;

E pareces-me enfim

Por da ré muito reum,

E malino por d'avante.

DIABO Mas tornemos a jogar,

Porque tenho saudade

De te ouvir arrenegar,

E descrer e brasfemar

Do misterio da Trindade.

TAF. Aramá, como tu fallas

Tão senhor desta alma minha !

DIABO Não sei como agora calaa,

Renegando a soitas alaa

De Deos e da ladainha.

Este dia é as oitavas,

Por paços, salas e cantos,

Oh quanta glória me davas,

Quando á hostia blasfemavas,

E deshonravas os Santos !

TAF. Cant'eu sempre ouvi dizer,  
Quem bem renega, bem cre :  
Isto vos faço eu saber ;  
E quando isto não valer,  
Entraremos por mercê.

(*Vai-se á Barca do Paraíso.*)

Havera ca piedade  
D'hum homem tão carregado ?

ANJO. Mas a infinda crueldade  
Com que offendeste a magestade,  
Renegando seu estado ?

TAF. Vede que estava ocupado.  
Na gran perda que perdia.

ANJO. E Deos que culpa t'havia,  
Taful mal-aventurado,  
Sem valia ?

Renegar tão feramente  
Da Imperatriz dos Ceos !  
O pranta de ma semente,  
Arderás no fogo ardente,  
Com toda a ira de Deos.

TAF. Ma nova he essa pera mi.  
Se así for como dizes,  
Digo qu'era m'a ca vim.  
Porém esperase-me así,

Fallarei tamalavez.

Deos não quiz hoje nascer  
Por remir os peccadores?

**ANJO.** E pois que queres dizer?  
Que so c'o seu padecer  
Se salvão renegadores?

**TAF.** A perneta me forçou,  
Que era senhora de mi.

**DIABO** Mente, qu'elle s'incriniou:  
Nunca estrella renegou,  
Nem tal ha hi.

Sempre jogava o fidalgo,  
Bispo, escudeiro, ou que he.

**COR. Mestiço de cão e galgo.**

**ANJO.** Tomae-o, dao-lhe de pé.

**DIABO** Nossa he.

**TAF.** Estae, imigos! — Senhores,  
Deste sancto nascimento  
Não terei alguns favores?

**ANJO.** Tafues e renegadores  
Não tem nenhum salvamento.

*Saihem os Diabos do batel, e, com hõe can-  
tiga muito desacordada, levão o Taful; e os  
Anjos cantando levão o Menino, e fenece esta  
segunda scena.*

---

## AUTO DA BARCA DA GLORIA.

### FIGURAS.

**DIABO**, *Arrais do Inferno*. — **ANJO**, *Arrais do Ceo*. — **MORTE**. — **COMPANHEIRO DO DIABO**.  
— **CONDE**. — **DUQUE**. — **REI**. — **IMPERADOR**.  
— **BISPO**. — **ARCEBISPO**. — **CARDEAL**. — **PAPA**.  
— **ANJOS**.

*Segue-se a terceira scena, que he endereçada á Embarcação da Glória. Tracta-se per dignidades altas. Foi representada ao maio nobre Rei D: Manuel, o primeiro em Portugal deste nome, em Almeirim, era do Redemptor de 1519.*

*(Primeiramente entrão cinco Anjos cantando, e træzem cinco remos com as cinco chagas, e entrão no seu batel. Vem o Arrais do Inferno e diz ao seu Companheiro :)*

**DIABO** **P**atudo, vé muy saltando,  
Llámame la Muerte acá ;  
Dile que ando navegando,  
Y que la estoy esperando,  
Que luego vuelverá.

(*Vem a Morte.*)

ORT.. Qué me quieres ?

IABO Que me digas porqué eres  
Tanto de los pobrecitos ?  
Bajos hombres y mugeres,  
Destos matas cuantos quieres,  
Y tardan grandes y ricos.

En el viage primero  
Me enviaste oficiales :  
No fue mas que un caballero,  
Y lo al, pueblo grosero.  
Dejaste los principales  
Y villanage  
En el segundo viage,  
Siendo mi barco ensecado.  
A pesar de mi linage,  
Los grandes de alto estado  
Como tardan en mi passage !

ORT. Tienen mas guardadas esos,  
Que lagartos de arenal.

IABO De carne son y de huesos ;  
Vengan, vengan, que son nuesos,  
Nuestro derecho real.

ORT. Ya lo hiciera,  
Su deuda paga me fuera ;  
Mas el tiempo le da Dios,  
Y preces le dan espera :  
Pero deuda es verdadera,  
Y los porno ante vos.

Voyme allá de soticapa  
A mi estrada segnida,

Verás como no me escapa  
Desde el Conde hasta el Papa.

**DIABO** Haced prestes la partida,  
En buenora.

**COMP.** Pues el conde que vendrá ora,  
Irá echado, ó de qué suerte?

**ANJO.** O Virgen nuestra Señora,  
Sed vos su socorredora  
En la hora de la muerte.

(*Ven a Morte, e trax o Conde.*)

**MORT.** Señor Conde prosperado,  
Sobre todos mas ufano,  
Ya pasastes por mi vado.

**CONDE** O Muerte! cuan trahajado  
Salgo triste de tu mano!

**MORT.** No fue nada;  
La peligrosa pasada  
Desta muy honda ribera  
Es mas fuerte y trabajada,  
Mas terrible en gran manera.

Ved, Señor, se traeis flete  
Para aquel barco del cielo.

**CONDE** Allí iria yo por grumete.

**MORT.** Primeiro os sudará el topete.

**CONDE** Tú no das nunca consuelo.

O Muerte escura,  
Pues me díste sepultura,  
No me des nuevas de mí.  
Ya hundiste la figura  
De mi carne sin ventura,  
Tirana, déjame aquí.

**MORT.** Hablad con ese barquero,  
Que yo voy hacer mi officio.

**DIABO** Señor Conde e caballero,  
Dias ha que os espero,  
Y estoy á vueso servicio :  
Todavia  
Entre Vuesa Señoría,  
Que bien larga está la planeha,  
Y partamos con de dia :  
Cantaremos á porfia  
“ Los hijos de Dona Sancha.”

**CONDE** Ha mucho que eres barquero ?

**DIABO** Dos mil años ha y mas,  
Y no paso por dinero.  
Entrad, Señor pasagero.

**CONDE** Nunca tú me passarás.

**DIABO** Y pues quién ?  
Mirad, Señor, por iten  
Os tengo acá en mi rol,  
Y habeis de passar allen.  
Veis aquellos fuegos bien ?  
Allí se coge la froli.  
Veis aquel gran fumo espeso,  
Que sale daquellas peñas ?  
Allí perdereis el vueso,  
Y mas, Señor, os confieso  
Que habeis de mendar las gredas.

**CONDE** Grande es Dios.

**DIABO** Á eso os steneis vos,  
Gosando ufano la vida  
Con vicios de dos em dos,

Sin haber miedo de Dios,  
Ni temor de la partida?

**CONDE** Tengo muy firme esperanza,  
Y tuve dende la cuna,  
Y fe sin tener mudanza.

**DIABO** Sin obras la confianza  
Hace acá mucha fortuna!  
Suso, andemos;  
Entrad, Señor, no tardemos.

**CONDE** Voyme á estotra embarcacion.

**DIABO** Id, que nos esperaremos.

**CONDE** O muy preciosos remos,  
Socorred mi aficion.

#### LICÃO.

*O parce mihi, Dios mio,*  
*Quia nihil son mis dias:*  
Porque ensalza tu poderío  
Al hombre, y das señorío,  
Y luego del te desvias?

Con favor  
*Visitas eum al alvor,*  
Y súpito lo pruebas luego:  
Porqué consientes, Señor,  
Que tu obra, e tu hechor,  
Sea deshecha nel fuego?

Ayudadme, remadores,  
De las altas hierarquías,  
Favoreced mis temores,  
Pues sabeis cuantos dolores  
Por mi sufrió el Mesías.  
Sabed cierto

Como fue preso en el huerto,  
 Y escupida su hermosura,  
 Y dende allí fue, medio muerto,  
 Llevado muy sin concierto  
 Al juicio, sin ventura.

IAGO Ahora se os acordó?  
 El asno muerto cevada.  
 De vos bien seguro estó:  
 Pensareis que no sé yo  
 La vuesa vida pasada?

ONDE Yo te requiero.  
 IAGO Vos, Señor Conde agorero,  
 Fuisteis á Dios perezoso,  
 Á lo vano muy ligero,  
 Á las hembras placentero,  
 Á los pobres riguroso.  
 Viva Vuesa Señoría  
 Para siempre con querella.

ONDE Ó gloriosa María!

IAGO Nunca un hora ni dia  
 Os vi dar paso por ella.

(*Vem a Morte, e traz um Duque.*)

ORT. Vos Señor  
 Duque de grande primor,  
 Pensasteis de me escapar?

VAUZ Ó ánima pecador,  
 Con fortísimo dolor,  
 Sales de flaco lugar!

Cómo quedas, cuerpo triste?  
 Dame nuevas, que es de ti.  
 Siempre en guerra me trajiste,

Con dolor me despediste,  
Sin haber dolor de mí.  
Tu hechura;  
Que llamaban hermosura,  
Y tu misma la adorabas,  
Con su color y blancura,  
Siempre vi tu sepultura,  
Y nunea crédito me dabas.

**DIABO** Ó mi Duque y mi castillo,  
Mi alma desesperada,  
Siempre fuisteis amarillo,  
Hecho oro de martillo;  
Esta es vuestra posada.

**DUQUE** Cortesía.

**DIABO** Entre Vuesa Señoría,  
Señor Duque, e remarás,

**DUQUE** Hace mucha maresía:  
Estotra barea es la mia,  
Y tú no me pasaráis.

**DIABO** Veis aquella puente ardiendo,  
Muy lejos allén del mar,  
Y unas ruedas volviendo  
De navajas, y heriendo!  
Pues allí habeis de andar  
Siempre jamas.

**DUQUE** Retro vaya Satanás!

**DIABO** Lucifer que me acreciente!  
Señor Duque, allá irás,  
Que la hiela se te reviente.

LIGA.

**DUQUE** Manus tue, Domine,

*Fecerunt me; y me criaste,  
Et plasmaverunt me ;  
Decídime, Señor, porqué  
Tan presto me derrocaste  
De cabeza ?  
Ruégote que no escaezas  
Quod sicut hitum me heciste,  
No permitas que perezca ;  
Y si quieres que padezca,  
Para qué me redimiste ?*

*Pel y carne me vestiste,  
Ossibus, nervis et vita,  
Misericordia atribuiste  
Al hombre que tú heciste ;  
Pues ahora me visita.*

**IABO** Rálear,  
Que os tengo de llevar  
Á los tormentos que visitéis ;  
Por demás os es resar,  
Que lo mio me han de dar,  
Y vos mismo á mí os dísteis.

**VAUE** O llaga daquel costado  
De la pasion dolerosa  
De mi Dios crucificado,  
Redimid al desterrado  
De su patria gloriosa.  
Embarquemos,  
Porque vuestros son los remos,  
Nuestro es el capitán.

**IABO** Eso está en velohemos.  
**VAUE** Ó ángeles, qué haremos,

**Que no nos deja Satan?**

**ANJO** Son las leis divinales  
Tan fundadas en derecho,  
Tan primas y tan iguales,  
Que Dios os quiere, mortales,  
Remediar vueso hecho.

**DIABO** Remadores,  
Enviadme eses Señores,  
Que se tardan mucho allá.

**DUQUE** En vano hubo dolores  
Christo por los pecadores?  
Muy imposible será.

Pues es cierto que por nos  
Fue llevado ante Pilato,  
Y acusado, siendo Dios;  
(Señores, no penseis vos  
Que le costamos barato)  
Y azotado  
Su cuerpo tan delicado,  
Solo de virgen nacido,  
Sin padre humano engendrado;  
Y despues fue coronado,  
Y de su corona herido.

*(Vem a Morte, e traz hum Rei, e diz o)*

**REI** Cuanto dolor se me ayunta!

**MORT.** Señor, qué es de vuesa alteza?

**REI** Oh rigurosa pregunta!  
Pues me la tienes defunta,  
No resuscites tristeza.  
Oh ventura,  
Fortuna perversa escura!

Pues vida desaparece,  
Y la muerte es de tristura,  
Adonde estás, gloria segura ?  
Cual dichoso te merece ?

A B O Señor, quiero caminar,  
Vuesa Alteza ha de partir.

" Y por mar he de pasar ?

A B O Si, y aun tiene que sudar ;  
Ca no fue nada el morir.

Pasmareis :  
Si mirais, dahi vereis  
Adó sereis morador  
Naquellos fuegos que veis :  
Y llorando, cantareis  
" Nunca fue pena mayor. "

## LIÇÃO.

" *Tædet anima mea*  
*Vita mea* muy dolorida,  
Pues la gloria que deseá  
Me quita que no la vea  
La muy pecadora vida  
Que pasé.

*Loquar in amaritudine*  
Palavras muy dolorosas ;  
De mi alma hablaré  
A mi Dios, y le diré,  
Con lagrimas piadosas :  
*Noli me condemnare,*  
*Judica mihi*, porque  
No me dejas quien me ampare ;  
Si al infierno bajare,

Tuyo so, cuyo seré ?  
 Ay de mí !  
*Cur me judices anai ?*  
 Pues de nada me heciste,  
 Mándame pasar daqui :  
*Ampárame, fili Davi,*  
 Que del cielo descendiste.

## RESPONSO.

Ó mi Dios, *ne recorderás*  
*Peccata mea*, te ruego,  
 Naquel tiempo *dum veneris*,  
 Cuando el siglo destruieres,  
 Con tu gran saña, per fuego.  
 Dirige a mí  
*Vias meas* para ti,  
 Que aparezca en tu presencia.

DIABO Vuesa Alteza vendrá aquí,  
 Porque nunca acá sentí  
 Que aprovechase adherencia.

Ni lisonjas, crer mentiras,  
 Ni voluntario apetito,  
 Ni puertos, ni algeciras,  
 Ni diamanes, ni zafiras,  
 Sino solo aqueo espíto  
 Será asado :

Porque fuisteis adorado  
 Sin pensar serdes de tierra ;  
 Con los grandes alterado,  
 De los chicos deseuidado,  
 Fulminando injusta guerra..

(Vai-se o Rei á barca dos Anjos.)

- xi. O remos de gran valor !  
O llagas por nos habidas !
- vxo. Plega á vuestro Redentor,  
Nuestro Dios y criador,  
Que os dé segundas vidas ;  
Porque es tal  
La morada divinal,  
Y de gloria tanto alta,  
Que el ánimo humanoal,  
Si no viene oro tal  
En ella, nunca se esmalta.
- ii. Buen Jesu, que apareciste  
Todo en sangre bafiado,  
Y á Pilato oyiste,  
Mostrándote ao pueblo triste,  
— *Eis el hombre castigado !*  
Y reclamaron,  
Y con la cruz te cargaron,  
Por todos los pecadores :  
Pues por nos te flagelaron,  
Y á la muerte te allegaron,  
Esfuerza nuestros temores.
- (*Vem a Morte e traç hum Imperador.*)
- xt. Prosperado Emperádor,  
Vuesa sacra Magestad  
No era bien sabedor  
Cuan fortísimo dolor  
Es acabar la edad ?  
Y mas vos,  
Quasi tenido por dios.
- xi. O Muerte, no mas heridas !

MORT. Pues otra mas recia tos  
Es esta.

IMP. *Sed libera nos*  
De jornadas doloridas.  
Adonde me traes, Muerte?  
Qué te hice triste yo?

MORT. Yo voy hacer otra suerte ;  
Vos, Señor, hacéos fuerte,  
Que vana gloria os mató.

IMP. Cuan estraños  
Males das, vida de engaños,  
Corta, ciega, triste, amara !  
Contigo dejo los años,  
Entregásteme mis daños  
Y volvísteme la cara.  
Mi triunfo allá te queda,  
Mis culpas trayo conmigo ;  
Deshecha tengo la rueda  
De las plumas de oro y seda  
Delante mi enemigo.

DIABO Es verdad,  
Vuesa sacra Magestad,  
Entrará neste navio  
De muy buena voluntad ;  
Porque usastes cruidad  
Y infinito desvarío.

IMP. O maldito querubin !  
Ansí como descendiste  
De ángel á beleguin,  
Querrias hacer á mí  
Lo que á ti mismo hiciste ?

so Pues yo creo,  
 Á segun yo ví é veo,  
 Que de lindo emperador  
 Habeis de volver muy feo.  
 No hará Dios tu deseo.

so Ni el vuestro, mi Señor.  
 Veis aquellos despeñados,  
 Que echan daquellas alturas ?  
 Son los mas altos estados  
 Que vivieron adorados,  
 Sus hechos y sus figuras ;  
 Y no dieron,  
 En los dias que vivieron,  
 Castigo á los asanos,  
 Que los pequeños royeron,  
 Y por su mal consintieron  
 Cuanto quisieron tiranos.

## LIÇAO.

*Quis mihi hoc tribuat*  
*Ut in inferno protegas me ?*  
 Con mi flaca humanidad,  
 De tu ira y gravedad  
 Adonde me esconderé ?  
 O Señor,  
 Pase breve tu terror ;  
 Á mis culpas da pasada.  
*Vocabis me* pecador,  
 Responderte hei con dolor  
 De mi ánima turbada.

## RESPONSO.

*O libera me, Domine,*

De muerte, eterna contienda ;  
 En ti siempre tuve fe,  
 Tú me pone *juxta te*,  
*In die illa tremenda.*

*Quando cæli*  
*Sunt movendi contra mí,*  
 Y las sierras y montañas,  
 Por la bondad que es en ti,  
 Que te acuerdes que naci  
 De pecadoras entrañas.

(*Vai-se o Imperador aos Anjos.*)

**DIABO** Allá vais ? acá verneis,  
 Que acá os tengo escrito.  
 Por ~~mais~~ que me receleis,  
 Vos y los otros ireis  
 Para el infierno bendito.

**IMP.** No he temor ;  
 Piadoso es el Señor.  
 Dios os salve, remadores !

**ANJO.** Bien vengais, Emperador.

**IMP.** Angélico resplandor,  
 Considerad nuestros dolores.

Adóroos, llagas preciosas,  
 Remos del mar mas profundo !  
 O insignias piadosas  
 De las manos gloriosas,  
 Las que pintaron el mundo ;  
 Y otras dos  
 De los pies, remos por nos,  
 De la parte de la tierra !  
 Esos remos vos dió Dios

Para que nos libreis vos,  
Y paseis de tanta guerra.

o. No podemos mas hacer  
Que desear vuestro bien,  
Vuestro bien, nuestro placer :  
Nuestro placer es querer  
Que no se pierda alguien.

bo Qué pide allá ?  
Tuvo el paraiso acullá,  
No le falta sino pena ;  
La pena prestes está.  
La pasion me librará  
De tu infernal cadena.  
Vivo es el esforzado.  
Gran capitán por natura,  
Que por nos fue tan cargado  
Con la crua en el costado.  
Por la calle de amargura ;  
Y pregones  
Denunciando las pasiones  
De su muerte tan cercana ;  
Y llevada con sayones  
Al monte de los ladrones  
La magestad soberana.

*em a Morte, e trax hum. Bispo, e diz o)*

o. Muy crueles voces dan  
Los gusanos cuantos son,  
Adó mis carnes estan,  
Sobre cuales comeran.  
Primero mi corazón.

T. No cureis,

Señor Obispo ; hecho es :  
 A todos hago esa guerra.

**BISPO** O mis manos y mis piés,  
 Cuán sin consuelo estarés,  
 Y cuán presto sereis tierra !

**DIABO** Pues que venís tan cansados,  
 Verneis aquí descansar,  
 Porque ireis bien asentado.

**BISPO.** Barquero tan desastrado  
 No ha obispos de pasar.

**DIABO** Sin porfia :  
 Entre Vuesa Señoría,  
 Que este batel infernal  
 Ganaste por fantasía,  
 Halcones de altanaría,  
 Y cosas deste metal.  
 De ahí donde estais vereis  
 Unas calderas de pez,  
 Adonde os cocereis,  
 Y la corona asareis,  
 Y freireis la vejez.

Obispo honrado,  
 Porque fuiste desposado  
 Siempre desde juventud,  
 De vuestros hijos amado,  
 Santo bienaventurado,  
 Tal sea vuestra salud.

#### LICÃO.

**BISPO:** Responde mihi cuantas son  
 Mis maldades y pecados,  
 Veremos si tu pasion



Bastará á mi redencion,  
Aun que mil veces doblados.  
Pues me heciste,  
*Cur faciem tuam escondiste,*  
Y niegas tu piedad  
Al ánima que redimiste ?  
*Contra folium* escribiste  
Amargura y crujidad.

## RESPONSO.

*Memento mei, Deus Sefior,*  
*Quia ventus est vita mea ;*  
*Memento mei,* redentor,  
Envia esfuerzo al temor  
De mi alma dolorida.  
Ay de mi !  
*De profundis clamavi,*  
*Exaudi mi oracion.*

A BO Obispo, paréceme á mi  
Que habeis de volver aqui  
Á esta santa embarcacion.

(Vai-se o Bispo aos Anjos e diz :)

A BO O remos maravillosos,  
O barca nueva segura,  
Socorro de los llorosos ;  
O barqueros gloriosos,  
En vos está la ventura.  
He dejado  
Mi triste cuerpo cuitado  
Del vano mundo partido,  
De todas fuerzas robado,  
Del alma desamparado,

Con dolores despedido.

Bien basta fortuna tanta ;  
Pasadme esta alma por Dios,  
Porque el infierno me espanta.

**ANJO.** Si ella no viene santa,  
Gran tormenta correis vos.

**BISPO.** Yo confio  
En Jesu Redentor mio,  
Quo por mí se desnudó,  
Puestas sus llagas al frío ;  
Se clavó naquel navío  
De la cruz donde espiró.

(Vem a Morte e traz hum Arcebispo, e diz a)

**MORT.** Señor Arzobispo amigo,  
Que os parece de mí ?  
Bién peleaste conmigo.

**ARC.** No puede nadie contigo,  
E yo nunca te temí.  
O muerte amara !  
La vida nos cuesta cara,  
Al nacer no es provecho.

**MORT.** Voy haeer otra ceara.

**ARC.** O facciones de mi cara !  
O mi cuerpo tierra hecho !  
Qué aprovecha en el vivir  
Trabajar por deseansar ?  
Qué se monta en presumir ?  
De que sirve en él morir  
Candela para cegar ?  
Ni placer  
En el mundo por vencer

Estado de alta suerte,  
 Pues presto deja de ser ?  
 Nos morimos por lo haber,  
 Y es todo de la muerte.

**DIABO** Lo que da, es lo seguro.  
 Señor, venga acá ese espíritu.

**ARC.** Oh qué barco tan escuro !

**DIABO** En él ireis, yo os lo juro.

**ARC.** Como me espantas, maldito,  
 Indiablado !

**DIABO** Vos, Arzobispo alterado,  
 Teneis acá que sudar :  
 Moristes mui desatado,  
 Y en vida ahogado  
 Con deseos de papar.

Quien anduvo á puja larga  
 Anda acá por la bolina :  
 Lo mas dulce acá se amarga,  
 Vos caisteis con la carga  
 De la iglesia divina.  
 Los menguados,  
 Pobres e desamparados,  
 Cuyos dineros lograsteis,  
 Deseosos, hambreados,  
 Y los dineros cerrados,  
 En abierto los dejasteis.

**ARC.** Eso y mas puedes decir.

**DIABO** Ora pues, alto, embarcar.

**ARC.** No tengo contigo de ir.

**DIABO** Señor, habeis de venir  
 A poblar nuestro lugar :

Véislo está.  
 Vuestra Señoría irá  
 En cien mil pedazos hecho ;  
 Y para siempre estará  
 En agua que hervirá,  
 Y nunca sereis deshecho.

## LIÇÃO.

*Arc. Spiritus meus, tu hechura,*  
*Attenuabitur ; mis dias*  
*Breviabuntur, y tristura*  
*Me sobra, y la sepultura :*  
*No sé porque me hacias.*  
*Non peccavi,*  
*Putredine mea dixi,*  
*Padre, y madre mia eres,*  
*Vermibus soror et amici ;*  
*Quare fuisti me inimici,*  
*Señor de todos poderes ?*

## RESPONSO.

*Credo quod Redemptor*  
*Meus vivit, y lo veré.*

**DIABO** Vereis, por vuestro dolor.

**ARC.** Mas porque es mi salvador,  
 Yo en él me salvaré.

Dios verdadero  
 En el dia postrimero  
*De terra resurrectus sum,*  
*Et in carne mea entero*  
*Videbo Deum cordero,*  
*Christum salvatorem meum.*

(Vai-se o Arcebispo aos Anjos, e diz :)

**LRC.** Dadnos alguna esperanza,  
Barquero del mar del cielo :  
Por la llaga de la lanza,  
Que nos paseis con bonanza  
Á la tierra de consuelo.

**ANJO.** Es fuerte cosa  
Entrar en barca gloriosa.

**LRC.** Reina que al cielo subiste,  
Sobre los coros lustrosa,  
Del que te crió esposa,  
Y tú virgen lo pariste ;  
Pues que súpita dolor  
Por San Juan recibiste,  
Con nuevas del Redentor,  
Y, mudado lo color,  
Muerta en tierra descendiste ;  
Oh despierta,  
Pues es del cielo puerta !  
Levantate, cerrada huerta ;  
Con tu hijo nos concierta,  
Madre de consolacion ;  
Mira nuestra redencion,  
Que Satan la desconcierta.

(Vem a Morte com hum Cardenal, e diz a)

**MORT.** Vos, Cardenal, perdonad,

Que no pude mas áína.

**CAR.** O guia de escuridad,  
Robadora de la edad,  
Ligera ave de rapina !  
Qué mudanza  
Hizo mi triste esperanza !

Fortuna, que me ayudaba,  
 Pesó en mortal balanza  
 La firmeza y confianza  
 Que el falso mundo me daba.

**DIABO** *Domine Cardinalis,*  
 Entre vuestra Preeminencia,  
 Ireis ver vuessos iguales  
 Á las penas infernales,  
 Haciendo su penitencia :  
 Pues moristeis  
 Llorando porque no fuisteis  
 Siquiera dos dias papa,  
 Y á Dios no agradecisteis,  
 Viendo cuan bajo os visteis,  
 Y en despues os dió tal capa.  
 Y no quiero declarar  
 Cosas mas para decir :  
 Determinad de embarcar,  
 Y luego sin dilatar,  
 Que no teneis que argüir.  
 Sois perdido :  
 Oyes aquel gran ruido  
 Nel lago de los leones ?  
 Despertad bien el oido :  
 Vos sereis allí comido  
 De canes y de dragones.

**LICÃO.**

**CAR.** Todo hombre que es nacido  
 De muger, tien breve vida ;  
 Que quasi flos es salido,  
 Y luego presto abatido,

Y su alma perseguida.  
 Y no pensamos,  
 Cuando la vida gozamos,  
 Como della nos partimos ;  
 Y como sombra pasamos,  
 Y en dolores acabamos,  
 Porque en dolores nacimos.

## RESPONSO.

*Peccantem me quotidie,*  
*Et non me paenitentem* (triste !)  
*Sancte Deus, adjuva me;*  
 Pues fue christiana mi fe,  
*Succurre dolores, Christe.*  
 O Dios eterno,  
*Señor, quia in inferno*  
*Nulla est redemptio,*  
 O poderío sempiterno,  
 Remedia mi mal moderno,  
 Que no sé por donde vo.

(Vai-se o Cardeal ao batel dos Anjos, e diz o)

DIABO Váiste, Señor Cardenal ?

Vuelta, vuelta á los Francezes.

CAR. Déjame, plaga infernal.

DIABO Vos visteis por vueso mal

Los afios, dias y meses.

CAR. Marineros,

Remadores verdaderos,

Llagas, remos, caravela,

Embarcad los pasageros,

Que vos sois nuestros remeros,

Y la piedad la vela.

**ANJO.** Socoréos, Cardinal,  
Á la madre del Señor.

**CAR.** O Reina celestial,  
Abogada general  
Delante del Redentor ;  
Por el dia,  
Señora Virgen Maria,  
En que lo viste llevar  
Tal que no se conocia,  
Y vuesa vida moria,  
Nos queirais resucitar.

(Vem a Morte e tras hum Papa, e diz a)

**MORT.** Vos, Padre sancto, pensasteis  
Ser immortal ? Tal os visteis,  
Nunca me considerasteis,  
Tanto en vos os enlevasteis,  
Que nunca me conocisteis.

**PAPA.** Ya venciste,  
Mi poder me destrüiste  
Con dolor descompasado.  
O Eva ! porque pariste  
Esta Muerte amara y triste  
Al pie del arbol vedado ?  
Estais viva, y has parido  
Á todos tus hijos muertos ;  
Y mataste á tu marido,  
Poniendo á Dios en olvido  
En el huerto de los huertos.  
Véisme aqui  
Muy triste, porque naci,  
Del mundo y vida quejoso.

Mi alto estado perdí,  
Veo el diablo ante mí,  
Y no cierto el mi reposo.

**IAGO** Venga Vuesa Santidad  
En buenora, Padre Santo,  
Beatísima magestad  
De tan alta dignidad,  
Que moriste de quebranto.  
Vos ireis,  
En este batel que veis,  
Conmigo a Lucifér ;  
Y la mitra quitareis,  
Y los pies le besareis ;  
Y esto luego ha de ser.

**APA.** Sabes tú que soy sagrado  
Vicario en el santo templo ?  
**IAGO** Cuanto mas de alto estado,  
Tanto mas es obligado  
Dar á todos buen ejemplo,  
Y ser llano,  
Á todos manso y humano.  
Cuanto mas ser de corona,  
Antes muerto que tirano,  
Antes pobre que mundano,  
Como fue vuestra persona.

Lujuria os desconsagró,  
Soberbia os hizo daño ;  
Y lo mas que os condanó,  
Simonía con engaño.  
Venid embarcar.  
Veis aquellos azotar

Con vergas de hierro ardiendo,  
 Y despues atanazar?  
 Pues allí habeis dc andar  
 Para siempre padeciendo.

## LICÃO.

**PAPA.** *Quare de vulva me eduxisti*  
 Mi cuerpo y alma, Señor?  
 En tu silla me subiste,  
 En tu lugar me pusiste,  
 Y me heciste tu pastor:  
 Mejor fuera  
 Que del vientre no saliera,  
 Y antes no hubiera sido,  
 Ni ojo de hombre me viera,  
 Y como fuego á la cera  
 Me habieras consumido.

## RESPONSO.

*Heu mihi! Heu mihi!* Señor,  
*Quia peccavi nimis in vita:*  
*Quid faciam, miser pecador?*  
*Ubi fugiam, malhechor?*  
 O piedad infinita,  
 Para tí.  
 Amercéate de mí,  
 Que para siempre no llore:  
 Mándame pasar daqui,  
 Que nel infierno no ha hí  
 Quien te loe ni te adore.

**DIABO** Que me penan esos puntos,  
 Despues que pasa el vivir!  
 Mirad, Señores difuntos,

Todos cuantos estais juntos  
Para el infierno habeis de ir.

- o. O Pastor,  
Porque fuiste guia dor  
De toda la Christandad,  
Habemos de ti dolor :  
Plega a Jesu Salvador  
Que te envie piedad.
- A. O gloriosa Maria,  
Por las lágrimas sin cuento  
Que lloraste en aquel dia  
Que tu hijo padecia,  
Que nos libres de tormento,  
Sin tardar ;  
Por aquel dolor sin par,  
Cuando en tus brazos lo viste,  
No le pudiendo hablar,  
Y lo viste sepultar,  
Y sin él, d'él te partiste.
- o. Vuestras preces y clamores,  
Amigos, no son oidas :  
Pésanos tales señores  
Iren á aquellos ardores  
Ánimas tan escogidas.  
Desferir ;  
Ordenemos de partir :  
Desferir, bota batel :  
Vosotros no podeis ir,  
Que en los yerros del vivir  
No os accordasteis d'él.

*(Nota que neste passo os Anjos desferem a vela  
em que está o crucifixo pintado, e todos  
assentados de joelhos, lhe dixem cada hum  
sua oração. Primeiro começa o Papa, di-  
zendo :)*

**PAPA.** O Pastor crucificado,  
Como dejas tu ovejas,  
Y tu tan caro ganado !  
Y pues tanto te ha costado,  
Inclina á él tus orejas.

**IMP.** Redentor,  
Echa el áncora, Señor,  
En el hondon desa mar :  
De divino criador,  
De humano redentor,  
No te quieras alargar.

**REI** O Capitan General  
Vencedor de nuestra guerra ;  
Pues por nos fuiste mortal,  
No consentas tanto mal ;  
Manda remar para tierra.

**CAR.** No quedemos ;  
Manda que metan los remos,  
Hace la barca mas ancha.  
O Señor, que perecemos !  
O Señor, que nos tememos !  
Mándanos poner la prancha.

**DUEÑA** O Cordero delicado,  
Pues por nos estás herido,  
Muerto y tan atormentado ;  
Cómo te vas alongado

- De nuestro bien prometido ?  
 Ic. *Fili Davi,*  
 Cómo te partes daqui ?  
 Al infierno nos envias ?  
 La piedad que es en ti,  
 Cómo la niegas así ?  
 Porqué nos dejas, Mesías ?  
 Nde O Cordero divinal,  
 Médico do nuestro daño,  
 Viva fuente perenal,  
 Nuesa carne natural ;  
 No permitas tanto daño.  
 Ipo Ó flor divina,  
*In adjuvandum me festina,*  
 Y no te vayas sin nos ;  
 Tu clemencia á nos inclina,  
 Sácanos de foz malina,  
 Benigno hijo de Dios.  
 Não fazendo os Anjos menção destas preces,  
 regárão a botar o batel ás varas, e as Al-  
 s fizerão em roda húa musica a modo de  
 into, com grandes admirações de dor ; e  
 o Christo da resurreição, e repartio por  
 os remos das chagas, e os levou consigo.
-

## AUTO DA HISTORIA DE DEOS.



### FIGURAS.

#### *Prologo, ANJO.*

LUCIFER, *Maiorâdo Inferno.* — BELIAL, *Meirinho da sua côte.* — SATANAZ, *Fidalgo do seu Conselho.* — ANJO. — MUNDO. — TEMPO, *Seu Vedor.* — EVA. — ADÃO. — MORTE. — ABEL. — JOB. — ABRAHÃO. — MOÍSES. — DAVID. — ISAIAS. — BELZEBU. — S. JOÃO. — JESU CHRISTO.

O auto que se segue he intitulado Breve Summario da historia de Deos. Foi representado ao muito alto e muito poderoso Rei Dom João, o terceiro deste nome em Portugal, e á Serenissima e muito esclarecida Rainha Dona Catherina, em Almeirim, na era do Senhor de 1527.

(Entra hum Anjo, e a modo de argumento diz o seguinte introito :)

#### ANJO.

Ainda que todalas cousas passadas  
Sejão notorias a Vossas Alteras,  
A história de Deos tem taes profundezas,

Que nunca se perde em ser recontadas.  
E porque o tenor  
Da resurreição de nosso Senhor  
Tem as raizes naquelle pomar,  
Ao pé d'aquelle árvore que ouvistes contar,  
Aonde Adão se fez peccador,  
Convem se lembrar.

Por tanto o exordio do auto presente  
Começa tractando desta ereação,  
E como Lucifer tomou gran paixão  
De Deos crear mundo tão resplandecente.  
E assi a inveja  
E a sua malicia d'inveja sobeja  
Por ver nossos padres assí nobrecidos,  
Feitos gloriosos, tão esclarecidos,  
Que não pelos olhos lhe armárao peleja,  
Mas pelos ouvidos.

Entrará primeiro o muito soberbo  
Lucifer, anjo que foi dos maiores,  
E Belial e Satanaz, senhores  
De muita maldade de verba a verba.  
Agora vereis  
O que por diversos doctores lereis  
D'ab initio mundi até á resurreição ;  
Á qual se endereça a final tensão  
Dos versos seguintes. Não vos enfadeis,  
Que breves serão.

(Entra Lucifer, o Maioral do Inferno, e com  
elle Belial, Meirinho da sua corte, e Sata-  
naz, Fidalgo do seu Conselho ; e depois de  
assentado diz :)

## LUCIFER.

Venho herege do mundo que fez  
 O Deos lá de cima tão longo e tão passo,  
 Feito de nada por tanto compasso,  
 Tal que pasmado fico eu desta vez.

## BELIAL.

Mais he d'espantar  
 Do homem e mulher que fez no pomar.

## LUCIFER.

Isso queria eu agora dizer ;  
 Porque daquelles podem proceder  
 Tantos espiritos, que possão ganhar  
 O que fomos perder.

Hajamos conselho sóbre esta façanha,  
 Que Deos não nos ha de leixar acuar :  
 Todo seu feito he fazer-nos pesar,  
 Alem de deitar-nos de sua companha.

## BELIAL.

Assi me parece.

## SATANAZ.

De Adão e Eva que mal nos recrece !

## BELIAL.

Dar Deos a elles o que nos tomou.

## SATANAZ.

Dar Deos a elles o que nos tomou ?

## BELIAL.

Não coides tu al ; que este he o alicesse  
 Em que se fundou.

## SATANAZ.

Pois que remedio ? que este mal he muito !

## LUCIFER.

Deos lhe mandou mandado mui forte,  
Sob pena de dores, trabalhos e morte,  
Que não lhe tocassem em hum certo fruto  
Fruito da sciencia ;  
Porque perderão sua innocencia,  
Angelica em parte, subtil e immortal,  
E a posição do paraizo terreal :  
Isto em peccando, á primeira audiencia  
Sentença final.

Vae tu, Satanaz, por embaixador,  
Eu te dou meu comprido poder ;  
E vae-te a Eva, porque he mulher,  
E diz que coma, não haja temor :  
E, como avisado,  
Lhe falla cortezje mui repousado,  
Mostrando-te alegre com todo seu bem,  
E seu muito amigo maior que ninguem :  
Minte-lhe largo, e dá-lhe o cuidado  
Que agora não tem.

Vem tomar graça, pois has de prégar  
Á mais avisada senhora do mundo :  
Eu te outorgo meu poder facundo.  
Não hajas dó della, faze-a finar,  
Destruel-a asinha ;  
Nem por formosa, nem por ser rainha,  
Não olhes por nada, aperta com ella :  
Que como a vencesres, seim ti, mesma ella  
Fará ao marido cobrir-se de tinhâ,  
E muito mais qu'ella.

SATANAZ.

Em que figura lhe fallarei bem ?

LUCIFER.

Fase-te cobra, por dissimular,  
Porque pareças do mesmo pomar,  
Que sabes das fructas as graças que tem ;  
Porque has de dizer ;  
Senhora fermosa, deveis de saber  
Que aquella fructa que vos foi vedada  
Oh ! quanta sciencia em si tem cerrada.

SATANAZ.

Ja vos entendo, nãe falleis mais nada ;  
Leixa-me fazer.

*(Partido o tentador Satanaz, Belial anojado  
de inveja porque Lucifer o não mandou  
a elle, diz :)*

BELIAL.

Crede húa cousa, Senhor Lucifer,  
Que não ha hi pena que seja igual  
Aquella que sente o grande offcial,  
Quando ninguem lhe dá que fazer.  
Eu sou dos primeiros  
E o vosso leal entre os cavalleiros,  
E mais sou Meirinho desta vossa côrte.  
Vós não fazeis guerra em que eu faça sorte,  
E sendo meirinho sem prisioneiros  
Me pesa de morte.

E foste mandar Satanaz agora,  
Com todo poder de vosso vigor,  
Accrescentando por embaixador,  
Ao novo Senhor e nova Senhora,

Porém a mim não.

Se lá me mandáras, me houvera por cão,  
Se não os fizera per fôrça peccar :  
Logo per fôrça os fizera tragar  
Quantas maçans naquella árvore estão,  
Sem as mastigar.

**LUCIFER.**

Onde fôrça ha perdemos direito ;  
Que o fino peccado ha de ser de vontade,  
Formando desprezo contra a Magestade ;  
E não serão nossos, se for d'outro geito.  
E porque he errar  
Mandar o soberbo a negociar  
Cousas que hão de ser feitas per manha,  
Não te mandei : que a furia não ganha ;  
Mas doces palavras e dissimular  
Faz toda a façanha.

Satanaz sei que os fara peccar  
Per suas vontades, segundo he manhoso  
E mui lisongeiro, e falla mimoso,  
E sabe mentir com graça e com ar.  
E se elle acabasse,  
Convem a saber, que me derribasse  
Aqueles monarcas do mundo primeiros,  
Tu terias somma de prisioneiros,  
Meu fogo tambem em que se occupasse,  
E meus cozinheiros.

(Vem o tentador Satanaz com mesita alegria  
por que leixa acabado seu negócio).

**SATANAZ.**

*Senhor Lucifer, prazer hi não ha*

Que dê pelos pés ao do vencimento :  
 Alegraes-vos muito e o nosso convento,  
 Que vosso desejo cumprido está.  
 Ja são derrubados  
 Adão e Eva os primeiros casados,  
 Voltas as vodas em pranto mui forte,  
 O gózo em lagrimas, a alegria em morte,  
 A vida em suspiros, prazer em cuidado,  
 Ventura sem sorte.

He ja convertida esperança em temores,  
 Em pena tambem a seguridade,  
 Repouso em favor, e a liberdade  
 Deixo-a captiva em vivas dolores ;  
 E o paraizo  
 Lhe fica bem longe do seu pouco siso,  
 E he pera rir de seu desatino :  
 Porque o fruito era pequenino,  
 E pera fazerem tal regno diviso  
 Não era tão fino.

Porém crede vós que são destruidas  
 Duas criaturas mui maravilhosas,  
 Muito acabadas, e tão graciosas,  
 Que tarde verão outras taes nascidas.  
 Emfim que, Senhor,  
 Comerão seu pão com grande suor,  
 Seu mal tem ja certo, o bem duvidoso.  
 Oh como andava Adão tão mimoso,  
 E Eva cuberta de grande esplendor !  
 Mas eu fui ditoso.

LUCIFER.

Faço-te Duque e meu Capitão

Dos regnos do mundo até sua fim.  
 Pois os paes vencestes, os filhos assi  
 Trabalha e procura que venhão á mão ;  
 Que poderá ser  
 Que alguns farão tão grande prazer  
 Ao Deos offendido com tanta vontade,  
 Que da sua íra farão piedade,  
 E sua justiça farão converter  
 Em benignidade.

## SATANAZ.

Bofá, meus amigos, ja eu'stou cevado :  
 Nenhum que nascer não m'ha d'escapar.  
 Oh quantas manhas que sei de luctar,  
 E quantos enganos que tenho estudado !  
 Venha embora  
 O rico ou pobre, senhor ou senhora,  
 Ou seja villão, ou frade ou freira,  
 De todas as sortes lhe sei a maneira.  
 Não fallemos nisto jamais per agora,  
 Que feita he a pesqueira.

(Entra hum Anjo com hum relogio na mão, e  
 traz consigo o Mundo vestido como rei, e  
 o Tempo diante como seu Vedor ; e diz o)

## ANJO.

*Deus, cui proprium est miserere,*  
 Porque o seu proprio he perdoar,  
 De todo a sanha não quer executar,  
 E a summa bondade assim lh'o requere.  
*Ca Deos he grandeza,*  
*E he poderio e he fortaleza,*  
*E sabedoria, virtude e verdade,*

Glória : tudo isto tem de propriedade ;  
E estas dignidades tem por natureza  
Usar de piedade.

E porque o peccado he em si temporal,  
E a bondade de Deos he infinda,  
Precede em grandeza toda a causa finda,  
E ser poderoso he seu natural.

A justiça porém  
Quando executa, não cuida ninguem  
Que he com mil partes o que merecia.  
Adão he deitado de sua alegria,  
Porque por seu mal não pôde c' o bem  
Que Deos lhe queria.

E porém contudo piedoso tornado,  
Manda-te, Mundo, agasalhar Adão  
E todos aquellos que procederão  
De sua semente, de qualquer estado,  
E lhes dês folgança,  
E todalas cousas em muita abastança :  
Os peixes, que vão per carreiras do mar ;  
Aves, que andão as vias do ar ;  
Ovelhas e bois, e toda abundância  
Os leixa lograr.

Porque, ainda que são peccadores,  
Não tem outro padre senão o Senhor,  
Que não quer a morte ao peccador,  
Mas antes que viva e lhe dê louvores.

E a ti porém  
Manda-te, Tempo, que temperes bem  
Este relogio, que te dou, das vidas ;  
E como as horas forem cumpridas.

De que fez mercê á vida d'algueum,  
Serão despedidas.

Assi que tu, Mundo, os gasalharás,  
E Satanaz os aconselhará,  
O Tempo e relogio os despedirá,  
A morte sera o que tu verás.  
Eis aqui vem  
O padre Adão, e Eva tambem ;  
E como saudosos do seu paraizo,  
Com dor dolorosa de tal improviso,  
Assi desterrados de todo seu bem,  
Vem fallando nisso.

EVA.

Oh como os ramos do nosse pomar  
Ficão cubertos de celestes rosas !  
Ó doces verduras, ó fontes graciosas,  
Quem nunca vos víra pera se lembrar !

ADÃO.

Lembremo-nos ora  
De nosso remédio, mulher e senhora,  
Porque isto he o que havemos mister.

EVA.

Ó senhor, quem pôde cobrar tal perder,  
Que possa perder lembrança meia hora  
De tanto prazer ?

ADÃO.

Poderoso he o Padre na glória dos Céos,  
Poderoso he o Padre no nosso paraizo,  
Poderoso he o Padre neste triste abiso,  
*Em todo logar* poderoso he Deos ;  
*E não vos mateis.*

## EVA.

Segundo o que sinto, vós, senhor, quereis  
 Que queira sofrer, e meu mal não quer ;  
 Minha dor he grande, e eu sou mulher  
 Tão desconfiada, como vós sabeis  
 Que devo de ser.

A dor e tristeza he no meu coração,  
 No meu coração está minha vida,  
 E na minha vida está minha ferida,  
 De que meus cuidados feridos estão.

## ADÃO.

Leixae-me dizer,  
 Eu vos direi que haveis de fazer.  
 Ajuntae-me a somma de vossos cuidados,  
 Aos meus tristes apassionados,  
 E dae-m'os a mim, porque eu hei d'ir ter  
 Cuidados dobrados.

## EVA.

Senhor, bem o creio ; mas vós bem ouvistes  
 O que me disse o Senhor dos senhores :  
 Que eu pariria com mortaes dolores,  
 A mais desterrada na terra dos tristes.  
 Oh ! triste de mi !  
 Cada hum de nós penará por si ;  
 Vós tereis cuidados e eu muitos cuidados  
 Os nossos prazeres serão trabalhados :  
 Oh quantos trabalhos teremos aqui  
 Por nossos peccados !

## ADÃO.

Dae ora logar, senhora querida,  
 Que passe esse pranto ; e nós descansenmos ;

Catemos abrigo em que nos abriguemos.  
 Pois nos obrigamos a misera vida,  
 Façamos pendença ;  
 Cumpramos os termos da nossa sentença,  
 Pois não cumprimos o que nos cumpria.  
 Pacienza, senhora, que o nojo em porfia  
 Remédio não causa, nem tira doença,  
 Mas antes a cria.

## MUNDO.

De vosso desastre me pesou assaz ;  
 E, como o Anjo aqui o contasse,  
 Nunca tive cousa de que mais me pesasse.  
 Porém por engano tudo se faz.  
 O Diabo he demo ;  
 Porque he o rapaz tao subtil em extremo,  
 Que não ha bugio tão mal inclinado.

## ADÃO.

Quem sois vós, que assi estais ornado ?

## MUNDO.

Eu sam o Mundo, que remo meu remo  
 Em vosso cuidado.

Se vós não houvesseis pezar em dize-lo,  
 Desejo saber por que via entrou  
 Aquelle galante que vos enleou ;  
 Não pera usa-lo, mas pera sabê-lo.

## EVA.

Senhor, sabereis,  
 Dizendo em somma o que me requ'reis,  
 Que eu concebi neste meu spirito  
 Aquelles enganos do anjo maldito ;

E assi concebida, agora vereis  
O meu apêro.

Digo que, prenhe, minha alma e vida  
Assi concebida do verbo corrupto,  
Desejei, de prenhe, fartar-me do fructo  
Da árvore sancta por Deos defendida.  
E como comi,

*(apparece a Morte)*

Vêdes alli, Senhor, que pari ;  
Vêdes a minha triste paridura :  
Esa he a filha da mãe sem ventura,  
Isto nasceu da triste de mi,  
Por nossa tristura.

#### ANÃO.

Vêdes aqui, Senhor Mundo, a nossa  
Parteira da terra, herdeira das vidas,  
Senhora dos vermes, guia das partidas,  
Rainha dos prantos, e nunca ociosa,  
Adela das dores,  
A embaladeira dos grandes senhores,  
Cruel regateira, que a todos enleia.

#### MUNDO.

Não vos espanteis de pessoa tão feia,  
Porque cada hum desses lavradores  
Colhe o que semeia.

Hou ! que dizes, Tempo ?

#### TEMPO.

Eu não digo nada :  
Eu lhes fallarei lá na derradeira ;  
Agasalha-os tu, que he gente estrangeira.

## MUNDO.

Cortae dessa rama, fazei a pousada,  
 E va Adão cavar :  
 Semeae das favas, que haveis de suar :  
 Comei dessa fructa amargosa, monteza,  
 E fie da lan a primeira princeza,  
 Até qu'essa Morte vos venha chamar,  
 E muito depressa.

(*Apartão-sc do auto Adão e Eva.*)

## MUNDO.

Ora venha Abel seu filho carnal,  
 E não façais conta aqui de Caïn,  
 Que como o homem he homem ruim,  
 Pera que he delle fazer cabedal ?  
 Abel he pastor  
 Amigo de Deos e bom servidor,  
 Por isso lhe crescem a olho seus gados.

## TEMPO.

Pois porque tem dias tão abreviados ?

## MUNDO.

São fundos segredos que tem o Senhor  
 Pera si guardados.

(*Entra Abel pastor, cantando o seguinte Vilancete.*)

## ABEL.

“ Adorae, montanhas,  
 “ O Deos das alturas,  
 “ Tambem as verduras ;  
 “ Adorae, desertos  
 “ E serras floridas,  
 “ O Deos dos secretos,

“ O Senhor das vidas :  
 “ Ribeiras crescidas,  
 “ Louvae nas alturas  
 “ Deos das criaturas.  
 “ Louvae, arvoredos  
 “ De fructo pressado,  
 “ Digão os penedos,  
 “ Deos seja louvado,  
 “ E louve meu gado  
 “ Nestas verduras  
 “ O Deos das alturas. ”

## SATANAZ.

Oh como cantas tão doce, pastor !  
 Quanta doçura que nasceu contigo !  
 Conselho-te, irmão, senhor e amigo,  
 Que te estimes muito : pois es tal cantor,  
 Bem he que te prezes.  
 Tu es mais formoso que teu pae mil vezes :  
 E se eu a ti fosse leixaria o gado,  
 Que andas nos matos mui mal empregado,  
 Mancebo disposto : e não te desprezes  
 De ser namorado.

## ABEL.

Queria ora mais fartar o meu gado,  
 Sem fazer nojo nem perda a ninguem.

## SATANAZ.

Queres que engorde o teu gado bem ?  
 Sempre apascenta em pasto vedado.

## ABEL.

Quem te mette a ti  
 A aconselhares outrem, nem menos a mi,

Sem te pedirem conselho nem nada?

SATANAZ.

He tanta a virtude que tenho sobrada,  
Que sempre isto faço e fiz atéqui  
A cada passada.

ABEL.

Oh! e tu gabas-te e fazes-te sancto?  
Juro-te, amigo, que hypocrita es.  
Torna-te monge, descança esses pés,  
E seras fino nessa arte dez tanto:  
A isto te espero.

SATANAZ.

Este he o homem que busco e quero.  
Muito desejo tua companhia,  
E sem mais soldada, com muita alegria,  
Prometto servir-te como escravo mero  
De noute e de dia.

TEMPO.

Despachae, Abel, parti pola fria,  
Que ja vossas horas estão consumidas.

ABEL.

Ó Tempo, tão curtas são aqui as vidas?  
Senhor, agravais-me, que ainda crescia;  
Não ha aqui justiça.  
Leixae-me, Morte.

MORTE.

O tempo me atiça.

ABEL.

Onde me levas?

MORTE.

Lá t'o dirão.

**ABEL.**

Mundo, não me vales?

**MUNDO.**

Está bem á mão.

**TEMPO.**

Pois não se t'escusa, não hajas preguiça :  
Não tomes paixão.

(Entra Abel na escuridade do Limbo.)

**ABEL.**

Despois de viver vida trabalhada,  
Despois de passada tão misera morte,  
Este he o abrigo, esta he a pousada !

**BELIAL.**

E esse he o siso,  
Despois que vos vedes neste sancto abiso,  
Despois que estais sóra de guardardes gado,  
Despois que cobraste tal valle abrigado,  
Despois de vizinho no nosso paraizo,  
Nos dais esse grado ?

Sus, sus, á corrente.

**LUCIFER.**

Aperta-o mui bem  
Que nunca Satan o pôde enganar,  
Porque elle sóra pousar no logar  
Onde pera sempre não virá ninguem,  
Senão outros taes.

**BELIAL.**

Has tu saudade de ir ver a teus paes,  
Ou por ventura das tuas ovelhas ?

**ABEL.**

Ó Senhor Deos ! pois tal me apparelhas,

Recebe meus gritos, prantos e ais,  
Nas tuas orelhas.

TEMPO.

Vós, padre Adão, e vossa parceira,  
Cheguemos á vara, ja sabeis meu mando ;  
Mil annos ha que estou esperando ;  
Esta he a vossa hora derradeira.

ADÃO.

Ó Tempo, espera !

TEMPO.

Este relogio não se destempera,  
He muito certo e muito facundo.

ADÃO.

Queria fallar hum pouco c' o Mundo :  
Não apparelharei eu o panno e a cera ?  
Ora he caso profundo !

TEMPO.

Alto, despachae : e vós aguardais ?  
Fazeis o alforge á hora da ida ?

ADÃO.

Dá-me siquer hum dia de vida.

TEMPO.

Diz ca o relogio que não tendes mais ;  
Nem ha hi maneira.

MORTE.

Não sabeis vós que sou vossa herdeira,  
E a vossa filha a primeira gerada ?

ADÃO.

Ó triste Morte, como es apertada !  
Como es espantosa, em tanta maneira.  
Desaventurada !

(Entrando na casa de sua prisão, e achando Abel, seu filho, preso naquelle infernal estancia, fixerão todos hum pranto, cantando a tres vozes ; e acabando dix o)

MUNDO.

Eis Job vem fallando ha grande pedaço,  
Triste com causa de ter gran tristeza.

TEMPO.

Oh quantos haveres e quanta riqueza  
Perde aquelle homem em tão pouco espaço !

MUNDO.

Infinitos gados  
E muitos haveres lhe tenho ja dados,  
E tudo lhe foi atravez brevemente ;  
Porque Satanaz o achou excellente,  
Todos seus bens lhe tem assolados ;  
E Job paciente.

JOB.

Se os bens do mundo nos dá a ventura,  
Tambem em ventura está quem os tem.  
O bem que he mudavel não pôde ser bem,  
Mas mal, pois he causa de tanta tristura ;  
E se Deos os dá,  
Como eu creio mui bem que sera,  
E a fortuna tem tanto poder,  
Que os tira logo cada vez que quer,  
O segredo disto, oh ! quem m'o dirá,  
Pera o eu saber ?

SATANAZ.

Fallemos hum pouco, Job, a de parte  
Sobre esse segredo, verás que te digo.

**Eu quero-te bem e sou teu amigo,**  
**Sem usar comigo cautela nem arte.**  
**Tu saberas,**  
**E não me descubras nem hoje nem eras,**  
**Deos he aquelle que te tracta assi ;**  
**Quer-te gran mal e diz mal de ti :**  
**Não cures delle, e logo tornaráis**  
**A como te vi.**

**Tu dás com teus males louvores a Deos,**  
**E elle pesa-lhe por tu nomea-lo :**  
**Renega, renega de ser seu vassalo,**  
**E logo verás tecer outros veos.**

**JOB.**

**Se o eu leixar,**  
**Qual he o senhor que m'ha d'emparar ?**  
**Qual he o Deos que me pôde valer ?**  
**Nos bens desta vida não está o perder,**  
**Que assi como assi ca hão de ficar,**  
**Pois hei de morrer.**

**Eu creio, Mundo, que o meu redemptor**  
**Vive, e no dia mais derradeiro**  
**Eu o verei Redemptor verdadeiro,**  
**Meu Deos, meu Senhor e meu Salvador.**  
**Eu o verei, en,**  
**Não outrem por mim, nem com olho seu,**  
**Mas o meu olho, assim como está ;**  
**Porque minha carne se levantará,**  
**E em carne mea verei o Deos meu,**  
**Que me salvará.**

**SATANAZ.**

*Prosigue tu embora tua mania,*

Que Deos bem de chapa te assenta elle a mão :  
 Derribou-te agora as casas no chão,  
 E matou-te os filhos morte supitania.

JOB.

Verdade he isso ?

SATANAZ.

Assim me veja eu rei do Paraizo.

JOB.

Bento e louvado seja o Deos dos ceos !

SATANAZ.

Se o tu renegasses, temer-t'hia Deos,  
 E correr-se-hia muito de te fazer isso.

JOB.

Lá, lá aos increos !

SATANAZ.

Assi ! ora espera, farei que renegues,  
 Quero fazer o que Deos me manda.

(Toca Satanaz a Job, e fica cuberto de lepra.)  
 JOB.

Oh chagado de mi, que esta he outra demanda !

Oh Deos meu ! e porque me persegues ?

Contra mim perfias,

Sabendo que nada são os meus dias !

Minha alma s'enoja ja de minha vida,

E como a setta he minha partida.

Senhor, meu Senhor ! porque te desvias

De tua guarida ?

Responde-me, quantas maldades te fiz ?

Ou quantas treições obrei contra ti ?

Porque assim escondes a face de mi,

Como meu contrário, sendo meu juiz ?

Contra a folha prove,  
 Que ligeiramente o vento revolve,  
 Mostras as forças que tu tens comtigo ?  
 Porque te fizeste contrairo comigo ?  
 Que a tua bondade me escusa e absolve  
 De ser teu imigo.

Senhor, homem de mulher nascido  
 Muito breve tempo vive miserando,  
 E como flor se vai acabando,  
 E como a sombra sera consumido.

Pois porque, Senhor,  
 Estimas tu cousa de baixo valor  
 Pera trazê-lo a juizo comtigo ?  
 E quem me daras que seja comigo  
 Em o inferno por meu guardador  
 E por meu abrigo ?

Que a minha pelle, as carnes gastadas,  
 Logo a meu osso se achegará,  
 E tambem solamente o que ficará  
 Os beiços ácerca de minhas queixadas.  
 O meus amigos,  
 Ao menos vós outros, amigos antigos,  
 Amerceae-vos de mim que me vou,  
 Porque a mão do Senhor me tocou :  
 E vós perseguiis-me como inimigos,  
 Assi como estou ?

#### TEMPO.

Queixaes-vos vós bem, que ainda estais peor,  
 Pois não tendes mais momento de vida :  
 Alto, despejae, cuidae na partida.

## JOB.

Oh ! bento e louvado seja o meu Senhor !  
 O que elle mandar.  
 A vida he sua, pôde-a tirar,  
 A morte he nossa de juro e herdade ;  
 E pois que elle he o juiz da verdade  
 Faça-se logo sem mais dilatar  
 A sua vontade.

## MORTE.

Vinde ca, bom homem, que esta he dor maior,

## JOB.

*Memento mei, Deos Senhor,*  
*Porque vento he a minha vida.*  
*Apressa-te muito asinha,*  
*Favorece meu temor,*  
*E a minha alma encaminha.*  
*Peccante me quotidie,*  
*Et non me paenitentem,*  
*Meus espiritos ja não sentem ;*  
*Timor mortis, conturbas me.*

*Ubi fugiam, que farei ?*  
*Circumdederunt me dolores :*  
*Ajuda-me, Rei dos senhores,*  
*Não te alembre que pequei,*  
*Esqueção-te meus erros.*  
*Manus tuæ fecerunt me,*  
*Oh ! não me desfaças ora ;*  
*Acorre-me, Senhor, agora,*  
*Qua a minha vida ida he,*  
*E a morte he de mi senhora.*

## BELIAL.

Ora andae, que tudo he nada  
Quanto vós podeis dizer.

JOB.

Que me queres tu fazer ?

## BELIAL.

Servir-te e dar-te pousada,  
Onde estés a teu prazer.

(Diz Job depois de preso.)

JOB.

*Quare de vulva me eduxiste ?*

Antes alli fôra consumido.

Ó minha esperança, faze-me soffrido,  
Pois vida, morte e prisão tão triste  
Me fazem pesar-me porque fui nascido.

## MUNDO.

Agora estes quatro bem abastarão,  
Quanto aos Padres da lei da Natura ;  
Logo virão, da lei da Escriptura,  
Moysem, Isaias, David, Abrahão.

Fallará primeiro

Abrahão, patriarcha justo, verdadeiro,  
Reprendendo os idолос da antiguidade ;  
Porque no seu tempo era vaidade,  
E pola verdade se fez pregoeiro  
Da sancta Trindade.

## ABRAHÃO.

Ó Deos mui alto, ignoto, escondido,  
Demostra-te ás gentes, que ja tempo he ;  
Que daquelle tempo do justo Noé  
Está o teu nome na terra perdido,

E está sonegado  
 O tributo do mundo, que he teu de morgado.  
 E adoraõ as gentes deoses de palmeira,  
 Deoses de metal, e de pederneira,  
 Deoses sem vida, deoses de peccado,  
 Feitos de madeira.

Tem pés e não andão, mãos e não palpão,  
 Olhos e não vem, orelhas e não ouvem,  
 Corpo e não sustem, cabeça e não entendem.  
*Et tu, qui solus es,*  
 Que tens todo o mundo debaixo dos pés,  
 E teu ouvir e ver he infinito,  
 Creador dos spirítos, eternal spiríto,  
 E sendo seu Deos, não sabem quem es,  
 Sequer por escrito.

#### MOISES.

Tu Mouses direi como elle formou  
 No princípio o ceo, terra e paraizo.  
 A terra era vacua, e sobre abiso  
 Erão as treyas quando a luz creou.  
 E assentarei  
 Misterios profundos no livro da lei,  
 Tudo figuras da Sancta Trindade,  
 Tudo misterios da eternidade,  
 Que Deos me dirá e eu escreverei  
 Á sua vontade.

E elle estara em pessoa comigo  
 Aos cincos livros, quando os escrever;  
 Porque as ceremonias que mandar fazer,  
 Outras maiores trazerá comsigo.  
 Tu, homem, penetra,

**E** dos sacrificios não tomes a letra ;  
**Q**ue outro sacrificio figúrão em si,  
**Q**ue matar bezerros, nem ave alli :  
**O**utra mais alta offerta soletra,  
**E** outro Genesi.

**DAVID.**

**O** sacrificio a Deos mais aceito  
**H**e o spirito mui attribulado,  
**E** o coração contrito e humilhado ;  
**E**ste he a offerta e serviço direito ;  
**E** assi Isaias.

**ISAIAS.**

**O** sacrificio he o Messias,  
**Q**ue sera nascido em Bethlem de Judá,  
**P**orque do tribu de Judá sera  
**D**a parte da Virgem ; e eis virão dias  
**E**m que parirá.

**MOISES.**

**V**irgem prenhada !

**ISAIAS.**

**E** Virgem parida.  
**B**em viste a sarça que não se queimava ;  
**P**ois este misterio nos prefigurava  
**A** Madre de Deos, do mundo e da vida,  
**E** amado cordeiro  
**Q**ue tira os peccados.

**DAVID.**

**E**u no meu salteiro  
**D**igo por este mui alto primor :  
**C**antae cantar novo a vosso Senhor,  
**Q**ue fez maravilhas, o Deos verdadeiro,

O Duque maior.

ABRAHÃO,

Ó Isaias, que novas tão bellas,  
De tanta algria, que trazes contigo !

ISAIAS.

Outras tão tristes trago eu comigo,  
Que ja Jeremias fez pranto com ellas.  
Oh triste mazella !

Que o fructo do ventre daquella donzella,  
Em pagamento do fructo vedado,  
À justiça divina sera offertado,  
Cuberto de sangue, com muita querella,  
E crucificado !

DAVID.

Eu tambei o sei, mui certo sabido ;  
Serão suas mãos e pés mui furados,  
E todos seus ossos lhe serão contados,  
E deitarão sorte sobre seu vestido.

TEMPO.

Tendes ja dito ;  
Leixae tudo isso posto por escrito,  
E despejae logo, pagae a pousada ;  
Cumprí com a terra, que quer ser pagada,  
E os elementos dae o spirito :  
Não falleis mais nada.

MUNDO.

Morte, despeja-os, não fique ninguem.

ISAIAS.

Oh quem me tivera mais vida alongada  
Pera profetar da Virgem sagrada  
Cem mil maravilhas que sei muito bem !

## MORTE.

Profetas, nó mais ;  
 Manda o Tempo que logo partais,  
 Parti-vos comigo, e não mais demoras.

ABRAHÃO.

Ó Morte, quão cruas são tuas esporas !  
 Quão lastimeiras !

## MORTE.

Não vos detenhas ;  
 Andae, que são horas.

MOISES.

Senhor Rei David, não tendes na corte  
 Cirurgiães e Fisicos mores,  
 Astrologos grandes e muitos doctores,  
 Que vos dem saude e livrem da morte ?

## MORTE.

Olhae, não vai nisso ;  
 O mal que se cura não he mal de siso.  
 Andão deitando remendos á vida ;  
 Mas quanto ao despejo, pois não tens guarida,  
 Lembra-te, homem, com maio avise  
 Que es terra podrida.

BELZEBU.

Ó Morte, ó Morte, sejas bem casada,  
 Que tão limpa gente nos dás em poder.  
 Chegæ-vos aqui, Senhor Lucifer,  
 Pois que rei vem á vossa pousada ;  
 Que não he rezão,  
 Pois que he rei, que eu lhe ponha a mão,  
 Seja Vossa Altesa. e ponha-o aqui.

**LUCIFER.**

Perdoae-me vós, Senhor Rei Davi.

**DAVID.**

*De profundis clamavi,* Senhor, redempção !

**BELZEBU.**

Bem estais assi.

**MUNDO.**

Da lei da Escriptura e lei natural  
Ja temos passados os mais principaes ;  
Venha a lei da Graça, porque os mortaes  
Alcancem a glória de sempre eternal.

Venha primeiro  
Glorioso Joannes, sancto pregoeiro,  
Sancto sem mágoa, de Deos enviado,  
Sancto nascido e sanctificado,  
Mostrando ás gentes alto cordeiro,  
Com muito cuidado.

**S. João.**

Ó bravas serpentes que em serras andais,  
Ó dragos ferozes que estais nos desertos,  
Ouvi os secretos que estão encubertos ;  
E vós, dromedarios, tambem não durmais ;  
E tu, mui serena  
Fermosa ave phenix, que tanto sem pena  
A ti mesma matas por tua vontade,  
Vae ver o Phenix da Sancta Trindade,  
Filho da Phenix *gratia plena*,  
Que está na cidade.

E tu, mui soberbo lobo poderoso,  
Que trazes as unhas crueis, e tingidas  
*No sangue d'ovelhas de pouco paridas.*



Prende de Christo, cordeiro amoroso :  
vós, pomba brava,  
se voais isenta, soberba, alterada,  
a essas montanhas viveis branda vida,  
mac por espelho a pomba escolhida ;  
pomba mui mansa, a pomba calçada,  
sol he vestida.

E tu vil rapoza, que vives d'engano,  
matas quem amas. sem nenhum temor,  
prende de Christo que so por amor  
ferece á morte seu corpo humano.

, aguia real,  
se vences os raios do sol natural  
em tua vista per graça divina,  
tarda não te cegue o sol da rapina,  
is te allumia a luz divinal  
em sua doctrina.

#### SATANAS.

Eu fui hontem á cidade,  
E estavão os Fariseus  
Fallando nos feitos teus  
E na tua sanctidade,  
De que pasmão os Judeus.  
Dizem que tu es Elias,  
Ou profeta enviado,  
Ou anjo dissimulado ;  
Mas eu digo que es Mexias,  
E assi o tenho apostado.

#### S. João.

Eu te conheço mui bem,  
E quem es, ha muitos dias.

Satan, eu não sam Elias,  
 Nem desejo de ninguem  
 Nenhūas lisongerias.  
 Nem sam sancto nem profeta,  
 Nem menos anjo encuberto ;  
*Vox clamantis in deserto*  
 Esta he a minha vida certa ;  
 Pois queres saber o certo.

Nem Messias não sam eu,  
 Nem pera lhe desatar  
 A correa que levar  
 No sancto sapato seu.  
 Antre os Judeus acharás  
 O bem qu'elles não conhecem,  
 Nem tu o conhacerás ;  
 Porque elles não no merecem,  
 Nem tu o merecerás.

(Aparts-se *Satanaz*, e diz)  
 S. João.

Ó mortaes, de terra em terra tornados,  
 Pois são vossas almas de tão fina lei,  
 Abri vossos olhos, que *ecce agnus Dei*,  
 Que veio ao mundo tirar os peccados.  
 Elle he por certo ;  
 Crede esta voz clamanté em deserto,  
 E levantae-vos do po desta vida ;  
 Pegac-vos com Christo,  
 Que he certa guarida,  
 Que de sua mão está o ceo aberto,  
 E a glória vencida.

## TEMPO.

Este relogio he muito forte,  
 Vós perdoae-me, Senhor San João,  
 Que vossas horas cumpridas estão,  
 Segundo buscastes tão cedo a morte,  
 E por vossa vontade.  
 Vós não quereis senão pregar verdade,  
 E ella vos leva da vida presente.

S. João.

Que sam muito ledo e muito contante,  
 Porque a verdade he a mesma Trindade  
 Verdadeiramente.

E pois eu sam voz de nosso Senhor,  
 Se eu a calar, quem na ha de dizer?  
 As offensas de Deos quem as ha de soffrer?  
 Mas clame em deserto qualquer pregador,  
 E seu thema seja  
*Verdade, verdade.* Mas o que deseja  
 Ser bispo, e portanto prega mui modesto,  
 Calando e cobrindo o mal manifesto,  
 Não he pregador da sancta Igreja,  
 Mas ladrão honesto.

Leva-me, Morte; quero-me ir daqui,  
 Que já mostrei Christo a todos vivos;  
 Irei dar a nova áquelles captives,  
 Cujo captiveiro tera cedo fim.

(Entrando S. João naquella prisão, com admiração de grande alegria cantáruv os preços o romance seguinte, que fez o mesmo autor ao mesmo propósito.)

## ROMANCE.

Voces daban prisioneros,  
 Luengo tiempo estan llorando,  
 En triste cárcel escuro  
 Padeciendo y suspirando,  
 Con palabras dolorosas  
 Sus prisiones quebrantando :  
 — Que es de ti, Virgen y Madre,  
 Que á ti estamos esperando ?  
 Despierta el Señor del mundo,  
 No estemos mas penando. —  
 Oyendo suas voces tristes,  
 La Virgen estaba orando  
 Cuando vino la embajada  
 Por el ángel saludando,  
 “Ave rosa gracia plena,”  
 Su preñez le anunciando.  
 Suelta los encarcelados,  
 Que por ti estan suspirando ;  
 Por la muerte de tu hijo  
 A su padre estan rogando.  
 Crecza el niño glorioso,  
 Que la cruz está esperando.  
 Su muerte será cuchillo,  
 Tu ánima traspasando.  
 Sufre su muerte, Señora,  
 Nuestra vida deseando.

## LUCIFER.

Que fases ?

## SATANAZ.

Eu não faço nada,

E suo como cão, sem achar bonança.

**LUCIFER.**

Todos aquelles que a morte ca lança  
Alcanção per fôrça segura pousada.

Pois has-me d'encher

De almas humanas, convem a saber :

A furna das trevas, ponte de navalhas,  
O lago dos prantos, a horta dos dragos,  
Os tanques da íra, os lagos da neve,  
Os raios ardentes, sala dos tormentos;  
Varanda das dores, cozinha dos gritos,  
Açougue das pragas, a tórra dos pingos,  
O valle das forcas : — tudo isto arreio.

**SATANAS.**

Bem certo he que tudo ha de ser cheio,  
Mas França e Roma não se fez u'ham dia.

**LUCIFER.**

Temo, Satan, que esta mercadória,  
Que temos aqui, he braza no seio.

(*Entra a figura de nosso Redemptor ; e o Mundo, o Tempo e a Morte assentão-se de joelhos, e diz o*)

**MUNDO.**

Tambem vós passais, Deos meu,  
Por esta vida mesquinha ?  
Muita dita he a minha !  
Mas onde agasalharei eu  
A quem tanta glória tinha ?  
Oh eternal Creador,  
Oh temporal creature,  
Que encubres com terra escura

**E veremos Satanaz  
Se me falla descuberto.**

**LUCIFER.**

Digo que este homem nascido em Belem  
Parece perigosa cousa pera nós.

**BELZEBU.**

Senhor Lucifer, isso vêde vós,  
Porque todo o mal he de quem o tem.

**SATANAZ.**

Dá ó demo a cantiga :  
E crede que temos com elle fadiga,  
Que passa de sancto.

**BELZEBU.**

Parece-o elle.

**LUCIFER.**

Vae, Satanaz, e salta com elle :  
Emfim elle he homem, por mais que te diga ;  
Mais podes tu que elle.

Agora que anda assi so no deserto,  
Veste este fato, e faze-te monje,  
Porque sem isto andarás de longe,  
E assi simulado fallarás de perto.  
Ora vae asinha ;  
E se tu este trazes á nossa cozinha,  
Eu te farei mui gran cavalleiro.

(*Vai-se Satanaz tentar a Christo.*)

**SATANAZ.**

Que faz o Senhor neste ermo estrangeiro  
Tão so, e tão fraco, que por vida minha  
Que he grande marteiro ?

CHRISTO.

E tu que cousa es, ou que vens buscar?

SATANAZ.

Bem ves tu, Senhor, que sam ermitão;  
Logo meu trajo denota quem sam;  
E he escusado o mais perguntar.  
Sam monje, Senhor.

CHRISTO.

Nem porque o sagaz e bom caçador  
Se veste no boi por caçar perdizes,  
Não he elle boi, como tu me dizes.

(*Diz ao povo*)

Julgae pelas obras, e não pela cõr,  
Screis bons juizes.

SATANAZ.

Senhor, ja de fraco e debilitado  
Deitas a falla cansada com pena,  
E eu ouvi dizer ja que se condemna  
Quem mata a si mesmo de proprio grado.  
Pois porque te matas,  
E a tua vida assi a maltratas,  
Sendo seu preço ao dôbro de Elias?  
Come, Senhor, que ha quarenta dias  
Que te desbaratas.

E mais se tu es o filho de Deos,  
(Como eu sinto ainda que me calo,)  
Faras destas pedras todas pão de callo,  
Segundo a virtude trouxeste dos ceos.

CHRISTO.

Escripto acharão  
Que não vive o homem somente de pão,

Mas da palavra de Deos procedida.  
Esta he a que farta, cria e dá vida.

SATANAZ.

Oh como fallas ! dá-me outra lição,  
Que ja essa he sabida.

E se tu, como digo, filho de Deos es,  
Segundo a nova por esta terra anda,  
Deita-te abajo daquella varanda ;  
E nem hajas medo que quebres os pés,  
Porque escripto he  
Que nenhūa pedra, em perna nem pé,  
Te pôde fazer offensa nem nada.

CHRISTO.

E se eu posso subir e descer pola escada,  
Pera que he tentar a Deos sem porque,  
Que he cousa escusada ?

SATANAZ.

Cantá pola escada hum manco fará isso.  
Vem-me á vontade fazer-te hum partido.  
Todo o homem pobre he aborrecido :  
Tu de meu conselho acolhe-te ao isso.  
E que hum homem faça  
Muitos peccados e erros de praça  
Por enriquecer, tudo he muito bem ;  
Que bem sabe Deos que quem nada tem,  
Que tenha mil graças por divina graga,  
Não no quer ninguem.

Sabes Rio-frio, e toda aquella terra,  
Aldeia Galega, a Landeira, e Ranginha,  
E de Lavra a Coruche ? tudo he terra minha.  
E desde Çamora até Salvaterra,

E desde Almeirim bem até Herra,  
 E tudo per alli,  
 E a terra que tenho de cardos e pedras,  
 Que vai desde Cintra até Torres Vedras ;  
 Tudo he meu. Olha pera mi,  
 Verás como medras.

Isto e muito mais te darei,  
 Que não quero mais senão senta-te ahi,  
 Posto em giolhos, e adora em mi :  
 Olha em quão pouco virás a ser rei,  
 E muito acatado.

## CHRISTO.

*Retiro, retro, malaventurado,*  
 Falso, enorme, civel Satanaz.  
 Scripto he, não adorarás  
 Senão hum so Deos, com grande cuidado  
 A elle servirás.

## LUCIFER.

Que he isso, Satan ?

## SATANAZ.

Venho embasbacado,  
 E estou mais mofino que hum alfelociro.  
 Dá-me a vontade que aquelle escudeiro  
 He o pastor daquelle nosso gado.

## CHRISTO.

*Eis aqui subimos a Hierusalem*  
 Pera tirar o vestido em que ando ;  
 Porque os açoutes me estão esperando.  
 Cumpra-se todo o meu mal e meu bem.  
 Quero ir levar  
 Minha breve vida a quem m'ha de matar.

E assi entregar a minha cabeça  
 Á cruel c'roa, porque ella padeça  
 Com tanto de sangue, que quem me olhar  
 Que não me conheça.

Quero ir levar estes meus cabellos  
 Onde sejão feitos duzentos pedaços ;  
 Quero ir pregar estes pés e meus braços  
 Onde os sinta, e não possa ve-los :  
 E o delicado  
 Triste meu peito, que seja pisado  
 Com couces irosos, e minhas queixadas  
 E dentes, quebrados com mil bofetadas.  
 E eu virei logo ser sepultado  
 Em breves passadas.

## BELIAL.

Senhor Lucifer, eu ando docente,  
 Treme-me a eara, e a barba tambem.  
 E doe-me a cabeça, que tal febre tem,  
 Que soma sam hetigo ordenadamente,  
 E doe-me as canellas :  
 Sai-me quentura per antre as arnellas,  
 E segundo me acho, muito mal me sinto ;  
 E algum gran desastre me pinta o destino,  
 Até as minhas unhas estão amarellas,  
 Que he gran labyrintho.

(Em este passo vem os cantores, e trazem húa tumba, onde vem húa devota imagem de Christo morto ; e depois de acabada esta procissão, dia)

## BELIAL.

Ergue-te, Senhor, que segundo creio,

Pois que assi tremo e estou amarello,  
Que sera tomado este nosso castello,  
E o gado que temos ha de ser alheio.

SATANAZ.

Isso he o que eu digo.

BELIAL.

Rugem-me as tripas, arde-me o embigo,  
E a boca empolada, assi como de figos.  
Crede vós, Rei, que tendes imigos ;  
Porque estas doenças que trago comigo,  
Denotão perigos.

*Aqui tocão as trombetas e charamellas, e  
apparece húa figura de Christo na resurreição,  
e entra no Limbo, e soltará aquelles presos  
bemaventurados. E assi acaba o presente  
auto.*

## DIALOGO SOBRE A RESURREIÇÃO

ENTRE OS JUDEUS.

RABI LEVI. — RABI SAMUEL. — RABI AROZ E  
DOUS CENTURIOS.

(*Entra Rabi Levi e diz :)*

LEVI.

**Q**uem com mal anda, dizia Jacó,  
Rabina Rabasse, Rabi Mousem,  
Não cuide ninguem que lhe venha bem,  
Nem he bem que alguem haja delle dô.  
Quem com mal anda, chora e não canta ;  
Quem so se aconselha, so se depena ;  
Quem não faz mal, não merece pena ;  
Quem chora ou canta, fadas más espanta.

Dizia minha mãe Gemilha saborida :  
Filho, não comas, não rebentarás ;  
Se sempre calares, nunca mentirás ;  
Come e folga, teras boa vida.

Dizia meu pac Mosé Rabizarão :  
Não comas quente, não perderás o dente ;  
Quem não mente, não vem de boa gente ;  
Não achegues á forca, não te enforcarão.

Dizia meu dono, cuja alma Deos tem :  
Não peques na lei, não temerás rei ;



**Se tu te guardares, eu te guardarei ;  
Quem sempre faz mal poucas vezes faz bem.  
Dizia meu tio Rabi malogrado :  
Filho Jacob, o que fazes, dizia, Jacob Badear,  
Achega-te ca, quereto-te ensinar :  
Não sejas pobre, morrerás honrado ;  
Falla com Deus, serás bom rendeiro ;  
Quando perderes, põe-te de lodo ;  
Se nada ganhares, não sejas sisieiro.**

SAMUEL.

**Que fallas ? que fallas ! azara te veio ?**

Levi.

**Ando cuidando naquelle coitado  
Daquelle Mexias que jaz enterrado.  
Todo o que dixe foi devaneio :  
Dixe que havia de resuscitar.**

SAMUEL.

**Quando, meu dono ?**

Levi.

**Assi digo eu.**

**Daquelles guardados nenhum pareceu  
Que lá hontem forão pera o guardar.**

SAMUEL.

**Elle dizia que o dia terceiro.**

Levi.

**Que negro chanto, que guerra seria !**

SAMUEL.

**Não fallemos nisso, tudo he bulraria :  
Pois elle seria o Deus verdadeiro ?**

**Fallemos em al, Rabi Samuel.**

**Oitras lazeiras ha hi que contar ;**

**Leix'o jazer. Queres arrendar  
Comigo húa renda? Se fores fiel,  
Arrenda comigo este anno que vem.**

**LEVI.**

**Que renda?**

**SAMUEL.**

**Húa renda.**

**LEVI.**

**E não tem nome?**

**Ve tu se he tal; que o demo me tome,  
Se não arrendar, se me vier bem.**

*(Vem dous Centurios.)*

**LEVI.**

**Que dolor ha lá? que foi? que quereis?**

**CENTURIOS.**

**Vimos pasmados.**

**LEVI.**

**De que? que achastes?**

**CENTURIO.**

**Vimos...**

**LEVI.**

**Que vistes? de que vos pasmastes?  
Que he? que foi? dizei, que dizeis?**

**CENTURIO.**

**Estando dormindo...**

**LEVI.**

**Dou-lhe que fosse.**

**CENTURIO.**

**Esta madrugada...**

**LEVI.**

**Pela manhan cedo,**



ava s dormindo, sonhaste com medo.  
a ouvi aquillo,—sonhando espantou-se !

CENTURIO.

io quereis ouvir?

LEVI.

Ouvimos, contae :

de ser hum sonho, que vio hum espanto ;  
a adivinhaçao, hum conto, hum chanto,  
a patranha. Contae, acabae.  
nhastes esta madrugada,  
tando dormindo... Eu vos lembrarei.

CENTURIO.

cae-vos embora, ja não contarei.

SAMUEL.

igo que oivamos esta gente honrada.

LEVI.

ra dizei. Tudo ha de ser vento.

CENTURIO.

ão he senão cousa de que vos pasmeis,  
e grande segredo. Oubi se quereis,  
sabereis caso de gran perdimento.

LEVI.

nhou que perdia na sisa do trigo ;  
demo me dou se foi outra cousa.  
omo dormia debaixo da lousa,  
stava abafado.

CENTURIO.

Olhae o que digo :

Christo desd'hoje...

SAMUEL.

Que ha de fazer ?

## CENTURIO.

Sahio do sepulcro.

SAMUEL.

Furtado seria.

## CENTURIO.

Mas resuscitado com grande alegria :

Vêde vós outros como isto ha de ser.

LEVI.

Que cabeças estas ! que chanto nos veio

Pera juizes de Ponte de Loures !

Tudo isso erão os vossos tremores ?

Monta ao todo hum grão de centeio.

## CENTURIO.

Ouvi os signaes, porque os creais.

Na hora, no ponto que resuscitou,

Toda a cabeça se me depenou,

E venho pellado.

LEVI.

Ha hí mais signaes ?

## 2.º CENTURIO.

E eu desdentado ; ma ora nasci :

Somente hum dentê m'a mim não ficou.

O sancto Diabo m'a mim lá levou.

SAMUEL.

Abre essa boca, vejamos se he assi :

Ja cerrou a cava : ó desventurado,

Andaste ás punhadadas com algum rascão,

E quebrou-te os dentes, porque es villão,

E cuidas que o outro que he resuscitado.

LEVI.

*Melhor viva eu e meu filho Jacó,*

Que s'elle levante daquelle penedo.  
Em dias que vivas, não hajas tu medo  
Que nunca o encontres com outro, nem so.

## CENTURIO.

Ser eu muito certo que estou pellado,  
E, alem de pellado, tolhido de hum braço.

## LEVI.

Arrepellárão-te á porta do paço :  
Olhae que milagre para ser soado !

## 2.º CENTURIO.

E estes dedos — que dizes, Rabi ?  
Que nenhūa unha não ficou comigo.

## SAMUEL.

Mostra, veremos que houveste contigo.

## 2.º CENTURIO.

Attenta se minto, que ve-las aqui.

## SAMUEL.

Digo-te, amigo, que forão unheiros,  
Ou foi dor dos cabos nas pontas dos dedos,  
E não nos curaste, com medo dos medos.  
Mas estes milagres não são verdadeiros ;  
Não digais nada á nossa communa,  
Não façais rumor no nosso casal.

## CENTURIO.

Pois que diremos que foi este mal ?  
Ou que remédio á nossa fortuna ?

## RABI LEVI.

Dirás que arrendaste na sisa dos pannos,  
Ou nos azeites do haver do peso ;  
E que arrepellaste hum homem travesso,  
Sobre razões, havera douz annos ;

E que agora te arrepellou,  
 E mais que t'estortegou esse braço ;  
 E est'outro, vendo-te em tal embaraço,  
 Por te acudir, que foi e empeçou,  
 E deu c'os focinhos n'hum ferro d'arado,  
 E quebrrou os dentes, unhas e todo.  
 E assi em todo ponde-vos de lodo,  
 De chanto e de guaia, todo misturado.

## SAMUEL.

Entendeis aquillo, homem de bem ?  
 Toma hum vintem pera a cabelleira.  
 Tu come das papas, não teras denteira ;  
 E compra hūas luvas, ou furt'as a alguem.  
 Nem digais que he vivo, que pola benção  
 De Rabi Ascalvado, e de Dona Sol,  
 Que vos tenchemos dentro n'hum lengol,  
 E a capelladas morrereis ou não.

(Vão-se os Centurios.)

## RABI SAMUEL.

Fallemos, saltemos no arrendamento.

## LEVI.

Rabi Samuel, mais releva isto.  
 Quiçais era sancto este Jesu Christo,  
 Que elle o mostrou em seu finamento ;  
 O sol escurou, e a terra tremeo.

## SAMUEL.

Eu te direi a verdade inteira.  
 Tremeo minha casa, cahiu cantareira,  
 Quebrou-se a loiça, todo se perdeo,  
 Até o pichel que tinha d'azeite ;  
 Fendeo-se-me hum pote, quebrou-me tigelas,

Bacios, candieiros, panellas;  
Não ficou vinagre, nem em que o deite.

RABI LEVI.

Vamo-nos ora a Rabi Aroz,  
E a Rabi Franco, e a Rabi Zarão :  
Far-lhe-hemos menção da questa razão ;  
Que se isto he verdade, o demo he na voz.

SAMUEL.

Fallemos tambem a Rabi Mosé,  
E a Jacob lendroso, e Abrahão pellado.  
Saibamos se he este o nosso esperado,  
Vejamos se foi, se he, se não he.

(Vem Rabi Aroz, e dix.:)

RABI AROZ.

Leixa-me passar.

LEVI.

Bem venhas, irmão; pera onde vás?

SAMUEL.

Ora está quêdo, e não sejas grou,  
Que voa pelo ar, e anda pelo chão,  
Ora attenta nisto.

Tu saberas que á cérea de Christo  
Tens bem que ouvir, e nós que falar.

AROZ.

Não posso escutar, que vou campear,  
E se lhe tardar, bem sabes tu isto.  
Em que pôde parar;  
Porque este bolçao não tem cerradouros.

SAMUEL.

Aperta-lhe a boca, até qu'isso passe.

## AREZ.

Pois, emque agora um rei me fallasse,  
Eu lhe diria, — Senhor, vou-me a Mouros : —  
Ou lhe diria :

— Vou despachar húa mercadoria,  
Que está empachada á porta redonda. —  
Desta te abasta e isto t'abonda

SAMUEL.

Disso te fartes de noite e de dia  
No tempo da monda.

RABI LEVI.

Pois vamos comtigo e vamos fallando.  
Fama he que Christo, depois de enterrado,  
De opa netta he resuscitado.

Guai dos tristes que estavão guardando !  
Huns ficão pellados,  
Outros sem dentes, e braços quebrados,  
Outros sem unhas pera fazer prol ;  
E todos o vírao, sóra do lengol,  
Sair do penedo, todos acordados,  
Em saindo o sol.

RABI AROZ.

Pois erão quarenta com armas armados,  
Não no podião prender outra vez ?

SAMUEL.

Que razão essa de siso de pez !

AROZ.

Pois não no prendêrão, merecem matados.

LEVI.

Quem ha de prender  
Áquelle que tem tão grande poder ?

Seu corpo açoutado daquelle feição,  
E húa lançada pelo coração !

AROZ.

Sicais não foi morto, e pôde bem ser...  
LEVI.

Que negra razão !

Se fôra doenga de que se finára,  
E pôsto na cova se alçára e vivêra ;  
Puderas dizer que esmorecêra  
E perdêra os pulsos, mas a alma ficára.  
Mas bem vimos nós,  
E tu bem o sabes, Dom Rabi Aroz,  
Que so dos açoutes, que mais não vivêra,  
E que o soltarão, daquillo morrêra ;  
E so da coroa, tambem crede vós  
Que não guarecêra.

Pois so de levar a cruz tão pezada  
Pola serra acima homem tão delgado,  
Disto somente ficára matado ;  
Que são ja tres mortes, cada húa apertada.  
E verão os cegos  
Que so do tormento que levou dos pregos,  
Fôra matado huma draga feroz,  
Quanto mais a lançada. Cre, Rabi Aroz,  
Que fomos ás lebres, tomámos moreegos :  
Esta he minha voz.

SAMUEL.

E a minha tambem, e acabo de crer  
Que he este o Mexias nosso desejado ;  
Porque Isaias, profeta amado,  
Fallou deste tudo o que havia de ser ;

**E Ezechiel,**  
**Amos Salomão, David, Daniel,**  
**Todos fallárão no seu resurgir.**  
**Este he o Messias, sem mais arguir ;**  
**Este he o honrado nosso Emanuel ;**  
**O al he mentir.**

**RABI AROZ.**

**Meu pae arrendou húas alcaçarias**  
**Junto do termo de Villa Real,**  
**Com tal condição, que durasse o foral**  
**Atés que viesse o nosso Messias.**  
**Ora m'escutae.**  
**Juro pela alma que foi de meu pae,**  
**Que está a cousa bem embaragaçada.**  
**Estae ambos quedos, não boquejeis nada,**  
**Não falle ninguem, vereis como vai**  
**Esta emborilhada.**

**Meu pae era dono d'húa filha minha,**  
**E minha mãe filha de meu dono torto,**  
**E hum meu irmão, que morreu no Porto,**  
**Era mesmo tio dos filhos qu'eu tinha :**  
**Tudo assi vai.**

**E minha mulher, nora de meu pae ;**  
**E meu pai, marido de sua mulher ;**  
**E sua mulher era sogra da minha.**  
**Assi indo fomos, de linha em linha,**  
**Até que meu pae veio a morrer.**

**Meu pae falecido,**  
**Vai minha mãe e perdeo o marido,**  
**E fez-se viuva, e as alcaçarias**  
**Forão do pae da mãe de Tobias,**

Filha de Dom Donegal dolorido,  
 Que morreo nas Pias ;  
 E quando se fez a tomada de Arzila,  
 Dona Franca Pomba casou em Buarcos  
 Com Bento Capaio, capador de gatos,  
 Que furando alporcas, morreu em Tavila.

Em aquelles dias  
 Se fez o contracto das alcaçarias,  
 E David Ladainhas da manga cagada  
 Leixou assentado, que vindo o Messias  
 Que as alcaçarias, não tendo ellas nada,  
 Que fossem vasias.

Segue-se logo, se Christo he Mexias,  
 Que he salvador destas alcaçarias,  
 E ficarão livres, e postas em côbro :  
 Porém eu creio que o que me diz meu sogro  
 He tudo vento, e são fantasias ,  
 E peccais em dôbro.

Porque, se fôra o que nós esperamos,  
 Levára os Judeus, povo de Israel,  
 Á terra que mana o leite e o mel,  
 Que he nossa herança, que de Deos herdamos.

## LEVI.

Não que elle dizia  
 Que essa herança que não se entendia  
 Senão que havemos de resuscitar,  
 Assi como elle, pera nos levar  
 Á mesma herança que Deos promettia.  
 Lhe ouvi eu pregar.

Porque essas farturas que a terra antremette,  
 Forão creadas pera os animaes,

E que o Deu poderoso essas couças taes  
 Não nas estima, nem dá, nem promette ;  
 E que o Mexias,  
 Se bem entendermos nossas profecias,  
 Não vinha a fartar os corpos de mel.  
 Também tu assi estavas, Rabi Samuel ?  
 Tu, Rabi Aroz, bem vi que dormias,  
 E Zarababel.

RABI AROZ.

Pois que faremos sobre isto emtanto ?

LEVI.

Que nos calemos em nosso calado :  
 Quemquer que dixer que he resuscitado ;  
 Dar-lhe-hei húa figura debaixo do manto :  
 E leixaer estar ;  
 Que seja verdade, calar e negar.  
 Ter mão na Sinagoga, que nos dá repairo ;  
 Que sabendo-o o povo, he nosso o fadairo :  
 E se o aeventar,  
 Cada sacerdote lhe cumpre estudar  
 Pera boticairo.  
 Tenhamos todos mui bem que comer,  
 Que farte, e sobeje pera todo o anno.  
 Tratemos em couças em que caiba engano,  
 E se nos perdermos, não pôde mais ser.

AROZ.

Sabes que receio ?  
 O mal que fazemos he crime tão feio,  
 Que ja Jeremias o chorou primeiro.

LEVI.

Fundemo-nos todos em haver dinheiro ;

Porque quer seja nosso, quer seja alheio,  
He Deu verdadeiro.

E ter mão na burra. Que dizeis, Aroz?

AROZ.

Façamos talmud com tantas patranhas,  
Com que embaracemos tamanhas façanhas,  
Antes que mettão a frota na foz.

É por simular,  
Ordenemos festa com algum cantar,  
Porque não entendão que somos vencidos.  
Chacota na mão, fender os ouvidos  
A quem nos ouvir. Alto, começar  
A travar dos vestidos; e cabecear.

## AUTO DA CANANEA.

### FIGURAS.

SILVESTRA, *Lei da Natureza*. — HEBREA, *Lei da Escríptura*. — VEREDINA, *Lei da Graça*.  
SATANA. — CHRISTO. — S. THIAGO. — S. PEDRO. — S. JOÃO. — CANANEA. — BELZEBU.

*Este auto que diante se segue fez o Autor por rogo da muito virtuosa e nobre Senhora D. Violante, Dona Abbadessa do muito louvado e sancto convento do mosteiro de Odivelas; a qual Senhora lhe pedio que por sua devação lhe fizesse hum auto sobre o evangelho da Cananea. Foi representado na era do Senhor de 1534.*

(Entra Silvestra, *Lei da Natureza*, cantando.)

SILV.     “**S**erra que tal gado tem  
“ Não na subirá ninguem. ”  
    Eu sam Lei da Natureza,  
E per nome Silvestra,  
Das gentes primeira mestra  
Que houve na redondeza.  
Dos gentios sam firmeza,  
E por pastora me tem.

“ Não na subirá ninguem ”

“ Serra que tal gado tem.”

Assi que ando a pastorar  
Cem mil bandos de veados ;

Porque gentios são gados

Mui esquivos de guardar,

E tão bravos d'apriscar,

Que a serra que os tem

“ Não na subirá ninguem ”

“ Serra que tal gado tem.”

Quando os quero assocegar,

Logo cada hum tresmonta ;

De hum so Deos não fazem conta,

Senão correr e saltar.

Todo o seu bem he honrar

Diversos deoses que tem,

Com que lagrimas me vem.

“ Serra que tal gado tem ”

“ Não na subirá ninguem.”

*Entra Hebreia, Lei da Escriptura, e diz :)*

EB. Que gado guardas aqui,  
Nesta fragosa espessura ?

LV. Guardo per lei de natura  
Meu gado : mas vejo em ti  
Que tu es Lei d'Escriptura.

EB. Sou pastora de Judea,  
Nascida em monte Sinai,  
E o meu nome he Hebreia.

LV. E o teu gado onde vai ?

EB. Sempre pasce em mesa alheia.  
*E sabes que gado he ?*

“Qu’eu sam a flor desta serra.

Outra mais alta pastora

Anda na serra preciosa,

Imperatriz gloriosa,

Principal minha Senhora.

Esta dos anjos se adora

Sancta Rainha na terra ;

“E me fez flor desta serra.

“Serranas, não hajais guerra..”

Eu repasto suas cordeiras

Virgens e martyrisadas,

Que leixão frescas ribeiras,

E as mundanas ladeiras,

Por serem sacrificadas.

Vós outras sois ja acabadas,

Por demais he vossa guerra,

“Qu’eu sam a flor desta serra.

“Serranas não hajais guerra..”

Não he ja tempo de vós,

Porque o tendes ja cumprido,

E se abrírão os ceos,

E lembrou-se o Senhor Deos

Do que tinha promettido :

E cumpria inteiramente,

Como eternal verdade,

Com Abrahão suavemente,

No mesmo tempo presente,

Porque foi sua vontade.

**H E R.** Como ! vindo he o Messias ?

**V E R.** Ja veio, e anda prégando,

Ensinando e declarando

As divinas profecias.

- [EB.] Isso estava eu esperando.  
 [ER.] Assi que a Lei da Graça  
       Ha de ter todo o cuidado,  
       Pastora mor de seu gado :  
       Isto he per fôrça que eu faça,  
       Pois vosso giro he passado.

Na semana que passou,  
 Pera mais me confirmar,  
 Satanaz mesmo o tentou  
 Pelas vias que levou  
 Com Adão no seu pomar.  
 E ficou tão compreendido  
 Do alto saber eterno....  
 Ei-lo vem, que anda fugido,  
 Porque ha de ser escozido  
 Dos algozes do inferno.

- [AT.]     Como rapaz escolar,  
       Que lh'esqueceo a lição,  
       E sabe que lhe hão de dar ;  
       Assi sei que hei de apanhar  
       Desta vez hum estirão.  
       Não porque tenhão razão,  
       Se for nisto ;  
       Porque eu tentei a Christo  
       Com muita arte e discrição :  
       Mas não me ha de valer isto.

Hei de haver tanta pancada,  
 Porque o não venci de feito ;  
 Tanta negra tigoada,  
 Que nunca foi embaixada

Recebida de tal gaito.  
E segundo o demo he feito,  
Vejo a osadas  
Estas barbas depennadas,  
E os cabellos a eito,  
E as orelhas cortadas.

Porém nossas hierarchias  
Que culpa me dão aqui,  
Se hoje faz oito dias  
Fui hum gigante Golias,  
Mas topei com el Rei Davi ?  
De temor não lhe fugi,  
Nem fiz falha  
Em commetter a batalha,  
Nem ficou nada por mi :  
Mas não presto nem migalha.

Pude eu melhor pelejar ?  
Pude eu melhor resistir ?  
Pude eu mais negociar ?  
Que mais se pôde arguir ?  
Na materia d'enganaç  
Comecei-lhe de amarr,  
Per cortexia,  
Com piedosa hypocrisia :  
Cuidei de o dernibar  
Per este êrro que sabia.

Ora pois desta feição  
Lastei ousado e manhoso,  
Que culpa me poerão  
Ir topar com Antenhão,  
Hercules mui façanhuso ?

Porém he tão rigoroso  
Lucifer,  
Que não quer senão o que quer,  
Como menino mimoso ;  
E a mim não m'ha de crer.

(Vem Belzebu, e diz : )

- Lz. Como andas desocegado !  
Não sei que diabo has,  
Que esta semana não vas  
Ter ao nosso povoado,  
Nem sabemos onde estás.  
r. Eu muito nas horas más,  
Fui d'esperto  
Ter com Christo no deserto ;  
Mas, desque eu sou Satanaz,  
Não me vi em tal apérto.  
Lz. Como ! foi teu vencedor ?  
r. Eu fiz-me pobre Barbato ;  
Mas he tão gran sabedor,  
Que me conheco melhor,  
Que eu conheço meu sapato :  
E ainda que feito pato  
Eu lá fôra,  
Nem convertido em mûlato,  
Como o rato sente o gato,  
Me sentiria logo essora.  
Lz. E se he bom ver sem candela,  
He coûsa bem innovada ;  
Mas meu spirito receia,  
Porque tenho atormentada  
A filha da Cananea.

E se elle h̄e dessa veia,  
 O cavalleiro,  
 Deitar-m̄-ha, como a sendeiro,  
 H̄ua solta e h̄ua peia,  
 E morrerei em palheiro.

Porque a māe anda apressada  
 Pera o ir logo buscar,  
 E eu quero lá tornar,  
 Que a minha demoninhada  
 Ha de ser ma de curar.

SAT. Se sua māe acabar  
 Que elle queira,  
 Eu nāo te vejo maneira ;  
 E se te elle hi achar,  
 Teras infinda carreira.

BELZ. Irmāo, quereis ir comigo ?

SAT. Vae tu, eramá pera ti,  
 Qu'eu nāo posso ir comtigo,  
 E bem m̄'abasta o perigo  
 Em que domingo me vi.  
 Elle ha de vir pera aqui  
 De rondāo  
 Pera Tiro e Sidāo :  
 Quero ver que faz per hi  
 Este famoso leão.

BELZ. Eu vou ora atormentar  
 A filha da Cananea ;  
 E quem a de mim livrar  
 Fara d'hum rato balea,  
 E fara secar o mar.

SAT. Vae tu, qu'eu hei d'espreitar

Alguns dias  
 Se sera este o Messias,  
 Ou o Deos que ha de encarnar,  
 Como escreveo Isaias,  
 Porque Abrahão, na verdade,  
 Nem Elias, nem Moisem,  
 Não forão da sanctidade,  
 Nem poderio que este tem,  
 Nem com grande quantidade.

BELZ. Fallas á tua vontade  
 Eramá ;  
 Se tu isso dizes ja,  
 Mao caminho leva o abbade.

(Vem Christo, com elle seis Apostolos, S. Pedro, S. João, S. Thiago, S. Filipe, S. André, S. Simão; e dix :)

S. TH. Irmãos, cumpre-vos saber.  
 Como havemos de orar,  
 E quando houvermos de rezar,  
 Que havemos de dizer,  
 Pera nos aproveitar.  
 E pera s'iste alcançar  
 Do Redemptor,  
 Seja Pedro embaixador ;  
 E enquanto elle fallar,  
 Adoremos ao Sephor.

S. PED. Toda esta congregação,  
 Poderoso Rei sem par,  
 Te pede com devação  
 Que os ensines a orar,  
 E orando que dirão.

Porque estão na região  
De ignorantes,  
Simprezes principiantes  
Perguntão por onde irão,  
Como novos mareantes :

E que he o que pediremos,  
Quando houvermos de rezar,  
E em que tempo rezaremos,  
E as horas e o logar.  
E todos estes extremos  
Assi que nos soccorremos  
Per tal via  
Á tua sabedoria,  
Que nos dê o que não temos.

**CHR.**      A justiça e boa petição  
Traz bom despacho consigo ;  
Mas bento he o varão  
Que reza com coração,  
E com alma e com sentido :  
Que o rezar não he ouvido,  
Nem he nada,  
Sem alma estar inflamadá,  
E o spirito transcendido  
Na divindade sagrada.

Nem cuideis que arrecadáis,  
Por rezar muita oração,  
Se no coração estais  
Fóra de contemplação.  
Tende prompto o coração  
Em seu louvor ;  
E com lagrimas de amor,

Direis esta oração

Á grandeza do Senhor :

*Pater noster, qui es in celis, sanctifi-  
cetur nomen tuum : adveniat regnum  
tuum ; fiat voluntas tua, sicut in calo  
et in terra.*

Com almas limpas e puras,

Direis isto ao Senhor,

Firmando-o por criador,

E padre das criaturas,

Que he no ceo Imperador.

E direis com grande amor :

Seja louvado

Teu nome e sanctificado,

Neste nosso orbe menor,

Como es no ceo adorado.

E direis a sua Altera :

O teu reino venha a nós :

Em que pedis fortaleza,

E mais pedis para nós

Graça e desperta limpeza,

E mais perfeita grandeza

De bondade,

E pedis á Deidade

Que por toda a redondeza

Seja feita a sua vontade.

*Panem nostrum quotidianum da no-  
bis hodie ; et dimitte nobis debita nostra,  
sicut et nos dimittimus debitoribus no-  
stris ; et ne nos inducas in temptationem,  
sed libera nos a malo. Amen.*

Direis mais nesta oração,  
 Sempre com espírito atento,  
 E com prompta devação :  
 Faze-nos merecê do pão  
 De nosso sustentamento ;  
 Porque o certo mantimento,  
 Mais fecundo,  
 Não se cria ca em fundo,  
 Nem a neve, nem o vento,  
 Nem na terra, nem no fundo.

E pedi-lhe, filhos, mais,  
 Com cheros do coração,  
 Que nos dé húa quitação  
 Das dividas em que lhe estais  
 De vossa condenação.  
 Isto com tal condição  
 Lh'o pedireis,  
 Que assi perdoareis  
 Os males que vos fanno ;  
 E senão, não no espereis.

E com gemente tentação  
 Lhe haverás, filhos, de pedir  
 Que vos não leixe cair  
 Em nenhúa tentação,  
 Que vos possa destruir.  
 Ca não podeis resistir  
 Às tentações  
 Sem Deus, que vence os dragões,  
 Que vos querem destruir  
 Por engano ou coragem.  
 E mais pedi por final,

Humildosos e devotos,  
Como a padre general,  
Que nos perigos ignotos  
Vos livre de todo o mal.

(*Vem a Cananea, cantando.*)

- CAN.     “Senhor, filho de David,  
“Amercea-te de mi :  
“Senhor, filho de David,  
“Amercea-te de mi.”  
      Que minha filha he tentada  
D'espiritos que não tem cabo,  
E minha casa assombrada,  
Minha camara pintada  
De figuras do Diabo.  
De mal tão acelerado  
Quem se livrará sem ti ?  
“Senhor, filho de Davi,  
“Amercea-te de mi.”  
      Triste mulher que faras !  
Tanta pena quem t'a deu !  
Ó Inferno, que fiz eu,  
Que mandaste a Satana  
Que m'esbulhasse do meu !  
Como esbulhada do seu,  
Soccorren-me venho a ti.  
“Senhor, filho de Davi,  
“Amereea-te de mi.”  
      Tem os seus braços torcidos,  
Os olhos encarniçados,  
Os cabellos desgrenhados,  
Seus membros amontados;

Dá gritos, faz alaridos,  
 E o soccorro está em ti..  
 “ Senhor, filho de Davi,  
 “ Amercea-te de mi.”  
 Muestra aqui teu poderio,  
 Manifesta tua grandeza,  
 E exalça teu senhorio :  
 Salva-me no teu navio,  
 No mar de tanta tristeza ;  
 Pois he sobre natureza  
 Este mal, pois que te vi,  
 “ Senhor, filho de Davi,  
 “ Amercea-te de mi.”

S. Th. Ó Senhor, por piedade  
 Escuta aquella mulher,  
 Pois tens de propriedade  
 Com muito boa vontade  
 Receberes quem te quer :  
 E o que te requer  
 Lhe concede:  
 Não olhes seu merecer ;  
 Mas ve bem o que te pede  
 Se se pôde conceder:

S. João Senhor, a tua clemencia.  
 Pertence aos atribulados ;  
 Esta dona com seus brados  
 Chama a tua providencia,  
 Que he mãe dos desconsolados.  
 Sejão, Senhor, inclinados  
 Teus ouvidos  
 A seus prantos e gemidos,

Porque sejaõ consolados,  
E seus danos socorridos.

S. PED. Eu creio que es pastor,  
E os humanos teu gado,  
E o lobo he o Diabo  
Seu contrário e matador.  
E pois te mata, Senhor,  
Esta ovelha,  
Incrina-lhe tua orelha ;  
Que, segundo seu clamor,  
Algum anjo a aconselha.

CHR. Eu não sam ca enviado  
Per piedoso nível,  
Senão soccorrer ao gado,  
Que pereceo no montado  
Das ovelhas d'Israel.  
Por este vesti borel  
De vil terra,  
E não por gado de serra,  
Que pasce feno infiel,  
Sem querer sentir que erra.

CAN. Senhor, não hei de cançar,  
Pois al não posso fazer ;  
Tu queiras-me perdoar,  
Porque te hei d'importunar,  
E tu m'has de soccorrer :  
Não que por meu merecer  
Tal confio ;  
Mas peço a teu senhorio,  
Que me outorgue o seu querer,  
*Pois creio o teu poderio,*

S. TH. Oh que fé e que feiror,  
 E que esforçada vontade !  
 Bem merece a peccador  
 Que alcahee algum favor  
 De tua summa piedade,  
 Mostra a sancta majestade  
 E perfeição  
 Nas provincias de Canão;  
 E toda a geralidade  
 Dos demônios passarão.

BELZ. Oh quem vos metto, Senhores,  
 Em regardes por ninguem ?  
 Que quando regardes bem  
 Por vós outros peocadures,  
 Ficareis ainda áquem:  
 Que vos vai, ou que vos vem,  
 Pois d'abinicio  
 Assombrar he men offeito,  
 E taxades quais e quem ?

S. PED. Ó maldito Belzebu,  
 Quefill te deu a ti poder  
 Que a tormentases tu  
 Nenhum homem nem mulher,  
 Sem ter direito nenhum ?

BELZ. Senhores Santos benditos,  
 Hi ha planetas visíveis,  
 Ha hi outras invisíveis,  
 Que pertencem aos spíritos,  
 E causão cousas terríveis.  
 Qualquer que nascer sujeito  
 Á maldita conjunção,

Sem nenhüa appellaçao,  
 Nem estylo de direito,  
 Pertence á nossa prisão,  
 Assim como quem nascer  
 Na conjunção desastrada  
 Em que peccou Lucifer.

E quem nasceu na hora tal  
 E planeta em que peccáraõ  
 Os Judeus, quando adoráraõ  
 O bezerro de metal,  
 Perá nossos se geráraõ.

Tambem quem nascer no fito  
 Da conjunção em que cuido,  
 Que affogou o mar ruivo  
 Os cavalleiros do Egypto,  
 São nossas almas e tudo.  
 Tambem he da nossa alçada  
 Toda a pessoa nascida  
 Na conjunção celebrada  
 Que Sodoma foi queimada,  
 E Gomora sovertida.

E he perdido tambem  
 Todo o que nascido for  
 Na conjunção do item,  
 Em que com bravo fustor  
 El Rei Nabacoden user  
 Destruio Jerusalem.  
 E está aroga de Canão,  
 E filha desta Senhora,  
 Foi nascer na conjunção  
 Que reinava a nossa hora.

E pois vós rogais por ella  
 A vosso Mestre, qu'eu temo,  
 Eu vou chamar outro demo,  
 E entraremos juntos nella,  
 E veremos este extremo.  
 E vós, Christo, não deveis,  
 Pois dizem que sois eterno,  
 Agravar o sancto inferno,  
 Nem quebrantar suas leis,  
 E seu sagrado caderno.

S. PED. Oh que parvo prégador !  
 Oh que falsa astrolomia !  
 Que mao siso de doutor !  
 Que ignorante sabedor,  
 E que douda fantasia !  
 Ó mestre da vaidade,  
 Tu não sabes que es cativo,  
 E escravo da Trindade ?  
 Quem te deu ter potestade  
 Sobre nenhum corpo vivo ?

BELZ. Não dizem que o Espírito Sancto  
 Fallava dentro em Davi,  
 E dos profetas assi ?  
 Porque não farei outro tanto  
 Nos que tenho pera mi ?  
 E Deos Padre não assombrava  
 A Moisem com terremoto,  
 Cada vez que lhe fallava ?  
 Cant'eu vi que assombrava  
 Com temores seus doctos.

S. PED. Tu queres ser igualado.

Com Deos, summa das grandezas ?  
 Como es desavergonhado,  
 Triste, maldito, austinado,  
 Cheio de vans subtilezas !  
 Não lh'ouçamos vaidades,  
 Va fallar com quem quizer ;  
 Porque em lhe responder  
 Honramos suas maldades,  
 E isso he o qu'elle quer.

*CAN.*      Ó Senhor, escuta a triste,  
 De todo emparo estrangeira.  
 Ja, Senhor, viste e ouviste  
 Em que desastre consiste  
 A dor da minha canceira.  
 Não abasta atormentada  
 Minha filha, e minha dor  
 Ferida, escalabrada,  
 Mas agora ameaçada  
 Pera cada vez peor !

*I. João*    Supplicamos-te, Senhor,  
 Que hajas della piedade.

*CHR.*    Ja vos fallei a verdade ;  
 Meu padre me fez pastor  
 Do gado da sua vontade,  
 Das ovelhas de Jacó,  
 Que procedem de Abrahão :  
 E dos povos de Canão  
 Ninguem haja delles dó ;  
 Fazei conta que cães são.

*Como aos filhos consentis*  
*Que lhes tire o mantimento,*

Polo dar aos cães cevis?

Injusta causa pedis

Com vosso requerimento.

CAN. Eu digo, Senhor, que si;  
Não tenho díuso querella,  
Confesso que sou cadella,  
E de cadella nasci;  
E sou mais perra que ella.

E porém as cachorrinhas

Com os cães deste teor,

E os gatos e galinhias

Se fartão das migalhinhas

Da mesa de seu senhor:

Quanto mais os seus manjares;

Que es padre das companhas,

Fartas montes e montanhas,

E desertos e logares,

Até bichos e aranhas.

Com glória, mui sem traballo,

Fartas os mares e rios,

E as hervas de rócos.

E os lirios de orvalho

Nos logares mais sombrios.

O Criador liberal,

Que lá nos bosques perdidos

Tens os bichinhos providos,

E a mim só, pér meu mal,

Os emparas escondidos!

*Pleni sunt ecti et terra*

*Majestatis gloria tua:*

*Pois cada que seja perra,*

Não me leixes tu tão nua  
Nesta triste e cruel guerra :  
Que se ha remedio sem ti,  
Eu não o posso entender ;  
E se t'esquivas de mi,  
Que excommunicada nasci,  
Quem outrem pôde absolver ?

Oh thesouro dos prazeres  
E esperanças mercidas !  
Polos teus sanctos poderes  
Te peço, Senhor das vidas,  
Que tu não me desesperes.  
E se por ser Cananea,  
E filha de perdição,  
Desprezas minha oração ;  
A misera *anima mea*  
Onde achará sedempção ?

Se perco por mulher ser,  
Por meus erros profundos,  
Senhor, deves tu de ver  
Que nasceste de mulher  
Escolhida entre mil mundos.

Mulher, muito grande he  
O teu bom perseverar,  
E muito grande a tua fé ;  
E he justo que te dé  
O que vieste buscar.  
Porque tens muito sofrido,  
Como constante oradora,  
*Mando* que logo nessora  
Se cumpra o que tens pedido,

**E** sejas san desd'agora.

(*Em este passo vem fugindo o demônio Belzebu, e topa com Satanaz:)*

**BELZ.** Venho saber que isto he.

**SAT.** Como vens assi turvado?

**BELZ.** Chegou-nos lá hum recado  
De Jesu de Nazaré,  
Mui terrível e apertado.

**SAT.** Que recado?

**BELZ.** Eu t'o direi,  
Que nenhūa cousa fique.  
Não era mais seu repique,  
Senão *ite maldicti patris mei*.

**SAT.** Mais que me faz pasmar  
Como chegou isso lá;  
Que Christo não foi de ca,  
Nem se bolio d'hum logar.

**BELZ.** Não sei com 'isso sera;'  
Que eramos mil escolhidos  
Procedidos das nações  
Daquelles coros subidos,  
Thronos e Dominações.

A moça com grandes gritos  
Ajuntou toda a cidade;  
E veio húa claridade,  
Que nos cortou os espiritos.

**SAT.** De fogo, ou que calidade?

**BELZ.** Era assi hum resplendor  
Cercado de nuvens pretas;  
Os raios erão de setas,  
E o fogo de temor.

- No meio logo olhei,  
 Onde mil espantos vi :  
 Então sahia dalli  
 Esta voz do alto Rei :  
*Ite, maledicti patris mei.*
- r. Era ahi teu irmão comtigo ?  
 L. Meu irmão e teus cunhados,  
 E Belial teu amigo,  
 E teu pae era comigo  
 E os Seraphins desbarbados.  
     E todos forçosamente  
 Fomos lançados dalli :  
 E assi supitamente,  
 Sem vermos nenhúa gente,  
 Nos arrastárão per hi.  
 Pelejar não no ouvi,  
 Nem chamar aqui-d'krei,  
 Senão esta voz assi :  
*Ite, ite, maledicti patris mei.*  
     Oh que voz pera temer !  
 Que temor pera sentir !  
 Que sentir pera doer !  
 E que dor perassoffrer !  
 A quem tal voz comprender !
- r. Não estou maravilhado  
 Senão d'estar hi Huleão,  
 E Gerundo bem armado,  
 E o dragó frei Tropão,  
 E não terem coração  
 Pera se der a recado.
- z. Porque fallas ao deusdem,

E me culpas sem concerto,  
 Poisque viste no deserto  
 O poder que Christo tem,  
 Que atégora foi cuberto?  
 Porém quem adivinhára  
 Que no mundo visse eu  
 Nenhum homem que desára,  
 E sem temor me langára  
 Per fôrça fóra do meu?

- SAT. Rogo-te que pratiquemos  
 Neste homem quem sera.  
 BEL. He hum extremo d'extremos,  
 Hum caso que não sabemos,  
 Nem sei se se sabera.

- SAT. Eu acho no meu caderno,  
 Qu'isto são desaventuras;  
 Porque esse homem he eterno,  
 E ha de roubar o inferno,  
 E deixar-nos ás escuras.

(Vão-se estes, e diz Christo aos Discípulos:)

- CIR. Onde o temor sempre atiga,  
 E o receio melhor cabe,  
 He no ladrão; porque sabe  
 Que deve muito á justiga;  
 Então teme que o pague,  
 Assi o inimigo infernal,  
 Como pecou por maldade,  
 Onde enxerga sanctidade,  
 Tem-lhe temor natural.  
 E grande odio per verdade.  
 Eu vos dei hoje lição

De como haveis de arar,  
E quando, e de que feição,  
E o que haveis de fallar  
Em voessa sancta oração.  
Pois mais haveis de saber,  
E notae isto de mim :  
Que quem a Deos ha de haver,  
Lhe convem permanecer  
Nas virtudes até fim.

Porque Deos he duração,  
Glória sem acabamento,  
E não ha por perfeição  
Dous annos de devação,  
E trinta d'esquecimento.  
Bem viste esta mulher,  
E o seu perseverar,  
Seu soffrer e o seu crer,  
E com isto receber  
Quanto quiz arrecadar.

Rogo-vos sem mais latins,  
Por alcançardes o preço  
Dos anjos e seraphins,  
Que sempre os vossos fins  
Concertem com o comêço.  
Notae o soffrer d'Elias,  
As paciencias de Job,  
As prisões de Jeremias,  
As fortunas de Jacob,  
E como acabárão seus dias.

(Vem a Cananea, e dás :)

ix.      *Ajudae-me a dar louvores*

E graças ao Redemptor,  
Pois fostes meus rogadores  
Até fim de minha dor.

S. PED. *Vere dignum et justum est,*  
Pois que a todos fez mercê.  
Adoremos nosso mestre  
Cheio de graça celeste,  
Como por obra se ve.

*E cantando Clamavat autem, se acaba o dito auto.*

---



## AUTO DE S. MARTINHO.

### FIGURAS..

HUM POBRE.—S. MARTINHO.—PAGENS.

*O auto que adiante se segue foi representado á mui caridosa e devota Senhora a Rainha D. Leonor na Igreja das Caldas, na procissão de Corpus Christi, sobre a charidade que o bemaventurado S. Martinho fez ao Pobre, quando partiu a capa. Era do Senhor 1504.*

(*Entra o Pobre, dizendo :)*

POBRE:

*O piernas, llevadme un pase siquiera ;  
Manos, pegad os naqueste bordon,  
Descansad, dolores de tanta pasion ;  
Siquiera un momento en alguna manera.  
Dejadme pasar por esta carrera,  
Iré á buscar un pan que sostenga  
Mi cuerpo doliente, hasta que venga  
La muerte que quiero por mi compañera.  
Devotos Cr̄stianos, dad al sin ventura  
Limosna, que pide por verse plagado.  
Mirad ora el triste que estoy lastimado  
De pies y de manos por mi desventura.*

Mirad estas plagas que no sufren cura ;  
Ya son incurables por mi triste suerte.

Ay ! que padezco dolores de muerte,  
Y aqu esto que vivo, es contra natura.

Mirad ora el triste con mucho dolor ;  
Que ante de muerto me comen gusanos ;  
Mirad el tollido de pies y de manos ;  
Mirad la miseria de mi pecador.

Dadme limosna por aquelle Señor,  
Que guarde á vosotros de tantos dolores.  
Limosana bendita me dad, mis señores ;  
Que ya no la puede ganar mi sudor,

Haved compasion del pobre doliente,  
Que ya se vió sano mancebo y lncido.  
O mundo que ruedas, á qué me has traído !  
Qué recio solia yo ser y valiente,  
Cuán alabado de toda la gente !  
De recio, galan, qué fue de mi bien ?  
O muerte, qué tardas, quien te detien ;  
Que yo no me atrevo á ser mas paciente !

O paciencia que en Job reposó,  
Qué quieres que haja con tantes tormentos ?  
Perdóname tú, que mis sufrimientos  
No pueden callar la miseria en que só,  
Criante rocío, qué te hice yo,  
Que las hiervecitas floreces por Mayo,  
Y sobre mis carnes no echas un sayo,  
Ni dejan dolores que lo gane yo ?

Deje la muerte las niñas, las dueñas,  
Y deje doncellas galanas vivir :  
Deje las aves cantares decir,

Y deje ganados andar por las peñas.  
 Llévame á mí : por qué me desdenas,  
 Y matas sin tiempo quien merece vida?  
 Sácame ya desta cárcel podrida.  
 Mi ánima triste, no quieras mas señas.

Dadme ora limosna por la pasion  
 Del hijo de Dios, que pobre se vido;  
 Daquel que por nos fue muerto y herido,  
 Doliente y plagado por la redencion.  
 Mirad ora, ricos, que teneis razon  
 Dar de sus bienes, pues sois tesoreros,  
 Sed los tuyos buenos dispenseros,  
 Y vuestras riquezas se os doblaron.

(Vem. S. Martinho, cavalleiro, com. tres  
 Pagens.)  
 POBRE.

Devoto Señor, real caballero,  
 Volved vuestros ojos á tanta pobresa,  
 Que Dios os prospere vuestra gentileza:  
 Dadme limosna, que de hambre me muero.

S. MARTINHO.

Hermano, ahora no traigo dinero :  
 Vosotros traeis que demos por Dios ?

PAGEM.

No ciertamente.

S. MARTINHO.

Entrambos á dos

No traeis que demos a este romero ?

POBRE.

No hay dolor que en mí no lo sienta :  
 Haved de mis males, Señor, compasion.

## S. MARTINHO.

Quien ora tuviessen daquelle pasion  
La parte que tienes que mas te atormenta !

## POBRE.

Guárdeos Dios de tan grande afrenta ;  
Dios lo prospere com mucha salud.  
Dadme limosna por vuestra virtud,  
Que mi gran pobreza no hay quien la sienta.

## S. MARTINHO.

No sé que te dé, de dolor de ti,  
Ni puedo a tus males ponerte remedio.  
Partamos aquesta mi capa por medio ;  
Pois otra limosna no traigo aqui :  
Rógote, hermano, que ruegues por mí.  
Pues sufres dolores nesta triste vida,  
Tu ánima en gloria será recibida  
Con dulces cantares, diciendo así.

*Em quanto S. Martinho com sua espada  
parte a capa, cantão mui devotamente húa  
presa. Não foi mais porque foi pedido mui  
tarde..*

## **INDEX.**

---

	<b>PAG.</b>
<b>50</b>	
ção . . . . .	1
Pastoril Castelhano . . . . .	7
dos Reis Magos . . . . .	22
da Sibilla Cassandra. . . . .	35
da Fé . . . . .	63
dos quatro Tempos . . . . .	75
da Mofina Mendes . . . . .	98
Pastoril Portuguez. . . . .	124
da Feira . . . . .	147
da Alma . . . . .	182
da Barca do Inferno . . . . .	212
da Barca do Purgatorio . . . . .	242
da Barca da Gloria . . . . .	270
da Historia de Deos. . . . .	300
o sobre a Resurreição . . . . .	342
da Cananea . . . . .	356
de S. Martinho . . . . .	383







3 Vols

Fig. 256. 51

Collated & corrected  
by H. C. Brattain H.H.

Aug 19 1949

